

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Filipe Cianconi Rodrigues

***A Ars grammatica* de Mário Plócio Sacerdote, a “primeira gramática latina”, e a
tradição gramatical do século III**

Juiz de Fora

2020

Filipe Cianconi Rodrigues

***A Ars grammatica* de Mário Plócio Sacerdote, a “primeira gramática latina”, e a tradição gramatical do século III**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes

Juiz de Fora

2020

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Rodrigues, Filipe Cianconi.

A Ars Grammatica de Mário Plócio Sacerdote, a "primeira gramática latina", e a tradição gramatical do século III / Filipe Cianconi Rodrigues. -- 2020.

252 p.

Orientador: Fábio da Silva Fortes

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2020.

1. Gramática Latina. 2. Tradução. 3. Mário Plócio Sacerdote. 4. Tradição Gramatical. I. Fortes, Fábio da Silva, orient. II. Título.

Filipe Cianconi Rodrigues

A *Ars grammatica* de Mário Plócio Sacerdote, a “primeira gramática latina”, e a tradição gramatical do século III

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Linguística.

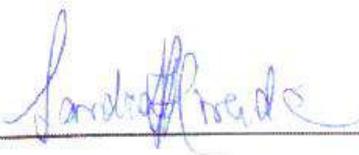
Aprovada em em 28 de agosto de 2020

BANCA EXAMINADORA



Professor Doutor Fábio da Silva Fortes - Orientador

Universidade Federal de Juiz de Fora



Professora Doutora Sandra Aparecida Faria de Almeida

Universidade Federal de Juiz de Fora



Professora Doutora Julia Burghini

Universidad Nacional de Córdoba

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus pais, Helena e Agnaldo, e ao meu irmão, Guilherme, pelo apoio de sempre.

Tenho muito a agradecer aos professores da área de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora por estarem sempre ao meu lado nesse período intenso de crescimento pessoal e profissional. *Gratias maximas uobis ago!* E agradeço especialmente ao professor Fábio da Silva Fortes, por aceitar me orientar neste trabalho e por me acompanhar nessa trajetória, me auxiliando no meu crescimento.

Agradeço imensamente aos amigos que estiveram comigo durante todo este processo de escrita. A sua amizade me ajudou a permanecer com a cabeça erguida e a seguir em frente. Muitíssimo obrigado, em especial, à Sheila Chaves, Letícia Rodrigues, Katlin Viana, Jediael Coutinho, Marta Libanório e Fernanda Soares por estarem ao meu lado nesse momento e por tornar todo esse processo mais tranquilo e divertido. Amo muito vocês!

Quero deixar registrado meu carinho e reconhecimento aos queridos amigos: Andressa Barcellos, Bárbara Delgado, Beatriz Rezende, Camila Nonato, Deborah Damasceno, Doni Martins, Fernando Adão, Isabella Cunha, Jefferson Pontes, Jéssica Pavan, João Victor Leite, Larissa Teixeira, Leomar Francisco, Letícia Reis, Pablo Mesaque (que estive comigo desde que éramos crianças!), Paula Bittencourt, Priscila Tarabossi e, por último, mas não menos importante Sarah Ovídio. Vocês são uma parte essencial de mim!

E por último, gostaria de agradecer à CAPES por financiar esta pesquisa, permitindo que ela pudesse prosseguir de forma plena!

A todos vocês, meu muitíssimo obrigado!

RESUMO

Seguindo os preceitos estabelecidos por Koerner (1995) e a metodologia apresentada por Swiggers (2012) para o estudo da Historiografia da Linguística, o objetivo desse trabalho, desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), é apresentar uma tradução comentada inédita do primeiro livro do primeiro tratado gramatical latino que chegou até nós (HOLTZ, 2010[1981]; HOVDHAUGEN, 1995), atribuído ao gramático Mario Plócio Sacerdote. Para tanto, investigamos, em primeira instância, o “clima de opinião” (KOERNER, 1995) que envolvia o gramático e sua obra – dividida em três livros e datada do século III –, bem como expusemos o contexto social que cercava o ofício de gramático durante aquele tempo. Nosso segundo passo foi fazer uma análise do *corpus*, estabelecendo sua divisão estrutural com o intuito de conceber uma melhor compreensão do texto e apontando aspectos relevantes da obra, a partir do segundo princípio apresentado por Koerner (1995), o princípio da imanência. Por último, aplicamos à nossa tradução o princípio da adequação (KOERNER, 1995), de modo que foram feitas aproximações relacionadas ao vocabulário técnico sem que os termos latinos perdessem sua essência, intrínseca ao contexto em que aparecem. A tradução comentada do primeiro livro da *ars* de Sacerdote, em primeiro lugar, nos permitiu fazer uma análise crítica da obra mais detalhada e visa não só conceder o acesso à obra por aqueles que não dominam o latim ou não possuem conhecimento sobre a tradição gramatical latina, mas também permitir que, através de um diálogo intercultural e interlinguístico, o leitor moderno vislumbre, com o auxílio de anotações e comentários, os trechos que, *a priori*, soariam obscuros – contribuindo, assim, para uma melhor compreensão do texto.

Palavras-chave: Sacerdote. Gramática latina. *Ars grammatica*. Tradução.

ABSTRACT

Following the precepts established by Koerner (1995) and the methodology presented by Swiggers (2012) to the study of Historiography of Linguistics, this work, developed in the scope of the Post-Graduation in Linguistics Program of the Federal University of Juiz de Fora (UFJF), aims at presenting an original commented translation of the first book of the first Latin grammatical treatise that reached us, attributed to *Marius Plotius Sacerdos*. To do so, we have investigated, in the first instance, the “climate of opinion” (KOERNER 1995) that concerned the grammarian and his work – which is divided in three books and dated back to the third century – as well as displayed the social context that surrounded the occupation of a grammarian during that time. Our next step was to analyse the *corpus*, establishing its structural division in order to conceive a better understanding of the text and pointing out some of its relevant aspects, based on the second principle proposed by Koerner (1995), the immanence principle. Finally, we have applied to our translation the principle of adequation (KOERNER, 1995) so that were made some approximations of the technical vocabulary, so the Latin terms did not lose their essence, intrinsic to the context in which they appear. The commented translation of the first book of *Sacerdos’ ars*, firstly, has allowed us to make a more detailed critical analysis and aims at, not only, providing the work access to people who do not master Latin or do not possess any knowledge about the Latin grammatical tradition, but also allowing the modern reader, through an intercultural and interlinguistic dialogue, to envisage, with the help of notes and commentaries, the excerpts that, *a priori*, would sound obscure – contributing to a better understanding of the text.

Keywords: *Sacerdos*. Latin grammar. *Ars grammatica*. Translation.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – primeiro livro da ars Sacerdotis	44
Tabela 2 - segundo livro da ars Sacerdotis	44
Tabela 3 - terceiro livro da ars Sacerdotis	44
Tabela 4 - correlação entre as desinências dos casos latino	50
Tabela 5 - comparação entre a ordenação das partes da oração	52
Tabela 6 - as propriedades do verbo	56
Tabela 7 - comparação dos modos optativo e subjuntivo.....	58
Tabela 8 – dos metaplasmos ou figuras	67
Tabela 9 – dos demais vícios	69
Tabela 10 – dos schemata.....	70
Tabela 11 – dos tropos.....	73
Tabela 12 – autores citados por nome	76
Tabela 13 – obras e citações	78

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

G.L – *Grammatici Latini*

A.G – *Analecta Grammatica*

Adelph. – *Adelphoe* (Os Irmãos)

Aen. – *Aeneis* (Eneida)

And. – *Andria* (A Garota da Ilha de Andros)

Ann. – *Annalium fragmenta* (Os Anais)

Bell. Catil. – *Bellum Catilinae* (Da conspiração de Catilina)

Bell. Iugur. – *Bellum Iugurthinum* (A Guerra de Jugurta)

Carm. – *Carmina* (Epístolas)

Cf. – Confira

De fin. – *De Finibus bonorum et malorum* (Sobre a finalidade moral)

De gram. – *De Grammaticis et Rhetoribus* (Dos gramáticos e rétores)

De inuent. – *De Inventione* (Sobre a invenção)

De Or. – *De Oratore* (Do Orador)

De rerum – *De Rerum Natura* (Da Natureza das Coisas)

Ecl. – *Eclogae* (Bucólicas)

Epid. – *Epidicus* (Epídico)

Epig. Mart. – *Epigrammata Martialis* (Epigramas)

Eun. – *Eunuchus* (O Eunuco)

Georg. – *Gerogicon* (Geórgicas)

Heauton. – *Heautontimoroumenos* (O Flagelador de Si Mesmo)

Hec. – *Hecyra* (A Sogra)

In Catil. – *In Catilinam* (As Catilinárias)

In Pison. – *In Pisonem* (Contra Pisão)

In Verr. – *In Verrem* (Contra Verres)

Inst. or. – *Institutio oratoria*

LL – *De lingua Latina* (Sobre a Língua Latina)

Phars. – *Pharsalia siue De Bello Ciuili* (Farsália)

Phorm. – *Phormio* (Fórmio)

Pro Cael. – *Pro Caelio* (Em defesa de Célio)

Pro Deio. – *Pro Rege Deiotaro* (Em defesa do rei Deiotaro)

Pro Lig. – Pro Ligario (Em defesa de Ligário)

Pro Marc. – Pro Marcello (Em defesa de Marcelo)

Truc. – Truculentus (Truculento)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1 A ARS GRAMMATICA E A TRADIÇÃO LATINA	23
1.1 OS <i>GRAMMATICI</i> E A EDUCAÇÃO ROMANA	25
1.2 O CONTEXTO SOCIAL DA ATIVIDADE GRAMATICAL.....	33
1.3 A SUBDIVISÃO DOS TIPOS GRAMATICAIIS: <i>SCHULGRAMMATIK X REGULAE</i>	36
1.4 <i>MARIVS PLOTIVS SACERDOS</i> NA TRADIÇÃO GRAMATICAL LATINA.....	39
2 SACERDOTIS ARS GRAMMATICA	47
2.1 A PRIMEIRA GRAMÁTICA REMANESCENTE DA TRADIÇÃO LATINA.....	48
2.1.1 <i>Do verbo</i>	53
2.1.2 <i>Do sétimo caso</i>	59
2.1.3 <i>Do solecismo e do barbarismo</i>	63
2.1.4 <i>Dos metaplasmos ou figuras</i>	66
2.1.5 <i>Dos demais vícios</i>	68
.....	69
2.1.6 <i>Dos schemata</i>	69
2.1.7 <i>Dos tropos</i>	72
2.1.8 <i>Das citações</i>	76
3. DA TRADUÇÃO	79
3.1 AS DIFICULDADES DO PROCESSO TRADUTÓRIO	81
3.2 A TRADUÇÃO DE TERMOS DO CAMPO SEMÂNTICO GRAMATICAL	87
3.3 APARATOS DA TRADUÇÃO	90
TRADUÇÃO DA ARS GRAMMATICA	92
REFERÊNCIAS	245

INTRODUÇÃO

Contribuindo com os estudos desenvolvidos pela Historiografia da Linguística, nosso objetivo, através da presente dissertação, é apresentar uma introdução teórica seguida da tradução inédita¹ em língua portuguesa do primeiro livro do tratado gramatical que teria sido escrito por Mário Plócio Sacerdote (*Marius Plotius Sacerdos*) em meados do século III da nossa era, bem como tentar esclarecer o contexto em que o autor e sua obra estavam inseridos, relacionando-os com a tradição gramatical latina. Acompanhando a tradução, rastreamos também as citações de autores antigos que Sacerdote utiliza em sua *ars* para ilustrar seus exemplos, dentre os quais Virgílio, Terêncio, Cícero e Salústio – autores extensamente citados por gramáticos – e adicionamos comentários em notas que possam elucidar passagens, à primeira vista obscuras, com o intuito de contextualizar os leitores das práticas e dos cenários que compunham tal obra.

A tradução comentada do primeiro livro da *ars* de Sacerdote visa não somente a permitir o acesso à obra por parte daqueles que não dominam a língua dos romanos ou que não possuam algum conhecimento sobre a tradição gramatical latina, mas também transcender o *continuum* espaço-tempo, nos permitindo ter contato com seu autor e o contexto histórico no qual ele estava inserido. Dessa forma, o estudo desta gramática pode nos oferecer elementos linguísticos que indiquem como o latim era visto pelo compositor da obra e também aplicado por ele naquele período. A partir disso, poderemos contribuir com dados para o desenvolvimento da Historiografia da Linguística no que tange o estudo das gramáticas latinas.

Embora o conceito de Linguística tenha se firmado a partir da primeira metade do século XX, após a publicação do *Cours de Linguistique Générale*, composto de anotações dos cursos que Ferdinand de Saussure lecionou, pode-se dizer que os estudos que envolvem a linguagem são registrados há pouco mais de dois milênios da nossa era. Publicado pela primeira vez em 1916, o *Curso de Linguística Geral* é um manual que parte dos estudos de Saussure, um linguista suíço, nos oferecendo os preceitos e métodos que definem a Linguística Moderna. Segundo ele,

¹ E até onde sabemos, esta gramática não foi traduzida para nenhum idioma moderno.

a matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a “bela linguagem”, mas todas as formas de expressão. [...] Como a linguagem escapa as mais das vezes à observação, o linguista deverá ter em conta os textos escritos, pois somente eles lhe farão conhecer os idiomas passados ou distantes. (SAUSSURE, 2006[1916], p. 13)

O trecho citado da obra de Saussure nos leva a meditar sobre o fato de que a linguagem foi objeto de estudo no decorrer da história da humanidade², não devendo o linguista se esquecer dos textos escritos, pois são eles que nos servirão com os conhecimentos de culturas passadas, como é o caso do *corpus* utilizado para este estudo. Porém, a descrição da linguagem durante estes estudos milenares nem sempre foi feita da mesma forma, o que nos impossibilita de tratar assuntos anteriores ao surgimento de certos conceitos de maneira clara e precisa – como quando os utilizamos como se estivéssemos falando acerca do tempo hodierno.

Assim, seguimos os pensamentos de Koerner (1995) e Swiggers (2012) para o desenvolvimeto de nosso estudo. Koerner (1995, p. 7), diz que a Historiografia da Linguística é um método baseado em princípios de se escrever a história do estudo da linguagem, demarcando o desenvolvimento da ciência da linguagem desde seu começo até os dias atuais. Swiggers (2012, p. 38-42) a define como uma disciplina dentro do campo da linguística geral que tem o intuito de providenciar um relato descritivo e explicativo, com bases científicas, de como o conhecimento linguístico se deu e como foi seu curso de desenvolvimento, cuja metodologia segue o fato de que o historiógrafo se porta como um leitor observador – em grande parte crítico – e um intérprete do curso evolucionário do conhecimento linguístico.

Logo, este pesquisador deve partir do pressuposto de que as informações encontradas nas suas fontes documentais outrora fizeram sentido e foram parte de um contexto e de um determinado povo. Essas informações são importantes para se conceber afirmações sobre a linguagem, sejam elas sobre a estrutura da língua, sua natureza, suas funções linguísticas, ou sobre as relações que uma língua tem com as demais, isto é, suas semelhanças ou discrepâncias. Dessa forma, a tarefa de um

² A modo de ilustração, poder-se-ia citar o exemplo do diálogo *Crátilo*, de Platão, em que Crátilo e Hermógenes refletiam sobre a natureza dos nomes e sua relação com as coisas nomeadas, seguindo a convenção ou a própria natureza das coisas. Aristóteles, em *Da Interpretação*, medita sobre a linguagem, partindo de explicações do que seriam os “nomes” e os “verbos” ou mesmo o “discurso”, para, então, fazer uma correlação destes conceitos com a atividade mental - de modo a considerar que a linguagem aja como um instrumento para expressão do pensamento.

historiógrafo da Linguística é descrever e entender os dados que são encontradas nos documentos-fonte.

Swiggers (2012, p. 42) aponta alguns passos que seriam indispensáveis para se delinear uma metodologia geral da Historiografia da Linguística, dentre os quais:

i) a metodologia heurística, que envolve a organização de um *corpus* de textos fonte e documentação bibliográfica e prosopográfica, incluindo o estudo crítico da história destes textos através de edições críticas, traduções e comentários sobre a obra, bem como estudar a recepção destes textos; e

ii) a metodologia hermenêutica, que compreende a interpretação dos conteúdos dos textos fontes, estabelecendo relações entre os próprios textos, autores em questão e a tradição na qual a obra estudada está inserida.

Assim, justificamos nosso trabalho nos embasando nos estudos da Historiografia da Linguística, porque, antes de tudo, estamos tratando de um documento antigo e que, através de sua leitura, poder-se-á contribuir para a compreensão da história do desenvolvimento linguístico no decorrer dos séculos. Logo, o acesso aos textos-fonte corrobora com registros de como o estudo da língua se modificou com o tempo, nos possibilitando traçar uma comparação tanto sincrônica dos exemplares datados do mesmo período (como quando se contrasta as obras de autores como Donato e Carísio, ambos situados no século IV EC) quanto diacrônica (como seria caso comparássemos Sacerdote com Prisciano, este datado do século VI), levando-se em consideração as obras subsequentes e suas construções.

Ao organizar nosso *corpus*, percebemos que uma das preocupações que envolvem o estudo de textos antigos é a terminologia moderna ser utilizada para descrever conceitos do passado. Seu uso desatento geraria o recorrente surgimento de anacronismos, ainda que indesejados, que, por um lado, aproximam o leitor do texto, devido à familiaridade destes com os conceitos que os termos empregados representam hoje e, por outro lado, os distanciam do sentido histórico dos conceitos em questão, uma vez que o sentido de tais termos não é imutável – isto é, o seu uso em um texto antigo nem sempre remete ao mesmo significado que este possui na tradição linguística moderna e contemporânea.

A sugestão de Koerner (1995, p. 13) para este uso indevido de terminologia se desdobra em três princípios: em primeiro lugar, temos o “princípio da contextualização”, em que se deve estabelecer um clima de opinião (*climate of opinion*) do período em questão, considerando a influência da situação social e política do dado momento na formulação de hipóteses e teorias sobre a linguagem; em segundo lugar está a tentativa de se estabilizar uma compreensão, seja ela histórica, crítica ou filológica do documento linguístico em foco. Este preceito também é referido como “princípio da imanência”; o terceiro e último princípio de Koerner é chamado de “princípio da adequação” e surge após a compreensão do texto em seu contexto histórico, de forma que se procure introduzir algumas acepções modernas que se aproximem do vocabulário técnico apresentado na obra em questão³.

Assim, seguindo os preceitos teórico-metodológicos de Swiggers (2012) e de Koerner (1995), pretendemos, especificamente:

- oferecer uma introdução crítica do contexto e tradição em que a obra se encaixa, isto é, descrever seu clima de opinião, apresentando o texto de Sacerdote de forma que se evidencie como ele se acomodava dentro de seu período temporal;
- propor uma tradução do primeiro livro da *Ars grammatica* de Sacerdote, inédita em língua portuguesa; e
- apresentar comentários, com base no texto traduzido, que evidenciem as idiosincrasias do autor, bem como facilitem a difusão da obra, explicando determinadas situações e esclarecendo as adequações feitas para que o texto se torne mais legível para o leitor moderno, sem perder o sentido linguístico intrínseco a ele.

Dessa forma, nos apoiamos nos princípios de Koerner (1995) para delinear nossa dissertação. Para tanto, analisaremos, no nosso primeiro capítulo, o contexto histórico, social e educacional no qual as obras gramaticais latinas se inseriam, mostrando, desta forma, o ambiente propício em que se encaixava a *ars* de Sacerdote, aplicando como base o princípio da contextualização. Falaremos, de início, da tradição gramatical latina de forma mais geral, nos estreitando, em seguida, ao contexto das

³ Koerner (1995, p. 14) salienta que, como uma regra, deve-se alertar ao leitor sobre as aproximações terminológicas feitas dentro do texto, isto é, deve-se deixar o leitor ciente do que se está incluindo, modificando ou não, dentro do texto.

relações sociais pertinentes aos gramáticos para, somente então, tratarmos de como o nosso autor se encaixava nessa tradição.

No segundo capítulo, segundo o princípio da imanência, faremos um estudo crítico do documento textual, atentando-nos às suas questões filológicas, históricas e sociais. Assim, descreveremos como a obra de Sacerdote está arquitetada e dividida em tópicos gramaticais, bem como apresentaremos particularidades de sua estrutura em contraste com as gramáticas antigas. E como último passo, no terceiro capítulo, desempenharemos o que, de acordo com o princípio de Koerner, chamaremos de adequação tradutória, uma vez que concordamos com o que diz Arrojo, quando ela diz que

toda tradução, por mais simples e breve que seja, trai sua procedência, revela as opções, as circunstâncias, o tempo e a história de seu realizador. Toda tradução por mais simples e breve que seja, revela ser produto de uma perspectiva, de um sujeito interpretante e, não meramente, uma compreensão “neutra” e desinteressada ou um resgate comprovadamente “correto” ou “incorreto” dos significados supostamente estáveis de um texto de partida. (ARROJO, 2003a, p. 68)

Isto é, o significado dos termos do texto de partida não é estável – portanto, não podemos simplesmente aplicar qualquer significado à uma palavra presente em um texto escrito no século III da nossa era, como se falássemos de algo puramente moderno. E assim, no terceiro capítulo, apresentaremos, portanto, uma breve discussão sobre a arte tradutória e como ela foi pensada para nossa tradução do texto do gramático Sacerdote, bem como apresentamos uma breve lista de termos que merecem certo destaque.

Podemos dizer que a tradução da obra de Sacerdote é relevante para os estudos acerca da tradição gramatical latina, pois não só traz informações sobre como a língua era vista naquele tempo, mas também traz novos aspectos sobre como o ensino da língua latina se decorria. Além do mais, a obra também contribui para levantar questões sobre o cenário social da época, como o caso da patronagem, em que havia uma troca de serviços e deveres entre um patrono e seu cliente, como atestado na introdução do seu terceiro livro – o que resultou em um trabalho que sobreviveu, quase por inteiro, cerca de dois milênios.

1 A ARS GRAMMATICA E A TRADIÇÃO LATINA

Para entendermos como a tradição gramatical se difundiu, é necessário voltarmos aos primórdios da história, focando em questões que envolvem os estudiosos gregos – em particular, os alexandrinos, que eram famosos pelo estudo de textos literários e as críticas textuais que surgiram no mundo helenístico. Segundo Law (2003, p. 53-54), a especialização que consistia no estudo e crítica destes textos nasceu enquanto os estudiosos gregos tentavam recompor diferentes versões dos poemas de Homero – a saber, a *Iliada* e a *Odisseia* –, tentando estabelecer quais partes eram originais ao texto, isto é, que pertenciam a ele, e quais eram interpolações tardias. Algum tempo depois, esses estudiosos perceberam a necessidade de ferramentas que tornassem esse tipo de trabalho mais preciso. Foi então que Aristófanes de Bizâncio (257-180 AEC) elaborou um sistema de símbolos que representavam os acentos tonais das palavras gregas – ainda utilizados na impressão de textos em grego antigo –, bem como providenciou uma lista com as palavras de sentido obscuro encontradas nestes textos literários – o que vinha a ser uma ideia precursora para os dicionários atuais.

O primeiro tratado gramatical que nos tenha chegado, nomeado de τέχνη γραμματική, foi composto por volta do século II AEC e teria sido atribuído a um pupilo de Aristarco de Alexandria, Dionísio da Trácia⁴ (c. 170-90 AEC), que definiu que a “gramática é a perícia no que o mais das vezes se diz nos poetas e também nos prosadores”⁵ e a dividiu em seis partes, a saber:

- a primeira, a versada leitura com relação à acentuação;
- a segunda, a explicação com relação aos tropos poéticos presentes [no que se diz];
- a terceira, a exposição corrente de palavras estranhas e também de histórias;
- a quarta, a descoberta da etimologia;
- a quinta, a demonstração da analogia;
- a sexta, o julgamento dos poemas, a qual de fato é a mais bela das que há na arte. (Dionísio da Trácia. *Tékhnē Grammatiké*⁶)

⁴ Entretanto, um estudo defendido por Di Benedetto (1957-8) discorre sobre a autenticidade da τέχνη: os cinco primeiros capítulos seriam genuínos de Dionísio, porém o que foi posto em contradição são os demais. Cf. Law (2003, p. 56)

⁵ Tradução de Marcos Martinho (2007, p. 154). Cf. texto em grego: Γραμματική ἐστὶν ἐμπειρία τῶν παρὰ ποιηταῖς τε καὶ συγγραφεῦσιν ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ λεγομένων.

⁶ Tradução de Marcos Martinho (2007, p. 154). Cf. texto em grego: πρῶτον ἀνάγνωσις ἐντριβής κατὰ προσῳδίαν, δεῦτερον ἐξήγησις κατὰ τοὺς ἐνυπάρχοντας ποιητικούς τρόπους, τρίτον γλωσσῶν τε καὶ ἱστοριῶν πρόχειρος ἀπόδοσις, τέταρτον.

Segundo Di Benedetto (2000, p. 396), o termo “leitura”, conforme o uso dos gramáticos alexandrinos, era utilizado para especificar que o foco desta atividade seria na determinação da pronúncia correta das palavras, isto é, a prosódia. O autor ainda nos apresenta (2000, p. 396) o ponto de vista de Asclepiades de Mirlea, sob a visão de Sexto Empírico, que divide a gramática em três partes: τεχνικόν, parte técnica e gramatical, que compreende o tratamento das letras, sílabas, partes da oração; ιστορικόν, que, segundo Chapansky (2003, p. 43) seria a parte em que se faz menções de histórias mitológicas ou fatos verossímeis na obra; e a ιδιαίτερον, que caracteriza uma parte mais específica para tratar a interpretação dos textos literários. Muito dessa tradição alexandrina é refletida na divisão das gramáticas feita por Dionísio: leitura em voz alta; compreensão de palavras difíceis e figuras de linguagem; e a crítica, tanto textual quanto literária (LAW, 2003, p. 55).

Law (2003, p. 54) reitera que a palavra “gramática” – em termos gregos γραμματική – era usada para indicar a crítica textual e literária, com todos os seus estudos auxiliares. No sintagma *ars grammatica*, o termo *ars* seria uma derivação do grego ἀρετή, que significa “excelência”, “boa disposição do corpo ou da alma”; e *grammatica* deriva de um empréstimo feito da língua grega, como atesta Quintiliano no seguinte excerto de sua obra (*Inst. or.* 2, 14, 3): “γραμματική, por exemplo, em latim se diz *litteratura*, não ‘literadora’, que é como ‘oradora’, nem ‘literatória’, que é como ‘oratória’”⁷. Os profissionais relacionados às gramáticas eram denominados γραμματικοί no mundo grego e *grammatici*, no latino. A origem do termo advém do vocábulo grego γράμμα, cujo significado é “letra”. Entretanto, assim como seu equivalente latino, *littera*⁸, o vocábulo compreendia mais do que, simplesmente, o nome “letra”: tanto *littera* como γράμμα possuíam, *a priori*, três propriedades, a saber, o nome da letra, por exemplo, para os latinos, “ésse”; sua forma, S; e por último, seu valor fonético, /s/. A palavra “gramática” não possuía, portanto, o mesmo sentido que lhe atribuímos hoje, qual seja, aquele que nas palavras de Neveu (2008, p. 154) designa “ao mesmo tempo, o conjunto de particularidades estruturais de uma língua, que permitem identificar as regularidades fonológicas, morfológicas e sintáticas, e a representação destas particularidades”.

⁷ Tradução de Falcón (2015). Cf. texto original: *nos ipsam nunc uolumus significare substantiam, ut grammaticae litteratura est, non litteratrix quem ad modum oratrix, nec litteratoria quem ad modum oratoria.*

⁸ Além dessas acepções, o vocábulo *littera* também tem o significado de “carta”, “litteratura”, com um sentido equivalente à “obra literária”, bem como “epitáfio” ou “inscrição fúnebre”.

1.1 OS GRAMMATICI E A EDUCAÇÃO ROMANA

Graeca capta ferum uictorem cepit et artes intulit agresti Latio.
A Grécia tomada tomou seu feroz conquistador e trouxe as artes ao Lácio rústico.

Horácio, *Epístolas*, II, 1, 156-157

De acordo com Suetônio, em *De Grammaticis* (II), a introdução do estudo gramatical na cidade de Roma deve-se à chegada do estoico grego Crates de Malos, um contemporâneo de Aristarco, por volta de 169 AEC. Crates teria sido enviado ao senado pelo rei Átalo entre a segunda e a terceira Guerra Púnica e, pela região do Palatino, teria quebrado a perna quando caiu em uma cloaca aberta. Impossibilitado de seguir seu percurso, dado este acontecimento, ele teria oferecido algumas exposições sobre a leitura e comentários de texto poéticos – inicializando o que, mais tarde, seria conhecido como gramática. A crítica literária em Roma também teria sido introduzida na cultura latina por influência dos gregos e, ao que parece, Crates de Malos teria sido o primeiro a usar o termo “crítico”, no que concerne os estudos literários – termo cuja etimologia vem do verbo grego κρίνειν, que significa, entre outras coisas, “julgar”, “discernir”, “separar” (CANTÓ, 1997, p. 742). Os métodos helenistas foram absorvidos pelos romanos e adaptados para o estudo das obras latinas, visto que, no período helenístico, a atividade dos críticos se centrava no comentário de obras antigas, sobretudo, da épica homérica.

Fortes (2012a, p. 54) nos lembra que Suetônio ainda esclareceu o surgimento do termo *litteratus* – tendo em mente que o termo *litteratura* era usado como equivalente ao γραμματική grego, como nos disse Quintiliano, – e como ele adveio da língua helênica através de *grammaticus*:

A denominação de ‘gramáticos’ desenvolveu-se a partir do costume grego; mas no início eram chamados de ‘litteratos’. Também Cornélio Nepos, no livrinho em que distingue literato de erudito, afirma que, de fato, são chamados pelo povo litteratos aqueles que são capazes de escrever ou dizer algo de forma diligente ou aprofundada; de resto, devendo ser chamados, assim, propriamente, de ‘intérpretes dos poetas’ aqueles que são chamados pelos gregos de gramáticos. (...) Porém, há aqueles que distinguem ‘litteratos’ (*litterati*) dos ‘mestres de letras’ (*litteratores*), assim como aos gregos soem distinguir gramáticos (*grammatici*) de mestres de gramática (*grammatistae*);

aquele, de fato, estimam ser absolutamente culto, e este medianamente. (Suetônio, *De gram.*, 4, 2-5)⁹

Entretanto, a influência grega não surgiu apenas através de empréstimos lexicais pelos romanos. Segundo Marrou (1973, p. 377), o império romano foi um território bilíngue, cujas fronteiras englobavam uma série de províncias que se falava grego. Como Horácio ressalta na breve epígrafe deste subcapítulo, os romanos se maravilharam tanto com a cultura grega a ponto de a influência helênica acarretar em profundas transformações não só no campo das artes, como também na área educacional romana. Nesta última, os romanos viram na cultura grega uma grande oportunidade para a melhoria de sua oratória, como Cícero (*De or.* 1,14) registra que “quando se ouviram os oradores gregos, conheceram-se os seus escritos e empregaram-se os seus mestres, os latinos inflamaram-se com um inacreditável desejo de aprender¹⁰”.

Segundo Cantó (1997, p. 746), até a segunda metade do século III AEC, a educação romana dividia-se em três etapas – as quais ficavam sob a incumbência de três docentes, que recebiam uma compensação pelos seus serviços –, seguindo o modelo das escolas helenísticas. Entretanto, é preciso esclarecer, de acordo com Kaster (1997, p. 24) que as escolas além de serem exclusivas, no que tange à sua organização social, eram também esparsas, em termos geográficos, estabelecendo um sistema de escolas de diferentes tipos, que serviam os mais diversos segmentos da população. Durante a primeira etapa, do *ludus litterarius*, cuja responsabilidade era do *magister ludi*, a população, demarcadamente iletrada, recebia uma educação de baixo prestígio nas escolas de letras (*γραμματο-διδασκαλεῖα*, *ludi litterarii*). Em tais contextos, os *magistri ludi*, que, em sua maioria, eram escravos de origem grega, também chamados de *παιδαγωγός*, ensinavam às crianças, entre sete e doze anos, a ler, escrever e fazer cálculos básicos.

Kaster (1997, p. 21) destaca duas características importantes, quanto à educação romana, a saber: uma mobilidade geográfica demarcada e a conformidade aos

9 Tradução de Fortes. Cf. o original: *Appellatio grammaticorum Graeca consuetudine inualuit; sed initio literati uocabantur. Cornelius quoque Nepos libello quo distinguit litteratum ab erudito, litteratos quidem uulgo appellari ait eos qui liquid diligenter et acute scienterque possint aut dicere aut scribere, ceterum proprie sic appellandos poetarum interpretes, qui a Graecis grammatici nominentur. (...) Sunt qui litteratum a litteratore distinguant, ut Graeci grammaticum a grammatista, et illum quidem absolute, hunc mediocriter doctum existiment.*

¹⁰ Tradução de Adriano Scatolin. Cf. texto original: *Post autem, auditis oratoribus Graecis, cognitisque eorum litteris, adhibitisque doctoribus, incredibili quodam nostri homines dicendi studio flagrauerunt.*

padrões das classes mais elevadas da população. Com isso, o número de alunos que ingressavam na segunda etapa da escolarização romana, que, provavelmente, abarcava estudantes entre doze e dezessete anos, se reduzia, uma vez que nem todos possuíam essa flexibilização em se deslocar de um local ao outro. O ensino, portanto, ficava sob o encargo dos *grammatici*, a que Kaster (1997, p. 17) refere como sendo guardiões da linguagem (*custos Latini sermonis*) – os quais deveriam protegê-la das corrupções e preservar sua coerência. Burghini (2015, p. 3) descreve a *ars grammatica* como um instrumento indispensável para a atuação do *grammaticus*. Contendo, de um lado, definições e regras e, do outro, exemplos, o texto da *ars*, devido à sua natureza prescritiva, possuía um cunho francamente escolar. As *artes grammaticae*, em geral, possuíam três partes. A primeira era dedicada ao nível fônico, em que se trabalhavam as letras e as sílabas; a segunda, à morfologia, destacando as *partes orationis* e seus *accidentia*; e a terceira, era dedicada aos vícios e virtudes do discurso latino.

Porém, foi só no século I AEC, de acordo com Cantó (1997, p. 746), que teria existido uma separação entre a segunda e a terceira parte do ensino romano – em que ambas estavam sob o olhar do *grammaticus* –, passando a terceira etapa aos profissionais dedicados à retórica, os *rhetores*, que baseavam seus ensinamentos nos prosadores gregos e latinos, em especial, nos oradores – tecendo comentários sobre suas obras. Os ensinamentos retóricos, aos quais poucos alunos conseguiam ascender, uma vez tomada a toga viril, eram de extrema importância para aqueles que quisessem se dedicar à atividade forense e ao serviço do estado.

Como ressalva Law (2003, p. 62-63), mesmo que o último objetivo da educação romana fosse gerar bons oradores, os estudantes passavam um bom tempo sob os cuidados dos *grammatici*, em que os professores moldavam sua didática como uma preparação para o treino retórico, destacando a necessidade de ler e escrever bem, assim como a habilidade de se analisar as obras dos grandes poetas. A escolha dos autores – os *grammatici* utilizavam principalmente obras como as de Virgílio, Terêncio, Cícero e Salústio¹¹ –, como nos lembra Cantó (1997, p. 747), contribuiu decisivamente para a preservação de seus textos, tendo a escola dos gramáticos um papel importante nesse

¹¹ De acordo com Marrou (1973, p. 388), um alforiado de Ático, Q. Cecílio Epirota, teria tomado a ousada decisão de escolher os autores que seriam utilizados na educação. Durante toda a duração da escola antiga, o programa de estudos não teria mudado, incluindo os autores cômicos – sobretudo Terêncio –, por estes serem os grandes poetas do século de Augusto, e Virgílio, pois um romano culto é aquele que possui seu Virgílio, assim como os gregos possuem seu Homero.

questo, visto sob esse prisma positivo, mas também sob um enfoque negativo: a seleção de autores, muitas vezes, decretaria quais obras iriam sobreviver e quais textos acabariam se perdendo¹².

O primeiro registro de um tratado contendo reflexões gramaticais acerca da língua latina é de autoria de Varrão (*Marcus Terentius Varro*). Sua obra prima, intitulada *De lingua Latina*¹³, teria sido escrita em 25 livros, restando-nos apenas seis deles; os demais, como a maioria de suas outras obras, infelizmente, se perderam. Entretanto, esses seis livros, que segundo Taylor (1995a, p. 86-87), combinava estudos feitos sobre as línguas latina e grega, seriam suficientes para estabelecer Varrão como o primeiro teórico acerca da língua na Antiguidade – sendo o autor frequentemente citado e referenciado na tradição gramatical latina. Sendo o responsável por dispor a gramática como a primeira das artes liberais, Varrão, mais que seus predecessores, dá início ao processo de se copiar a terminologia grega, bem como criar novos termos técnicos para serem incluídos nos textos em latim (TAYLORb, 1995, p. 104)

Contudo, segundo Taylor (1995c, p. 108) é Palemon (*Quintus Remmius Palaemon*), maior acadêmico e mais famoso gramático de sua época, que é referenciado como o primeiro autor de uma *ars grammatica* em latim, ainda que seu tratado não nos tenha chegado senão indireta e limitadamente. Palemon é, ainda de acordo com Taylor, tradicionalmente creditado como sendo o autor da primeira gramática composta para falantes nativos de latim; como aquele que substituiu o artigo presente nas gramáticas helênicas pela interjeição nas latinas; como quem desvendou as declinações nominais e as conjugações verbais latinas; como quem organizou a *ars grammatica* latina da forma como ela é encontrada séculos mais tarde; e como o primeiro gramático que teria tratado sistematicamente dos vícios e das virtudes, na terceira parte das gramáticas.

Embora nosso foco seja centrado na segunda parte da educação romana, dedicada aos *grammatici*, boa parte das informações e dos detalhes que temos sobre o ensino gramatical em território romano são encontrados na *Institutio oratoria*, um

¹² Tal fato se deve aos comentários feitos pelos gramáticos acerca dos textos: a preferência dos textos era sempre em favor da épica (por ser um gênero considerado mais elevado, capaz de acender nos jovens alguns nobres sentimentos e lhes oferecer exemplos para se imitar), seguida pela tragédia, depois a comédia e, por último a lírica (CANTÓ, 1997, p. 747)

¹³ *De lingua Latina* seria dividida em três seções, a saber: sobre etimologia, morfologia e sintaxe. A questão etimológica seria para constituir uma enciclopédia de tal conhecimento; enquanto a morfologia seria uma análise que serve de ponto de partida para se estabelecer as declinações e as conjugações em latim. Cf. Taylor (1995b, p. 104)

tratado retórico escrito por Quintiliano (*Marcus Fabius Quintilianus*, 30-96 EC), que Taylor (1995c, p. 107) relata ser o titular da primeira cátedra escolar na educação ocidental. A *Institutio oratoria* é uma obra extensa, composta em doze livros, cujo principal objetivo é descrever a educação romana desde o berço, passando pela instrução gramatical, até alcançar a formação dos rétores¹⁴. À vista disso, no primeiro livro da *Institutio*, Quintiliano examina de modo intenso a educação latina, descrevendo como deve ser feita a instrução das crianças; em seguida, ele trata do papel do *grammaticus*¹⁵ para, então, poder educar seus discípulos na arte do dizer bem, *ars bene dicendi* (*Inst. or.*, 2, 14, 5). Quintiliano, ao dar continuidade ao seu tratado, faz uma recapitulação das duas primeiras etapas que precedem o ensino de retórica e, ao tratar do ensino gramatical, o autor divide a *ars grammatica* em duas partes:

1. Tão logo a criança tenha aprendido bem a ler a escrever, deve ser posta aos cuidados do gramático. E não importa se grego ou latino, pois o método é o mesmo para ambos, embora me pareça melhor começar com um grego. 2. Pois esse mister, embora se divida, muito sucintamente, em duas partes – a arte de falar corretamente e a explicação dos poetas –, encerra mais em si do que deixa transparecer. (*Inst. or.* 1, 4, 1-2)¹⁶

Neste trecho, percebe-se a transição que ocorre na educação latina, quando o estudante passa dos cuidados dos *magistri ludi*, que os ensinava a ler e a escrever – sempre partindo das unidades mínimas da língua e aumentando gradualmente, isto é, letra > sílaba > palavra > oração –, passando para o ensino secundário da tradição romana: o ensino sob a orientação dos *grammatici*. O autor ainda reitera que não importa se o gramático for grego ou latino, pois os métodos utilizados por ambos eram o mesmo – o que reforça, de certa forma, a ideia de absorção e adaptação dos estudos helênicos por parte dos romanos, e a afirmação de Marrou (1973, p. 377) de que o território do Império era bilíngue, como vimos acima. Quintiliano, em seguida,

¹⁴ De acordo com Taylor (1995c, p. 108), o esboço gramatical traçado por Quintiliano em sua obra parece ter sido baseado, até certo ponto, na *Ars grammatica* de Palemon – este, que, supostamente, teria sido professor daquele.

¹⁵ Law (2003, p. 62) enumera três capítulos (4–6) no primeiro livro da obra de Quintiliano em que são tratados os assuntos gramaticais. Ax (2011, p. 331) contabiliza cinco capítulos (4-8), enquanto Pereira (2006, p. 59) lista seis capítulos (4–9), cujo foco é o ensino dos *grammatici*.

¹⁶ Todas as traduções do primeiro livro da obra de Quintiliano utilizadas em nossa dissertação são de Marcos Aurelio Pereira (2006), exceto quando dito o contrário. Cf. o original: *I. Primus in eo qui scribendi legendique adeptus erit facultatem grammaticis est locus. Nec refert de Graeco an de Latino loquar, quamquam Graecum esse priorem placet: utriusque eadem uia est. II. Haec igitur professio, cumbreuisse in duas partis diuidatur, recte loquendi scientiam et poetarum enarrationem, plus habet in recessu quam fronte promittit.*

segmenta a *ars grammatica* em duas partes: a arte de falar corretamente, *recte loquendi scientia*, e a explicação dos poetas, *poetarum enarratio*¹⁷.

A primeira parte, *recte loquendi scientia*, faz referência às duas primeiras partes das gramáticas que tratavam de aspectos fonéticos e morfológicos – de modo que os alunos pudessem ser apresentados à uma forma de escrever considerada correta, escapando aos vícios que podiam conter suas falas. Fortes (2012b, p. 201-203) nos lembra que o uso da linguagem (*consuetudo*) na obra de Quintiliano não se refere às formas vulgares da fala, mas remete a um uso empregado por pessoas escolarizadas, que conheciam a tradição letrada da época e era uma espécie de convenção entre estas pessoas instruídas (*consensus eruditorum*). Seguindo seu raciocínio, Fortes (2012b, p. 203) continua: “ao passo que o ‘consenso dos instruídos’ definirá uma norma própria para a produção dos discursos dos oradores [...], a fala comum, assim com os costumes vulgares, é eivada de vícios, que cumpria evitar”. Já a segunda parte da divisão, *poetarum enarratio*, por sua vez, faz alusão à terceira parte da gramática, bem como à função dos *grammatici* como comentadores das obras poéticas e ao fato de que estes descreveriam os vícios ou as virtudes presentes nessas obras – que, à primeira vista, poderiam parecer obscuras a um leitor ou aluno iniciante.

Em outro trecho (*Inst. or.* 1, 4, 5), Quintiliano diz “se ela [a gramática] não estabelecer alicerces seguros para o futuro orador, tudo o que se tiver edificado irá por terra”¹⁸. Com essa afirmação, Quintiliano corrobora a importância da gramática para o estudo da retórica – indicando que a primeira é uma base que se deve ser bem construída para se alcançar os estudos posteriores. Seguindo seu raciocínio, o autor continua explicitando o papel da disciplina de gramática na educação romana, e nesse sentido, deve-se ressaltar que o objetivo da obra de Quintiliano é a formação do *rheto*r, estágio seguinte ao das instruções do *grammaticus*, mas que necessita dos ensinamentos deste para seu sucesso:

que ninguém, pois, desdenhe os princípios da Gramática como de pouco valor, não porque seja coisa difícil distinguir consoantes de vogais, bem como dividi-las em semivogais e mudas, mas porque, aos que penetram, por assim dizer, no interior desse santuário, *ela revelará muitas sutilezas, que poderão não só aguçar a inteligência das crianças, como também propiciar*

¹⁷ Segundo Ax (2011, p. 346) as duas partes da gramática, divididas por Quintiliano, se encontram em sua obra da seguinte maneira: *recte loquendi scientia* compreende do capítulo quatro ao capítulo sete do primeiro livro da *Institutio*; a *poetarum enarratio* compõe o oitavo capítulo do primeiro livro da obra.

¹⁸ Cf. texto original: *Quae nisi oratoris futuri fundamenta fideliter iecit, quidquid superstruxeris, corruet.*

*uma erudição e um saber de grande profundidade. (Inst. or. 1, 4, 6 – grifo nosso)*¹⁹

O excerto acima realça a ideia de que o papel do *grammaticus* ia além do ensino das letras e suas divisões em vogais, consoantes, semivogais ou mudas. O *grammaticus* deveria revelar as particularidades da língua que estimulariam o raciocínio das crianças, tal como ter o conhecimento das estruturas viciosas e virtuosas – que os diferenciariam daqueles que não possuem conhecimento das letras. E para tal, o gramático deveria dotar seus alunos no domínio da língua falada e escrita, como podemos ver no trecho abaixo:

dado que o discurso possui três virtudes, quais sejam a correção, a clareza e a elegância (pois dizer de modo apropriado, que é o principal, a maioria subordina à elegância), mas possui também outros tantos vícios, que são opostos a tais virtudes, o gramático examinará as regras da fala correta, que são a primeira parte de sua arte (*Inst. or. 1, 5, 1*)²⁰

Para alcançar esta “fala correta”, era necessário, portanto, evitar os vícios de linguagem – dentre os quais o barbarismo e o solecismo –, apresentados na terceira parte das *artes grammaticae*, dedicada aos vícios e virtudes (*uitia uirtutesque*). Isto é, os alunos aprendiam as partes da oração (*partes orationis*), e, em seguida, aprendiam como utilizá-las de maneira considerada correta, de modo que fossem evitados os vícios e priorizadas as virtudes. No tocante à escrita, Quintiliano utiliza da expressão latina *recte scribendi scientia* (*Inst. or. 1,7,1*) para designar o que os gregos chamavam de *orthographia*, ou seja, a “ciência de escrever bem”. Esta era um aspecto fundamental, que andava de mãos dadas com a primeira parte da divisão da *ars grammatica*, a *recte loquendi scientia*. Para que os alunos falassem bem, eles deveriam também escrever bem.

Quanto ao segundo aspecto, isto é, a *enarratio poetarum*, os gramáticos teciam comentários de textos poéticos não somente para ilustrar a utilização do conteúdo ministrado por eles, mas também oferecer discussões sobre o texto em questão, propor interpretações de determinadas passagens, bem como traçar análises das estruturas utilizadas pelos poetas em suas obras. Ao se ensinar os vícios e as virtudes da

¹⁹Cf. texto original: *Ne quis igitur tamquam parua fastidiat grammatices elementa, non quia magnae sit operae consonantes a uocalibus discernere ipsasque eas in semiuocalium numerum mutarumque partiri, sed quia interiora uelut sacri huius adeuntibus apparebit multa rerum subtilitas, quae non modo acuere ingenia puerilia, sed exercere altissimam quoque eruditionem ac scientiam possit.*

²⁰Cf. texto original: *Iam cum oratio tris habeat virtutes, ut emendata, ut dilucida, ut ornata sit (quia dicere apte, quod est praecipuum, plerique ornatui subiciunt), totidem uitia, quae sunt supra dictis contraria: emendate loquendi regulam, quae grammatices prior pars est, examinet.*

linguagem, por exemplo, os gramáticos apontavam nos textos poéticos a composição de trechos viciosos e indicavam quando eles deveriam ser evitados, bem como evidenciavam o uso das expressões consideradas virtuosas. Conforme nos mostra Cantó (1997, p. 750), a *enarratio* contribuiu para a produção de comentários, edições anotadas e manuais, que eram chamados de *artes* – as quais, seguindo o modelo helenístico, tratavam de problemas gramaticais de todo tipo. Além disso, o *grammaticus* oferecia aos alunos informações como dados gerais sobre o poeta escolhido, sobre sua vida e obra, a disposição desta, bem como o gênero ao qual ela pertence, o estilo e metro apropriado.

Sobre os vícios de linguagem, Quintiliano deixa uma recomendação em sua obra, ao dizer que

em primeiro lugar, que os feios vícios do barbarismo e do solecismo não se insinuem em nosso discurso. Mas como por vezes tais vícios se desculpem, por uma questão de uso, autoridade, tradição ou, enfim, proximidade das formas corretas (com efeito, é amiúde difícil distingui-los das figuras), a fim de não nos deixarmos levar por uma tão enganadora atenção, que o gramático seja capaz de distingui-los de modo preciso [...] (*Inst or.*, 1,5,5)²¹

Quintiliano traz, no excerto acima, uma consideração sobre os vícios *barbarismus* e *soloecismus*. Embora devam ser evitados, tais vícios poderiam vir a aparecer, respaldados pelo uso (*consuetudo*), pela autoridade dos poetas (*auctoritas*), pela tradição (*uetustas*) ou até mesmo pela proximidade (*uicinitas*) aos termos corretos. Tal fato elucida a importância de as gramáticas tratarem destes vícios e virtudes, de modo que os discípulos soubessem o que se deveria evitar ao compor um discurso no decorrer de seu aprendizado. Sacerdote (GL 6.451), por exemplo, ao tratar dos vícios ligados ao barbarismo, diz que “quando são falados por nós [gramáticos, estudantes], são barbarismos; quando o são por poetas, são metaplasmos²²”. Tal afirmação confirma os ditos de Quintiliano, no que diz respeito à *consuetudo* e à *auctoritas*: os vícios, quando empregados pelos poetas se tornam variações das formas corretas, atestadas como *figurae* – diferentemente do conceito de *figura*, que descreve a composição ortográfica de uma palavra – que trazem a ideia de variação na composição do discurso, uma vez que, como afirma Sacerdote (GL 6.451) “o metaplasmo ou figura é um

²¹Cf. texto original: *prima barbarismi ac soloecismi foeditas absit. Sed quia interim excusantur haec vitia aut consuetudine aut auctoritate aut uetustate aut denique uicinitate uirtutum (nam saepe a figuris ea separare difficile est): ne qua tam lubrica obseruatio fallat, acriter se in illud tenue discrimen grammaticus intendat [...]*

²²Todas as traduções da obra de Sacerdote são nossas. Cf. texto original: [...] *cum dicuntur a nobis, vitia sunt, cum a poetis, metaplasmi.*

discurso composto diferentemente do que se deve, por causa do metro ou do decoro²³”. De forma simples, pode-se dizer que o uso (*consuetudo*), a tradição (*uetustas*) e a autoridade (*auctoritas*) dos poetas os permitiam usar construções que deveriam, *a priori*, ser evitadas.

No decorrer destes capítulos que tratam do ensino latino sob a orientação dos *grammatici*, Quintiliano tenta sumariá-lo, com o intuito de transformar sua obra num texto mais completo – tratando, brevemente, sobre o ensino primário, cuja responsabilidade era do *magister ludi*, seguindo pelo ensino gramatical até chegar ao ponto principal de sua obra: a formação dos *rhetores*. Nas palavras do próprio autor (*Inst. or.* 1, 4, 17): “basta-me, porém, chamar atenção para o fato, pois não estou ensinando, e sim, aconselhando os que vão ensinar²⁴”. A obra de Quintiliano é de extrema importância, porque, seguindo Ax (2011, p. 333-4), temos ciência de que a *Institutio oratoria* representa o primeiro tratado que sobreviveu intacto e que apresenta uma reflexão gramatical completa em latim, cobrindo não só a parte técnica da linguagem, mas também a interpretação filológica dos textos poéticos.

1.2 O CONTEXTO SOCIAL DA ATIVIDADE GRAMATICAL

Até a época augustana (27 AEC – 14 EC), como cita Cantó (1997, p. 741), os gramáticos eram, principalmente, ou críticos literários que eram encarregados da segunda parte da instrução didática dos jovens romanos ou eruditos que trabalhavam a serviço de um *patronus*. Dionísio de Helicarnasso, escrevendo no período augustano, segundo Deniaux (2006, p. 402), descreve a relação entre os patronos e seus clientes como havendo benevolência entre as duas partes, de forma que os patronos explicavam as leis para seus clientes e buscavam protegê-los. Estes, por sua vez, prestavam serviços de todos os tipos e eram assegurados pelos patronos de assistência financeira. A patronagem (*patrocinium*) é, segundo Biagio Conte (1994, p.802), a relação de proteção estabelecida por um homem de *status* social superior (*patronus*) com um de uma classe social mais modesta (*cliens*), de quem aquele recebia em troca submissão e devoção (*obsequium*) – o que influenciava positivamente o prestígio social do patrono.

²³ Cf. texto original: *metaplasmus uel figura est dictio aliter composita quam debet metri uel decoris causa.*

²⁴ Cf. texto original: *Sed mihi locum signare satis est: non enim doceo, sed admoneo docturos.*

Em Roma, a patronagem envolvia diferentes tipos de relações²⁵, dentre as quais as que os gramáticos tinham com seus patronos. Deniaux (2006, p. 410) afirma que a patronagem pode ser considerada como uma estrutura de comunicação política: o patrono, em princípio, poderia espalhar entre as pessoas de seus círculos sociais comentários sobre seu cliente, de maneira a adquirir-lhe fama e reconhecimento – no caso dos gramáticos, por exemplo, um número maior de estudantes. Em retorno, o cliente, colocaria seu conhecimento à disposição do patrono e, no geral, faria o papel de amigo, difundindo informações sobre a lealdade e a influência de seu patrono (KASTER, 1997, p. 212).

Em seu artigo, Deniaux (2006, p. 203) faz um levantamento na obra de Cícero e demonstra como a ideia de amizade entre patrono-cliente estava difundida no mundo romano. O uso dos termos *cliens*, *clientela* e *patronus* são de ocorrência infrequente. A linguagem de subordinação social poderia parecer arrogante, caso fosse usada para descrever a superioridade do patrono e a fragilidade de seu cliente. O termo *amicus* era mais honrado de ser utilizado para se referir ao cliente do que *cliens*²⁶. A palavra para indicar conexão próxima (*necessarius*) era frequentemente usada para denotar um amigo, deixava clara a ênfase na troca de serviços e nos deveres que surgiam de uma relação de obrigação ou laço (*necessitudo*). Por outro lado, em Cícero, o termo *patronus*, por exemplo, é usado para indicar um advogado, corroborando para a afirmação de Biagio Conte (1994, p. 802) de que o patrono provia seu cliente com auxílio em diferentes contextos emergenciais, dentre os quais certificá-lo de assistência legal na corte. Do mesmo modo, Quintiliano usa o vocábulo *patronus* (*Inst. or.* 6, 4, 5; 7; 21) também para indicar o defensor de uma causa na corte.

Kaster (1997, p. 212) descreve a relação de patronagem como uma troca contínua, recíproca, ainda que assimétrica entre homens de *status* sociais desiguais, apontando que o membro de menor grau social poderia realizar sua troca de forma específica, como uma composição para seu patrono. Esse tipo de relação era fulcral para a vida profissional de um professor, por exemplo. Contudo, não era somente crucial para sua vida profissional, como afirma Kaster (1997, p. 213), mas também para sua

²⁵ Outro exemplo de relação patrono-cliente é o caso de um escravo libertado (*libertus*) que, automaticamente se tornava um cliente do que antigo dono, a quem o *libertus* mantinha alguns deveres estabelecidos pela lei (BIAGIO CONTE, 1994, p. 802)

²⁶ Como nos lembra Biagio Conte (1994, p. 794), o termo *amicitia* indicava ligação entre pessoas de mesmo status social, enquanto *clientela* subornidava pessoas de classes inferiores àqueles de classes dominante.

vida pessoal, visto que a linha entre as duas era tênue na linguagem de aprovação e recomendação, de modo que a patronagem ignorasse alguma distinção entre elas – abraçando-as e, ao mesmo tempo, confundindo-as.

Além disso, é muito comum os autores apresentarem dedicatórias no início de suas composições gramaticais direcionadas àqueles que haviam solicitado a composição de tais obras. Conforme Janson (1964, p. 7), os autores ou vão direto ao assunto de suas obras ou perpassavam por três temas, a saber: a obra, em que elogiavam o conteúdo que eles estavam escrevendo; o leitor, endereçando a obra aos leitores ou a um leitor em específico – a quem a obra é normalmente dedicada –; e, por último, os autores se apresentavam ao público. Dessa forma, esse tema ganhou mais popularidade durante a antiguidade tardia, sendo um tópico central ao qual outros temas eram ligados de diversas formas. A relação entre o autor e a quem ele dedica a obra é, geralmente, de pouca importância, uma vez que o prefácio pode ter o mesmo padrão seja a obra dedicada a um superior, seja a um igual ou inferior (JANSON, 1964, p. 116-7).

No caso de nosso autor, Sacerdote (GL 6.496), além de ele se apresentar dizendo ser um professor de Roma (*Marius Plotius Sacerdos Romae docens*) ele também endereça a obra a quem ele dedica seu terceiro livro, aos dois cidadãos de ordem senatorial Máximo e Simplício, citando também quem o havia “indicado”, o *uir clarissimus Vranius*, bem como fala a respeito do filho deste, o jovem Gaiano, para quem Sacerdote teria escrito e dedicado seu primeiro livro, *quod ad eius filium uirum clarissimum Gaianum scriptus esset*. Ainda segundo Janson (1964, p. 119), a forma como os autores se referiam àqueles a quem a obra fora dedicada não eram idênticas, isto é, havia um modo diferenciado de se referir à pessoas cuja ordem social era de hierarquias diferentes. Uma das formas de se notar a diferença entre as classes sociais demarcadas nesses pedidos e dedicatórias era na escolha dos termos que os autores empregam na sua composição.

Janson (1964, p. 119) relata que palavras como *rogare* (pedir), *hortari* (impelir), *efficere* (executar) e *respondere* (responder) são, geralmente, neutras no sentido de indicar uma relação de igualdade entre o autor e ao destinado. Essa relação seria a de alguém que pede algo e alguém que responde a esse pedido. O termo *efflagitare* (pedir com urgência, insistir), por exemplo, indica uma pressão maior por parte de quem solicita a composição da obra. Na dedicatória de Sacerdote, como

veremos mais adiante, encontramos *Vranius compulit*, isto é, Urânio não havia pedido para que Sacerdote compusesse uma obra e sim, compeliu a ele. O uso dos termos *iussionibus* e *oboedisse* indica certo tom de obediência, em que a pessoa que pediu era tão influenciável, que o pedido não poderia ser negado: *iussionibus praestantissimi uiri nos oboedisse*. O mesmo se dá quando o gramático cita que os senadores Máximo e Simplicio eram dignos de pedir, *dignati estis iubere*, a composição de seu terceiro livro, utilizando, novamente, o verbo mandar (*iubere*) para indicar a idéia de obediência. Em todos os casos, como ressalta Janson (1964, p. 120), a mudança de vocabulário nos mostra que, embora o padrão das dedicatórias seja o mesmo, a escolha lexical é usada para expressar as relações sociais entre aquele que encomenda a obra e aquele que a produz. Em todos os casos, os autores indicavam, em suas dedicatórias, que alguém os solicitou a escrita de uma obra em específico e que eles cumpriram com o solicitado.

Tais fatos demonstravam como eram as relações sociais das quais os *grammatici* eram parte. As dedicatórias comumente presentes nas obras não eram compostas fora de propósito e traziam mais informações sobre o contexto geral de composição da obra do que se resumiam a simples dedicatórias. Quanto aos pagamentos pelos serviços de um professor, Kaster (1997, p. 114) cita haver três possíveis fontes de renda: salários de proveniência pública; pagamentos de alunos individuais; e complementações ocasionais. Os salários públicos eram de dois tipos: municipais, decorrentes de impostos da cidade e eram pagos aos professores designados às cadeiras públicas pelos concelheiros da cidade local; e imperiais, provenientes de fundos imperiais que, a partir do século IV, seriam calculados e pagos, regularmente, em espécie.

1.3 A SUBDIVISÃO DOS TIPOS GRAMATICAIIS: *SCHULGRAMMATIK* X *REGULAE*

Law (2003, p. 63-65), seguindo a classificação do classicista alemão Karl Barwick, bifurca a tipologia gramatical em dois grupos: *schulgrammatik*, as gramáticas escolares, que são obras predominantemente semânticas, refletindo as necessidades dos falantes nativos de latim; e as *regulae*, gramáticas de regras, que focam mais na morfologia dos termos, voltada para estudantes estrangeiros de latim. Os gramáticos do

primeiro grupo, de conteúdos predominantemente semânticos, elaboravam suas *artes* através de quatro características particulares. São elas: i) uma estrutura rigorosamente hierárquica; ii) uma estrutura sistemática em capítulos; iii) uma organização lógica, refletindo a estrutura racional na qual se supunha estar a língua; e iv) tendência de colocar as categorias semânticas em primeiro plano, enquanto abandonavam as categorias formais num segundo plano, chegando, às vezes, a omiti-las (LAW, 2003, p. 65)

Como ressalta Burghini (2015, p. 32), o propósito dessas gramáticas era apresentar uma introdução às classificações gramaticais que tornavam os falantes conscientes das diversas categorias morfossemânticas de sua própria língua e lhes ensinava um vocabulário técnico com o qual eles poderiam rotular essas categorias de forma metalinguística. Law (2003, p. 67) prossegue, definindo que, neste tipo de gramática, a progressão é sempre da menor unidade para a maior – começando pela letra, depois a sílaba, depois a palavra e assim sucessivamente. Quanto às partes da oração, a autora esclarece não haver um motivo intrínseco que elucide a organização dos seus elementos, isto é, não há uma razão intrínseca para que, na lista das partes da oração, o pronome venha antes do verbo, por exemplo.

Quanto ao outro tipo de gramática, as chamadas *regulae* eram textos que, segundo Law (2003, p. 83), lidavam mais diretamente com a morfologia latina em seu conteúdo. Estas serão mais frequentes por volta dos séculos V e VI, em um tempo que o Império enfrentaria um grande problema envolvendo a educação, já que grande parte de sua área era habitada por pessoas cuja língua materna não era o latim. Ainda assim, os “bárbaros”, isto é, povos que não eram latinos ou gregos, continuavam enviando seus filhos para as escolas, de modo que eles pudessem aprender o latim e, acima de tudo, ser assimilados na cultura dominante. Consêncio²⁷ define o termo *regula* (BURGHINI, 2015, p. 40) da seguinte maneira: “a regra, com efeito, compreende uma grande quantidade de nomes nos mesmos princípios, os quais estão sob a mesma regularidade” (GL 5.353)²⁸. A definição de Consêncio poderia ajudar a elucidar sobre a divisão estrutural das *regulae*, já que estas eram compostas, como reforça Burghini (2015, p.

²⁷ Consêncio é o autor dos tratados gramaticais independentes *Ars Consentii de duabus partibus orationis nomine et uerbo* (GL 5.338-385) e *Ars Consentii de barbarismis et mataplasmis* (GL 5.386-398), este último contendo um apêndice sobre métrica chamado *De scandendis uersibus* (GL 5.398-404).

²⁸ Cf. o original: *regula autem generalitate quadam magnam multitudinem nominum comprehendit, quae sub eandem ratione cadunt.*

33), para estudantes cuja língua materna não era o latim, pois eram destinadas a mostrar como funcionava a analogia da língua, contendo numerosos paradigmas e listas de exemplos – se assemelhando mais, inclusive, a materiais de consulta do que textos escolares concebidos para um estudo sistemático.

Entretanto, Burghini afirma que

naturalmente, nenhuma gramática latina tardia se ajusta exatamente a um destes dois tipos: algumas compilações mais extensas – Carísio, Diomedes, os *Instituta artium* de Ps. Probo, as *Institutiones grammaticae* de Prisciano – recorrem às fontes de ambos, mas, ainda assim, sua estrutura geral permite que sejam encaixadas no primeiro grupo, i. e., obras de tipo “*Schulgrammatik*” expandidas com material do tipo “*regulae*” em alguns pontos (BURGHINI, 2015, p. 33)²⁹.

Dentre os cerca de trinta gramáticos tardios e suas composições que chegaram até nós, o gramático, cuja obra é o foco do nosso trabalho, compõe a lista daqueles cujas obras pertencem parcial ou completamente ao tipo *Schulgrammatik*, a saber, dentre outros, nosso autor, Sacerdote, bem como Donato, Carísio, Probo, Mário Vitorino, Diomedes, Dositeu, Consêncio e Prisciano (LAW, 2003, p. 66)³⁰. Holtz (2010[1981], p. 76) sugere a divisão entre dois tipos de manuais, bifurcados entre os que eram menores e outros mais extensos. A diferença entre eles, contudo, é mais formal, indica o autor, uma vez que os mais extensos têm o propósito de ser mais enciclopédicos, abarcando todos os fatos da língua, em seus mínimos detalhes, enquanto os mais breves, embora didáticos, sejam mais concisos em seu conteúdo.

Além dessa divisão entre os manuais mais breves e aqueles mais extensos, Holtz (2010[1981], p. 77-82) aponta haver também a existência de várias famílias de manuais, elencando cinco delas, e nos relatando que o tratado mais antigo de que temos ciência é o de Mário Plócio Sacerdote, registrado como proveniente do século III. A divisão do autor para a ramificação dos manuais gramaticais se dá da seguinte forma:

- no grupo de Sacerdote está sua própria gramática que *Probus iunior* usou como base para sua *Instituta artium*, também pertencente a este grupo;

²⁹ Cf. o original: *Naturalmente, ninguna gramática latina tardía se ajusta exactamente a uno de estos dos tipos: algunas de las compilaciones más extensas –Carísio, Diomedes, los Instituta artium de Ps. Probo, las Institutiones grammaticae de Prisciano– recurren a las fuentes de ambos pero, aun así, su estructura general permite que sean consideradas en el primer grupo, i. e., obras del tipo “Schulgrammatik” expandidas con material del tipo “regulae” en puntos apropiados.*

³⁰ Para a lista completa com as obras que se encaixam neste tipo de gramática, cf. Law (2003, p. 66). E para a lista dos gramáticos e obras que se encaixam no tipo *regulae*, cf. Law (2003, p. 85).

- o grupo de Cominiano compreende os excertos que foram conservados a partir da compilação feita por Carísio, além de alguns trechos anônimos que foram tratados em Carísio e Diomedes;
- o grupo de Carísio se baseia na gramática escolar que seu mestre compilou, sendo esta uma das obras gramaticais mais populares nos períodos finais da Antiguidade. Encontram-se nesse grupo as obras de Carísio, Diomedes, Dositeu, bem como os *Excerpta Bobiensia* de Mário Vitorino, autor das *Explanationes*;
- o grupo dos gramáticos Mário Vitorino e *Audax*;
- e, por fim, um grupo em que se reúnem três gramáticos, a saber Donato, Diomedes e Consêncio – incluído nesse grupo estão alguns comentários de Donato.

1.4 *MARIVS PLOTIVS SACERDOS* NA TRADIÇÃO GRAMATICAL LATINA

Situado no século III, Mário Plócio Sacerdote (*Marius Plotius Sacerdos*) foi um gramático e professor em Roma. Pouco se sabe sobre sua vida pessoal, salvo uma ou outra informação, cujo registro advém do próprio autor em sua obra. Sua *ars grammatica* é registrada como a primeira *ars* latina remanescente (HOLTZ, 2010[1981], p. 77; HOVDHAUGEN, 1995, p. 115), embora o título de primeiro gramático romano esteja sob o nome de *Quintus Remmius Palaemon*, como tratamos anteriormente. Decidimos, por este motivo, incluir no título de nosso trabalho “a primeira gramática latina” para nos referirmos à obra de Sacerdote – que, embora não tenha sido, com efeito, a primeira *ars grammatica* escrita em latim, é a primeira que nos chegou, quase que conservada em sua integridade, subsistindo com o passar dos séculos³¹. A obra está dividida em três livros: o primeiro é dedicado às partes da oração (*partes orationis*), tratando, em seguida, dos vícios e virtudes da escrita (*uitia uirtutesque*); o segundo livro é sobre as regras gerais dos nomes e dos verbos (*de catholicis nominum atque uerborum*), que lida com as terminações dos nomes e dos

³¹ Ainda que não seja parte do escopo de nossa dissertação, é notório que James Zetzel (2018) traz em sua obra *Critics, compilers and commentators* alguns autores, como *Terentius Scaurus*, *Aemilius Asper*, *Flavius Caper* e *Terentianus Maurus*, pertencentes ao século II, cujas *artes grammaticae* (que, na sua maioria, só nos restam alguns fragmentos citados por outros gramáticos) preenchem a lacuna existente entre Quintiliano (século I) e Sacerdote (século III).

verbos latinos – seguindo, primeiro, uma ordem alfabética para, então, tratar das sílabas com que as palavras terminam; o terceiro e último livro é dedicado ao estudo da métrica (*de metris*).

Os dois primeiros livros da *Ars grammatica* atribuída a Sacerdote chegaram até nós em um único manuscrito (*Biblioteca Nazionale di Napoli, lat. 2*), como nos relata Law (1987, p. 25). O manuscrito com o texto pertencente ao terceiro livro foi transmitido em um documento diferente, gerando, dessa forma, uma discussão sobre a autoria da obra como um todo: o texto editado por Eichenfeld & Endlicher (1837) traz os dois livros encontrados no primeiro manuscrito sob o nome de *Marius Claudius Sacerdos*. Algumas décadas mais tarde, a edição de Keil (1874) trazia, adicionado a estes dois, o terceiro livro, transmitido em outro manuscrito e intitulado *de metris*, sob a autoria de *Marius Plotius Sacerdos* – ainda que a edição crítica proposta por Keil sinalizasse, juntamente com o nome de Mário Plócio nos dois primeiros livros, também o de Mário Cláudio como autor – *MARII PLOTII [M. CLAVDII] SACERDOTIS*.

Essa dubiedade em relação à autoria da obra se fortaleceu ao longo do tempo, uma vez que, durante sua transmissão, a obra de Sacerdote sobreviveu aos séculos e as condições às quais os manuscritos estavam expostos, ainda que não tenha chegado até nós inteiramente. Harris & Taylor (1997[1989], p. 51) tratam de alguns tópicos específicos sobre a transmissão de textos antigos ao abordarem a composição homérica, como a questão da autenticidade do texto, dos erros que os copistas produziam, bem como das alterações e aperfeiçoamentos que os editores adicionavam às obras, tornando difícil estabelecer qual texto seria genuíno e qual deles estaria adulterado. A dicotomia *Marius Plotius* e *Marius Claudius* poderia ser resultado de qualquer um destes elementos, entretanto, o que temos é a escassez de documentação comprobatória para tais questões.

Sendo assim, não possuímos registros da parte inicial do primeiro livro, em que Sacerdote descreveria as letras, as sílabas, as palavras e as orações e trataria do nome (*nomen*) e do pronome (*praenomen*) como as primeiras partes da oração. Com base na própria obra, estima-se que o primeiro livro se encontre amplamente fragmentado – uma vez que, no trecho que possuímos, o autor já está finalizando um tópico que parece reunir dados sobre a classe do nome e do pronome, fazendo uma distinção entre os ablativos singulares (de acordo com suas terminações em vogais *a, e, i, o, u*) e sua

relação com os genitivos, dativos e ablativos plurais – nos impedindo de saber como Sacerdote havia iniciado sua *ars*. Ao nos impossibilitar a leitura da parte inicial da obra, a segmentação do texto nos encaminha de volta à discussão acerca de sua autoria, uma vez que a introdução dedicatória do primeiro livro poderia nos revelar se o primeiro livro do que julgamos ser a *Ars grammatica* de Mario Plócio havia sido realmente escrito para Gaiano, filho do senador Urânio, como Plócio Sacerdote aponta ter sido feito no prólogo do seu terceiro livro:

Eu, Mário Plócio Sacerdote, professor em Roma, compus sobre métrica. Quando eu tratei sobre os preceitos da arte gramática no primeiro livro, o ilustríssimo senhor Urânio tomou conhecimento sobre ele. Este não se desagradou, seja porque a obra não tinha sido composta inapropriadamente, seja porque tivesse sido escrita para o seu filho, o ilustríssimo senhor Gaiano, meu colega de quase mesma idade e ligado a mim pelos estudos. Urânio compeliu, além disso, que eu me ocupasse brevemente sobre a regularidade dos nomes e dos verbos e também descrevesse suas composições estruturais. A vontade de tão eminente homem ponderamos, de boa vontade e a acatamos, de modo ampliado, num segundo livro (GL 6.496)³²

Na breve dedicatória que o autor faz no terceiro livro de sua obra, podemos perceber que Mário Plócio Sacerdote, um professor de Roma, havia escrito sobre os preceitos da arte gramática (*de institutis artis grammaticae*) no primeiro livro e que o havia dedicado ao seu amigo (*contubernalis*) Gaiano, filho de um ilustríssimo senhor (*uir clarissimus*) chamado Urânio. Conseqüentemente, Sacerdote afirma que Urânio o havia compelido a se ocupar de tratar da regularidade dos nomes e dos verbos e suas composições estruturais (*de ratione nominum uerborumque et de compositionibus structurarum*), pedido acatado pelo *grammaticus*, que escreveu um segundo livro para tratar do assunto solicitado por Urânio.

Ainda que a introdução do primeiro livro não tenha chegado até nós – o que nos impossibilita, de fato, de ter certeza sobre a autoria do texto –, temos como evidência para a hipótese de que a obra seria de autoria de Mario Plócio Sacerdote as linhas finais com que o autor encerra seu primeiro livro, quando diz que “até este ponto compusemos os preceitos das artes gramaticais. Falaremos mais tarde, porém, sobre as

³²Cf. texto original: *Marius Plotius Sacerds composui Romae docens de metris. cum de institutis artis grammaticae primo libro me tractauisse comperisset uir clarissimus Vranius, nec ei displicuisset, uel quod non absurde compositus, uel quod ad eius filium uirum clarissimum mihi contubernalem et aetate paene studiisque coniunctum Gaianum scriptus esset, compulit ut etiam de nominum uerborumque ratione nec non etiam de structurarum compositionibus exprimendis breuiter laborarem. cuius praestantissimi uiri iussionibus libens arbitror libro secundo nos explicabiliter oboedissee.*

regras gerais dos nomes e dos verbos.” (GL 6.470)³³. O segundo livro da obra – indicado por Eichenfeld & Endlicher como de autoria de Mário Cláudio, e, por Keil como pertencente também a Mário Plócio, embora o nome de Cláudio esteja indicado à autoria – traz pontualmente um apanhado das estruturas gerais dos nomes e dos verbos, apontando suas terminações e regularidades. Segundo Law (1987, p. 26) há certa dificuldade em se rastrear citações atribuídas a Mário Cláudio, uma vez que as passagens relacionadas a ele são, geralmente, acerca do *nomen*, porém a parte da obra que cobre a discussão sobre os nomes foi perdida, complicando o rastreamento de exemplos dados por Mário Cláudio, que poderiam ser confrontados com as partes da obra que estamos destacando.

Sacerdote também faz referência à composição de seu terceiro livro, no qual ele lida com a metrificação, e quais fatores contribuíram para tal:

agora, aqui num terceiro, ou mais recente, livro das artes, eu, que tive a confiança daquele mesmo grande homem [Urânio], resolvi compor brevemente para vós, importantíssimos senhores, Máximo, dotado de esplendor e notoriedade e Simplicio, digno de elogio e todo louvor [...], uma vez que são dignos de dar a ordem e me avaliaram como capaz de tratar também sobre métrica (GL 6.496-497)³⁴

Os excertos acima, referenciados pelo próprio autor como processo de composição da sua obra, trazem indícios das relações sociais que cercavam os gramáticos. Kaster (1997, p. 210) descreve a própria obra como uma forma de relação social, visto que ela funciona como um símbolo ou presente que estreita os laços entre quem dedica a obra (nesse caso, Sacerdote dedicando o primeiro livro) e quem a recebe (Gaiano). O pai de Gaiano, o “ilustríssimo senhor” Urânio (*uir clarissimus*) teve conhecimento da obra e se agradou com ela, conforme ressalta Sacerdote, seja porque foi escrita dentro do que se propôs, isto é, não foi escrita inapropriadamente, seja porque foi dedicada ao seu filho. O título de *clarissimus* (λαμπρότατος), segundo Kaster (1997, p. 109), era atribuído a membros das classes mais baixas da ordem senatorial. Assim, a amizade de Sacerdote com Gaiano foi decisiva para que o gramático pudesse demonstrar suas habilidades como um escritor de *ars grammatica* – o que lhe rendeu o pedido de composição do segundo livro.

³³Cf. texto original: *huc usque artium grammaticarum fecimus instituta. de catholicis uero nominum atque uerborum latius exponemus.*

³⁴Cf. texto original: *nunc in hoc siue tertio siue nouissimo artium libro, ab eodem summo uiro commendatus uobis uiris amplissimis, nobilitatis splendore praedito Maximo et omni laude praedicabili Simplicio [...], quoniam iubere dignati estis, me posse etiam de metris tractare iudicastis, breuiter esse componendum decreui.*

Em seguida, Sacerdos cita outros dois *uiri amplissimi*, homens também de ordem senatorial, quais sejam, “Máximo, dotado de esplendor e notoriedade e Simplício, digno de elogio e todo louvor”. Ambos teriam julgado, através do conhecimento das obras de Sacerdote, que ele estava apto a escrever sobre métrica e, destarte, teriam solicitado a ele que escrevesse um livro sobre tal assunto. Kaster (1997, p. 210) relata que estudos sobre a patronagem e cargos públicos enfatizaram a importância atrelada às qualidades pessoais no que poderíamos chamar de cartas de recomendação e notou-se certo peso dado ao caráter quando se tratava de nomeações e promoções de cargos. Desse modo, poderíamos dizer que, no caso de Sacerdote, sua amizade com Gaiano o teria levado a desenvolver uma série de relações que permitiram o *grammaticus* aumentar seu número de patronos – através do que poderíamos equivaler às “cartas de recomendação”.

Dedicando o primeiro livro a seu amigo Gaiano, Sacerdote teria ganhado, através do pai de seu amigo, o ilustríssimo Urânio, o reconhecimento de outros senhores ilustríssimos da ordem senatorial romana, lhe ocasionando a possibilidade de demonstrar sua competência como escritor de uma *ars grammatica*, dividida em três livros distintos, que sobreviveu por pouco mais de dezoito séculos até os tempos hodiernos, praticamente conservada – nos permitindo adentrar e explorar a tradição gramatical do século III a partir do seu ponto de vista.

Discutida a composição da obra e as questões sociais que a envolveram, devemos nos atentar para dois fatos, a saber: i) que há determinada congruência entre a dedicatória que foi apresentada no terceiro livro (*de metris*) e o restante da composição gramatical de Sacerdote – ainda que, como supracitado, não tenhamos comprovação de uma dedicatória do primeiro livro que nos respalde certeza à autoria de Mario Plócio; e ii) de que sua estrutura não segue, rigorosamente, a ordem das partes da oração, apresentada como canônica, a partir da τέχνη de Dionísio, a saber: nome, verbo, particípio, artigo, pronome, preposição, advérbio e conjunção³⁵, ressaltando que nas gramáticas latinas, a interjeição substitui o artigo grego, como já citado anteriormente.

Assim sendo, podemos esquematizar a obra de Sacerdote e sua divisão como apontam as tabelas abaixo:

³⁵ Segundo Harris & Taylor (1997[1989], p. 49) afirmam, há a dúvida sobre esta gramática ter sido ou escrita por Dionísio, contudo, se tornou tradicional o uso de seu nome para se referir à obra, que foi bem conhecida na Antiguidade.

Tabela 1 – primeiro livro da *ars Sacerdotis*

<i>LIBER PRIMVS (partes orationis; uitia uirtutesque)</i> (KEIL, GL 6, p. 427 – 470; EICHENFELD & ENDLICHER, AG, p. 1-46)
<p>-----</p> <p><i>de praepositione</i> (da preposição); <i>de uerbo</i> (do verbo); <i>de coniugationibus</i> (das conjugações); <i>de declinatione</i> (da declinação); <i>de aduerbio</i> (do advérbio); <i>de participio</i> (do participípio); <i>de coniunctione</i> (da conjunção); <i>de interiectione</i> (da interjeição); <i>de septimo casu</i> (do sétimo caso); <i>de soloecismo</i> (do solecismo); <i>de barbarismo</i> (do barbarismo); <i>de metaplasms uel figuris</i> (dos metaplasmos ou figuras); <i>de ceteris uitiiis</i> (dos demais vícios); <i>de schematibus</i> (das figuras retóricas); <i>de tropis</i> (dos tropos).</p>

Tabela 2 - segundo livro da *ars Sacerdotis*

<i>LIBER SECVNDVS (de catholicis nominum atque uerborum)</i> (KEIL, GL 6, p. 471 – 495; EICHENFELD & ENDLICHER, AG, p. 48-74)
<p><i>de nomine</i> (do nome); <i>de uerbo</i> (do verbo).</p>

Tabela 3 - terceiro livro da *ars Sacerdotis*

<i>LIBER TERTIVS (de metris)</i> (KEIL, GL 6.496–546)
<p><i>de pedibus</i> (dos pés); <i>de metris</i> (des metros); <i>de dactylico metro</i> (do metro dactílico); <i>de iambico metro et eius speciebus XXIII</i> (do metro iâmbico e suas 23 espécies); <i>de metro trochaico et eius speciebus XI</i> (do metro trocaico e suas 11 espécies); <i>de metro anapaestico et eius speciebus XIII</i> (do metro anapéstico e suas 13 espécies); <i>de choriambico metro et eius speciebus XVI</i> (do metro choriâmbico e suas 16 espécies); <i>de antispastico metro et eius speciebus X</i> (do metro antispástico e suas 10 espécies); <i>de ionico metro et eius speciebus X</i> (do metro jônico e suas 10 espécies); <i>de paeonico metro et eius speciebus quattuor</i> (do metro peônico e suas quatro espécies); <i>de metris compositis</i> (das composições dos metros); <i>de asynartetis metris</i> (dos metros asinartetos).</p>

A utilização dos hífen na tabela 1 indica a lacuna no início do primeiro livro, que, de acordo com a estrutura das gramáticas, julgamos ser a parte perdida da obra referente, em primeiro lugar, à explicação das letras e seus sons, das sílabas e das palavras – como era costume se fazer no início das gramáticas. Em seguida, o autor trataria do nome do pronome (que são as duas únicas partes da oração que faltam na *ars Sacerdotis*) e suas respectivas morfologias, como indicado pelo trecho remanescente, antes de o autor tratar das preposições, com efeito, ele faz uma relação entre a terminação do ablativo singular dos nomes e dos pronomes (seguindo a ordem vocálica *a e i o u*) com as terminações de genitivo, dativo e ablativo plural.

Ao compararmos a estruturação da *ars* de Sacerdote com a de Donato, por exemplo, gramático romano do século IV da nossa era, cuja obra foi considerada referencial do modelo artigráfico latino, percebemos uma pequena particularidade na obra de Sacerdote (salvo o fato de não termos registrado o início de seu primeiro livro): o nosso autor antecede a discussão sobre as preposições, antepondo-a ao verbo, enquanto Donato, em sua *Ars minor* (GL 4.355–366) e na sua *Ars maior* (GL 4.373–402) situa a preposição antes da interjeição. Esta especificidade pode ter relação com a estrutura mnemônica da doutrina gramatical antiga, sobre a qual pretendemos falar mais amplamente, no segundo capítulo, quando formos, de fato, tratar dos pormenores da estrutura da obra. Em relação ao livro II, *de catholicis nominum atque uerborum*, há diversos comentários sobre a semelhança literal da obra de Sacerdote com um tratado amplamente atribuído ao gramático Probo (*Marcus Valerius Probus*) um autor romano inicialmente conhecido pelo *Appendix Probi* – uma lista de vocábulos em que se trata sobre a ortografia das palavras, comparando as formas ditas corretas e as errôneas de se pronunciar uma palavra –, mas cuja autenticidade foi questionada e desmentida. Logo, há uma versão do texto praticamente idêntica ao segundo livro de Sacerdote que foi transmitida sob a autoria de Probo, com o título de *Catholica* (GL 4. 6–43).

Após aplicarmos a metodologia hermenêutica, como apresentada por Swiggers (2012, p. 42) para traçar uma compreensão do texto fonte e relacioná-lo com a tradição em que ele se insere, pretendemos discutir, em seguida, a questão da estrutura da obra de Sacerdote, demonstrando as partes que a compõem e detalhando os pormenores, bem como expor quais são as características que gramáticos posteriores a ele, possivelmente, absorveram, uma vez que, fazendo parte de uma tradição, é comum que autores se

inspirem nas obras anteriores para comporem as suas próprias *artes*³⁶. A obra de Sacerdote é, desse modo, a primeira gramática latina de que temos conhecimento a atravessar o *continuum* espaço-tempo e trataremos de quais são as idiossincrasias que pertencem ao nosso autor, ressaltando a ideia de que a tradição gramatical latina não era homogênea, como se poderia pensar de alguma forma.

³⁶ Precisamos ressaltar que é durante o século IV que temos a manifestação de um sistema gramatical mais influenciável. Law (1987, p. 13) diz ser no século IV que fica mais evidente o tipo de ensino gramatical que era recorrente em Roma, bem como a dependência mútua entre os gramáticos – isto é, devido ao fato de as adaptações sobre as classificações e terminologias gregas estarem quase completas, os textos gramaticais eram passados de professor para professor, ficando a critério deles extrair somente o que achava mais útil aos seus ensinamentos. Guerreira (1997, p. 783), com efeito, nos lembra que a tradição à qual pertenciam os gramáticos unia o ensino da gramática à prática dos comentários, ou seja, os *grammatici*, além de lidar diretamente com a educação de seu tempo, também exerciam o ofício de comentaristas. Desta forma, supõe-se que o trabalho exercido pelo gramático influenciava na transmissão dos textos escolhidos para serem utilizados em sala de aula, bem como aqueles que serviriam de conteúdo para os comentários (CANTÓ, 1997, p. 750)

2 SACERDOTIS ARS GRAMMATICA

Após criar um clima de opinião, seguindo o princípio da contextualização, proposto por Koerner (1995, p. 13), neste segundo capítulo de nosso estudo, prosseguiremos com os fundamentos estabelecidos por este autor, tendo como base agora o princípio da imanência, que este descreve como meio de solução para o uso inadequado da linguagem técnica moderna aplicada aos textos antigos, cujo propósito é tentar estabelecer uma melhor compreensão dos documentos antigos, sendo ela histórica, crítica ou filológica. Para tal, nos ateremos à gramática de Sacerdote e a detalharemos, esclarecendo como se dá a arquitetura de suas divisões em tópicos gramaticais (e confrontaremos quando achar necessário com outros gramáticos) e demonstraremos as particularidades apresentadas por ele, traçando comentários pertinentes a ilustrar o conteúdo em questão.

Para realizarmos o nosso estudo, tivemos acesso a duas edições críticas do texto, como supracitado. Usamos como base a edição crítica editada por Heirich Keil (1874) para efetuar a tradução da *ars* de Sacerdote – exceto quando indicado que preferimos seguir a edição de Eichenfeld & Endlicher. Logo, destacamos, neste segundo capítulo de nossa dissertação, a aplicação da metodologia heurística apontada por Swiggers (2012, p. 42), a qual se vale de edições críticas e traduções das obras com o intuito de estudar a história destes textos e sua difusão no decorrer do tempo.

Law (1996, p. 38) discute a importância das gramáticas que chegaram até nós, afirmando que o fato de estas terem sido transmitidas através do tempo seria uma resposta para o indício de que tais obras fossem consideradas apropriadas às necessidades dos estudantes – o que resultaria nas cópias do texto e, desse modo, sua transmissão. Retomando ao que nos disse Cantó (1997, p. 741), o gramático era o profissional da educação que se encarregava da segunda parte do ensino, antecedendo os ensinamentos dos rétores. Assim, consideramos, em consonância com Law (1997, p.38), que a gramática era um texto designado para funcionar dentro de contextos particulares – em conjunção com um ou mais tipos de metodologia –, podendo ser entendida, por vezes, como um material introdutório para o estudo da retórica.

2.1 A PRIMEIRA GRAMÁTICA REMANESCENTE DA TRADIÇÃO LATINA

De acordo com o que nos diz Kaster (1997, p. 205), os gramáticos eram fundamentalmente homens de *ratio* e *memoria*, o que poderia ser compreendido pelo fato de eles tentarem seguir certa regularidade estrutural apresentada em suas gramáticas de acordo com a ordem dos elementos a serem estudados e, ao mesmo tempo, precisassem memorizar tais componentes, uma vez que as gramáticas antigas não eram contempladas com um índice, como os livros de hoje. Law (2003, p. 70) indaga sobre a organização das partes da oração, e afirma que a ordenação dessas gramáticas e seus conteúdos eram vitais em um tempo que não havia índice para se encontrar o conteúdo pretendido, ao pesquisar um papiro. Assim, a ordenação das estruturas que compunham uma *ars grammatica* e a habilidade de memorização, seja dos estudantes ou dos próprios autores, pareciam andar sempre lado a lado. Law, em outra obra sua (1996, p. 41), traz à luz a questão de o único meio acessível de conhecimento intelectual ser mediado pela lógica – isto é, os manuais gramaticais, por sua vez, também seguiam uma estrutura baseada na lógica, desfrutando de ferramentas como as definições e as divisões (como o caso de *genus* e *species*, por exemplo) para alcançar uma estrutura hierárquica, com cada elemento no seu lugar.

Desta forma, se todas as gramáticas seguissem um mesmo raciocínio lógico, como a ordenação das partes da oração que, no mais das vezes, seguia uma mesma distribuição formal, os meios de acesso aos conteúdos se tornariam mais práticos, além de auxiliar no treinamento da memorização daqueles que se tornariam, no futuro, rétores – sendo a memória uma parte central no treinamento destes estudantes³⁷ (LAW, 1996, p. 38). Não é raro vermos citações de autores literários com algumas diferenças em relação ao texto considerado original. Tais equívocos podem ter sido cometidos por engano da memória do autor da gramática, havendo a possibilidade, todavia, de ser também um desvio cometido pelos copistas durante a difusão da obra. Sacerdote (GL 6.448) exemplifica a sinalefa com o trecho virgiliano *rursus in secessu longo sub rupe cauata*³⁸, quando se deveria ler *rursum*, indicando que houve aqui uma falha de memória ao transcrever o verso. Outro exemplo são os trechos abreviados, apresentados

³⁷ O autor de *Ad Herenium* nos informa (I, 3), que é importante que se possua cinco características para ser um bom rétor, quais sejam a invenção, a disposição, a elocução, a memória e a pronúncia.

³⁸ *Aen.* 3, 229: outra vez, em um lugar profundo, cavada sob uma rocha.

nas citações, como quando Sacerdote usa Virgílio novamente para explicar a ironia (GL 6.461), em *egregiam uero laudem et spolia ampla refertis tuque p. m. m. n.*³⁹, quando, no texto fonte, lê-se (...) *tuque puerque magnum e memorabile numen* – abrindo margem para a indagação de ser isto uma afirmação de uma boa memória, por parte dos gramáticos e aqueles que usam os manuais (por eles já conhecerem os trechos citados) ou, novamente, divergências na transmissão dos documentos.

Se detalharmos o primeiro livro de sua *ars grammatica*, o qual é nosso foco neste trabalho, percebemos que a disposição das partes da oração de Sacerdote não apresenta a ordem que viria a ser considerada como canônica nos séculos seguintes. Segundo Law (1996, p. 50), a aparente desordem que as gramáticas antigas apresentam pode ser resultado de uma tentativa de se criar ordem, acrescentando aspectos linguísticos predominantemente formais, como por exemplo, as composições lexicais (que poderiam ser simples ou compostas) e as listas de conjugações, em um sistema com estrutura designada para aspectos semânticos – sendo complexo para se adequar todos os conteúdos em uma mesma *ars*. Vale ressaltar que a gramática de Sacerdote se encaixaria no grupo dos manuais de conteúdos predominantemente semânticos, assim como os de Donato e Carísio⁴⁰, por exemplo. Isto é, faz parte daqueles manuais cuja progressão de conteúdo sempre vai da menor unidade linguística para a maior e oferece ao seu leitor uma introdução às classificações gramaticais e ao vocabulário técnico que possibilitaria um falante nativo distinguir tais categorias linguísticas de forma metalinguística (BURGHINI, 2015, p. 65; LAW, 2003, p. 63-65).

De acordo com Holtz (2010[1981], p. 82), que colocou Sacerdote e Probo *iunior* no mesmo grupo em sua divisão de famílias gramaticais, são os capítulos que tratam dos nomes e dos pronomes que apresentam a maior diversidade de um gramático ou grupo de gramáticos para outro. Assim, ainda que não tenhamos o trecho da obra em que Sacerdote iria apresentar as partes referentes às classes de palavras citadas por Holtz – uma vez que este se perdeu durante sua transmissão –, pode-se depreender pelo breve excerto restante que Sacerdote tratou desse assunto antes de iniciar o tópico específico para falar das preposições.

³⁹ *Aen.* 4, 93: carregas um louvor egrégio e amplos despojos tu e teu filho, poder grande e memorável.

⁴⁰ Todas as traduções feitas das obras de Donato e Carísio, bem como de outros gramáticos, são nossas. Exceto quando dito o contrário.

No breve trecho remanescente em que Sacerdote trata das duas primeiras partes da oração, quais sejam o nome e o pronome, temos um apanhado de correlações entre a terminação do ablativo singular de palavras latinas com suas desinências de genitivo, dativo e ablativo plurais. Tal relação estabelecida por Sacerdote (GL 6.427-428) entre o ablativo singular e os outros três casos do plural é apresentada na tabela 4 a seguir. Assim, poder-se-ia supor que a tradição, que já aparecia em Varrão, de se concatenar o ablativo singular à regularidade das diferentes declinações ainda estava presente nas gramáticas sucessoras. Donato (GL 4.378-379) também faz a relação entre os casos, como exercida por Sacerdote, porém demonstrando apenas as formas dos nomes – isto é, não incluindo os pronomes e os participios – depois de afirmar que “os gregos não possuem o ablativo. Assim alguns os chamam de caso latino e outros de sexto caso⁴¹”.

Tabela 4 - correlação entre as desinências dos casos latino

<i>Ablativo singular</i>	<i>Desinências produzidas</i>
Particípio em <i>-e</i> breve	Genitivo plural em <i>-um</i> Dativo e ablativo plural em <i>-bus</i>
Particípio em <i>-e</i> longo	Genitivo plural em <i>-rum</i> ou <i>-um</i> Dativo e ablativo plural em <i>-bus</i>
Pronomes em <i>-e</i> longo	Genitivo plural em <i>-rum</i> Dativo e ablativo plural em <i>-is</i>
Palavras ⁴² terminadas em <i>-i</i>	Genitivo plural em <i>-um</i> Dativo e ablativo plural em <i>-bus</i>
Palavras terminadas em <i>-o</i>	Genitivo plural em <i>-rum</i> Dativo e ablativo plural em <i>-is</i>
Nomes terminados em <i>-u</i> ⁴³	Genitivo plural em <i>-um</i> Dativo e ablativo plural em <i>-bus</i>

Contrastando, todavia, aos exemplos de Sacerdote, Pompeio, em sua gramática (GL 5.190), declara “se, no entanto, o ablativo terminar em *-e* longo, o genitivo plural se faz em *-rum*, o dativo e o ablativo em *-bus*, como *ad hac die, dierum, diebus*. Não sigam aquilo que disse Sacerdote⁴⁴”. Pompeio não explica se tal fenômeno pode ser ou não aplicado a certos pronomes ou aos participios e não sabemos, também, se o trecho em questão se refere a este excerto específico de Sacerdote, porém pode vir a indicar que,

⁴¹ Donato (GL 4.377). Cf. o original: *ablatiuum Graeci non habent: hunc quidam Latinum, non nulli sextum casum appellat.*

⁴² O termo “palavras” engloba os nomes, pronomes e participios. Por ter seu referente sempre no neutro plural no texto latino, acredita-se que seja *uerbum*, *-i* o termo referido.

⁴³ Sacerdote, todavia, diz não ser encontrado o ablativo singular terminado em *-u* nos pronomes e nos participios.

⁴⁴ Cf. o original: *si autem e producto terminatur ablatiuus, genitiuus pluralis in -rum mittit, datiuus et ablatiuus in -bus, ut ab hac die, dierum, diebus, noli sequi illud quod dixit Sacerdos.*

mesmo entre os escritores das *artes*, havia discordância entre as regras esclarecidas quanto às formas nominais – variações que ocorriam entre os autores.

Varrão (*LL.* 10, 62) indica a importância do caso ablativo entre as declinações, dizendo que para se declinar um nome latino é conveniente que se inicie (*initium facere oportebit*) pelo ablativo singular, por este ser um caso próprio dos latinos (*qui est proprius Latinus*) e por suas desinências serem diferentes em cada um dos grupos declinatórios, a saber: *a* como em, *hac terra*, ou em *e* como em *hac lance*, ou em *i* como *hac leui*, ou em *o* como em *hoc caelo* ou em *u* como em *hoc uersu*. Taylor (1991, p. 96) diz que, através do tempo, o papel do ablativo de determinar as classes às quais os nomes pertenciam foi formalmente tomado pelo genitivo. Tal fato pode ser observado na gramática de Carísio (GL 1.21), por exemplo, quando ele diz que “os nominativos da segunda declinação são aqueles cujo genitivo se faz em *-i*⁴⁵”, seguindo com as terminações para os nomes masculinos, femininos e neutros. Em Carísio, o paradigma das declinações já repousa sobre as diferenças entre os genitivos singulares das palavras⁴⁶. Dessa forma, o trecho de Sacerdote serve para ilustrar que este lado da história das declinações – que aparece nas gramáticas desde os tempos de Varrão – permaneceu ainda por alguns séculos entre os gramáticos até que o ablativo singular deu lugar ao genitivo para estabelecer as relações entre as declinações.

Como já foi ressaltado anteriormente, não temos posse de certa parte inicial da gramática de Sacerdote. Todavia, podemos observar, de acordo com a tabela 5, apresentada abaixo, a esquematização das partes da oração de acordo com sua obra e a confrontar com a de outros dois autores, a saber Donato e Carísio. Nas gramáticas de Donato⁴⁷ e Carísio⁴⁸, as únicas posições trocadas são as do advérbio e do participípio,

⁴⁵ Cf o original: *secundae declinationis nominatiui sunt hi quorum genetiuius i facit.*

⁴⁶ A primeira declinação comporta nomes que possuem o genitivo singular em *-ae*; a segunda, em *-i*; a terceiras, em *-is*; a quarta, em *-us*; e a quinta declinação, em *-ei*.

⁴⁷ Élio Donato (*Aelius Donatus*) foi, conforme Law (1987, p. 14-15), o mais conhecido de todos os gramáticos romanos durante a idade média, que escreveu comentários sobre as obras de Terêncio e Virgílio, bem como duas gramáticas, a saber, *Ars Minor* (GL 4.355-366) e *Ars Maior* (GL 4.367-402), que serviram como modelo para as obras de diversos outros autores. De acordo com Guerreira (1997, p. 785), a obra donatiana é o ideal da gramática latina por possuir duas partes diferenciadas: uma parte mais exegética, que cobria a explicação dos autores e uma holística, que tratava das definições mais gramaticais, isto é, o estudo das partes da oração e o dos vícios e virtudes do discurso em língua latina.

⁴⁸ Carísio (*Flavius Sospater Charisius*), um *magister Vrbis*, como o próprio autor indica no prefácio à sua obra, é um gramático conhecido por sua gramática, que é um exemplo particular entre os tratados gramaticais que chegaram até nós: sua *ars grammatica* (GL 1.1-296) se trata de uma compilação dos materiais gramaticais que circulavam no decorrer do século IV. Guerreira (1997, p. 786) sugere que a compilação dos tratados gramaticais presentes na obra de Carísio teria uma alta probabilidade de ter sido

ainda que não seja uma mudança muito drástica na ordenação dos tópicos. De acordo com a tabela abaixo, a maior mudança entre a disposição das classes de palavras tratadas nas três gramáticas está na posição adiantada da preposição na obra de Sacerdote. A explicação para essa mudança pode residir no fato de que estruturas semânticas que se completem façam mais sentido para os estudantes quando apresentadas em conjunto. Sacerdote (GL 6.428) apresenta a definição semântica da preposição como sendo a parte da oração que tem seu valor quando colocada diante do caso que ela rege, tendo ciência de que as preposições latinas regem somente dois casos, a saber, acusativo e ablativo. A escolha de adiantar o tópico para a discussão da preposição pode ser explicada pela estrutura mnemônica da qual Law (1996, p. 38) tratou nas páginas de seu artigo, lembrando da importância da memorização para se adquirir os conteúdos trabalhados. Assim, disponibilizar o estudo da preposição em conjunto com os nomes e os pronomes – classes que, geralmente, aparecem unidas à ela – parece ser um recurso produtivo para o aprendizado e memorização dos alunos.

Tabela 5 - comparação entre a ordenação das partes da oração

Sacerdote (GL 6.427-470)	Donato (GL 4.373-392)	Carísio (GL 1.152-242)
-----	Do nome	Do nome
-----	Do pronome	Do pronome
Da preposição	Do verbo	Do verbo
Do verbo	Do advérbio	Do particípio
Do advérbio	Do particípio	Do advérbio
Do particípio	Da conjunção	Da conjunção
Da conjunção	Da preposição	Da preposição
Da interjeição	Da interjeição	Da interjeição

Assim, a associação da preposição com as partes da oração às quais ela, geralmente, aparece relacionada em uma sentença poderia facilitar a explicação do conteúdo pelo professor e sua assimilação pelos alunos. Assim como acontece quando se explica os advérbios, elencados logo após aos verbos, já que Sacerdote (GL 6.442) descreve o advérbio como “uma parte da oração, adicionada aos verbos, com a qual completamos o significado destes”⁴⁹. Dessa maneira, na obra de Sacerdote, a proximidade entre classes gramaticais que se relacionam poderia ser um fator auxiliar

iniciada pelo mestre do autor, uma geração antes dele – que dá o caráter à obra de ser o manual mais completo da época.

⁴⁹ Cf. original: *aduerbium est pars orationis, quam uerbis adiciendo eorum significationem complemus.*

na compreensão e memorização dos tópicos, ainda que a ordem apresentada por Donato no século seguinte fosse a mais conhecida e seguida entre os gramáticos posteriores.

Law (1996, p. 44), ao tratar da ordenação estrutural das gramáticas salienta que a ordem alfabética para tratar dos tópicos gramaticais não era muito presente nos manuais do tipo *Schulgrammatik*, sinalizando que alguns autores a utilizam somente ao elencar as preposições, como é o caso de Donato, Dositeu e Agostinho. Todavia, se conferirmos na *Ars Maior* donatiana (GL 4.390), perceberemos que embora haja uma ordem alfabética para tratar das preposições, ela não é seguida rigorosamente. No caso de Sacerdote (GL 6.429), a ordem alfabética também não é seguida à risca, salvo quanto à letra inicial das palavras, ainda que quando ele trata das cinco preposições que antecedem ambos os casos, ou seja, *in*, *sub*, *subter*, *super*, *clam*, esta última esteja posicionada fora da ordem alfabética – o que nos leva a pensar se teria sido acrescentada posteriormente ou pelo próprio autor ou por um copista.

2.1.1 Do verbo

O próximo tópico na obra de Sacerdote é destinado a um estudo mais extenso acerca dos verbos, o qual podemos distribuir em três partes: a primeira delas compreende o estudo formal, em que Sacerdote trata das suas propriedades; na segunda, o autor trata das conjugações, apontando a existência de quatro modelos que se diferenciam em determinados pontos; e, por último, o gramático discute os paradigmas conjugacionais que encobrem as quatro conjugações verbais.

No estudo formal dos verbos (GL 6.429-433), Sacerdote atribui a esta classe gramatical nove propriedades⁵⁰, a saber: forma, qualidade, categoria (que alguns chamam de disposição, espécie ou significação), figura, número, modo, tempo, pessoa e conjugação. Cada uma destas propriedades se subdivide em outras, como se vê na tabela 6, abaixo.

⁵⁰ Sacerdote divide o verbo nestas nove propriedades, enquanto Donato (GL 4.381) apresenta sete propriedades para o verbo, a saber, qualidade, conjugação, classe, número, figura, tempo e pessoa; e Carísio (GL 1.164), por sua vez, apresenta os oito que se seguem: qualidade, classe, figura, número, modo, tempo, pessoa e conjugação.

A princípio, Sacerdote distingue a forma dos verbos entre pessoal e impessoal. Os verbos pessoais são aqueles que se relacionam diretamente às pessoas gramaticais e ele os exemplifica de quatro formas: verbos terminados em *-o*, como *amo*; em *-or*, como *amor*; em *-m*, como *sum*; e, em *-i*, como *odi*. Já os verbos impessoais são aqueles que não tem relação direta às pessoas gramaticais, terminando de duas maneiras: aqueles terminados em *-tur*, como *itur* e em *-et*, como *taedet*. Logo, Sacerdote divide a qualidade do verbo em finita (como o verbo *amo*) e infinita (como *amare*).

Ao tratar do categoria dos verbos, que também poderia ser chamada de disposição, espécie ou significação (*adfectus, species, significatio*), o gramático a divide em nove propriedades, quais sejam verbos ativos, passivos, depoentes, neutros, comuns, (estas cinco propriedades eram comumente associadas as categorias verbais, incoativos, defectivos, frequentativos e impessoais⁵¹). Uma das particularidades de Sacerdote é apresentar como espécie os verbos incoativos, defectivos, frequentativos e os impessoais. Ao mesmo tempo, ele parece fazer uma distinção entre as cinco primeiras subdivisões, já que quando trata delas, Sacerdote se utiliza do termo *genus*. A *species* parece se portar aqui como uma subdivisão do *genus* e quando o gramático trata dos verbos incoativos, frequentativos (que são geralmente listados como formas verbais e não como parte das categorias), defectivos e impessoais, Sacerdote se vale do termo *species*. Tal fato nos permitiria pensar que, embora, estas últimas quatro propriedades estejam sob a divisão de categoria verbal (*genus*), Sacerdote os trata como subdivisões.

A descrição destas categorias e subcategorias se dá de forma majoritariamente formal, de acordo com as desinências verbais. O verbo ativo seria aquele que termina em *-o*, enquanto o passivo é aquele que termina em *-or* e não pode perder esta terminação. A espécie incoativa é aquela que tem sua terminação em *-sco*, enquanto a espécie frequentativa possui a terminação *-to* ou *-so*. Para esta última, Sacerdote também traz uma descrição semântica ao explicar tal espécie como aquela que indica ações que acontecem repetidamente e não apenas uma vez.

Mais adiante, Sacerdote segmenta os modos verbais em cinco: pronunciativo ou indicativo ou finitivo, imperativo, optativo, subjuntivo ou adjuntivo ou conjuntivo e, por último, infinitivo ou perpétuo. Como dissemos acima, Sacerdote trata a

⁵¹ Donato (GL 4.383) e Carísio (GL 1.164) dividem o gênero dos verbos em apenas cinco, quais sejam, verbos ativos, passivos, neutros, depoentes e comuns.

impessoalidade nos verbos como uma de suas quatro espécies, e não como parte do modo, como ilustra Donato (GL 4.381). Ao tratar do futuro do indicativo, Sacerdote discorda de outros gramáticos, argumentando que

quanto a esse tempo, evidentemente, o futuro do modo pronunciativo, alguns dizem ser o modo promissivo, mas estão errados: pois o tempo é futuro, de espécie promissiva, assim como o tempo pretérito imperfeito, de espécie incoativa e o tempo pretérito mais que perfeito, de espécie recordativa (GL 6.432)⁵²

Quanto ao modo optativo, Sacerdote afirma ter este os três tempos verbais, isto é, passado, presente e futuro. O autor justifica sua afirmação com um trecho retirado da Eneida, de Virgílio, dizendo que “alguns negam que se deva adicionar ao modo optativo o tempo pretérito, pelo motivo de que ninguém expressa desejo sobre algo que já se passou, mas estão errados, pois Virgílio escreveu *fecissentque utinam* [“oxalá o tivessem feito!”]⁵³”. Neste caso, a argumentação de Sacerdote se baseia no fato de que, se Virgílio, autor literário canônico, amplamente utilizado nas salas de aulas da antiguidade, utilizou o modo optativo no passado, é porque há a possibilidade de que a forma exista. Cantó (1997, p. 748) nos lembra que Virgílio era usado em sala de aula ao ponto de já não se observar se suas expressões se atêm às normas gramaticais da língua, mas sim observar que a língua latina toma forma de acordo com as práticas do autor.

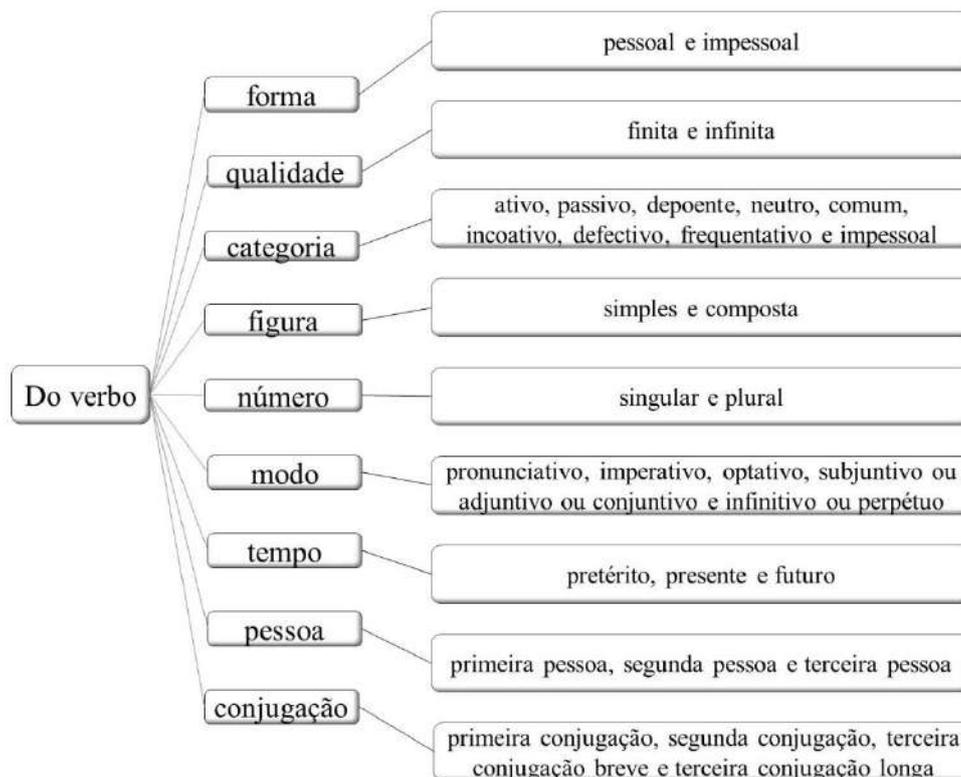
No que concerne as conjugações e os paradigmas verbais (GL 6.433–442), Sacerdote exemplifica extensamente a estrutura formal das conjugações verbais, as quais ele divide em quatro: os verbos de primeira conjugação, cuja segunda pessoa do presente singular termina com a sílaba *-as*, como *amas*; os verbos de segunda conjugação que possuem a segunda pessoa do indicativo singular terminada em *-es*, como *doces*; a terceira conjugação é dividida em dois modelos, i) terceira conjugação breve, daqueles verbos cuja segunda pessoa do singular do indicativo termina com a sílaba *-is*, como em *scribis* e ii) terceira conjugação longa, também referenciada como quarta conjugação, à qual pertencem os verbos cuja terminação da segunda pessoa do indicativo singular é também *-is*, como *munis*. Em seguida, Sacerdote dedica uma ampla discussão a exemplificar os paradigmas verbais das categorias ativa e passiva, nos

⁵² Cf. o original: *quod tempus, futurum scilicet modi pronuntiativui, quidam modum dicunt promissiuum, sed errant: nam tempus est futurum specie promissiuu, sicut tempus praeteritum imperfectum specie inchoatiua et tempus praeteritum plusquamperfectum specie recordatiua.*

⁵³ Cf. o original: *quidam negant debere adiungi modo optativo tempus praeteritum, hac ratione quia nemo optat de praeterito. Sed errant: nam Vergilius posuit 'fecissentque utinam'.*

modos indicativo, imperativo, optativo, subjuntivo e infinitivo, bem como trata dos participios e supinos, também chamados de gerúndios.

Tabela 6 - as propriedades do verbo



Taylor (1991, p. 89) afirma que a nomenclatura do sistema verbal latino deve ser compreendida de forma cronológica, uma vez que o sistema de três conjugações, em que a terceira é dividida em breve e longa, antecedeu o de quatro conjugações. No século III, Sacerdote já expressa que há considerações de se dividir os paradigmas verbais em quatro conjugações. Contudo, a diferença entre estes dois sistemas é apenas uma questão terminológica, já que ambos – seja dividido em três ou em quatro conjugações – possuía o mesmo número de paradigmas verbais⁵⁴.

⁵⁴ Já em Carísio (GL 1.172), por outro lado, podemos perceber a mudança na disposição das conjugações, levando em consideração o infinitivo – modelo que perdura até a modernidade como meio de distinção entre as conjugações verbais latinas –, quando o autor diz *autem ordinis sit uerbum facile intellegi poterit ex infinitiuorum obseruatione*. [“de fato, a ordenação dos verbos poderia ser compreendida facilmente pela observação dos infinitivos”]

Sacerdote (GL 6.434) também realçou a importância do imperativo para a distinção entre as quatro conjugações verbais, uma vez que as terminações do imperativo singular são distintas entre os paradigmas de conjugação. Para encontrar a qual conjugação o verbo pertence, Sacerdote sugere que se use a segunda pessoa do singular do imperativo, porque as terminações da segunda pessoa do presente dos verbos coincidem na terceira longa e breve (*amas, doces, scribis* e *munis*). Quando se usa o imperativo singular, percebe-se que há a distinção entre as terceiras conjugações breve e longa, porém as segunda e terceira conjugações, seguem terminadas em *-e* (*ama, doce, scribe* e *mun*). Para nós, a sugestão de Sacerdote parece entrar no mesmo dilema em que se encontrava antes – em que duas conjugações distintas possuem a mesma terminação –, porém, o autor esclarece que a distinção entre elas é devidamente possível, pois elas se diferenciam foneticamente (segunda conjugação *-e* longo; terceira conjugação *-e* breve) e não graficamente.

Ao tratar do modo optativo, as formas verbais empregadas para os tempos são retiradas do subjuntivo, mas pospostas ao advérbio *utinam*, em oposição ao conjuntivo, que é formado com o advérbio *cum*, ou seja, a mesma forma verbal pode equivaler a dois modos distintos de acordo com o advérbio que a precede⁵⁵. Citemos aqui a construção do modo optativo, usando como exemplo a primeira pessoa dos tempos verbais, mas realçando que o mesmo vale para as demais flexões pessoais. Na voz ativa temos: a forma do presente do subjuntivo *amem* é adicionada ao *utinam* para formar o futuro do optativo; o imperfeito do subjuntivo *amarem* é unido a *utinam* para dar forma ao presente e imperfeito do modo optativo; o perfeito do subjuntivo *amauerim* é acrescida ao *utinam* para formar o perfeito do optativo; a forma do mais que perfeito do subjuntivo *amauissem* forma, em conjunção com *utinam*, o mais que perfeito do optativo. O mesmo equivale para a voz passiva.⁵⁶ Na tabela abaixo, podemos conferir a esquematização.

⁵⁵ Kiss (1987, p. 128-129) aponta que como o optativo e o subjuntivo empregam as mesmas formas verbais, como demonstramos na tabela 7, o métodos de diferenciação entre os dois modos recaía sobre questões semânticas e sintáticas: a semântica do optativo indicava que este modo servia para exprimir um desejo; a sintaxe do subjuntivo, por sua vez, indicava que este modo estava sempre ligado a uma oração subordinada, podendo aparecer com outras preposições.

⁵⁶ Donato, na *Ars Minor* (GL 4.359-362) apresenta uma esquematização verbal como a de Sacerdote, porém não inclui o pretérito perfeito do modo optativo, como o Sacerdote o faz. Carísio (GL 1.169) define o modo optativo igual a Sacerdote, com a exceção de não colocar o advérbio *utinam* antes das formas do subjuntivo para formar os tempos do optativo.

Tabela 7 - comparação dos modos optativo e subjuntivo

Tempo verbal utilizado	Modo subjuntivo	Modo optativo	Tempo verbal formado no modo optativo
Imperfeito subjuntivo	<i>Cum amarem</i>	<i>utinam amarem</i>	Presente e imperfeito
Perfeito subjuntivo	<i>Cum amauerim</i>	<i>utinam amauerim</i>	Pretérito perfeito
Mais que perfeito subjuntivo	<i>Cum amauissem</i>	<i>utinam amauissem</i>	Mais que perfeito
Presente subjuntivo	<i>Cum amem</i>	<i>utinam amem</i>	Futuro
Futuro indicativo	<i>Cum amauero</i>	---	---

Para tratar da voz passiva, Sacerdote se vale da mesma esquematização utilizada para a voz ativa. Um ponto interessante a ser destacado é que quando o autor discorre sobre o pretérito perfeito da voz passiva (GL 6.437), ele o ilustra com a forma padrão “particípio passado mais presente do verbo *sum*”, como em *amatus sum*, mas acrescenta também uma forma construída pelo particípio passado do verbo mais o pretérito perfeito do verbo *sum*, a saber *amatus fui* – o mesmo com as demais flexões de pessoa.⁵⁷ O mesmo vale para o pretérito mais que perfeito, em que ele apresenta mais de um paradigma: além do que é habitual (particípio passado + imperfeito do verbo *sum*), ele apresenta também o paradigma feito do particípio passado + a forma do pretérito mais que perfeito do verbo *sum*. Assim *amatus eram* e *amatus fueram* representam a forma de pretérito mais que perfeito da voz passiva do verbo *amo*.

Outro aspecto relevante é quando o autor trata do modo imperativo dos verbos. Junto das formas padronizadas de imperativo singular, *ama*, e plural, *amate*, Sacerdote acrescenta também formas do subjuntivo como *amet*, *amemus*, *ament* (terceira pessoa do singular, primeira e terceira pessoas do plural, respectivamente). No imperativo futuro, ele apresenta tanto as formas padronizadas deste modo e tempo, bem como as formas de subjuntivo também, *amato tu*, *amato* ou *amet ille*, *amemus*, *amatote*, *ament* ou *amento* ou *amemino*. O exemplo dado por Sacerdote para ilustrar o modo imperativo futuro singular, em *amato tu* ou *amato ille*, descreve a mesma forma verbal para as

⁵⁷ . É interessante ver esta segunda forma alternativa, já que o pretérito perfeito dos verbos na voz passiva em português é formado exatamente da mesma maneira: “eu fui amado”. Carísio (GL 1.169) os exemplifica da mesma forma. Donato (GL 4.361-362), em sua *Ars Minor*, apresenta as duas formas, porém as distingue em pretérito perfeito, *lectus sum*, e pretérito perfeito em seu modo de anterioridade, *lectus fui*.

segunda e terceira pessoas, sendo o pronome utilizado (*tu, ille*) a única distinção de pessoa – assim como acontece na flexão verbal das línguas modernas⁵⁸.

2.1.2 Do sétimo caso

Na gramática de Sacerdote, a construção apresentada como o sétimo caso latino equivale ao que, na terminologia moderna, é referido como ablativo absoluto, em que a oração constituída somente de palavras no caso ablativo é reduzida, isto é, não tem relação com a oração seguinte. Sobre este caso latino, Sacerdote afirma (GL 6.447) que sua construção se dá reunindo duas palavras no caso ablativo e que esse sintagma teria o sentido que o caso genitivo tinha para os gregos na construção do que chamamos hoje de genitivo absoluto – construção semelhante à latina, porém com casos diferentes.

Apesar de não ser um tópico muito extenso, é pertinente nos ocuparmos deste assunto, uma vez que Sacerdote trata do sétimo caso particularmente, diferente de Donato⁵⁹ e Carísio⁶⁰ que trataram deste aspecto enquanto falavam dos casos. Não é possível saber, contudo, se Sacerdote havia tratado do sétimo caso quando ele discutiu sobre os nomes e os seis casos latinos – visto que estaria na parte da *ars grammatica* que se perdeu. Varrão, em sua obra supracitada (LL. 10, 62) já dizia que o caso ablativo, chamado por ele de sexto caso era próprio da língua latina (*sexto casu, qui est proprius Latinus*)

Diomedes (GL 1.302), por sua vez, ao explicar o caso ablativo diz que “os gregos não possuem o ablativo. Varrão, entretanto, o chama de latino e, às vezes, de sexto caso, porque ele é próprio da língua latina, cujo valor é explicado entre os gregos

⁵⁸ Donato (GL 4.361) descreve as mesmas formas que Sacerdote, ainda que este acrescente uma outra forma a mais. Carísio (GL 1.169) descreve para o singular somente as formas *ama* e *amet* para o singular e *amato tu* e *amato ille* para o plural.

⁵⁹ Cf. Donato (GL 4.377): *quidam adsumunt etiam septimum casum, qui est ablatiuo similis, sed sine praepositione ab, ut sit ablatiuus casus 'ab oratore uenio', septimus casus 'oratore magistro utor'* [“no entanto, alguns assumem existir um sétimo caso, que é similar ao ablativo, mas sem a preposição *ab*, de forma que *ab oratore uenio* seja ablativo e *oratore magistro utor* seja o sétimo caso”].

⁶⁰ Cf. Carísio (GL 1.154): *adicitur a diligentioribus etiam septimus casus. Vbi enim a re aut loco dicimus, ablatiuo utimur; ubi autem in re aut loco dicimus, septimo magis casu utimur (...) interdum per passiuum modum ablatiuo utimur, septimo casu actiuo modo* [“com efeito, um sétimo caso é adicionado pelos mais diligentes. Quando falamos, no entanto, “a partir de algo ou algum lugar”, usamos o ablativo; quando, por outro lado, falamos “em algo ou algum lugar”, usamos mais o sétimo caso (...) Às vezes, usamos o ablativo pelo modo passivo e o sétimo caso, pelo ativo”].

pelo genitivo”.⁶¹ Percebe-se, através desta afirmação, que, entre os antigos, o sentido expresso pelo ablativo latino equivaleria ao sentido do genitivo grego. Podemos, contudo, encontrar registros da separação entre o caso ablativo e o sétimo caso se retornarmos ao século I, em que Quintiliano (*Inst. or.* 1, 4, 26) já preconizava: “que o mestre investigue também se está em ação entre os gregos um sexto caso, e entre nós um sétimo. Com efeito, quando digo *hasta percussi* [“feridos com a lança”], não me sirvo essencialmente de um ablativo, nem para dizer o mesmo do grego, de um dativo”⁶². Quintiliano fala de um sexto caso grego, que deduzimos se tratar do genitivo absoluto, cuja estrutura é semelhante ao do caso latino, porém como a língua grega não possuía o caso ablativo, esta construção é feita com o caso genitivo. Donde a afirmação de Sacerdote sobre a forma ser dos ablativos, mas a semântica dos genitivos.

. Em uma edição proposta por Keil (GL 1.534-535) há um texto atribuído a Carísio, intitulado *Ex Charisii arte grammatica excerpta*, em que consta uma passagem que trata do sétimo caso, dividindo-o em quatro usos distintos. O texto em questão é praticamente o mesmo apresentado nas gramáticas de Diomedes (GL 1.317-318) e Dosíteu (GL 7.393-394) – talvez pelos textos fazerem parte do mesmo grupo de gramáticas, como afirmou Holtz (2010[1981], p. 81) – com exceção de alguns trechos que estão omitidos ou invertidos. O excerto que trata sobre os usos do sétimo caso, conferido à obra gramatical de Carísio por Keil, é o que se segue:

O sétimo caso, por outro lado, é enunciado de quatro modos. O primeiro é quando é entendido como “em uma pessoa”, “em um lugar” ou “em uma coisa”, tal como em *in Scipione militaris uirtus enituit* [“A virtude militar brilhou em Cipião”], *in monte Caucasus poenas luit Prometheus* [“Prometeu pagou as penas no monte Cáucaso”], *in statua Ciceronis uictoria coniuratorum inscribitur* [“A vitória sobre os conspiradores será inscrita na estátua de Cícero”], e essa forma é interpretada pelo dativo: *ἐν τῷ Σκηπίῳ*, *ἐν τῷ Καυκασίῳ* ὄρει, *ἐν τῷ ἀνδριάντι*. Esta regra é observada, no entanto, em nomes da segunda declinação, cujos ablativo e dativo são iguais, como em *ab hac securi* [“desse machado”], *ab hoc suauis* [“desse agradável”]. O segundo caso é quando os ablativos combinados são interpretados pelo genitivo grego, como em *ducente dea elapsus est Aeneas* [“Com a deusa conduzindo, Eneias escapou”], *incusante Cicerone Catilina uictus est* [“Com Cícero acusando, Catilina foi vencido”], *studente Sacerdote differentia inuenta est* [“Com Sacerdote pesquisando, a diferença foi descoberta”]: ἡγεμονευούσης τῆς θεᾶς ἐξώλισθεν Αἰνείας, κατηγοροῦντος Κικέρωνος ἠλέγχθη Κατιλίνας, σπουδάζοντος Σακέρδωτος ἢ διαφορά ηυρέθη. O terceiro modo é quando esta forma grega ἐλπίδι τοῦ δύνασθαι, προαιρέσει τοῦ ληστεύειν, σχήματι τοῦ ἐπιβουλεύειν, diríamos em latim *spe posse* [“com

⁶¹ Cf. o original: *ablatiuum Graeci non habent. Hunc tamen Varro sextum, interdum Latinum appellat, quia Latinae linguae proprius est, cuius uis apud Graecos per genitiuum explicabitur.*

⁶² Cf. o original: *quaerat etiam sitne apud Graecos uis quaedam sexti casus et apud nos quoque septimi. Nam cum dico “hasta percussi”, non utor ablatiui natura, nec si idem Graece dicam, datiui.*

esperança de poder”], *uoluntate latrocinandi* [“com vontade de roubar”], *consilio insidiandi* [“com a ideia de uma emboscada”]. O quarto modo, quando, como Aspro retornou, faltava a eloquência latina em suas palavras, como naquele exemplo: ὄντος οὐσης ὄντων οὐσῶν. Falamos, com efeito, *nullo timore hostium castra inrupit* [“sem nenhum medo dos inimigos, ele invade o acampamento”], *nulla spe per uim potiundi uallo fossaque moenia circumdat* [“sem nenhuma esperança de conquistar por meio da força, ele circunda as muralhas através da vala e da fossa”], *nullis custodibus palladium ereptum est* [“sem nenhum protetor, o paládio foi tomado”], *nullis insidiis palam uictus est hostis* [“sem nenhuma emboscada”, o inimigo foi vencido em campo aberto”]. Em todos os casos, falta um falar latino. Mas se um destes for um ablativo participial, não faltará ao falar latino, mas este será pleno, como em *ducente dea elapsus est Aeneas*, e os demais casos que mostramos no segundo modo (GL 1.534-535).⁶³

Sacerdote apresenta, em sua gramática, o sétimo caso como ilustrado no segundo tópico acima: “o sétimo caso se faz com dois ablativos combinados igualmente, que possuem a forma do caso ablativo, mas o sentido do genitivo: com efeito, não se indica que há nada para se retirar” (GL 6.447)⁶⁴. Sacerdote, neste trecho, indica a oposição entre a forma (dois ablativos combinados) e a semântica desta construção (sentido do caso genitivo) se baseando na etimologia do termo ablativo, que segundo Pseudo-Sergio, em sua *Explanationum in artem Donati, Liber II* (GL 4.535), diz que o caso ablativo se chama desta forma “porque, através dele, indicamos que nós retiramos alguma coisa de algo, como em *ab hoc magistro* [“deste professor”]”⁶⁵. De acordo com Amsler (1989, p. 64), a etimologia funcionava como uma espécie de estratégia para a definição dos termos e, do mesmo modo, Sacerdote a utilizou quando tratou dos verbos (GL 6.429) e também para desconstruir o argumento daqueles que

⁶³ Tradução do texto de Dositeu por Gonçalves (2008), com as inserções e adaptações do texto atribuído a Carisio e grifos feitos por nós. Cf. original: *Septimus uero casus modis quattuor profertur: primo, cum in persona aut in loco aut in re intellegatur, ueluti in Scipione militaris uirtus enituit, in monte Caucaso poenas luit Prometheus, in statua Ciceronis uictoria coniuratorum inscribitur; et interpretatur talis figura per dativum: ἐν τῷ Σκηπίωνι, ἐν τῷ Καυκασίῳ ὄρει, ἐν τῷ ἀνδριάντι. Quae regula etiam in nominibus secundae declinationis, quorum ablatiuus et datiuus idem est obseruatur, et in nominibus tertiae quorum item ablatiuus et datiuus idem est, ueluti ab hac securi ab hoc suauis. Secundo, cum ablatiuus copulati genetivo Graeco interpretentur, ueluti ducente dea elapsus est Aeneas, incusante Cicerone Catilina uictus est, studente Sacerdote differentia inuenta est: ἡγεμονευούσης τῆς θεᾶς ἐξώλισθεν Αἰνείας, κατηγοροῦντος Κικέρωνος ἠλέγχθη Κατιλίνας, σπουδάζοντος Σακέρδωτος ἢ διαφορὰ ηυρέθη. Tertio modo, cum hanc figuram graecam ἐλπίδι τοῦ δύνασθαι, προαιρέσει τοῦ ληστεύειν, σχήματι τοῦ ἐπιβουλεύειν, Latine dixerimus spe posse, uoluntate latrocinandi, consilio insidiandi. Quarto cum, ut Asprus retulit, Latinum eloquium in quodam uerbo deficit, uelut in illo: ὄντος οὐσης ὄντων οὐσῶν. dicimus enim nullo timore hostium castra inrupit, nulla spe per uim potiundi uallo fossaque moenia circumdat, nullis custodibus palladium ereptum est, nullis insidiis palam uictus est hostis. Vbique enim deficit Latinus sermo; scilicet ideo quoniam duo ablatiuus nominales sunt copulati. Quodsi unus eorum participialis sit, non déficit Latinus sermo sed plenus est, ut supra relatum est, ducente dea elapsus est Aeneas, et cetera quae secundo modo exposuimus.*

⁶⁴ Cf. o texto original: *Septimus casus fit duobus ablatiuus pariter copulatis, qui locutionem habet ablatiuorum casuum, intellectum genetiuiorum: nihil enim significat auferendum.*

⁶⁵ Cf. o texto original: *ablatiuus quod per eum auferre nos ab aliquo aliquid significemus, ut ab hoc magistro.*

pensavam que as conjunções disjuntivas não mereciam ser chamadas de conjunções (GL 6.446).

Sacerdote elenca, assim, oito maneiras de se formar o sétimo caso, combinando as classes gramaticais do seguinte modo:

- i) participípio + nome (*ducente dea*);
- ii) nome + participípio (*Sacerdote docente*);
- iii) participípio + participípio (*docto exponente*);
- iv) nome + nome (*bono homine*);
- v) pronome + nome (*me duce*);
- vi) nome + pronome;
- vii) pronome + participípio; e
- viii) participípio + pronome (*laetante me*).

O trecho em que Sacerdote falaria sobre as sexta, sétima e oitava combinações de partes da oração se perdeu, contudo pelo exemplo *laetante me* [“eu, regozijando”] em que há a presença de um participípio + pronome, deduzimos que o exemplo anterior teria o contrário desta estrutura, pronome + participípio. Portanto, faltaria somente o oposto do quinto exemplo, que, seguindo os exemplos, seria nome + pronome. É interessante notar que tanto no trecho extraído dos excertos atribuídos a Carísio, como na própria obra de Sacerdote, encontramos os exemplos *studente Sacerdote* [“Sacerdote pesquisando...”] e *Sacerdote docente* [“Sacerdote ensinando...”] que poderiam ser mais uma indicação de seu ofício como professor em Roma – assim como vimos pela dedicatória apresentada no início do seu terceiro livro.

Além disso, através dos exemplos de Sacerdote, pode-se deduzir que o que diferencia o ablativo do sétimo caso é também o uso da preposição, haja vista que os exemplos usados pelo autor no tópico que se encontra antes das preposições – tópico que grande parte se perdeu – sempre apresentam o ablativo com a preposição *a/ab*, para diferenciá-lo do caso dativo, que possui as mesmas terminações do ablativo nas segunda e terceira declinações).

2.1.3 Do solecismo e do barbarismo

Ao tratar do solecismo, Sacerdote apresenta a etimologia do termo e, como sua gramática é a mais antiga da qual temos conhecimento, poder-se-ia dizer que este seria o primeiro texto que nos restou a apresentar a etimologia para o termo solecismo (GL 6.449). Solecismo (*soloecismus*) é um termo que surgiu a partir dos cidadãos cilicienses, termo latino para o grego Σόλοικοι, que, ao chegar em Atenas, falavam de forma corrompida – e tal fato fez com que os atenienses nomeassem as expressões viciosas por causa destes cidadãos. Sacerdote define o solecismo como “uma ordenação imprópria de uma expressão latina, uma oração incoerente, uma estrutura viciosa de palavras colocadas entre si, mas não em seus lugares, um falar que carece de ordem, um discurso não coerente” (GL 6.449)⁶⁶. Sacerdote distribui os meios de se cometer um solecismo em dezesseis, quais sejam i) por gênero dos pronomes; ii) por troca dos casos nominais; iii) por número; iv) por pessoas; v) por tempos verbais; vi) por qualidades nominais; vii) por classe dos verbos, quando se usa um verbo depoente no lugar de um ativo; viii) por gênero dos nomes; ix) pelas formas ou qualidades dos verbos, como quando se trata um verbo impessoal como um verbo pessoal *taedeo* por *taedet*; x) por modos verbais; xi) por advérbios; xii) por preposições; xiii) por grau de comparação, quando se usa o comparativo quando se deveria usar o superlativo; xiv) pela duplicação da negação em uma frase; xv) pela mudança na ordem dos termos⁶⁷; e xvi) por anástrofe. Por fim, Sacerdote indica que quando esses vícios são falados pelo povo comum – gramáticos ou estudantes, por exemplo –, eles são considerados solecismos. Contudo se quem cometer este vício forem ou os poetas ou os oradores, o solecismo recebe o nome de *schema*, isto é, figuras linguísticas que, embora estejam contra a regularidade da língua latina, são aceitas.

O mesmo acontece quando Sacerdote trata do barbarismo (GL 6.451): “estes vícios quando são ditos, são barbarismos. Quando são escritos são barbarolexis. E quando são falados por nós, são vícios; quando o são por poetas, metaplasmos”⁶⁸. O autor, então, define o barbarismo como um discurso vicioso de uma única palavra

⁶⁶ Cf. o texto original: *soloecismus est latini sermonis inpropria ordinatio, oratio inconsequens, uerborum inter se non suo loco positorum uitiosa structura, carens ordine sermo, dictio non cohaerens.*

⁶⁷ O texto de Sacerdote apresenta uma lacuna neste tópico.

⁶⁸ Cf. o texto original: *cum dicuntur, barbarismi sunt; cum scribuntur, barbarolexis; et cum dicuntur a nobis, uitia sunt, cum a poetis, metaplasmi.*

(*uitiosa dictio unius uerbi*) e apresenta oito modos pelos quais pode-se cometer este vício de linguagem, a saber, i) por alongamento das sílabas, quando se torna uma sílaba breve longa; ii) por redução silábica, quando se torna uma sílaba longa breve; iii) por aspiração de letras que não deveriam ser aspiradas; iv) pela suavidade das letras que deveriam ser aspiradas; v) pela mudança na ordem das letras, como em *ohmine*, ao invés de *homine*; vi) por acento silábico, como quando se torna tônica uma sílaba que deveria ser átona; vii) por mudança das letras em relação à grafia de uma palavra, como se escrevesse *phelix*, ao invés de *felix*; e viii) por mudança dos acentos, que é o mesmo caso do exemplo número “vi” apresentado⁶⁹. Por fim, o autor diferencia os vícios que advêm do barbarismo daqueles que surgem do solecismo: as figuras vêm daquele, enquanto os metaplasmos, deste.

Em seguida, nosso autor explora a diferença entre barbarismo e solecismo (GL 6. 451) e a explica dizendo que “entre o barbarismo e o solecismo está o fato de que o solecismo é um falar latino desordenado; o barbarismo, porém, não mantém nenhuma regularidade do falar latino; e que o solecismo se faz com várias partes da oração, o barbarismo só com uma”⁷⁰. Ou seja, para o gramático do século III, de acordo com o que ele apresentara antes, o solecismo seria mais um problema de construção sintática, enquanto o barbarismo recai sobre um problema na morfologia dos termos – e apesar de dizer que é o barbarismo que é feito com uma palavra, ele cita o exemplo de quando se usa um imperativo plural, como *habete*, tendo como alvo apenas uma pessoa, atestando que o solecismo se trata de uma questão sintática, ainda que apareça com uma palavra apenas.

O barbarismo e o solecismo são termos que revelam, na gramática antiga, a preocupação com a *Latinitas*, isto é, a forma correta ou adequada da linguagem para a expressão pública, uma preocupação da gramática e da oratória. Sacerdote não cita o termo exato no primeiro livro de sua *ars grammatica* – o fazendo duas vezes no seu segundo livro (GL 6. 471; 473), ao que parece, como sinônimo para “língua latina” quando diz que “com efeito, a *latinitas* não possui nomes terminados em *-a* somente do

⁶⁹ Donato (GL 4.392-393), por sua vez, apresenta quatro modos de se produzir um barbarismo. São eles, por adição, por retirada, por alteração e por mudança. Esses quatro aspectos são subdivididos em letras, sílabas, quantidade silábica, tons e aspirações. Isso significa que pode-se ter um barbarismo tanto por adição de uma letra, como de uma sílaba, e assim, sucessivamente. Carísio (GL 1.265-266) divide o barbarismo, seguindo o que dizia Cominiano, da mesma forma que o faz Donato.

⁷⁰ Cf. o texto original: *inter barbarisum et soloecismum hoc est, quod soloecismus latinus est sermo peruersus, barbarismos uero nullam latini sermonis continet rationem, et quod soloecismus pluribus partibus orationis fit, barbarismos una.*

gênero neutro, se não *hoc Turia*, nome de um rio lido em Salústio”⁷¹ e “a *latinitas* não possui nome terminado em *-m* dos gêneros masculino ou feminino, com a exceção de um, de todos os gêneros, indeclinável, *hic* e *haec* e *hoc nequam* [“este, esta, isto que não é bom, que é mau”]”⁷². Contudo, o gramático trata de situações em que há estruturas apresentadas que, assim como diz Fortes (2012, p. 205), tornariam a língua menos latina. Três destas situações aparecem quando Sacerdote trata dos verbos (GL 6. 429-430), a saber: i) um verbo depoente é aquele que termina com a letra *-r* e não pode perde-la. Caso isso aconteça, não é latim (*latinum non est*) como *luctor* [“lutar”], *loquor* [“falar”]; ii) a classe comum dos verbos termina também com a letra *-r* e não pode perdê-la. Caso aconteça, não será latim, como *crimino te* [“eu te acuso”] e *crimino a te* [“sou acusado por você”]; iii) a classe neutra dos verbos termina com a letra *-o* e não pode aceitar o *-r*, como um verbo depoente ou comum, pois não são latinos caso aceitem o *-r* (*latina non sunt*) como *ambulo* [“eu caminho”], *sedeo* [“eu me sento”], *pendeo* [“eu me penduro”], *uapulo* [“eu sou açoitado”]. Ninguém diz (*nemo dicit*) *ambulor*, *sedeor*, *pendeor*, *uapulor*.

Neste último exemplo, ao usar a expressão *nemo dicit*, Sacerdote aponta como fator argumentação que ninguém em seu conhecimento (assume-se que ele fala de autores) utilizou estas construções anteriormente e, portanto, elas não são consideradas corretas. Outro exemplo deste tipo ocorre quando Sacerdote trata dos participios (GL 6. 444), ao dizer que existem participios que, quando adicionados à uma preposição, se tornam nomes, como *innocens* [“inocente”], *indoctus* [“indouto”], *indomitus* [“indomado”], *insciens* [“insciente”]. Entretanto, estes nomes, que se assemelham a participios, não o são porque não derivam de nenhum verbo, pois ninguém diz, (*nemo dicit*) *innocero*, *indoceor*, *indomor* ou *inscio*. E, sendo assim, o gramático trata destas situações em que há a correção da língua de acordo com o que a forma mais pura, lê-se *Latinitas*, pediria – visto que ninguém fala desta maneira e, quando o faz, não é gramaticalmente adequado em latim.

Em outro trecho (GL 6. 433), o gramático cita um exemplo retirado da peça *Truculento*, de Plauto, para ilustrar um caso de verbos defectivos – aqueles que não possuem conjugações em todas as pessoas ou em todos os tempos e modos – que são

⁷¹ Cf. o texto original: *a enim terminata nomina generia neutri solius latinitas non habet prater hoc Turia, nomen fluminis lectum in Sallustio*

⁷² Cf. o texto original: *m littera terminatum nomen generis masculini uel feminini, excepto uno generis omnis monoptoto, latinitas non habet, hic et haec et hoc nequam.*

utilizados de forma considerada errônea na língua, com a finalidade de causa irrisão: “ainda que Plauto, em *Truculento*, tenha colocado *non salueo* [“não vô bem”], mas para causar riso, pois falava de uma pessoa rústica”⁷³. Esta passagem também é citada no livro II da obra de Sacerdote (GL 6. 490) e mostra a oposição entre os conceitos de *rusticitas* e a *urbanitas*: Segundo Biagio Conte (1994, p. 803), o termo *urbanitas* indica elegância de maneiras e nas vestimentas, bem como uma maneira correta de se falar, não se permitindo sotaques e maneirismos regionais. Tais características teriam a ver com aqueles que, preferencialmente nascem e vivem em Roma. Assim, a *urbanitas* seria oposta ao conceito de *rusticitas*, expresso, principalmente, por maneirismos brutos e incorreções na maneira de se expressar.

Logo, tais erros, por não serem considerados latinos (*latinus non est*) ou por não terem sido atestados pelo uso de algum autor ou falante (*nemo dicit*) são julgados como contrários à noção de língua latina – ainda que usos equivocados sejam utilizados por autores para criar certa figura ao redor seu texto, com finalidades específicas, assim como o fez Plauto quando pretendia fazer sua audiência rir.

2.1.4 Dos metaplasmos ou figuras

Antes de se ocupar com os metaplasmos, Sacerdote elenca seis figuras – que voltarão a ser comentadas mais adiante – e as explica brevemente. São elas i) síncope; ii) sinalefa; iii) diérese; iv) sinérese; v) tmese; vi) *enallaxis* ou *enallage*.

Logo em seguida, Sacerdote fala dos metaplasmos (que são virtudes oriundas dos barbarismos) e das figuras (que advém do solecismo), os quais ele define (GL 6.451) como uma “palavra composta diferentemente do que se deve, por causa do metro ou de decoro”⁷⁴. O autor lista os metaplasmos a serem explicados como mostramos na tabela 8 abaixo.

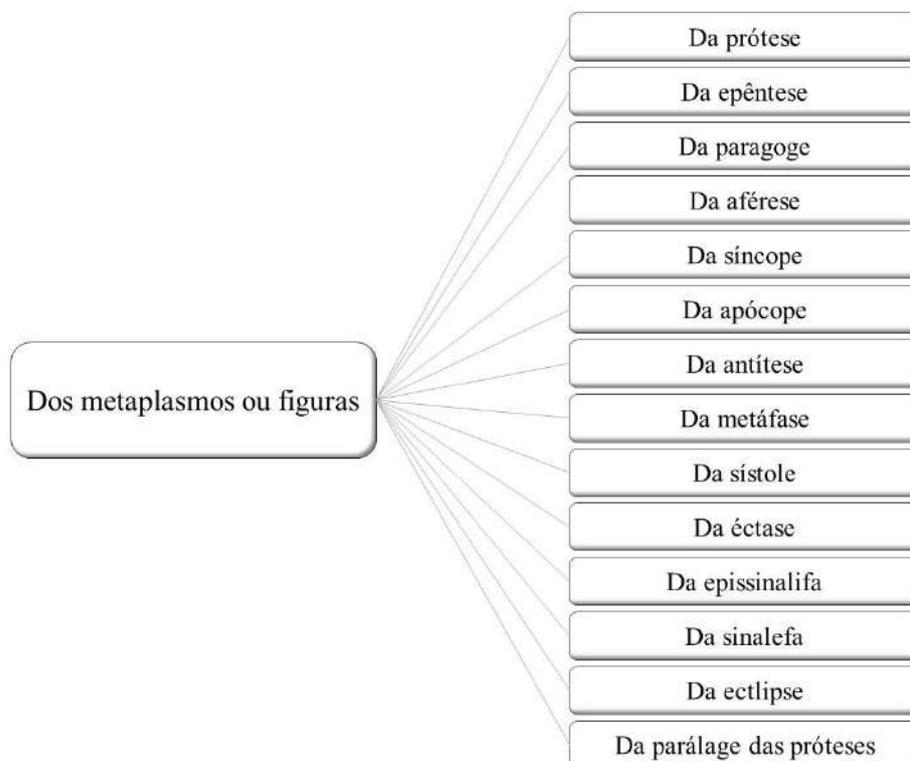
Sacerdote, portanto, lista quatorze metaplasmos e figuras, utilizando autores como Virgílio e Terêncio como exemplos para os tópicos. Entre a éctase e a epissinalefa, Sacerdote lista também a diérese, mas não a trata nesta parte e só volta à

⁷³ Cf. o texto original: *quamvis Plautus in Truculento posuerit 'non salueo', sed inridenter: nam de persona rustici dixit.*

⁷⁴ Cf. o original: *dictio aliter composita quam debet metri uel decoris causa.*

ela quando aborda os *schemata*. A sinalefa, fenômeno linguístico em que duas ou mais sílabas de contraem em uma, retomada aqui por Sacerdote, já havia sido tratada pouco antes e trazia o exemplo *mensibus frigus* [“nos meses frios”] para mostrar a omissão do -s final. Butterfield (2013, p. 121), contudo, discute sobre a autoria do verso *mensibus frigus*, apontado por Sacerdote como pertencente a Lucrécio, dizendo que, embora este autor seja bastante citado pelos gramáticos antigos como fonte de eclipse+ (como em *ex infantibus paruis*), o exemplo dado pelo gramático não é encontrado em nenhum outro lugar da literatura latina – levando à dúvida da autoria de Lucrécio. Outro exemplo demonstrado por Sacerdote é o verso virgiliano *rursus in secessu longo sub rupe cauata* [“outra vez, em um lugar profundo, cavada sob uma rocha”] para falar da perda da vogal precedente junto com o -s final quando a palavra seguinte se inicia por vogal. Escandindo o verso, Sacerdote explica que devido à elisão da sílaba -us, teríamos *rursin secessu longo*. Contudo, o verso virgiliano apresenta *rursum* e não *rursus*, como afirma Sacerdote.

Tabela 8 – dos metaplasmos ou figuras



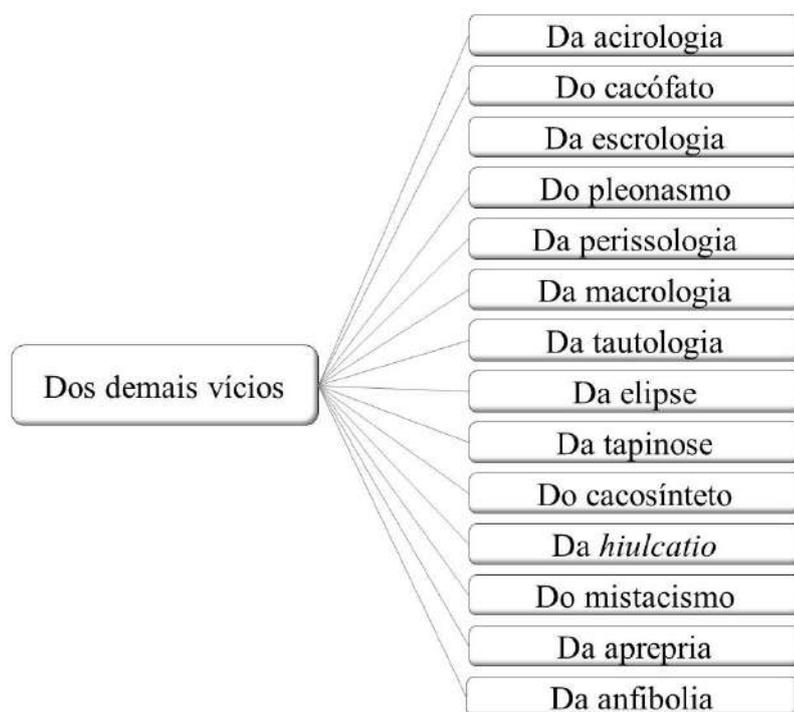
Os demais tópicos são apresentados, definidos e exemplificados normalmente. Os metaplasmos e as figuras representam, portanto, estruturas que, por mais que estejam contra a regularidade da língua latina, são aceitas quando faladas ou escritas por poetas e prosadores – para se encaixar nos metros necessários ou por conta do decoro⁷⁵.

2.1.5 Dos demais vícios

Sacerdote não os introduz nem explica algo sobre estes vícios, apenas os lista de acordo com a tabela 9 na página seguinte (GL 6. 453-455). Nesta seção, Sacerdote subdivide outros quatorze vícios, os define e utiliza autores como Virgílio, Plauto, Cícero, Terêncio e Enio para ilustrá-los. Os nomes dos vícios são, na sua grande maioria, derivados de terminologias gregas que foram transliterados e aplicados no mundo latino. Na edição vindobonense da obra de Sacerdote (A.G. p. 31), o termo equivalente ao cacófato, está apresentado em maiúsculas gregas, a saber: ΚΑΚΕΜΦΑΤΩΙ. A edição de Keil preferiu trazer o vício em termos latinos, como todos os outros apresentados. Naquela mesma edição (A.G. p. 32), temos *de hiulca oratione*, enquanto na edição de Keil, lê-se *de hiulcatione*. A edição de Keil parece trazer uma composição formada dos termos *hiulca* e *oratione*, em que as sílabas *ora-* foram assimiladas. O vocábulo latino *hiulcus*, *-a*, *-um* significa “discurso que contem hiatos, duro, áspero” e é exatamente sobre isso que Sacerdote trata nesse tópico.

⁷⁵ Biagio Conte (1994, p. 804) diz que o decoro indicava o comportamento que era favorável e apropriado de acordo com as ocasiões. Se voltarmos em *De Officiis*, de Cícero (1,93,1) vemos que o orador diz *ut de una reliqua parte honestatis dicendum sit, in qua uerecundia et quase quidam ornatos uitae temperantia et modestia omnisque sedatio perturbationum animi et rerum modus cernitur. Hoc loco continetur id, quod dici Latini decorum potest; Graece enim πρέπον* [“de forma que seja comentado sobre outra parte da integridade, na qual distinguem-se o respeito e, como um adorno para a vida, a temperança, a modéstia, a calma para as perturbações da alma e o limite para todas as coisas. Trata-se do que se pode chamar de decoro, em latim; em grego, chama-se πρέπον.”]

Tabela 9 – dos demais vícios



2.1.6 Dos schemata

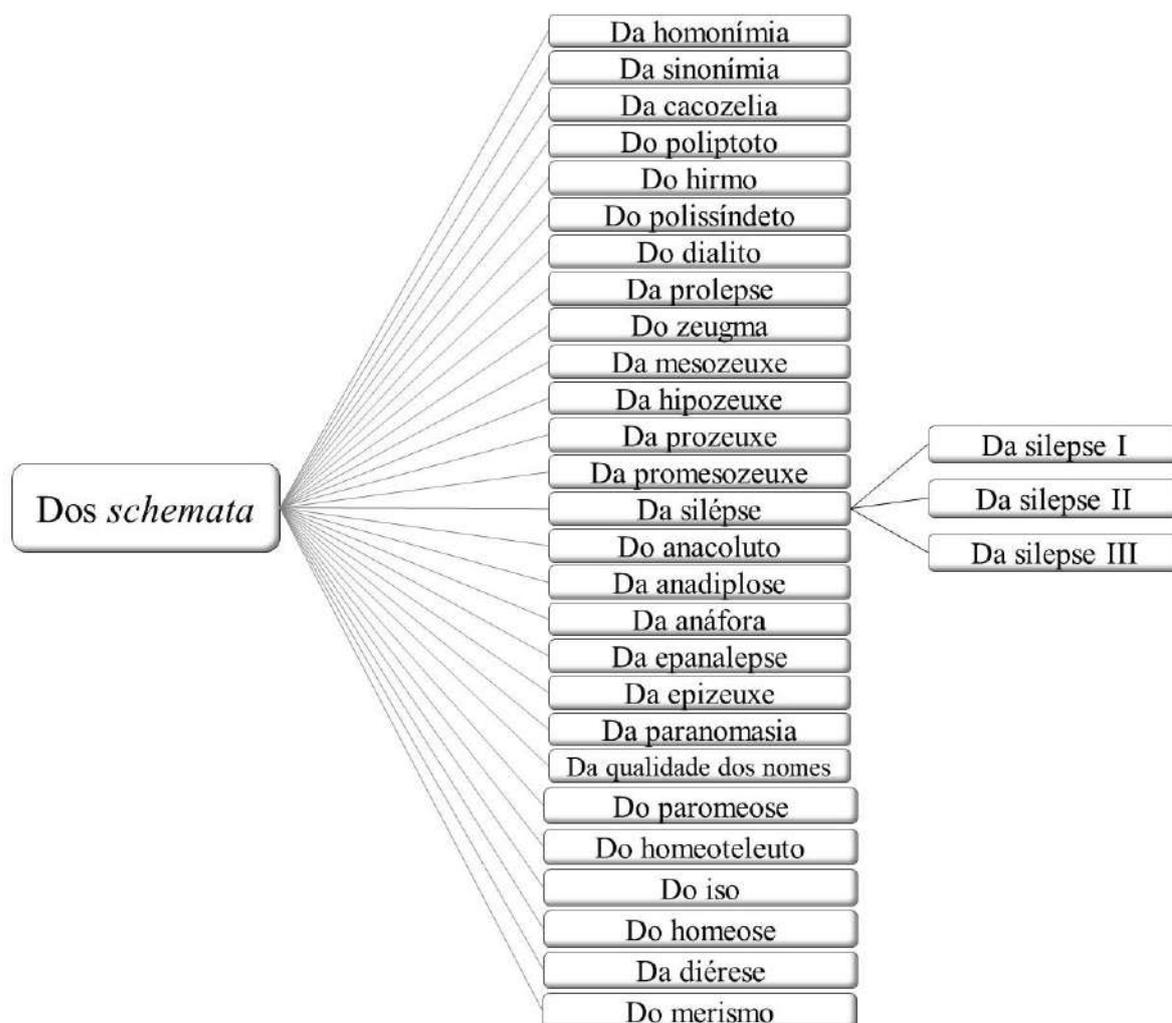
Sacerdote apresenta, em seguida, (GL 6.455-460) uma lista com 30 *schemata*, isto é, as figuras de retórica, porém sem definir do que se trata o termo. Estabelecemos a tabela 10 abaixo para mostrar a listagem feita pelo gramático.

Listada também como parte dos demais vícios, a diérese é apresentada nesta seção junto com os demais *schemata*. Todavia, destacamos que a diérese tratada por Sacerdote antes (GL 6.449) não corresponde em definição nem em exemplos com a diérese apresentada entre os *schemata*: aquela fazia referência à divisão silábica, quando duas vogais longas são divididas na sílaba e pronunciadas separadas como *aulai*, no lugar de *aulae*⁷⁶; quanto ao *schema* diérese, Sacerdote o apresenta como um referente grego para o que os latinos chamam de *diuisio* [“divisão”] e o define como quando se

⁷⁶ O sinal gráfico trema sobre uma vogal indica que esta deva ser pronunciada como um hiato e não um ditongo. Neste caso, a diérese acontece quando um ditongo se transforma em um hiato, aumentando em uma sílaba o pé métrico. Cf. Quintiliano (*Inst. or.* 1, 5, 17-18).

divide uma substância como o vinho – como ao dividir o vinho entre as taças e, logo, entre as pessoas. Em ambos, o assunto em questão se relaciona com a divisão, mas tratados de forma diferentes.

Tabela 10 – dos *schemata*



Quanto à definição do zeugma e da hipozeuxe, é interessante que façamos uma breve comparação os termos e definições encontrados em Donato e Carísio. Sacerdote diz que o zeugma acontece “quando palavras indispensáveis são aplicadas por coisas particulares, como *regem adit et regi memorat* [“visita o rei e ao rei relata”]” e a hipozeuxe “mostra quantas vezes uma única palavra é aplicada em uma sentença dupla ou múltipla e, em seguida, responde a todos os referentes anteriores, como em *qui numina Phoebi, qui tripodas, Clari laurus, qui sidera sentis* [“quais os desejos de Febo,

quais oráculos, que louro de Claros, quais estrelas conheces?”]. Porém, ao conferir estes termos em Carísio e Donato, por exemplo, percebemos que estas definições e exemplos estão trocados: nestes dois gramáticos, a definição que Sacerdote dá pra a hipozeuxe é a utilizada no zeugma, assim como seu exemplo. E o mesmo se dá com a definição de Sacerdote para o zeugma – utilizada por Donato e Carísio para explicar a hipozeuxe.

No entanto, se observarmos o *schema* seguinte, prozeuxe, na obra de Sacerdote, dispomos da definição de que “a prozeuxe, que é contrária a hipozeuxe⁷⁷, faz-se deste jeito: quando uma palavra é empregada antes porque conecta todas as posteriores, como *Dat tibi praeterea fortunae parua prioris / Munera reliquias Troia ex ardente receptas*. [“em seguida, oferece tributos pequenos de sua fortuna ancestral / as relíquias recuperadas da ardente Troia”]. Dentro da obra de Sacerdote, ainda que, se estiverem trocados os nomes dos *schemata* anteriores, as definições fazem sentido com o que o autor apresenta: o termo grego *zeugma* representa uma união, combinação; as preposições *pro* e *hypo*, antes e depois, respectivamente. A hipozeuxe de Sacerdote apresenta uma união de ideias feita por uma palavra no final da frase, como era o caso de *sentis*; já a prozeuxe apresenta essa união feita por uma palavra no início da frase, como no exemplo de *dat*. Ainda que Sacerdote tenha trocado os nomes dos *schemata* apresentados (segundo os termos e definições de Donato e Carísio), fica claro que, considerando-se a etimologia dos termos, o uso de Sacerdote se mostra adequado para a finalidade de sua obra. O mesmo acontece com a mesozeuxe, em que a palavra que liga as sentenças é colocada no meio da frase (*meso* grego) e com a promesozeuxe, em que o termo que liga as sentenças é colocado tanto no início da frase (como na prozeuxe) quanto no meio (igual acontece na mesozeuxe).

Quanto ao iso, este *schema* parece ser uma particularidade da obra de Sacerdote, pois como mostra a edição vindobonense (A.G. p. 36), este *schema* não é recorrente nos demais gramáticos. Nem Donato nem Carísio apresentam uma citação sequer para este *schema*, que consiste em palavras distintas que possuem o mesmo sentido usadas com uma mesma finalidade. Sacerdote utiliza o exemplo de *latro* e *gladiator*, ambas palavras com cargas negativas: o termo *latro*, *-onis* pode significar tanto “soldado; soldado mercenário” como “bandido, bandoleiro, ladrão, malvado”.

⁷⁷ Neste caso, seria contrária à hipozeuxe descrita por Sacerdote, mas ao *zeugma*, tratado por Carísio e Donato.

Gladiator, -oris além de “gladiador”, pode significar também “feroz, assassino, rufião, malfeitor”. Desta forma, estes termos possuem uma carga semântica negativa, que pode ser usada em conjunto durante uma detração, isto é, a desvalorização de uma outra pessoa.

2.1.7 Dos tropos.

Na última seção do primeiro livro de sua *ars grammatica*, Mário Plócio Sacerdote discute, ao todo, mais de quarenta tropos (GL 6. 460-470) – os quais dispusemos na tabela 11 abaixo –, não definindo⁷⁸ o que ele considera, de fato, como tal, mas diz que estes são

similares aos metaplasmos e não dissimilares, como alguns pensam, dizendo que os metaplasmos possuem vícios e os tropos, porém, virtudes. Pois em ambos encontramos os dois: logo, são semelhantes quanto à valor e são distintos em relação ao nome (GL 6.460)⁷⁹.

Sacerdote divide a alegoria em sete subcategorias, quais sejam, a ironia, o astismo (que alguns chamam de carientismo), o sarcasmo, a antífrase, cacofemia, enigma (também referido como *griphus*) e a paroemia. Nas obras de Donato e Carísio, a alegoria também está dividida em sete partes, porém estes gramáticos não descrevem a cacofemia como uma divisão sua e consideram astismo e carientismo como coisas distintas – em oposição à definição de Sacerdote, que, inclusive, distingue três meios que o astismo pode ser formado: eufemismo, cacófato, e semelhança.

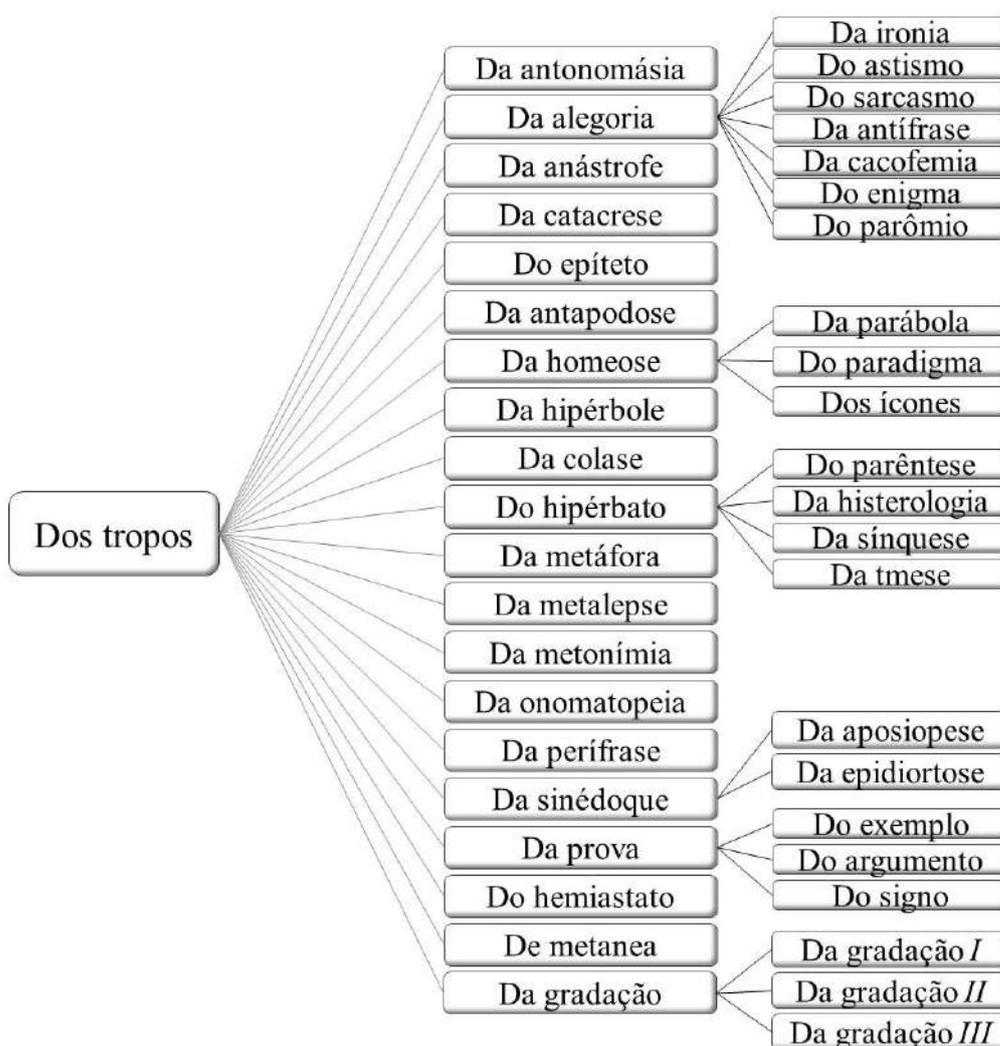
Ao discutir sobre o tropo enigma, os três gramáticos – Sacerdote (GL 6.462), Donato (GL 4.402) e Carísio (GL 1.276) – utilizam o mesmo exemplo, a saber, *mater me genuit, eadem mox gignitur ex me* [“a mãe me gerou, e a mesma, em breve, foi gerada por mim”], se referindo ao gelo, por este ser produzido a partir da água e, ao

⁷⁸ Carísio (GL 1.285). traz a seguinte definição do que seriam os tropos: *philosophi antiqui usum dixerunt tropen, quam catachrisin nominare, cui opinione plerique grammatici antiqui consenserunt. Omnis enim tropus quis est nisi alienae rei abusio?* [“os filósofos antigos disseram que o uso é um tropo, ao qual denominaram catacrese, opinião à qual assentiram muitos gramáticos antigos. Com efeito, o que são todos os tropos senão o uso impróprio das diversas coisas?”]

⁷⁹ Cf. o texto original: *tropi similes sunt metaplasms, non, ut quidam putant, dissimiles, dicentes quia metaplasmi uitia habent, tropi uero uirtutes. Nam in ambobus utraque reperimus: ergo potestate pares, nomine separantur.*

derreter, produz novamente o líquido. Sacerdote, diferentemente dos demais gramáticos, acrescenta que este enigma pode ser relacionado ao carvão também, por ter sido gerado do fogo e, em seguida, ser capaz de gerar as chamas. Além deste exemplo, referido por Hardie (2019, p 185) como típico da tradição gramatical, Sacerdote apresenta também um exemplo virgiliano, extraído das Bucólicas, em que o autor trata de forma obscura sobre a boca de um poço, como podemos conferir em *tris pateat caeli spatium non amplius ulnas* [Eclog. 3, 105: “a extensão do céu que não se abre por mais do que três braços”].

Tabela 11 – dos tropos



Seguindo, Sacerdote trata do epíteto, como um tropo à parte, enquanto outros gramáticos como Carísio, por exemplo, o tratava como uma bifurcação da antonomásia. Todavia, Sacerdote faz uma distinção entre o epíteto (ao qual ele confere cinco particularidades, podendo ser feito por ânimo, por corpo, por lugar, pelo que é extrínseco e pelas propriedades) e a antonomásia, dizendo que esta não admite nomes próprios unidos a si, como em *Latona natum* [“filho de Latona”] e compreende-se estar falando sobre Apolo, enquanto aquele necessita de um nome próprio, como em *pius Aeneas* [“o pio Eneias”] ou *fallax Vlixes* [“o falaz Ulisses”]. Este é o único exemplo que parece ter sido extraído do Epigrama 64, do terceiro livro de epigramas de Marcial.

O hipérbato tratado por Sacerdote é dividido em quatro outras subcategorias, a saber, parêntese, histerologia, sínquese e tmese. Sacerdote, quando fala da histerologia, cita a diferença que há entre esta e a anástrofe: esta última é uma ordem ruim de palavras, como em *Thestylis et*, no lugar de *et Thestylis*; já a histerologia mantém a ordem contrária do sentido através das palavras, como no exemplo virgiliano *postera Phoebæ lustrabat lampade terras / humentemque Aurora polo dimouerat umbram* [“em seguida, a Aurora iluminava as terras com a lâmpada de Febo e removia a sombra úmida do céu”]. Isto é, a anástrofe refere-se a posição dos termos na sentença, enquanto a histerologia representa a ordem inversa do sentido expresso pelas palavras, pois, consoante Sacerdote, temos que primeiro a sombra da noite vai-se e, só então, é que o sol surge no horizonte.

Quando trata da sínquese, Sacerdote exemplica versos, cuja ordenação pode não soar de boa forma aos leitores. Desta forma, a sínquese aparece como um tropo considerado como ruim. O trecho utilizado como exemplo por ele foi extraído do primeiro livro da Eneida virgiliana, em que se lê *tris notus abreptas in saxa latentia torquet / saxa uocant Itali mediis quæ in fluctibus aras*⁸⁰. Sacerdote aponta como uma ordem aceitável para estes dois versos o seguinte esquema *tris notus abreptas in saxa torquet mediis latentia fluctibus, quæ saxa Itali aras uocant* [“o noto leva três (barcos) arrancados em direção às pedras escondidas no meio das ondas, pedras as quais os Ítalos chamam de altares”]. Este exemplo pode vir contra a ideia de que a ordem das palavras em um texto latino é solta, como se seu sentido pudesse ser depreendido somente a partir das desinências verbais e nominais, de acordo com a sua função sintática na frase.

⁸⁰ Quintiliano (*Inst. or.* 8,2,14) já dizia ser bom evitar frases muito extensas ou com uso excessivo de hipérbatos e utiliza este mesmo exemplo como ilustração para o seu ponto de vista.

Por fim, quando contrastamos a gramática de Sacerdote com as dos gramáticos Donato e Carísio, percebemos que Sacerdote trata de alguns outros tropos que não são listados por estes dois, no século seguinte, quais sejam: i) a cacofemia – listada como uma subdivisão da alegoria por Sacerdote e substituída pelo carientismo nas obras de Donato e Carísio –, também chamada de disfemia é quando uma palavra má é empregada no lugar de uma boa, ainda que o sentido positivo seja compreendido; ii) a antapodose⁸¹, chamada de discurso recíproco, é quando um verbo corresponde à duas sentenças ao mesmo tempo; iii) a colase trata-se de um discurso que retém e corrige alguma oração que poderia ser considerada soberba; iv) a aposiopese, que é quando um discurso é mantido em silêncio⁸² para que ou o ouvinte fique espantado com o final ou ansioso para ouvir o final da sentença; v) a epidiortose, que é quando se corrige, na frase, algo que se esqueceu anteriormente; vi) prova⁸³, que é quando se afirma algo, seja inventado ou não, para confirmar um discurso; vii) exemplo⁸⁴, que acontece quando usamos uma confirmação de determinado assunto para confirmar outro; viii) o argumento⁸⁵ que é quando uma afirmação universal é usada para confirmar algo particular; ix) o signo⁸⁶ que ocorre quando se supõe uma informação, baseando-se no seu entorno; x) o hemiastato⁸⁷, que é quando tem-se o conhecimento de algo, mas ainda falta o conhecimento sobre a espécie que se trata; xi) metanea, também chamada de metagnose, é um discurso que contém o arrependimento de algo inventado que não deveria ser feito ou, ainda, que não foi inventado, mas deveria ter sido feito; xii) gradação *I, II & III*, que ocorrem quando, paulatinamente, a oração se eleva do mais simples ao mais completo⁸⁸.

⁸¹ Encontrada em (GL 6.463), o exemplo dado por Sacerdote é *olli dura quies oculos et ferreus urget somnus* [“os olhos o duro descanso e o sono férreo cerra-lhe”], em que o verbo *urget* serve para completar as orações *olli dura quies oculos*, bem como *ferreus somnus*.

⁸² O verbo utilizado aqui é *reticeo*, que significa, dentre outros, “guardar em silêncio, calar-se, não dizer, omitir”. Daí a figura ser referida como reticências em português.

⁸³ Sacerdote aponta que, neste caso, é como se quiséssemos provar que sabemos quem cometeu algum sacrilégio ou não.

⁸⁴ O gramático apresenta a situação de que, quando se deseja demonstrar que algo que é determinado pela regularidade/lógica, usa-se o exemplo de que o universo é regido pela lógica.

⁸⁵ A afirmação universal apresentada aqui é *si dies est, lucet* [“se é dia, está claro”].

⁸⁶ O exemplo usado por Sacerdote é o de que se há alguém perto de um cadáver, segurando a espada que antes pertencera ao morto, há de se supor que aquela pessoa possa ter cometido o homicídio.

⁸⁷ Sacerdote ilustra com o seguinte exemplo *hunc, inquit, frondoso uertice collem (quis deus incertum est) habitat deus* [“naquela encosta, disse, de cume frondoso, habita um deus (qual deus é incerto)”].

⁸⁸ Sacerdote ilustra este tropo com o seguinte exemplo *leonem atque alias feras* [“o leão e as demais feras”], em que “leão” é mais específico e “feras”, mais geral.

2.1.8 Das citações

Após a discussão da obra de Sacerdote como um todo, devemos realçar que, para demonstrar os assuntos dos quais ele tratava, o gramático se valia de exemplos extraídos de autores literários para ilustrar os exemplos dos vícios e virtudes presentes em sua *ars*. Além dos quatro nomes canônicos – Virgílio, Terêncio, Cícero e Salústio –, dos quais já falamos acima, Sacerdote cita também as obras de Plauto, Lucrécio, Ênio, Homero, Horácio, Marcial e Lucano. Muitas das vezes, os trechos retirados das obras serviam simplesmente para demonstrar alguma particularidade de composição sobre a qual Sacerdote estava discutindo – tornando o excerto complexo de ser entendido como um todo (e muitas vezes, difícil de ser traduzido). Na composição de sua *ars grammatica*, Sacerdote, por diversas vezes, citou apenas as passagens usadas como exemplo, sem se referir a qual autor ela pertencia. Alguns, porém, o gramático cita por nomes, antecedendo a passagem apresentada, como mostramos na tabela 12 abaixo:

Tabela 12 – autores citados por nome

<i>Autor</i>	<i>Quantidade de citações</i>
Terêncio	10
Cícero	10
Virgílio	6
Lucrécio	4
Plauto	2
Salústio	1
Homero	1
Horácio	1
Lucano	1

Percebemos, ao examinar a tabela acima que Terêncio e Cícero possuem o mesmo número de citações nominais, com o total de dez vezes – ainda que Virgílio seja o autor com o maior número de citações, como mostraremos abaixo. Ênio e Marcial são os únicos autores, cujas obras são utilizadas, que Sacerdote não os nomeia antes do excerto ser apresentado. Há também o fato, como tratamos acima, de uma citação indicada como pertencente a Lucrécio, ainda que não haja nenhum outro registro seu na literatura latina. Sacerdote, por sua vez, utiliza imensamente os autores detentores da posição de cânones da literatura, em especial, Virgílio, que, como nos lembra Cantó (1997, p. 748), era usado em sala ao ponto de se observar a língua tomando forma de

acordo com as suas práticas e não observar se suas expressões se atêm às normas gramaticais da língua latina. Devido ao grande uso em sala de aula, suas obras, em particular a Eneida, deram lugar a uma grande quantidade de comentários. Ainda conforme a autora (1997, p. 751), a autoridade, *auctoritas*, dos poetas, em certo ponto, é substituída pela dos gramáticos, baseado na função que eles desempenham na sociedade como transmissores do uso correto da língua – uso fundamentado na *auctoritas* dos poetas. Traremos abaixo uma tabela com as obras dos autores utilizados por Sacerdote, sinalizando a quantidade de citações que cada uma delas possui.

O conteúdo da tabela abaixo mostra, portanto, que o maior número de citações se encontra sob o nome de Virgílio e suas obras, com o total de 213 citações – além de serem obras de maior extensão do que as dos demais autores, tal fato realça mais uma vez a *auctoritas* de Virgílio no tocante às obras gramaticais latinas, bem como o número de citações pertencentes às obras de Terêncio e Cícero, com o total de 41 e 23 citações, respectivamente. Recorrendo às palavras de Cantó (1997, p. 747), a utilização das obras literárias nas gramáticas contribuiu decisivamente para a preservação dos textos, conferindo à escola dos gramáticos um papel importantíssimo nesse quesito, ainda que a escolha de determinadas obras decidisse também as obras que seriam esquecidas com o passar dos tempos.

Ao terminar seu primeiro livro, Sacerdote nos dá indícios de que seria o compositor de tal obra, atribuída a Claudio Sacerdote, pela edição de Eichelfeld & Endlicher, como discutimos acima: “até aqui compusemos os preceitos das artes gramaticais. Falaremos mais adiante, porém, sobre as regras gerais dos nomes e dos verbos”⁸⁹. Nas palavras de Taylor (1991, p. 107), a *ars grammatica* era um empenho dinâmico e não estático, como talvez possa-se pensar, ainda que sua *auctoritas* seja tamanha, muitos professores e estudiosos contemporâneos das épocas antigas não estavam tão familiarizados com outro sistema de gramática, senão aquele herdado do gramático antecessor.

⁸⁹ Cf. o texto original: *hus usque artium grammaticarum fecimus instituta. De catholicis uero nominum atque uerborum latius exponemus.*

Tabela 13 – obras e citações

<i>Autor</i>	<i>Obra</i>	<i>Quantidade de citações</i>
Virgílio	<i>Aeneis</i>	187
	<i>Eclogae</i>	15
	<i>Georgicon</i>	11
Terêncio	<i>Andria</i>	12
	<i>Hecyra</i>	6
	<i>Eunuchus</i>	6
	<i>Phormio</i>	3
	<i>Heautontimoroumenos</i>	8
	<i>Adelphoe</i>	6
Plauto	<i>Truculentus</i>	2
	<i>Epidicus</i>	1
Cícero	<i>In Catilinam</i>	7
	<i>Pro Ligario</i>	3
	<i>De finibus</i>	1
	<i>Pro Deiotaro</i>	2
	<i>In Verrem</i>	4
	<i>In Pisonem</i>	1
	<i>De inuentione</i>	2
	<i>Pro Marcelo</i>	1
<i>Pro Caelio</i>	1	
Salústio	<i>Bellum Catilinae</i>	12
	<i>Bellum Iugurthinum</i>	4
	<i>Historiae</i>	1
Lucrécio	<i>De rerum natura</i>	2
Ênio	<i>Annalium fragmenta</i>	4
Homero	<i>Ἰλιάς</i>	1
Horácio	<i>Carmina</i>	1
Lucano	<i>De bello ciuili siui Pharsalia</i>	1
Marcial	<i>Epigrammata</i>	1

3. DA TRADUÇÃO

Qualquer tradução, por mais simples e despreziosa que seja, traz consigo as marcas de sua realização: o tempo, a história, as circunstâncias, os objetivos e a perspectiva de seu realizador. Qualquer tradução denuncia sua origem numa interpretação, ainda que seu realizador não a assumia como tal. Nenhuma tradução será, portanto, “neutra” ou “literal”; será sempre e inescapavelmente, uma leitura. (ARROJO, 2003b, p. 78)

Levando em consideração a ausência de uma neutralidade para a arte tradutória, conforme citação acima, podemos destacar que, transcendendo o tempo, inúmeras obras da Antiguidade têm sido lidas e transformadas em leituras feitas pelos olhos e mãos de tradutores de outras épocas. A tradução de tais documentos textuais se torna, portanto, um importante meio de acesso às obras antigas por aqueles que não dominam o idioma no qual o texto foi originalmente escrito. Da mesma forma que Arrojo declara que as traduções trazem marcas de suas realizações, é certo afirmar que os textos antigos (nunca propriamente “originais”, visto que decorrem de uma extensa cadeia de edições de numerosos manuscritos) também trazem consigo marcas de seu tempo, seu contexto social e político, bem como marcas de seu autor – marcas que não se excluem, mas se complementam umas às outras. Por isso, para que o texto a ser traduzido não perca sua perspectiva histórica, impõe-se que estabeleçamos aquilo que Koerner (1995, p. 13) nomeia “clima de opinião”, isto é, o primeiro princípio adotado por um historiógrafo da Linguística, também conhecido como princípio da contextualização. Ao apontar o contexto no qual aquele texto foi produzido e as influências que intervieram em sua composição, podemos buscar uma coerência histórica entre o texto em seu contexto e a sua tradução contemporânea, tal é o que tentamos delinear no capítulo 1 dessa dissertação. Em seguida, tratamos, no capítulo 2, do que Koerner chama de “princípio da imanência” – isto é, a leitura imanente dos conceitos e da estrutura do texto. Resta, ainda, finalmente, tratarmos do terceiro e último princípio da Historiografia da Linguística: o “princípio da adequação”, o que nos permitirá, neste capítulo, relacioná-lo à proposta de tradução deste texto (KOERNER, 1995, p. 13).

No que diz respeito a esse terceiro princípio, ele consiste no esforço de realizar aproximações relacionadas ao vocabulário técnico e o enquadramento conceitual apresentado no texto a ser trabalhado, tendo em vista um horizonte de compreensão

contemporâneo. Sem buscar uma “atualização anacrônica”, tal princípio consiste em buscar as pontes que permitem o acesso à compreensão do texto antigo, seja através de um aparato de notas, seja através de uma tradução legível por não especialistas. Após estudar o documento e estipular o contexto que o envolveu e o influenciou, deve-se haver uma preocupação em tentar manter o vocabulário técnico e conceitual de uma tradução o mais próximo do ambiente original do texto de partida, tendo como regra fundamental, como diz Koerner, o fato de que o leitor deva ser avisado de que estas aproximações linguísticas foram acrescentadas na tradução (trataremos deste assunto no item 3.3 adiante), o que implica uma escolha consciente de termos e um aparato de notas que esclareçam o leitor.

Quanto à tradução, sabe-se que não se traduz um texto palavra por palavra. Em outros termos, deve-se estar atento à armadilha da *metáphrasis*, isto é, a transposição de palavras. De fato, mesmo os antigos já nos alertavam contra esse procedimento, como podemos depreender das palavras de Cícero, ao descrever seu processo de tradução na obra *De optimo genere oratorum*:

Traduzi, então, dos áticos dois discursos notáveis e contrários entre si, um de Ésquino, outro de Demóstenes, autores dos mais eloquentes. E não os traduzi como um tradutor, mas como um orador, usando os mesmos argumentos, tanto na sua forma quanto nas suas figuras de linguagem, em termos adequados à nossa cultura. Para tanto, não considerei necessário verter palavra por palavra, mas mantive inteiro o gênero das palavras e sua força expressiva. Não julguei que fosse apropriado contabilizar as palavras para o leitor, mas como que sopesá-las⁹⁰. (CICERO. *O melhor dos gêneros de oradores*, 5, 14)

Cícero, ao sopesar as palavras do texto que estava traduzindo, isto é, equilibrá-las, compensá-las, acrescentava à tradução dos textos de Ésquino e Demóstenes sua perspectiva e sua corrente de significados que estavam de acordo com o ambiente e o público para o qual ele produzia aquela tradução. Ao leitor romano que não conhecia as obras dos “autores mais eloquentes”, as adaptações feitas por Cícero poderiam soar como naturais e seu texto seria, assim, o mais transparente dentro do contexto em que estava. É nesta parte do ofício de um tradutor que notamos o seu poder de adaptação e domínio sobre a obra traduzida. Venuti (1995, p. 18) reforça a idéia de que tanto o texto

⁹⁰Tradução de Brunno Vinicius Gonçalves Vieira & Pedro Colombaroli Zoppi. Cf. texto original: [14] *Conuerti enim ex Atticis duorum eloquentissimorum nobilissimas orationes inter seque contrarias, Aeschini et Demostheni; nec conuerti ut interpretes, sed ut orator, sentiis isdem et earum formis tamquam figuris, uerbis ad nostram consuetudinem aptis. In quibus non uerbum pro uerbo necesse habui reddere, sed genus omne uerborum uimque seruauit. Non enim ea me adnumerare lectori putauit oportere, sed tamquam appendere.*

original como o traduzido são derivativos e que o sentido expresso em um texto é plural e não estático (tal qual afirmaria a visão logocêntrica de que o sentido de um texto é estável). Essa afirmação nos retorna à Arrojo (2003a, p. 68), em sua declaração de que toda atividade tradutória se revela como um produto das perspectivas de seu tradutor, isto é, de um sujeito interpretante, e não simplesmente uma compreensão ‘neutra’ e desinteressada do texto fonte.

Swiggers & Wouters (1996, p. 135) declaram que como intérprete, o tradutor deve transpor os documentos gramaticais antigos, sua terminologia e sua conceitualização para nossa linguagem e mundo modernos, tendo estes sua própria carga de conceitos – que, em alguns casos se diversifica daqueles usados nos séculos passados. Portanto, o tradutor faz mais do que simplesmente encontrar termos correspondentes na língua alvo para aqueles presentes no texto fonte. Seu ofício consiste em identificar os termos em seu próprio contexto original e, ademais, trazê-los para a contemporaneidade sem que eles percam seu sentido original, mas também não soem muito estranhos para os leitores modernos. A relevância do ofício de um tradutor poderia ser associada, por exemplo, à de um antigo copista, cuja função era realizar cópias de determinados textos para que eles se mantivessem presentes, mesmo que incluísse aqui e ali uma informação que não constava no texto original – feito que nem sempre se pode evitar em uma tradução.

3.1 AS DIFICULDADES DO PROCESSO TRADUTÓRIO

Swiggers & Wouters (1999, p. 5) apontam a tradução como um componente básico de todo trabalho que envolve a disciplina de Historiografia da Linguística, cujo conteúdo dos documentos – que está relacionado com períodos longevos – se apresenta distante de nossa perspectiva atual. Gattei (2008, p. 159), por sua vez, aponta dois aspectos que envolvem o processo de tradução, a saber: i) um aspecto mais técnico, que consiste em substituir as palavras de uma língua fonte para a sua língua alvo; e ii) um aspecto mais interpretativo, durante o qual tenta-se dar um significado ao texto da língua fonte ao relacioná-lo com seu próprio contexto linguístico, mas não com a língua alvo. Contudo, estes dois aspectos tradutórios não precisam, necessariamente, aparecer nesta ordem, pois, em diversos casos, não conseguimos traduzir determinada palavra de

nosso idioma fonte (isto é, aplicar o primeiro aspecto), mas conseguimos entender e identificar seu referente dentro do próprio contexto em que o termo está empregado (ou seja, aplicar o segundo aspecto). Nas palavras de Gattei,

um termo “estrangeiro” é intraduzível não porque somos incapazes de encontrar seus referentes em seu contexto linguístico, mas porque somos incapazes de encontrar um termo correspondente na língua de destino, cujos referentes não coincidem com aquele que queremos traduzir. (GATTEI, 2008, p. 159 – tradução nossa⁹¹).

Por diversas vezes, tratar de um documento antigo pode levantar dificuldades em relação à tradução de termos que podem ser falaciosos em circunstâncias modernas por serem similares no que tange à morfologia, mas díspares em relação à sua semântica. Swiggers & Wouters (1996, p. 123) expõem esse problema metodológico que os historiógrafos da linguística comumente enfrentam, disposto em três pontos: o primeiro deles é penetrar o sentido e o cenário destes textos em questão, percebendo haver neles uma terminologia enganosamente similar à nossa linguística técnica ou totalmente aleatória às concepções modernas; o segundo ponto é situar estes textos e sua terminologia, levando em consideração as questões gramaticais e linguísticas e seu próprio campo disciplinar; o terceiro é o de transpor esta terminologia e os conceitos do passado para o presente, demonstrando como eles se encaixam na história geral da linguística. Em outras palavras, as traduções dos textos antigos devem respeitar seu contexto original, porém devem ser acessíveis aos leitores contemporâneos, que possam não estar acostumados com a nomenclatura usada na obra – os quais devam ser avisados dos sentidos enganosos trazidos à luz por uma morfologia conhecida.

Um dos exemplos de terminologia utilizada na obra de Sacerdote que podem gerar alguma confusão quanto a seu uso é o do termo polissêmico *figura* – que em português pode significar, dentre outras coisas, “figura”, “forma exterior de um corpo”, “aparência”, “símbolo”, “imagem”. O termo aparece na obra de Sacerdote 19 vezes (variando de referente) como em, por exemplo, “a figura ou é simples, como *iuste* ou composta, como *iniuste*”⁹². Nesse trecho, Sacerdote, ao tratar dos advérbios, utiliza *figura* como um modo de definir suas formas estruturais, bifurcando-as em simples

⁹¹ Cf. o texto original: a “foreign” term in untranslatable not because we are unable to find its referents in its linguistic context, but because we are unable to find a corresponding term in the destination language whose referents do not overlap with those referred to by the term we wish to translate.

⁹² Cf. Sacerdote (GL 4.443) *Figura aut simplex est, ut iuste, aut composita, ut iniuste.*

como *iuste*, “de modo justo, justamente”, ou compostas, como *iniuste*, derivado da composição entre o prefixo *in* + *iuste*, “de forma injusta, injustamente”. O mesmo acontece quando o autor trata dos participios, como, por exemplo, em “a figura nos participios ou é simples, como *scribens*, ou composta, como *inscribens*⁹³”. Outro exemplo que demonstra melhor a noção por trás do termo figura é quando Sacerdote diz que

A figura nos verbos ou é simples, como *dico*, ou composta, como *indico*. No entanto, os verbos são compostos, assim como os nomes, de quatro modos: ou a partir de duas partes alteradas, como *officio*, ou de duas partes íntegras, como *inuoco*, ou de uma parte alterada e uma íntegra, como *accedo*, ou de uma parte íntegra e uma alterada, como *defendo*. (GL 4. 432)⁹⁴

Neste trecho, o gramático latino trata da composição lexical dos verbos em que alguns são simples, *dico*, e outros compostos, *indico*. Os verbos compostos, por sua vez, são formados da junção de preposições, que podem ou não ter sua forma alterada, ao verbo com o qual se ligam. A preposição *ob*, que indica oposição, se assimila em *f* diante de outro *f*, assim *ob* + *facio* > *officio*⁹⁵; a preposição *ad*, que indica aproximação, se assimila à consoante com a qual se inicia a próxima palavra, assim *ab* + *cedo* > *accedo*. Logo, neste contexto, o termo *figura* está relacionado à composição lexical latina, indicando as formas e estruturas das palavras.

Contudo, o mesmo termo é utilizado como um sinônimo para *metaplasmus*. De acordo com Sacerdote, “o metaplasmo ou figura é uma palavra composta diferentemente do que se deve por causa do metro ou do decoro⁹⁶”. *Figura* aqui diz respeito à construções feitas por poetas e oradores que iriam contra à regularidade da língua, isto é, eram vícios de linguagem que deveriam ser evitados ao se escrever um texto, mas perdoados quando quem o fazia eram autores renomados e resguardados pela noção de *auctoritas*. Quintiliano (*Inst. or.* 1, 5, 52), ao tratar de tais vícios diz que eles “designar-se-ão, pois, *figuras*, decerto mais frequente entre os poetas, mas também aos

⁹³ Cf. Sacerdote (GL 4.443) *Figura in participiis aut simplex est, ut scribens, aut composita, ut inscribens*

⁹⁴ Cf. original: *figura in uerbis aut simplex est, ut dico, aut composita, ut indico. componuntur autem uerba, sicut nomina, modis quattuor: aut ex duobus corruptis, ut officio, aut ex duobus integris, ut inuoco, aut ex corrupto et integro, ut accedo, aut ex integro et corrupto, ut defendo.*

⁹⁵ Neste caso, além da assimilação de *ob* em *of* diante de *facio*, a vogal *a* presente no radical do presente de *facio* se torna *i*, *facio*. Assim, ambas as partes alteradas na formação da nova palavra.

⁹⁶ Cf. Sacerdote (GL 4.541): *Metaplasmus uel figura est dictio aliter compósita quam debet metri uel decoris causa.*

oradores permitidas⁹⁷”. O termo latino *figura* também é usado como um referente para o grego *schema* (pl. *schemata*), pois em Carísio (GL 1.279) encontramos “os *schemata* são *lexeos* ou *dianoeas*, ou seja, são figuras de palavras ou de sentidos”. Isto indica que onde aparece o termo *schema*, preferimos mantê-lo transliterado do grego ao traduzi-lo.

Ainda, o mesmo termo é utilizado quando o gramático trata dos verbos latinos. Ao tratar da espécie defectiva dos verbos, Sacerdote (GL 6.430) diz que ela “se faz de três modos: através da elocução, que alguns chamam de figura, como *fero, tuli, feror, latus sum, sum, fui*;⁹⁸”. Nesse cenário, o autor retrata o termo *figura* como sendo um tipo de sinônimo para *elocutio*, ao dizer que alguns gramáticos se referiam a este tipo de flexão verbal através dos dois vocábulos. No exemplo, o Sacerdote parece associar os termos *elocutio* e *figura* à flexão verbal em que há mudança nos radicais: *fero*, primeira pessoa do presente do verbo *ferre*; *tuli*, primeira pessoa do pretérito perfeito do mesmo verbo; e ainda *latus*, particípio passado do mesmo verbo; o mesmo com *sum* e *fui*, primeira pessoa do presente e primeira pessoa do pretérito perfeito de *esse*, respectivamente.

Assim sendo, um mesmo termo era utilizado para tratar de conceitos completamente diferentes. Embora, no texto alvo, o termo *figura* tenha sido traduzido como simplesmente “figura”, em português, o conceito por trás desse vocábulo no campo semântico do texto de origem abrange mais de um sentido. À primeira vista, a terminologia empregada pelo gramático é morfologicamente similar, porém sua semântica é completamente diversa. Somente após a aplicação do princípio da imanência de Koerner (1995, p. 13), em que há a tentativa de se compreender os aspectos que envolvem o texto que foi possível perceber essas nuances de sentido que o texto fonte traz intrínsecas a si.

Tomemos também como exemplo o verbo *cado, -is, -ere*. Ao checar seu respectivo verbete em um dicionário⁹⁹, de início temos como significado, dentre outros, “cair”, “escorregar”, “sair”, “morrer”, “acalmar-se”, etc. Somente nas últimas acepções deste verbo que encontramos “acabar”, “concluir-se”, “terminar-se”. Quando Sacerdote trata sobre a sinalefa (GL 4.448), que remete ao que chamamos de elisão, ou seja,

⁹⁷ Cf. *Schemata igitur nominabuntur, frequentiora quidem apud poetas, sed oratoribus quoque permissa.*

⁹⁸ Cf. *Defectiua species tribus modis fit: elocutione, quam quidam figuram uocant, ut fero tuli, feror latus sum, sum fui;*

⁹⁹ Para tal, conferimos o verbete em Saraiva (2006[1927]).

supressão fonética da vogal final de uma palavra em conjunto com a vogal inicial da palavra seguinte, ele diz: “Todavia, não é necessário que todas as sílabas que terminam assim, isto é, em vogal, em *-m* ou em *-s*, admitam a sinalefa¹⁰⁰”. O verbo *cadunt*, utilizado neste contexto, está para além das primeiras acepções encontradas no dicionário, que soam totalmente inapropriadas ao contexto.

Mais adiante, ao tratar dos metaplasmos, também chamados de figuras, como vimos acima, Sacerdote (GL 4.452) trata da antítese, que à primeira vista, pela similaridade morfológica e fonética, pode nos remeter ao sentido de antítese que estamos acostumados no contexto literário do mundo moderno, que seria a oposição entre duas palavras ou ideias de sentido contrário em uma frase, conforme nos recorda Aquino (2008, p. 31). Porém, o gramático nos diz que “a antítese é a troca de uma letra por outra, como *olli*, em vez de *illi*¹⁰¹”. Dessa forma, traduzir *antithesis* pelo termo “antítese”, em português, pode gerar um engano para o leitor desavisado que assimilará um conceito moderno que não faz parte do contexto original do documento gramatical.

Entretanto, como ressaltam Swiggers & Wouters (1999, p. 7), devemos tentar não superinterpretar os textos gramaticais antigos, ainda que não possamos lê-los sem nossa visão do mundo moderno – uma vez que somos leitores, críticos e intérpretes do século XXI. Devemos, portanto, ter cautela no que tange à tradução de noções antigas, que, por vezes, tendem a ser enganosas ou imprecisas – lê-se textos que fazem alusões a diversos assuntos extratextuais e que podem possuir lacunas em sua estrutura, impossibilitando uma leitura completa de seu conteúdo –, de modo que não demos uma interpretação anacrônica aos termos e noções presentes no texto fonte. Em casos como esses, apenas a tradução do texto fonte não supre os leitores com as informações necessárias. Por isso, o recurso de anotações no rodapé também colabora para a compreensão de fatos intrínsecos à obra ou não – funcionando também como uma consequência do princípio da adequação.

Ressaltamos mais uma vez que, de acordo com Koerner (1995, p. 14), somente se os três princípios por ele abordados forem levados em consideração que há a chance de serem evitadas as distorções de ideias e intenções dos linguistas, filósofos da linguagem e dos antigos gramáticos. Para sumarizar, Swiggers & Wouters (1999, p. 5)

¹⁰⁰ Cf. texto original: *non tamen omnes syllabae quae sic cadunt, id est aut in uocalem aut in m aut in s, necesse est ut synalifam patiantur.*

¹⁰¹ Cf. texto original: *Antithesis est litterae pro littera commutation, ut olli pro illi.*

apontam a relevância da atividade de tradução de textos antigos, dividindo-a em dois pontos:

Para além do interesse prático de tornar os textos disponíveis para uma maior audiência, que pode explorar estes textos de outras perspectivas e pode, então, contribuir com novas idéias para a história da Linguística, há o interesse científico geral de que todas as traduções envolvem escolhas relacionadas com a leitura dos textos originais e propõem uma interpretação do conteúdo (que é, por vezes, problemática) destes textos antigos¹⁰² (tradução nossa).

Dessa forma, nosso principal objetivo ao traduzir uma obra que, até então, não havia sido traduzida é o de abrir margem para que este texto seja alcançado por diversos outros leitores, sejam estudiosos da língua latina ou não, bem como trazer à luz da modernidade o documento referente à primeira gramática que chegou até nós e as características que este texto traz consigo. E como parte da interpretação dos textos antigos, optamos por preencher as supressões léxico-semânticas que são recorrentes no texto latino por romperem, de certa forma, a leitura do texto traduzido, deixando-o truncado, no mais das vezes e assim, afetando sua compreensão, como quando o autor prefere omitir um termo por poder relacioná-lo facilmente com seu referente. Vejamos o seguinte exemplo:

Existem aqueles [verbos] que, ao contrário, são oriundos de um tempo presente similar e, no tempo perfeito, são distintos, como *parco* [um com sentido de] *ignosco* [e outro de] *seruo*: [com o sentido de] *ignosco*, ele faz [o perfeito em] *peperci* (...); porém *parco* [com o sentido de] *seruo* faz [o perfeito em] *parsi*. (GL 6.433)¹⁰³

Dessa maneira, os termos entre colchetes apresentados no trecho acima foram acrescentados porque, embora o texto latino não os apresente, eles fornecer certa importância para a compreensão do trecho como um todo pelos leitores. Entendemos que, para gerar uma melhor compreensão, fosse necessário suprir o texto em português com o sentido que está omissos no texto latino. Outro ponto em questão é quando as citações são usadas por muitas vezes fragmentadas, para demonstrar apenas o que

¹⁰² Cf. texto original: *apart from the practical interest of making the texts available to a larger audience, which can exploit these texts from other perspectives and can thus contribute new insights to the history of linguistics, there is the general scientific interest that all translations involve choices concerning the reading of the original texts and propose an interpretation of the content (which is often problematic) of these ancient texts.*

¹⁰³ Cf. o original: *sunt e contrario quae simili tempore praesenti orta in tempore perfecto separantur, ut parco ignosco et seruo: ignosco facit peperci (...); parco uero seruo facit parsi.*

Sacerdote pretendia discutir. Ao traduzir exemplos como *ac me cum ab reliquorum* (extraído de Salústio) e *uel tu quod superest* (extraído de Virgílio), foi necessário acessar as obras de onde foram retirados, porque, por si só, não trazem uma carga completa de sentido (com base nas palavras utilizadas como exemplo e suas desinências). Tais trechos foram utilizados por Sacerdote para tratar das conjunções. Por esse motivo *ac* e *uel*, que aparecem no início de cada frase eram o suficiente para que o gramático desse seus exemplos.

Ainda, é necessário avisar aos leitores que aproximações de termos modernos foram feitas, quando necessário, por estes se encaixarem no contexto do documento gramatical original. A seguir, trataremos brevemente sobre termos específicos do campo gramatical e suas respectivas traduções.

3.2 A TRADUÇÃO DE TERMOS DO CAMPO SEMÂNTICO GRAMATICAL

Durante o processo de tradução, alguns termos pertencentes ao campo semântico gramatical foram fontes de dúvidas e pesquisas mais elaboradas. Para nos auxiliar na tradução de tais termos, de forma que fosse seguido o que Swiggers & Wouters (1996) dizem sobre manter o sentido dos termos de acordo com o contexto que eles estão inseridos e não com o nosso contexto atual, utilizamos o manual de Samantha Schad (2008) como base de consulta. A seguir apresentaremos alguns exemplos de termos que foram traduzidos levando em consideração não só o contexto da obra de Sacerdote no qual eles estavam inseridos, mas também o manual de Schad.

Quando tratamos dos verbos, parte da oração que segue a preposição na obra de Sacerdote, alguns termos necessitam um pouco mais de cuidado ao serem traduzidos. Sacerdote ao tratar da categoria dos verbos, utiliza o termo *genus*, dando *species*, *adfectus* e *significatio* como alternativas – *genus in uerbis, id est species uel adfectus uel significatio* (GL 6.429). O termo *genus*, geralmente traduzido por “gênero” (como em gênero gramatical feminino, por exemplo) é apresentado por Schad (2008, p. 184) como “classe” ou “categoria” e, comparando com o texto de Sacerdote, decidimos manter “categoria” como a tradução padrão neste exato contexto – uma vez que Sacerdote divide os verbos em nove tipos, a saber, ativos, passivos, depoentes, neutros,

comuns, incoativos, defectivos, frequentativos e impessoais. Assim, o termo “categoria” parece abarcar melhor o sentido expresso neste contexto.

Por outro lado, *species* – registrado como uma subcategoria de *genus* – foi um termo muito citado por Sacerdote, aproximadamente 65 vezes no decorrer da obra, das quais 61 são com o sentido que vamos tratar a seguir. Segundo o manual de Schad (2008, p. 376), o termo apresenta um sentido referente às formas e vozes verbais, funcionando como um sinônimo para os termos *genus*, *adfectus* e *significatio* – como atestado por Sacerdote no trecho citado acima. Decidimos, então, manter sua tradução padrão como “espécie”, deixando-o próximo do termo original, mantendo, contudo, o sentido de “classe, categoria, tipagem”. *Adfectus* era também associado à voz verbal e, segundo Schad (2008, p. 28), o termo parecia tentar restituir o grego διάθεσις, uma vez que o termo padrão para designar a voz verbal seria *genus*, tendo como alternativa *significatio*. O’Rorke (2016, p. 34) aponta que a tentativa latina de traduzir o termo grego διάθεσις também se deu através do termo *modus*, muito comumente utilizado para designar o modo verbal. *Adfectus* ou *affectus* teria então emergido no século III através da obra de Sacerdote e O’Rorke (2016, p. 35) se vale de excertos do *Anonymus de Verbo* e de Prisciano para interpretar que o uso do termo *adfectus/affectus* descreve uma disposição física e psicológica do sujeito, podendo ser ativa ou passiva. Dessa forma, mantemos como padrão a tradução “disposição” nos contextos em que ele aparece. Por último, *significatio*, que aparece por volta de 15 vezes e também está relacionado com o sentido de “voz verbal”, no que tange à diferenciação entre a significação ativa ou passiva do verbo – além de sua acepção mais recorrente como “sentido, significado, acepção”. O termo foi usado por Sacerdote como sinonímia para *genus*. Logo, escolhemos o termo “significação” para designar o termo latino nos contextos referentes ao verbo.

Declinatio aparece no decorrer do texto latino por volta de sete vezes, podendo significar “declinação”, como um conjunto de palavras pertencentes ao mesmo tipo, bem como “paradigma”, de acordo com Schad (2008, p. 109), para as palavras que são flexionadas de forma similar. O termo *potestas* possui o sentido de “força, significado”, segundo Schad (2008, p. 310), dentre outras acepções. Ao traduzir as três vezes que o termo aparece na obra de Sacerdote, optamos pelo vocábulo “valor” em português, mantendo o sentido de “efeito, significação, propriedade”, referenciado no texto latino. Consoante o manual de Schad (2008, p. 36), alguns gramáticos bifurcavam a categoria

dos substantivos comuns entre *appellatio* e *uocabulum*. Assim, optamos por traduzir aquele como “substantivo” e este, “vocábulo”. Nas duas ocorrências de *appellatio*, o sintagma utilizado por Sacerdote já indicava de que tipo de substantivo ele tratava, a saber *propriam appellationem* (GL 6.463) e *generalem appellationem* (GL 6.470), “substantivo próprio” e “substantivo comum”, respectivamente.

Sacerdote utiliza *elocutio* cinco vezes no que diz respeito à categoria verbal. Schad (2008, p. 148) nos lembra que o termo é usado para designar o uso falado da língua, bem como a própria pronúncia das palavras, levando-nos a traduzir *elocutio* como sua principal acepção, “elocução” – já que, além de se aproximar ao termo latino, “elocução” traz também a ideia de enunciação ou dicção, presente nos contextos em que o termo é utilizado na obra latina. Quanto à *ratio*, Schad (2008, p. 339-340) a define como um sistema racional, sendo um dos componentes da *Latinitas* que determinam a fala correta. Fortes, seguindo os preceitos de Quintiliano, diz que

A língua (*sermo*), tanta para quem fala, discursa, produz e apresenta peças oratórias – o orador – quanto para quem a expressa por escrito é [...] uma realidade regulada por princípios a ela intrínsecos, organiza-se segundo certa lógica das coisas, definida pelo termo *ratio*, que, apesar de difícil tradução, tem identidade com certa nuance do *logos* grego, e que podemos entender como a “organização lógica”, intrínseca da língua (FORTES, 2012b, p. 201)

Como afirmado por Fortes, acima, *ratio* é um termo de certa complexidade quanto à sua tradução. Para tal, nos apoiamos em três vocábulos distintos, ainda que pertencentes ao mesmo campo semântico, para designar a ideia expressa pelo termo latino, quais sejam “regularidade”, “regra” e “razão”. O termo latino e suas flexões aparecem 19 vezes pela obra de Sacerdote e o traduzimos, na maioria das vezes, por “regularidade”, salvo quando o gramático trata do barbarismo (GL 6.451) *uel si felix scribas per p et h, cum ratio f exigat* [“ou se escrevesse *felix* com *ph*, quando a regra exige *f*”] e quando Sacerdote ilustra o tropo *exemplo* (GL 6.469), dizendo *si uoluerimus docere ratione domum regi et demus exemplum mundum regi ratione* [“se quiséssemos ensinar que uma casa é governada pela razão e demos um exemplo de que o mundo é governado pela razão”].

Quanto ao termo *dictio*, usado por Sacerdote cerca de 47 vezes, optamos entre dois vocábulos, a saber “discurso” e “palavra”, dependendo do contexto em que o gramático empregou seu referente latino. Usamos “discurso”, como quando Sacerdote

(GL 6.455) diz *amphibolia est dictio ambigua dubiam faciens sensuum sententiam* [“a anfibolia é um discurso ambíguo que cria uma sentença dúbia de sentidos”]; e “palavra” como quando o autor (GL 6.451) diz *prothesis est, cum in prima parte dictionis aut littera plus est aut syllaba* [“a prótese acontece quando, na primeira parte da palavra há uma letra ou uma sílaba a mais”]. Schad (2008, p. 129) diz que, por vezes, o termo *dictio*, com o sentido de “palavra”, era usado no lugar de *uerbum*, já que este, além de “palavra”, poderia significar a parte da oração “verbo”.

Fornecemos aqui, um breve catálogo de termos que necessitavam este foco no processo de tradução. Tais termos tiveram que ser adequados de acordo com seu contexto de ocorrência e seus referentes em português – o que auxilia um leitor moderno a se familiarizar com o texto, sem que este perca seu valor intrínseco. Finalizamos assim, a aplicação dos três princípios determinados por Koerner (1995) em nosso estudo. Tais preceitos nos permitiram observar a obra de Sacerdote a partir de um panorama histórico – com a criação do clima de opinião – e linguística, através de uma análise focada nos aparatos intrínsecos ao texto, que nos possibilitaram realizar uma tradução autêntica da *Ars grammatica* de Mario Plócio Sacerdote. Esperamos, assim, contribuir para a história do ensino da linguagem, bem como destacar *Plotius Sacerdos* como o autor que do que restou do primeiro documento gramatical que chegou até nós.

3.3 APARATOS DA TRADUÇÃO

Nosso trabalho não poderia ser feito sem as ferramentas auxiliares que utilizamos em nossa tradução: o Oxford Latin Dictionary (1968), o Dicionário Latino-Português de, Saraiva (2006 [1927]), bem como o léxico de terminologia gramatical de Samantha Schad (2008). Além disso, alguns aparatos paralinguísticos também foram acrescentados ao longo do nosso texto, a saber:

- as chaves “{ }” foram utilizadas para indicar a sucessão numérica das páginas de acordo com a edição crítica de Keil (1874). Desse modo, {455} indica que o texto se encontra na página 455 da edição crítica, permitindo que o leitor se situe mais facilmente enquanto lê a tradução e, por via das dúvidas, queira consultar o texto fonte para sanar quaisquer dúvidas;

- os colchetes “[]” foram usados para inserir informações acrescidas, que não fazem parte diretamente do texto, como por exemplo, as referências bibliográficas dos exemplos citados por Sacerdote e suas respectivas traduções;
- as notas de rodapé são destinadas a sinalizar aspectos que precisem de algum tipo de explanação no corpo do texto, como passagens obscuras, ou citações feitas pelo autor que, no texto fonte, estão diferentes, assim como demonstrar tópicos que sejam interessantes para a discussão do texto ou divergências entre as edições críticas, embora tenhamos como base a de Keil;
- os asteriscos “*” foram utilizados para indicar as lacunas textuais que a edição de Keil acusa;
- o sinal “+” foi colocado diante de termos específicos do campo gramatical para sinalizar vocábulos latinos que possuem, em sua tradução, a morfologia similar ao português, mas seu sentido não permaneceu o mesmo. Assim, +antítese representa um termo gramatical cujo referente, em português, se escreve da mesma maneira, ainda que seus sentidos sejam divergentes;
- o sinal | presente no texto latino indica a mudança de verso na edição crítica de Keil.

TRADUÇÃO DA *ARS GRAMMATICA*

M. PLOTHI SACERDOTIS ARTIVM GRAMMATICARVM LIBER PRIMVS

{427} *ab hoc poeta horum poetarum his et ab his poetis, exceptis |quibusdam nominibus, quae propter generis discretionem datiuum et ablatiuum |non is finiunt, sed bus, ut ab hac dea, non his deis sed deabus, ab |hac filia, non filiis sed filiabus, ab hac mula mulabus, ab hac equa |equabus, nisi * quid * sonuerit; pronominum, ut ab illa illarum |illis, excepto uno, quod datiuo plurali et ablatiuo et is et bus facit, ut |a qua quarum quis uel quibus; participiorum, ut ab hac docta harum |doctarum his et ab his doctis; nulla ex<cipiuntur>. quae e finiuntur, ea |aut corripientur aut producentur. quae corripuntur, ea genetiuo plurali |um accipiunt, datiuo et ablatiuo bus: nominum, ut ab hoc oratore horum |oratorum his et ab his oratoribus; prominum, ut <ab hoc et> ab hac |quale <horum et> harum qualium his et ab his qualibus; participiorum, ut ab |hoc <et ab hac> docente horum <et harum> docentum uel docentium his et |ab his docentibus. quae producuntur, ea in nominibus indifferenter |genetiuo plurali rum uel um accipiunt, datiuo et ablatiuo bus, ut ab hac |specie harum specierum uel specieum, his et ab his speciebus. {428} pronominum uero ablatiuus singularis e producta terminatus genetiuo plurali |semper rum accipit, numquam um, datiuo et ablatiuo semper is, numquam |bus, ut a me a te, nostrum uestrum, nobis uobis. nam e producta |terminatus ablatiuus participiorum numquam reperitur. quae i finiuntur, ea |genetiuo plurali um accipiunt, datiuo et ablatiuo bus: <nominum>, ut ab |hoc et ab hac suauis horum et harum suauium his et ab his |suauibus; pronominum, <ut> ab hoc et ab hac tali horum et harum talium |his et ab his talibus; participiorum, ut ab hoc et ab hac amanti horum |et harum amantium his et ab his amantibus. quae o finiuntur, ea |genetiuo plurali rum accipiunt, datiuo et ablatiuo is: nominum, ut ab hoc |magistro horum magistrorum his et ab his magistris; pronominum, ut ab |illo illorum illis, excepto uno, ut a quo quorum quis uel quibus; |participiorum, ut ab hoc docto horum doctorum his et ab his doctis. quae u |finiuntur, ea genetiuo plurali um accipiunt, datiuo et ablatiuo bus, ut ab |hoc uersu horum uersuum his et ab his uersibus. nam u littera |terminatus ablatiuus singularis neque pronominum neque participiorum |inuenitur. quae m uel s finiuntur, ea in omnibus casibus sic finientur in utroque |numero, ut nequam nugas:*

{427} *Ab hoc poeta, horum poetarum, his e ab his poetis*, com exceção de certos nomes que, por causa da distinção de gênero, o dativo e o ablativo não terminam em *-is*, mas em *-bus*, como: *ab hac dea*, não *his deis*, mas *deabus*; *ab hac filia*, não *filiis*, mas *filiabus*; *ab hac mula, mulabus*; *ab hac equa, equabus*, exceto ... que ... soar¹⁰⁵; dos pronomes, como *ab illa, illarum, illis*, com exceção de *um*, que no dativo plural e no ablativo se faz tanto com *is* como *bus*, como: *a qua, quarum, quis* ou *quibus*; dos participios, como *ab hac docta, harum doctarum, his e ab his doctis*; nenhum dos participios é exceção. Aqueles participios que são terminados em *e* ou são breves ou são longos. Aqueles que são pronunciados breves admitem *-um* no genitivo plural e *-bus* no dativo e no ablativo: dos nomes, como *ab hoc oratore, horum oratorum, his e ab his oratoribus*; dos pronomes, como *ab hoc e ab hac quale, horum e harum qualium, his e ab his qualibus*; dos participios, como *ab hoc e ab hac docente, horum e harum docentum* ou *docentium, his e ab his docentibus*. Aqueles que são pronunciados longos, quanto aos nomes, admitem *-rum* ou *-um* no genitivo plural¹⁰⁶, indiferentemente, como: *ab hac specie, harum specierum* ou *specieum, his e ab his speciebus*. {428} Dos pronomes, porém, o ablativo singular terminado em *e* longo sempre admite *-rum* no genitivo plural, nunca *-um*; no dativo e ablativo, sempre admite *-is*, nunca *-bus*, como: *a me, a te, nostrum, uestrum, nobis, uobis*. Com efeito, não se encontra um ablativo dos participios terminado em *e* longo. As palavras que são terminadas em *i* admitem *-um* no genitivo plural e *-bus* no dativo e ablativo: dos nomes, como: *ab hoc e ab hac suauis, horum e harum suauium, his e ab his suauibus*; dos pronomes, como *ab hoc e ab hac tali, horum e harum talium, his e ab his talibus*; dos participios, como *ab hoc e ab hac amanti, horum e harum amantium, his e ab his amantibus*. Aquelas palavras que são terminadas em *o* admitem *-rum* no genitivo plural e *-is* no dativo e ablativo: dos nomes, como *ab hoc magistro, horum magistrorum, his e ab his magistris*; dos pronomes, como *ab illo, illorum, illis*, exceto *um*: *a quo, quorum, quis*¹⁰⁷ ou *quibus*; dos participios, como *ab hoc docto, horum doctorum, his e ab his doctis*. Aquelas palavras que são terminadas em *u* admitem *-um* no genitivo plural e *-bus* no dativo e ablativo, como: *ab hoc uersu, horum uersuum, his e ab his uersibus*. Com efeito, não se encontra o ablativo singular terminado com a letra *u* nos pronomes ou nos participios. Aquelas palavras que são terminadas em *m* ou *s*, terminam desta forma em todos os casos, em ambos os

nam monoptota sunt. pronomina uero, |quacumque littera ablatiuus singularis terminetur, genetiui plurali semper |rum accipiunt, datiuo et ablatiuo is, ut ab illa illarum illis, excepto uno, |ut a qua [uel a quo] quis uel a quibus [et monoptotis, quae similiter per |omnes casus declinantur]; a me a te, nostrum uestrum, nobis uobis; ab |illo illorum illis, ab eodem eorundem isdem, ab hoc horum his; excepto |ablatiuo e correpta et i <terminato>, qui genetiuum pluralem um facit, |datiuum et ablatiuum bus, ut a tale uel tali talium talibus. genetiuius |quoque pluralis nominum, si ante um habuerit i, faciet accusatiuum is, ut |suauium hos et has suauis. participiorum uero ablatiuus singularis fit |modis quattuor a, e correpta, i, o.

DE PRAEPOSITIONE

praepositio est pars orationis, quae praeposita casui quem regit uim |suam tenet, postposita interdum perdit, ut «saeua sedens super arma», |id est supra arma, et postposita uim suam tenuit: «gemina super |arbore sidunt», id est supra geminam arborem; postposita modo |praepositio uim suam perdidit. praepositiones aut accusatiuum tantum modo |casum regunt et singularem et pluralem aut utrumque, id est accusatiuum |et ablatiuum tam in numero singulari quam in plurali. siqua de {429} praepositionibus alterum casum rexerit quam accusatiuum et ablatiuum, |aduerbium erit, non praepositio, ut «cum Iuno aeternum seruans sub |pectore» et «cum Iuppiter aethere summo / despiciens m(are)» et |«crurum tenuis»; uel quamuis alteram partem orationis, quae casibus |non declinatur, ut «cum dabit amplexus» et «hac tenuis aruorum |cultus». praepositiones accusatiui casus et singularis et pluralis sunt |numero XXVIII [quas supra], ad apud ante aduersum cis citra circum |circa contra erga extra intra inter infra iuxta ob penes per prope propter |praeter post pone secundum supra trans ultra usque. praepositiones |ablatiui casus et singularis et pluralis sunt numero XIII, a ab abs cum |coram de e ex pro prae palam sine tenuis. praepositiones utriusque casus |et accusatiui et ablatiui et singularis et pluralis sunt numero V, in sub |subter super clam.

números, como *nequam, nugas*: pois são *monoptota*¹⁰⁸. Os pronomes, porém, qualquer que seja a letra em que termine o ablativo singular, sempre admitem *-rum* no genitivo plural e *-is* no dativo e ablativo, como: *ab illa, illarum, illis*, exceto um, como *a qua* [ou *a quo*], *quis* ou *a quibus* [e com os *monoptota*, que são declinados similarmente em todos os casos], *a me, a te, nostrum, uestrum, nobis, uobis; ab illo, illorum, illis, ab eodem, eorundem, isdem, ab hoc, horum, his*; exceto o ablativo terminado em *e* breve e em *i*, que faz o genitivo plural em *-um*, o dativo e o ablativo em *-bus*, como: *a tale* ou *tali, talium, talibus*. Também o genitivo plural dos nomes, se antes do *-um* tiver *-i*, fará o acusativo em *-is*¹⁰⁹, como: *suauium, hos* e *has suauis*. O ablativo singular dos participios, porém, faz-se de quatro modos *a, e* breve, *i, o*.

Da preposição

A preposição é a parte da oração que, colocada antes do caso que rege, mantém seu valor; posposta, às vezes, o perde, como: *saeua sedens super arma* [*Aen.* 1, 295: sentando-se sobre armas cruéis], isto é *supra arma*, também posposta mantém seu valor. Em *gemina super arbore sidunt* [*Aen.* 6, 203: os gêmeos se estabelecem sobre a árvore], isto é *supra geminam arborem* [“sobre duas árvores”], de forma posposta, a preposição perdeu seu valor¹¹⁰. As preposições regem do mesmo modo o caso acusativo, tanto no singular quanto no plural ou em ambos, isto é, acusativo e ablativo tanto no número singular quanto no plural. {429} Se alguma das preposições regesse outro caso senão o acusativo e o ablativo, seria um advérbio e não uma preposição, como: *cum Iuno aeternum seruans sub pectore* [*Aen.* 1, 36: quando Juno, guardando eternamente sob o peito] e *cum Iuppiter aethere summo despiciens mare* [*Aen.* 1, 223: quando Júpiter observa o mar do mais alto éter] e *crurum tenus* [*Georg.* 3, 53: até a extensão das pernas]; ou, ainda, se regesse uma outra parte da oração, que não é declinada por casos, como: *cum dabit amplexus* [*Aen.* 1, 687: quando ele der abraços] e *hac tenus aruorum cultus* [*Georg.* 2, 1: até este ponto, o cultivo dos campos]. Há 28 preposições do caso acusativo, tanto no singular como no plural – as quais acima escrevi¹¹¹: *ad, apud, ante, adversum, cis, citra, circum, circa, contra, erga, extra, intra, inter, infra, iuxta, ob, penes, per, prope, propter, praeter, post, pone, secundum, supra, trans, ultra, usque*. Há 13¹¹² preposições do caso ablativo, tanto singular como plural: *a, ab, abs, cum, coram, de, e, ex, pro, prae, palam, sine, tenus*. Existe cinco preposições de ambos os casos, tanto acusativo como ablativo, singular e plural: *in, sub, subter, super, clam*¹¹³.

DE VERBO

uerbum est pars orationis cum tempore et persona sine casu, qua |quid agatur uel actum agendumue sit indicatur. uerbo accidunt VIII, forma, |qualitas, genus, quod dicitur adfectus uel species uel significatio, figura |numerus, modus, tempus, persona, coniugatio. uerbum autem dicitur, |quod uerberato aëre fiat, ideoque et uox aër ictus. |formae uerborum sunt duae, personalis et impersonalis.

formae |uerborum personas recipientium sunt quattuor: prima profertur o littera, |ut amo, secunda or, ut amor, tertia m, ut sum, quarta i, ut odi noui. |illorum uerborum quae personas non recipiunt formae sunt duae: prima |est quae profertur syllaba tur, ut itur sedetur ambulatur, altera et, ut |taedet pudet paenitet piget. qualitas in uerbis aut finita est, ut amo, aut |infinita, ut amare.

genus in uerbis, id est species uel adfectus uel significatio, diuiditur |in nouem, actiuum passiuum deponens neutrum commune inchoatiuum |defectiuum frequentatiuum impersonale. actiuum o littera terminatur et r |accepta facit passiuum, ut amo amor. passiuum r littera terminatur et ea |amissa redit in actiuum, ut scribor scribo. deponens r littera terminatur |et eam amittere non potest; si autem amiserit, Latinum non est, ut luctor |loquor. nam quod Terentius in hecyræ posuit, «eique anulum, dum |luctat, detraxisse», pro luctatur, non sic posuit, ut sit luctat actiuum |faciens ex se passiuum luctatur, sed ut sit lucto <luctas luctat> neutrum, {430} <luctor luctaris> luctatur deponens, ut obsono et obsonor. utrumque enim |in unum intellectum actiuitatis cadit. deponens dictum est tribus causis, |uel quod actiuitatem in intellectu teneat et passiuitatem deponat, uel quod |passiuitatem in declinatione teneat et actiuitatem deponat, uel e contrario, |quod r litteram deponere non potest. quidam putant ideo dici deponens, |quod de quattuor participiis unum deponat. sed errant: nam quattuor |habet, luctans luctaturus luctatus luctandus. neutrum o littera |terminatur et r accipere non potest: nam Latina non sunt, ut ambulo sedeo |pendeo uapulo; ambolor sedeor pendeor <uapulo> nemo dicit.

Do verbo

O verbo é a parte da oração com tempo e pessoa, sem caso, através da qual indica-se aquilo que se faz ou que foi feito. As propriedades dos verbos são nove¹¹⁴: forma, qualidade, categoria, que também é chamada de disposição ou espécie ou sua significação, figura, número, modo, tempo, pessoa, conjugação. No entanto, chama-se verbo porque se faz através do ar reverberado, e também, por esse motivo, a voz é o ar *ferido*¹¹⁵.

As formas dos verbos são duas: pessoais e impessoais. As formas dos verbos que aceitam pessoas são quatro: a primeira é enunciada com a letra *o*, como *amo*; a segunda, *or*, como *amor*; a terceira, *m*, como *sum*; a quarta *i*, como *odi*, *noui*. A forma dos verbos que não aceitam pessoas são duas: a primeira é aquela enunciada com a sílaba *-tur*, como *itur*, *sedetur*, *ambulator*; a outra em *-et*, como *taedet*, *puget*, *paenitet*, *piget*. A qualidade nos verbos ou é finita, como *amo*, ou infinita, como *amare*.¹¹⁶

A categoria dos verbos, isto é, espécie ou disposição ou sua significação, divide-se em nove¹¹⁷: ativa, passiva, depoente, neutra, comum, incoativa, defectiva, frequentativa, impessoal. O verbo ativo é terminado com a letra *o* e, ao receber a letra *r*, torna-se passivo, como em *amo*, *amor*. O passivo é terminado com a letra *r* e, retirando-a, o verbo retorna à voz ativa, como em *scribor*, *scribo*. O depoente é terminado com a letra *r* e não pode perdê-la; no entanto, se a tiver perdido, não é [gramatical em] latim¹¹⁸, como *luctor*, *loquor*. Com efeito, pois, Terêncio escreveu em *Hecyra*, *eique anulum, dum luctat, detraxisse* [V, 3, 31: e enquanto ela luta, ele teria tirado o anel dela], em vez de *luctatur*. Ele não o escreveu assim porque *luctat* é um verbo ativo que faz, a partir de si, o passivo *luctatur*, mas porque *lucto*, *luctas*, *luctat* é um verbo neutro; {430} *luctor*, *luctaris*, *luctatur* é depoente, como *obsono* e *obsonor*¹¹⁹. Ambos, de fato, possuem o sentido de voz ativa. O depoente foi assim chamado por três causas: ou porque mantivesse a voz ativa em sua compreensão e depusesse a voz passiva; ou porque tivesse a voz passiva em seu paradigma e depusesse a voz ativa¹²⁰; ou, ao contrário, porque não pode depor a letra *r*. Alguns pensam que é chamado dessa forma, de depoente, porque, de quatro participípios, depoe-se um. Mas estão errados, pois o verbo depoente possui quatro participípios: *luctans*, *luctaturus*, *luctatus*, *luctandus*. O verbo neutro termina com a letra *o* e não pode aceitar o *r*: pois não são verbos latinos,

como *ambulo, sedeo, pendeo, vapulo*; ninguém diz¹²¹ *ambulor, sedeor, pendeor, ualupor*. A

commune r | littera terminatur et eam amittere non potest; quam si amiserit, Latinum | non erit, ut criminator te et criminator a te. inter communem ergo | speciem et deponentem et passiuam hoc est, quod communis habet | imaginem facientis et patientis, nec tamen subest persona quae faciat uel | patiatur; deponens aut agentis tantum modo continet intellectum, ut luctor, | aut patientis, ut labor; passiuam uero r amittit, ut faciat ex se actiuum. | inter neutram speciem et actiuam hoc est, quod neutra interdum agentis | habet intellectum, ut ambulo sedeo, interdum patientis, ut pendeo uapulo; | actiuam uero semper agentis continet sensum, patientis numquam; et quod | neutrum non accipit r, actiuum accipit, ut faciat ex se passiuum.

inchoatiua species sco terminatur, ut calesco feruesco, incipio calere | feruere. haec non habet tempus praeteritum perfectum rationabiliter: nam | res quae modo incipit perfecta esse non potest. senesco autem et cresco | inchoatiuae speciei non sunt, sed neutrae, ideoque faciunt tempore | praeterito perfecto senui creui: non enim ueniunt ab aliis, sicut calesco a caleo | et feruesco a ferueo. figurantur autem inchoatiua uerba aut ab his quae | o littera terminantur, ut horreo horresco, uel ex his quae or | terminantur, ut misereor miseresco. haec species participium temporis praesentis | tantum modo recipit, calescens feruescens miserescens.

defectiua species tribus modis fit: elocutione, quam quidam figuram | uocant, ut fero tuli, feror latus sum, <sum> fui; specie, quam quidam | genus uel adfectum uel significationem dicunt, ut soleo solitus sum, fio | factus sum, audeo ausus sum, gaudeo gausus sum. hoc uerbum | participium temporis futuri dus syllaba terminatum non habet, sed solens | soliturus solitus, gaudens gausus gausurus. fio factus sum: nam fui ab | eo trahitur quod est sum, elocutione defectiuum. fio uerbum duo recipit | participia, hic et haec et hoc fiens et fiendus. nam a uerbo sum unum | uenit participium, hic futurus. nam factus et faciendus participia sunt | sine uerbi substantia: nam facior non est dicendum. fit defectiua species {431} et tempore, ut odi noui meminisse pepigi. haec uerba nullam habent | declinationem praeter has, odi noui meminisse pepigi, oderam noueram memineram | pepigeram, odisse nouisse meminisse pepigisse, et participia haec duo | futuri temporis, hic osurus hic odendus, et praeteriti hic osus:

categoria de comum termina com a letra *r* e não pode perdê-la; se a tiver perdido, não será [gramaticalmente] latino, como *crimino* *te* [“eu te acuso”] e *crimino* *a te* [“sou acusado por ti”]¹²². Assim, entre as espécies comum, depoente e passiva está o fato de que a comum tem uma forma de quem faz e de quem sofre a ação, ainda que não esteja exposta a pessoa que faz ou sofre; a depoente mantém, de todo modo, a compreensão sobre quem realiza a ação, como *luctor*, ou sobre quem sofre, como *labor*; a passiva, porém, perde o *r*, de modo que se faça, a partir de si, a ativa. Entre a espécie neutra e a ativa está o fato de que os verbos neutros ora possuem a compreensão de agente, como *ambulo*, *sedeo*, ora de paciente, como *pendeo*, *uapulo*¹²³. Os verbos ativos, porém, sempre mantêm o sentido de agentes, jamais de pacientes; e que o neutro não aceita o *r*, já o ativo aceita, de modo que se faça, a partir de si, a passiva.

A espécie incoativa termina em *-sco*, como *calesco*, *feruesco*, que significam começar a esquentar, ferver. Esta espécie não tem tempo pretérito perfeito, racionalmente: pois algo que se inicia não pode estar finalizado. *Senesco*, no entanto, bem como *creresco* não são da espécie incoativa, mas são neutros, e por este motivo fazem, no tempo pretérito perfeito, *senui*, *creui*: estes, de fato, não derivam de outros verbos, como *calesco* deriva de *caleo* e *feruesco* de *ferueo*. Os verbos incoativos, no entanto, são formados ou a partir dos que terminam em letra *o*, como *horreo*, *horresco* ou daqueles que terminam em *-or*, como *misereor*, *miseresco*. Esta espécie aceita do mesmo modo um particípio de tempo presente, *calescens*, *feruescens*, *miserescens*.

A espécie defectiva se faz de três modos: através da elocução, que alguns chamam de figura, como *fero*, *tuli*, *feror*, *latus sum*, *sum*, *fui*¹²⁴; através da espécie, que alguns dizem ser a categoria ou disposição ou sua significação, como *soleo*, *solitus sum*, *fio*, *factus sum*, *audeo*, *ausus sum*, *gaudeo*, *gavisus sum*¹²⁵. Este tipo de verbo não possui um particípio de tempo futuro terminado com a sílaba *-dus*, mas *solens*, *soliturus*, *solitus*, *gaudens*, *gavisus*, *gavisurus*; *fio*, *factus sum*: com efeito, o *fui* foi retirado dele pois é o verbo *sum*, defectivo quanto à elocução. O verbo *fio* admite dois particípios *hic* e *hac* e *hoc fiens* e *fiendus*. *Decerto*, um particípio deriva do verbo *sum*: *hic futurus*. Na verdade, *factus* e *faciendus* são particípios sem a substância do verbo: pois *faciō* não deve ser dito. A espécie defectiva faz-se {431} também através do tempo, como *odi*, *noui*, *memini*, *pepigi*. Estes verbos não possuem outra declinação além desta, *odi*, *noui*, *memini*, *pepigi*, *oderam*, *noueram*, *memineram*, *pepigeram*,

odisse, nouisse, meminisse, pepigisse e estes dois participios do tempo futuro, hic osurus, hic odendus, e do

nam noui |et memini nullum habent participium. quidam putant esse defectiuam |speciem et persona, ut in modo imperatiuo prima persona deficit temporis |praesentis uel futuri numeri singularis. sed errant: aliud est enim |species, aliud modus. nam defectio personae primae modi imperatiui in |omnibus generibus uerborum inuenitur, defectiua uero species tempore |elocutione genere propria tantum modo continet uerba. |

frequentatiua species est quae non semel sed aliquotiens quid agi |declarat, quae to uel so syllaba terminatur, ut aucto curso. haec duo |gradus recipit, ut aucto et auctito, curso et cursito. hoc tamen scire |debemus, quoniam uerba frequentatiua a cuiuscumque coniugationis uerbo |uenientia primae sunt coniugationis, ut de prima coniugatione canto |cantas cantito cantitas, de secunda augeo auges aucto auctas, de tertia |correpta scribo scribis scribito scribtas, de tertia producta, quam quidam |quartam dicunt, munio munis munito munitas. quaedam tamen unum in |frequentatiuis gradum accipiunt, ut uolo uolito, rogo rogito, uiuo uicito: |in his enim prior gradus non inuenitur. quaedam tantum priorem habent, |ut inicio iniecto, inlicio inlecto, defendo defenso, tueor tutor. sunt uerba |quae nullum gradum frequentatiuum recipiunt, ut amo studeo; sunt e |contrario frequentatiua tantum sine uerbi substantia, ut graecisso patrisso. quaedam |utrumque gradum frequentatiuum habent sine uerbi substantia, ut potisso poto.

inpersonalis species est, quam supra diximus, ut itur sedetur |ambulatur statur, taedet pudet paenitet. haec species uerborum duo recipit |participia, praesentis temporis, taedens pudens paenitens, et futuri dus |syllaba terminatum, taedendus pudendus paenitendus. hoc tamen scire |debemus, quod impersonalis species tur quidem terminata sic figuratur, |quasi a tertia persona numeri singularis uerbi passiui additis personis |omnibus utriusque numeri ueniat, ut itur a me a te ab illo a nobis a uobis |ab illis, quamuis non dicatur eor iris: etiam uerborum omnium r littera |finitorum, ut amatur a me, id est amo, docetur a me, id est doceo, |criminatur a me, id est criminator, luctatur a me, id est luctor, sedetur a me, |id est sedeo. et uero syllaba finita quasi <a> tertia

pretérito, *hic osus*: com efeito, *noui* e *memini* não possuem nenhum participio. Alguns pensam que a espécie defectiva é também em relação à pessoa, assim como falta a primeira pessoa do presente ou do futuro, no singular, no modo imperativo. Mas eles estão errados: um é, de fato, a espécie, o outro, é modo. Com efeito, a falta da primeira pessoa do modo imperativo é encontrada em todas as categorias de verbos, a espécie defectiva, porém, contém, do mesmo modo, os próprios verbos em relação ao tempo, à elocução e classe.

A espécie frequentativa é aquela que não se indica o que fazer apenas uma vez, mas muitas, e termina com a sílaba *-to* ou *-so*, como *aucto*, *curso*. Estes verbos aceitam dois graus, como *aucto* e *auctito*, *curso* e *cursito*. Todavia, devemos saber isto: que os verbos frequentativos que derivam de um verbo, de qualquer conjugação que seja, são da primeira conjugação, como da primeira conjugação *canto*, *cantas*, *cantito*, *cantitas*; da segunda *augeo*, *auges*, *aucto*, *auctas*; da terceira breve *scribo*, *scribis*, *scribto*, *scribtas*; da terceira longa, que alguns chamam de quarta¹²⁶ conjugação, *munio*, *munis*, *munito*, *munitas*. Alguns verbos, no entanto, aceitam um grau nos frequentativos, como *uolo*, *uolito*; *rogo*, *rogito*; *uiuo*, *uictito*: nestes, com efeito, o grau precedente não é encontrado. Alguns possuem somente o antecedente, como *inicio*, *iniecto*, *inlicio*, *inlecto*, *defendo*, *defenso*, *tueor*, *tutor*. Há verbos que não aceitam nenhum grau frequentativo, como *amo*, *studeo*; há, ao contrário, frequentativos somente sem a substância do verbo, como *graecisso* [“imitar os gregos”], *patrisso* [“proceder como um pai”]. Uns e outros possuem o grau frequentativo sem a substância do verbo, como *potisso*, *poto*.

A espécie impessoal é aquela que dissemos acima, como *itur*, *sedetur*, *ambulatur*, *statur*, *taedet*, *puget*, *paenitet*. Esta espécie de verbos aceita dois participios, um de tempo presente, [como] *taedens*, *pugetis*, *paenitens*, e um do futuro, terminado com a sílaba *-dus*, [como] *taedendus*, *pugetendus*, *paenitendus*. No entanto, devemos saber que há uma espécie impessoal terminada, certamente, em *-tur*, assim *figuratur*, como se viesse da terceira pessoa do singular de um verbo passivo, sendo todas as pessoas [gramaticais] adicionadas de ambos os números, como: *itur a me*, *a te*, *ab illo*, *a nobis*, *a uobis*, *ab illis*, ainda que não se deve dizer *eor*, *iris*¹²⁷. Também a letra *r* do final de todos os verbos, como *amatur a me*, isto é *amo*; *docetur a me*, isto é, *doceo*; *criminatur a me*, isto é, *crimino*; *luctatur a me*, isto é, *luctor*; *sedetur a me*, isto é, *sedeo*. Porém, [os verbos com] a sílaba final *-et*, declinam-se como se fossem da terceira

persona <numeri |singularis coniugationis secundae> declinantur personis additis omnibus |utriusque numeri de uerbo o littera finito, ut taedet me te illum nos uos illos, {432} quasi dicatur taedeo taedes taedet. sed illa species tur ablatiuo regitur |casu, haec uero et accusatiuo.

figura in uerbis aut simplex est, ut dico, aut composita, ut indico. |componuntur autem uerba, sicut nomina, modis quattuor: aut ex duobus |corruptis, ut officio, aut ex duobus integris, ut inuoco, aut ex corrupto et |integro, ut accedo, aut ex integro et corrupto, ut defendo.

numeri in uerbis tot sunt quot et in nominibus, singularis, ut amo, |pluralis, ut amamus. numerum uero dualem etiam quidam putant esse, cum |dicimus dixere scribere, quod est pro scribserunt dixerunt.

tempora sunt tria, praesens, praeteritum, quod in tria diuiditur, in |imperfectum perfectum plusquamperfectum, et futurum. quidam tempus |praesens esse negant, dicentes res aut factas esse aut habere fieri, fluminis |meatui comparantes.

personae in uerbis, sicut in pronomibus, tres sunt, prima, quae de |se loquitur, ut amo, secunda, ad quam loquimur, ut amas, tertia. de qua |loquimur, ut amat. personae quoque in uerbis deficiunt, ut in modo |imperatiuo numeri singularis persona prima deficit, sicut antea monstraui.

modi uerborum sunt quinque, pronuntiatiuus, quem quidam |indicatiuum uel finitiuum dicunt, qui habet tempora tria, instans, id est |praesens, praeteritum et futurum. quod tempus, futurum scilicet modi |pronuntiatui, <quidam> modum dicunt promissiuum. sed errant: nam tempus |est futurum specie promissiuum, sicut tempus praeteritum imperfectum |specie inchoatiuum et tempus praeteritum plusquamperfectum specie |recordatiuum. secundus modus est imperatiuus, qui duo tempora habet, |praesens et futurum: nam de praeterito nemo imperat. tertius modus est |optatiuus, qui habet tempora tria. quidam negant debere adiungi modo |optatiuo tempus praeteritum, hac ratione quia nemo optat de praeterito. |sed errant: nam Vergilius posuit

pessoa do singular da segunda conjugação, e as pessoas [gramaticais] inseridas de ambos os números, de um verbo terminado em *o*, como *taedet me, te, illum, nos, uos, illos*¹²⁸, {432} como se dissesse *taedeo, taedes, taedet*. Mas aquela espécie, em *-tur*, é regida pelo caso ablativo, esta, em *-et*, porém, pelo acusativo¹²⁹.

A figura nos verbos ou é simples, como *dico*, ou composta, como *indico*. No entanto, os verbos são compostos, assim como os nomes, de quatro modos: ou a partir de duas partes alteradas, como *officio*, ou de duas partes íntegras, como *inuoco*, ou de uma parte alterada e uma íntegra, como *accedo*, ou de uma parte íntegra e uma alterada, como *defendo*¹³⁰.

Os números nos verbos são tantos quantos existem nos nomes: o singular, como *amo*; e o plural, como *amamus*. Porém, alguns pensam existir o número dual também, quando dizemos *dixere, scribserere*, que é utilizado no lugar de *scribserunt, dixerunt*¹³¹.

Os tempos são três: o presente, o pretérito, que é dividido em três, em imperfeito, perfeito, mais que perfeito, e o futuro. Alguns negam haver um tempo presente, dizendo que as coisas ou foram feitas ou têm de ser feitas¹³², comparando ao curso de um rio¹³³.

As pessoas nos verbos, assim como nos pronomes, são três: a primeira, que fala de si, como *amo*; a segunda, a quem falamos, como *amas*; a terceira, sobre a qual falamos, como *amat*. Também faltam pessoas nos verbos, como falta no modo imperativo a primeira pessoa do singular, como antes mostrei.

Os modos dos verbos são cinco: pronunciativo, o qual alguns dizem ser o indicativo ou finitivo, que possui três tempos: o instante, isto é, presente, o pretérito e o futuro. Quanto a esse tempo, evidentemente o futuro do modo pronunciativo, alguns dizem ser o modo promissivo, mas estão errados: pois o tempo é futuro, de espécie promissiva, assim como o tempo pretérito imperfeito, de espécie incoativa e o tempo pretérito mais que perfeito, de espécie recordativa. O segundo modo é o imperativo, que possui dois tempos, presente e futuro: pois ninguém manda sobre o que se passou. O terceiro modo é o optativo, que possui os três tempos. Alguns negam que se deva adicionar ao modo optativo o tempo pretérito, pelo motivo de que ninguém expressa desejo sobre algo que já se passou, mas estão errados: pois Vergílio escreveu

«fecissentque utinam». quartus |modus est subiunctiuus, quem quidam adiunctiuum uel coniunctiuum uocant, |qui modus tempora tria recipit. quintus modus est infinitus, quem |<quidam> perpetuum dicunt. et hic similiter tria tempora habet, quamuis in |praesenti omnia complectatur, ut est amare modo, amare antea, amare postea.

sunt uerba quae in praesentis temporis tertia persona et praeteriti |perfecti communem habent declinationem, ut succendo succendis |succendit et succendi succendisti succendit. sunt uerba quae <a> diuersis {433} praesentibus temporibus uenientia in praeterito perfecto similia sunt, ut cerno |cresco creui. sunt e contrario quae simili tempore praesenti orta in |tempore perfecto separantur, ut parco ignosco et seruo: ignosco facit |peperci, ut «nec uoci iraeque pepercit»; parco uero seruo facit parsi, |ut Terentius in hecyræ «hancine ego uitam parsi perdere». sunt |uerba quae et modis et omnibus temporibus et personis deficiant et haec |tantum modo habeant, salue saluete saluere; quamuis Plautus in |truculento posuerit «non salueo», sed inridenter: nam de persona rustici dixit.

DE CONIUGATIONIBVS

coniugationes uerborum sunt tres. prima est quae uerbo actiuo modo |pronuntiatiuo, quem quidam indicatiuum uel finitiuum uocant, temporis |praesentis numeri singularis secunda persona as syllaba terminatur, ut |amo amas; cuius s littera detracta et bo adiecta fit futurum tempus |eiusdem modi, quod quidam modum promissiuum putant, ut amabo. |detracta syllaba bo fit modi imperatiui temporis praesentis numeri singularis |secunda persona, ut ama. huic personae re syllaba adiecta facit modi |infiniti temporis praesentis uel omnis declinationem, ut amare. secundae |coniugationis modi indicatiui temporis praesentis secunda persona es |producta syllaba terminatur, ut doceo doces; et s littera in bo syllabam |mutata fit eiusdem modi tempus futurum, quod, sicuti docui, quidam |promissiuum putant, ut docebo. qua syllaba bo detracta fit modi imperatiui |temporis praesentis secunda persona e producta, ut doce.

*fecissentque utinam*¹³⁴ [*Aen.* 2, 110: oxalá o tivesse feito]. O quarto modo é o subjuntivo, o qual alguns chamam de adjuntivo ou conjuntivo, que aceita os três tempos. O quinto modo é o infinitivo, o qual alguns dizem ser o perpétuo. E este, similarmemente, possui os três tempos, ainda que todos estejam contidos no presente, como existe amar agora, amar antes e amar depois¹³⁵.

Existem verbos que, na terceira pessoa do tempo presente e do pretérito perfeito possuem uma declinação comum, como *succendo, succendis, succendit e succendi, succendisti, succendit*. Existem verbos que derivam de diversos tempos presentes {433} e que, no pretérito perfeito, são similares, como *cerno, cresco* fazem *creui*¹³⁶. Existem aqueles que, ao contrário, são oriundos de um tempo presente similar e, no tempo perfeito, são distintos, como *parco* – [um com sentido de] *ignosco* [e outro de] *seruo*: [com o sentido de] *ignosco*, ele faz [o perfeito em] *peperci*, como em *nec uoci iraeque pepercit* [*Aen.* 2, 534: ele não poupou nem a voz nem a ira]; porém *parco* [com o sentido de] *seruo* faz [o perfeito em] *parsi*, como Terêncio, em *Hecyra, hancine ego vitam parsi perdere* [III, I, 2: é esta a vida que eu considere perder?]. Existem verbos que faltam tanto em modo, como todos os tempos, bem como em pessoas e que estes verbos de todo modo sejam considerados¹³⁷, como *salue, saluete, saluere*. Ainda que Plauto, em *Truculento*, tenha colocado *non salueo* [II, 2, 4: “não vô bem”], mas para causar riso, pois falava de uma pessoa rústica¹³⁸.

Das conjugações

As conjugações dos verbos são três: a primeira é a que, com o verbo ativo, no modo pronunciativo, que alguns chamam de indicativo ou finitivo, a segunda pessoa do presente do singular termina com a sílaba *-as*, como *amo, amas*; da qual, retirada a letra *s* e acrescentada [a sílaba] *-bo* faz-se o tempo futuro deste mesmo modo, o qual alguns pensam ser o modo promissivo, como *amabo*. Retirada a sílaba *-bo*, faz-se a segunda pessoa do número singular do imperativo do presente como *ama*. Adicionando a sílaba *-re* à esta segunda pessoa, cria-se o paradigma do modo infinitivo, do tempo presente ou de todos [os outros], como *amare*. A segunda pessoa do presente da segunda conjugação do modo indicativo termina com a sílaba longa *-es*, como *doceo, doces*; e a letra *s* mudada para *-bo* faz o futuro deste mesmo modo, o qual, conforme ensinei, alguns pensam ser o promissivo, como *docebo*. Com a sílaba *-bo* retirada, faz-se a segunda pessoa do imperativo do presente com a letra *e* longa, como *doce*. A sílaba *-to*

huic personae |to syllaba adiecta fit eiusdem modi temporis futuri secunda et tertia |persona, ut doceto; qua syllaba to in re correptam mutata fit modus |infinitus, ut docere. tertia coniugatio correpta secundam personam modi |indicatiui temporis praesentis numeri singularis is syllaba terminatam habet, |ut scribo scribis. qua syllaba is in am mutata erit eiusdem modi |tempus futurum, ut scribam, uel s tantum modo in am mutata, ut sapio |sapis sapiam. imperatiui quoque modi temporis praesentis secunda persona |fit s detracta de secunda persona numeri singularis modi indicatiui |temporis praesentis et i in e correptam mutata, ut scribo scribis scribe. sic |omnia exceptis uerbis tribus, dic duc fac, non dice, non duce, non face; |quod si inuenerimus, comice dictum intellegendum est. modi ergo |imperatiui temporis praesentis secundae personae re syllaba adiecta fit modus |infinitus etiam eorum uerborum, quae modo imperatiuo c, non e correpta, {434} terminantur, ut scribere dicere facere ducere, excepto uno uerbo generis |neutri, quod modo infinito sine re syllaba terminatur, ut uolo uelle, et |uno defectiuo, sum esse. nam odi noui memini modo tantum modo |indicatiuo declinantur sine tempore futuro: nam praesens praeterito perfecto |simile est et praeteritum imperfectum praeterito plusquamperfecto. |inueniemus eorum uerborum tempus plusquamperfectum modi infiniti, ut est |odisse, nouisse uel nosse, meminisse. quamuis haec omnia sine coniugatione sint. |tertia coniugatio producta, quam quidam quartam dicunt, modi indicatiui |temporis praesentis numeri singularis secunda persona is syllaba |terminatur, ut munio munis. sed s littera in am mutata fit futuri temporis |eiusdem modi prima persona, ut muniam, excepto ibo, et siquid inde |nascitur, quamuis Terentius «non eam ne nunc quidem» et «redeam». |sed am syllaba detracta et i littera integra remanente fit modi imperatiui |secunda persona numeri singularis, ut muni. huic to adiecta fit secunda |et tertia persona numeri singularis eiusdem modi temporis futuri, ut munito. |qua in re mutata fit infinitiui modi tempus omne et omnis persona, ut munire. |sic omnes uerborum species declinantur exceptis impersonalibus, in |quibus personae adiectae ubique faciunt declinationem, et exceptis defectiuis.

quidam putant de secunda persona modi indicatiui temporis |praesentis omne uerbum cuius sit coniugationis posse cognosci. sed errant. |

adicionada à esta pessoa faz a segunda e terceira pessoas do futuro, desde mesmo modo, como *doceto*. Com a sílaba *-to* mudada para *-re* breve, faz-se o modo infinitivo, como *docere*. A terceira conjugação breve possui a segunda pessoa do singular do presente do modo indicativo terminada com a sílaba *-is*, como *scribo, scribis*. Com a sílaba *-is* mudada para *-am* será o futuro, do mesmo modo, como *scribam*, ou o *-s*, da mesma forma, mudado para *-am*, como *sapio, sapis, sapiam*. A segunda pessoa do modo imperativo presente faz-se retirando o *-s* da segunda pessoa do singular, do modo indicativo presente e o *i* é mudado para *e* breve, como *scribis, scribe*. É dessa forma com todos os verbos, com exceção de três: *dic, duc, fac* e não *dice, não duce, não face*; pois se os encontrássemos, seria entendido como um termo cômico¹³⁹. Dessa forma, adicionando a sílaba *-re* à segunda pessoa do modo imperativo presente faz-se o modo infinitivo também destes verbos, que, no modo imperativo, são terminados em *c* {434} e não em *e* breve, como *scribere, dicere, facere, ducere*, com exceção de um verbo, de classe neutra, que no modo infinitivo termina sem a sílaba *-re*, como *uolo, uelle*, e de um defectivo, *sum, esse*. Com efeito, *odi, noui, memini*, no modo indicativo, da mesma forma, são declinados sem o tempo futuro: pois o presente é similar ao pretérito perfeito e o pretérito imperfeito, ao pretérito mais que perfeito¹⁴⁰. Encontramos o tempo mais que perfeito do modo infinito destes verbos, como: *odisse, nouisse* ou *nosse, meminisse*. Ainda que todos estes estejam sem conjugação¹⁴¹. Na terceira conjugação longa, a qual alguns dizem ser a quarta¹⁴², a segunda pessoa do singular do presente do modo indicativo termina com a sílaba *-is*, como *munio, munis*. Mas a letra *s* mudada para *am* faz a primeira pessoa do futuro, deste mesmo modo, como *muniam*, com exceção de *ibo* e se algo se origina a partir deste¹⁴³, ainda que Terêncio tenha escrito *non eam ne nunc quidem*¹⁴⁴ [Eun. 1, 1, 1: “eu não irei agora certamente”] e *redeam*¹⁴⁵ [Eun. 1, 1, 4: “retornarei”]. Mas, retirada a sílaba *-am* e a letra *i* permanecendo intacta, faz-se a segunda pessoa do singular, do modo imperativo, como *muni*. A esta, adicionada a sílaba *-to* faz-se as segunda e terceira pessoas do singular do mesmo modo, no futuro, como *munito*. Esta, mudada para *-re* faz-se todo o tempo e todas as pessoas do modo infinitivo, como *munire*. Todas as espécies de verbos serão declinadas assim, com exceção dos impessoais, nos quais as pessoas [gramaticais] adicionadas de todos os casos formam o paradigma¹⁴⁶, também com exceção dos defectivos.

Alguns pensam que, a partir da segunda pessoa do presente do modo indicativo pode se reconhecer todo verbo, de qualquer que seja a sua conjugação. Mas estão

nam poterit haec eorum ratio in prima et secunda coniugatione constare: |nam prima as, ut amas, secunda es producta syllaba terminatur, ut doces. |tertia uero correpta et tertia producta, quam quidam quartam dicunt, non |poterunt separatae firmari: nam utraque is syllaba terminatur, ut scribis |munis. ergo ut in omni coniugatione firmissima ratio tradatur, |consideranda est modi imperatiui numeri singularis secunda persona. nam primae |coniugationis modi imperatiui temporis praesentis numeri singularis |secunda persona a terminatur, ut ama, secundae e producta, ut doce, |tertia uero correptae e correpta, ut scribe, tertiae productae i, ut muni.

species passiuua, quae uenit de actiua, primae personae modi |indicatiui temporis praesentis r adiecta fit, ut amor tueor scribor munion. sic |in tempore futuro eiusdem modi, quod quidam modum promissiuum |dicunt, in uerbis quidem primae et secundae coniugationis r littera adiecta |fit, ut amabor docebor; in tertiae uero correptae m in r mutatur, ut |scribar moriar. omnis coniugationis uerborum passiuorum modus |imperatiuus similis est infinito actiuorum, ut amare docere scribere munire. nam |eiusdem modi tempus futurum r adiecta tempori futuro modi imperatiui {435} actiuitatis fiet, ut amator docetor scribitor munion. nam modus infinitus |passiuorum omnium coniugationum ex modo infinito actiuorum fiet e in i |mutata, excepta tertia correpta, quae de secunda persona actiuitatis modi |indicatiui temporis praesentis numeri singularis fit s littera sublata, primae |coniugationis amari, secundae doceri, <tertiae productae muniri>, tertiae uero |correptae scribi dici duci legi.

hoc scire debemus, quod futurum tempus modi optatiui primae |coniugationis <de> modi indicatiui prima persona o littera in em syllabam |mutata fiet, utinam amem, secunda uero in am, utinam doceam, tertia |utraque sic, utinam scribam, utinam muniam. sed in tertia utraque prima |persona modi optatiui temporis futuri similis orta primae personae modi |indicatiui temporis futuri in secunda persona separatur. nam optatiui modi |temporis futuri secunda persona as syllaba terminatur, utinam scribam |scribas, utinam muniam munias; illa autem es, scribam scribes, muniam |munies.

errados. Pois a regularidade deles poderá constar na primeira e na segunda conjugação: por exemplo, na primeira *-as*, como *amas*; na segunda conjugação, é terminada com a sílaba *-es* longa, como *doces*. Porém, a terceira breve e a terceira longa, a qual alguns dizem ser a quarta, não poderão ser demonstradas separadas: pois ambas terminam com a sílaba *-is*, como *scribis*, *munis*. Dessa forma, uma vez que a mais sólida regularidade é ensinada em todas as conjugações, a segunda pessoa do singular do modo imperativo deve ser considerada, pois a segunda pessoa do singular, do presente, do modo imperativo da primeira conjugação termina em *a*, como *ama*; a segunda, em *e* longo, como *doce*; a terceira breve, decerto, em *e* breve, como *scribe*; a terceira longa, em *i*, como *muni*¹⁴⁷.

A espécie passiva, que deriva da ativa, faz-se adicionando a letra *r* à primeira pessoa do presente do modo indicativo, como: *amor*, *tueor*, *scribor*, *munior*. Assim, o futuro deste mesmo modo, o qual alguns dizem ser o modo promissivo, nos verbos da primeira e da segunda conjugação, certamente, se faz adicionando a letra *r*, como *amabor*, *docebor*; porém, na terceira breve, o *m* é transformado em *r*, como *scribar*, *moriar*. O modo imperativo de todas as conjugações de verbos passivos é semelhante ao infinito dos ativos, como *amare*, *docere*, *scribere*, *munire*. Com efeito, o tempo futuro deste mesmo modo é feito adicionando a letra *r* ao futuro do imperativo {435} da voz ativa, como: *amator*, *docetor*, *scribitor*, *munitor*¹⁴⁸. Com efeito, o modo infinitivo de todas as conjugações passivas se fará a partir do infinitivo das ativas, com o *e* mudado para *i*, com exceção da terceira breve, que se faz retirando a letra *s* da segunda pessoa do singular do presente ativo do modo indicativo: da primeira conjugação, *amari*, da segunda, *doceri*, da terceira longa, *muniri*, da terceira breve, porém, *scribi*, *dici*, *duci*, *legi*.

Devemos saber que o tempo futuro do modo optativo da primeira conjugação é feito a partir da primeira pessoa do modo indicativo, em que a letra *o* é mudada para a sílaba *-em*: *utinam amem*; na segunda conjugação, porém, para a sílaba *-am*: *utinam doceam*; na terceira conjugação, ambas são assim: *utinam scribam*, *utinam muniam*. Mas [no paradigma de] ambas as terceiras [conjugações], a primeira pessoa do futuro do modo optativo constrói-se similarmente à primeira pessoa do futuro do modo indicativo e distinguem-se na segunda pessoa. Assim, a segunda pessoa do futuro do modo optativo termina com a sílaba *-as*: *utinam scribam*, *scribas*, *utinam muniam*, *munias*; no futuro do indicativo, no entanto, em *-es*: *scribam*, *scribes*, *muniam*, *munies*. O presente

simile est tempus praesens modi coniunctiui futuro modi optatiui |in omni coniugatione, cum amem cum doceam cum scribam cum muniam. |istis omnibus m in r mutata passiuitas fiet, utinam amer cum amer, |utinam docear cum docear, utinam scribar cum scribar, utinam muniar cum |muniar.

quidam modi indicatiui tempus futurum modum promissiuum dicunt. |sed errant. nam nec modus indicatiuus potest esse sine futuro tempore, |nec modus aliquis sine tempore praesenti et praeterito poterit reperiri. |praeterea species debet dici promissiuia; sicut species inchoatiua |scribebam et species recordatiua amaueram scripseram, sic species promissiuia |amabo.

DE DECLINATIONE

amo uerbum formae primae personam recipientis o littera terminatae, |qualitatis finitae, generis, id est significationis <uel> speciei uel adfectus, |actiui, figurae simplicis, modi indicatiui, id est pronuntiatiui uel finitiui, |temporis praesentis uel instantis, numeri singularis, personae primae, quod |declinabitur sic. amo amas amat et pluraliter amamus amatis amant, |eodem modo tempore praeterito imperfecto specie inchoatiua amabam |amabas amabat et pluraliter amabamus amabatis amabant, eodem modo |tempore praeterito perfecto amaui amauiisti amauiit et pluraliter amauiimus |amauiistis amauerunt, eodem modo tempore praeterito plusquamperfecto specie |recordatiua numero singulari amaueram amaueras amauerat et pluraliter {436} amaueramus amaueratis amauerant,

do modo conjuntivo é similar ao futuro do modo optativo em toda a conjugação: *cum amem, cum doceam, cum scribam, cum muniam*. Em todas estas conjugações, mudando a letra *m* para *r* fará a voz passiva: *utinam amer, cum amer, utinam docear, cum docear; utinam scribar, cum scribar; utinam muniar, cum muniar*.

Alguns dizem ser o tempo futuro do modo indicativo o modo promissivo. Mas estão errados, pois o modo indicativo não pode existir sem o tempo futuro, nem se pode encontrar qualquer modo sem os tempos presente e pretérito. Além disso, deve-se dizer que a espécie é promissiva; assim como a espécie incoativa *scribebam* e a espécie recordativa *amaueram, scripseram*; bem como a espécie promissiva: *amabo*.

Do paradigma

Amo é um verbo da primeira forma¹⁴⁹, que se flexiona em pessoa, terminada com a letra *o*, de qualidade finita, de classe, isto é sua significação ou espécie ou disposição, ativa, de figura simples, do modo indicativo, ou seja, pronunciativo ou finitivo, de tempo presente ou instante, de número singular, de primeira pessoa, que será declinado assim:

amo, amas, amat e,
no plural, *amamus, amatis, amant*.

No mesmo modo, no pretérito imperfeito, de espécie incoativa:

amabam, amabas, amabat e,
no plural, *amabamus, amabatis, amabant*.

No mesmo modo, no pretérito perfeito:

amaui, amauisti, amauit e,
no plural, *amauimus, amauistis, amauerunt*.

No mesmo modo, no pretérito mais que perfeito, de espécie recordativa,

no singular: *amaueram, amaueras, amauerat* e,
no plural, {436} *amaueramus, amaueratis, amauerant*.

eodem modo tempore futuro specie |promissiu amabo amabis amabit et pluraliter amabimus amabitis amabunt: |modo imperatiuo tempore praesenti numero singulari ad secundam et |tertiam personam ama amet et pluraliter amemus amate ament; eodem modo |tempore futuro numeri singularis ad secundam et tertiam personam amato |tu, amato uel amet ille, et pluraliter amemus, amatote, ament uel amento |uel amamino: modo optatiuo tempore praesenti et praeterito imperfecto |utinam amarem amares amaret et pluraliter utinam amaremus amaretis |amarent, eodem modo tempore praeterito perfecto utinam amauerim |amaueris amauerit et pluraliter utinam amauerimus amaueritis amauerint, eodem |modo tempore praeterito plusquamperfecto utinam amauissem amauisses |amauisset et pluraliter utinam amauissemus amauissetis amauissent, eodem |modo tempore futuro utinam amem ames amet et pluraliter utinam |amemus ametis ament: modo subiunctiuo, qui et coniunctiuus uocatur, tempore |praesenti cum amem ames amet et

No mesmo modo, no futuro, de espécie promissiva:

amabo, amabis, amabit e,

no plural, *amabimus, amabitis, amabunt*

No modo imperativo, no presente, para as segunda e terceira pessoas do singular:

ama, amet e,

no plural, *amemus, amate, ament*¹⁵⁰.

No mesmo modo, no futuro, para as segunda e terceira pessoas do singular:

*amato tu, amato ou amet ille*¹⁵¹ e,

no plural, *amemus, amatote, ament* ou *amento* ou *amamino*¹⁵².

No modo optativo¹⁵³, no presente e pretérito imperfeito:

utinam amarem, amares, amaret e,

no plural, *utinam amaremus, amaretis, amarent.*

No mesmo modo, no pretérito perfeito:

utinam amauerim, amaueris, amauerit e,

no plural, *utinam amauerimus, amaueritis, amauerint.*

No mesmo modo, no pretérito mais que perfeito:

utinam amauissem, amauisses, amauisset e,

no plural, *utinam amauissemus, amauissetis, amauissent.*

No mesmo modo, no futuro

utinam amem, ames, amet e,

no plural, *utinam amemus, ametis, ament.*

No modo subjuntivo, que também é chamado de conjuntivo, no presente:

cum amem, ames, amet e,

*pluraliter cum amemus ametis ament, |eodem modo tempore praeterito imperfecto cum
 amarem amares amaret et |pluraliter cum amaremus amaretis amarent, eodem modo
 tempore praeterito |perfecto cum amauerim amaueris amauerit et pluraliter cum
 amauerimus |amaueritis amauerint, eodem modo tempore praeterito
 plusquamperfecto |cum amauissem amauiesses amauiisset et pluraliter cum
 amauissemus |amauiissetis amauiissent, eodem modo tempore futuro specie ulteriori
 cum |amauero amaueris amauerit et pluraliter cum amauerimus amaueritis amauerint:
 |modo infinito numeris personis incertis tempore praesenti et praeterito |imperfecto
 amare, praeterito <perfecto et> plusquamperfecto amauisse uel amasse, |futuro
 amatum ire uel amaturum esse. participia trahuntur a uerbo actiuo |praesentis temporis
 et futuri: nam de praeterito tempore locutio fit, ut hic |qui amauit. praesentis temporis
 participia numero singulari communia |sunt generis omnis, ut hic et haec et hoc amans,
 hi et hae amantes et |haec amantia: futuri numeri singularis hic amaturus haec amatura
 hoc |amaturum et pluraliter hi amaturi hae amaturae haec amatura. |*

no plural, *cum amemus, ametis, ament*.

No mesmo modo, no pretérito imperfeito:

cum amarem, amares, amaret e,

no plural, *cum amaremus, amaretis, amarent*.

No mesmo modo, no pretérito perfeito:

cum amauerim, amaueris, amauerit e,

no plural, *cum amauerimus, amaueritis, amauerint*.

No mesmo modo, no pretérito mais que perfeito:

cum amauissem, amauisses, amauisset e,

no plural, *cum amauissemus, amauissetis, amauissent*.

No mesmo modo, no futuro, de espécie anterior¹⁵⁴ :

cum amauero, amaueris, amauerit e,

no plural, *cum amauerimus, amaueritis, amauerint*¹⁵⁵.

No modo infinitivo, de número e pessoa incertos, no presente e pretérito imperfeito *amare*; no pretérito perfeito e mais que perfeito *amauisse* ou *amasse*; no futuro *amatum ire* ou *amaturum esse*. Os participios são retirados de um verbo ativo, dos tempos presente e futuro: pois, em relação ao pretérito, faz-se uma locução, como *hic qui amauit*. Os participios do presente no singular são comuns de todos os gêneros, como:

hic e haec e hoc amans,

[e no plural] *hi e hae amantes e haec amantia;*

Os do futuro, no singular:

hic amaturus, haec amatura, hoc amaturum e,

no plural, *hi amaturo, hae amaturae, haec amatura*.

inpersonalia siue supina amandi amando amandum: haec a quibusdam gerundia |appellantur. hoc modo declinabuntur omnia uerba o littera terminata |exceptis defectiui generis, ut fio factus sum. |

amor uerbum passiuum. indicatiuo modo uel finitiuo tempore |praesenti numeri singularis amor amaris amatur et pluraliter amamur amamini |amantur, eodem modo tempore praeterito imperfecto amabar amabaris |amabatur et pluraliter amabamur amabamini amabantur; eodem modo {437} praeterito perfecto amatus sum uel fui, amatus es uel fuisti, amatus est uel |fuit, et pluraliter amati sumus uel fuimus, amati estis fuistis, amati sunt |fuerunt; eodem modo tempore praeterito plusquamperfecto amatus eram |fueram [amati estis fuistis, amati sunt fuerunt]; eodem modo tempore |futuro specie promissiua amabor amaberis amabitur et pluraliter amabimur |amabimini amabuntur: modo imperatiuo tempore praesenti ad secundam |et tertiam personam amare ametur, et pluraliter <ad> omnes amemur |amemini amentur;

Os impessoais ou supinos *amandi, amando, amandum*. Estes são chamados por alguns de gerúndio¹⁵⁶. Assim são declinados todos os verbos terminados com a letra *o*, exceto o gênero defectivo, como *fio, factus sum*.

Amor é um verbo passivo.

No modo indicativo ou finitivo, no presente, número singular:

amor, amaris, amatur e,

no plural, *amamur, amamini, amantur*.

No mesmo modo, no pretérito imperfeito:

amabar, amabaris, amabatur e,

no plural, *amabamur, amabamini, amabantur;*

No mesmo modo {437}, no pretérito perfeito:

amatus sum ou *fui*, *amatus es* ou *fuisti*, *amatus est* ou *fuit e,*

no plural, *amati sumus* ou *fuimus*, *amati estis* [ou] *fuistis*, *amati sunt* [ou] *fuerunt*¹⁵⁷.

No mesmo modo, no pretérito mais que perfeito:

amatus eram [ou] *fueram,*

[e, no plural] *amati estis* [ou] *fuisti*; *amati sunt* [ou] *fuerunt*.

No mesmo modo, no futuro, espécie promissiva:

amabor, amaberis, amabitur e,

no plural, *amabimur, amabimini, amabuntur*

No modo imperativo, no presente, para as segunda e terceira pessoas:

amare, ametur e,

no plural, para todas as outras pessoas: *amemur, amemini, amentur*.

eodem modo tempore futuro ad secundam et tertiam |<personam> amator tu ametur ille, et pluraliter ad omnes amemur amemini |amentur: modo optatiuo tempore praesenti et praeterito imperfecto utinam |amarer amareris amaretur et pluraliter utinam amaremur amaremini |amarentur; eodem modo tempore praeterito perfecto utinam amatus sim sis |sit, fuerim fueris fuerit, et pluraliter amati simus fuerimus, amati sitis |fueritis, amati sint fuerint; eodem modo tempore praeterito |plusquamperfecto utinam amatus essem esses esset, fuissem fuisses fuisset, amati |essemus essetis essent, fuissemus fuissetis fuissent; eodem modo tempore |futuro utinam amer ameris ametur utinam amemur amemini amentur: modo |subiunctiuo uel coniunctiuo tempore praesenti cum amer ameris ametur |et pluraliter cum amemur amemini amentur; eodem modo tempore |praeterito imperfecto cum amarer amareris amaretur et pluraliter cum |amaremur amaremini amarentur; eodem modo tempore praeterito perfecto

No mesmo modo, no futuro, para as segunda e terceira pessoas:

amator tu, ametur ille e,

no plural, para todas, *amemur, ameminor, amentur.*

No modo optativo, no presente e no pretérito imperfeito:

utinam amarer, amareris, amaretur e,

no plural, *utinam amaremur, amaremini, amarentur.*

No mesmo modo, no pretérito perfeito:

utinam amatus sim, sis, sit [ou] fuerim, fueris, fuerit

e, no plural, *amati simus [ou] fuerimus, amati sitis [ou] fueritis, amati sint [ou] fuerint.*

No mesmo modo, no pretérito mais que perfeito:

utinam amatus essem, esses, esset [ou] fuissem, fuisses, fuisset,

amati essemus, essetis, essent [ou] fuissemus, fuissetis, fuissent.

No mesmo modo, no futuro:

utinam amer, ameris, ametur

utinam amemur, amemini, amentur.

No modo subjuntivo ou conjuntivo, no presente:

cum amer, ameris, ametur e,

no plural, *cum amemur, amemini, amentur.*

No mesmo modo, no pretérito imperfeito:

cum amarer, amareris, amaretur e,

no plural, *cum amaremur, amaremini, amarentur.*

No mesmo modo, no pretérito perfeito:

cum |amatus sim sis sit cum amati simus sitis sint, fuerim fueris fuerit |fuerimus fueritis fuerint; eodem modo tempore praeterito plusquamperfecto |cum amatus essem esses esset cum amati essemus essetis essent, fuisset |fuisses fuisset fuissetis fuissetis fuissent; eodem modo tempore futuro |specie ulteriori cum amatus ero eris erit cum amati erimus eritis erunt, |fuerio fueris fuerit fuerimus fueritis fuerint: modo infinito numeris |personis incertis tempore praesenti et praeterito imperfecto <amari, praeterito |perfecto et plusquamperfecto> amatum esse fuisse, futuro amatum iri |amandum esse. participia trahuntur a uerbo passiuo temporis praeteriti et |futuri: nam de praesenti tempore locutio fit, ut hic qui amatur. |participia temporis praeteriti hic amatus haec amata hoc amatum et pluraliter |hi amati hae amatae haec amata, temporis futuri hic amandus haec |amanda hoc amandum hi amandi hae amandae haec amanda. impersonalia |siue supina amatu amatum. |

doceo uerbum coniugationis secundae. doceo doces docet docemus |docetis docent, tempore praeterito imperfecto specie inchoatiua

cum amatus sim, sis, sit,

[no plural] *cum amati simus, sitis, sint*

[ou] [*amatus*] *fuierim, fueris, fuerit*

[e, no plural *amati*] *fuierimus, fueritis, fuerint.*

No mesmo modo, no pretérito mais que perfeito:

cum amatus essem, esses, esset, cum amati essemus, essetis, essent,

[ou *cum amatus*] *fuissem, fuisses, fuisset [cum amati] fuissetis, fuissent.*

No mesmo modo, no futuro, de espécie anterior:

cum amatus ero, eris, erit, cum amati erimus, eritis, erunt,

[ou *cum amatus*] *fuero, fueris, fuerit [cum amati] fuerimus, fueritis, fuerint.*

No modo infinitivo, de número e pessoa incertos, nos tempos presente e pretérito imperfeito: *amari*; no pretérito perfeito e mais que perfeito: *amatum esse, fuisse*; no futuro, *amatum iri, amandum esse*¹⁵⁸. Os participios do tempo pretérito:

hic amatus, haec amata, hoc amatum e,

no plural, *hi amati, hae amatae, haec amata;*

Os do tempo futuro:

hic amandus, haec amanda, hoc amandum,

[e no plural] *hi amandi, hae amandae, haec amanda.*

Os impessoais ou supinos: *amatu, amatum*¹⁵⁹.

Doceo é um verbo da segunda conjugação:

doceo, doces, docet,

[e, no plural] *docemus, docetis, docent.*

No pretérito imperfeito, de espécie incoativa:

*docebam |docebas docebat docebamus docebatis docebant, tempore praeterito {438}
perfecto docui docuisti docuit docuimus docuistis docuere docuerunt,
praeterito |plusquamperfecto specie recordatiua docueram docueras docuerat
docueramus |docueratis docuerant, tempore futuro specie promissiua docebo docebis
docebit |docebimus docebitis docebunt: modo imperatiuo tempore praesenti doce
doceat |doceamus docete doceant. tempore futuro doceto tu, doceto ille uel |doceat,
doceamus, docetote, doceant uel docento uel docemino. optatiuo modo |tempore
praesenti et praeterito imperfecto utinam docerem doceres doceret |utinam doceremus
doceretis docerent, tempore praeterito perfecto utinam |docuerim docueris docuerit*

docebam, docebas, docebat,

[e, no plural] *docebamus, docebatis, docebant.*

No pretérito {438} perfeito:

docui, docuisti, docuit, docuimus,

[e, no plural] *docuistis, docuere¹⁶⁰, docuerunt.*

No pretérito mais que perfeito, de espécie recordativa:

docueram, docueras, docuerat,

[e, no plural] *docueramus, docueratis, docuerant.*

No tempo futuro, de espécie promissiva:

docebo, docebis, docebit,

[e, no plural] *docebimus, docebitis, docebunt.*

No modo imperativo, no presente:

doce, doceat,

[e, no plural] *doceamus, docete, doceant.*

No tempo futuro:

doceto tu, doceto ille ou doceat,

[e, no plural] *doceamus, docetote, doceant ou docento ou docemino.*

No modo optativo, nos tempos presente e pretérito imperfeito:

utinam docerem, doceres, doceret,

[e, no plural] *utinam doceremus, doceretis, docerent.*

No pretérito perfeito:

utinam docuerim, docueris, docuerit,

utinam docuerimus docueritis docuerint, |tempore praeterito plusquamperfecto utinam docuissem docuisses docuisset |utinam docuissemus docuissetis docuissent, tempore futuro utinam doceam |doceas doceat utinam doceamus doceatis doceant: subiunctiuo modo, qui |et coniunctiuus uocatur, praesenti tempore cum doceam doceas doceat cum |doceamus doceatis doceant, tempore praeterito imperfecto cum docerem |doceres doceret cum doceremus doceretis docerent, tempore praeterito |perfecto cum docuerim docueris docuerit cum docuerimus docueritis docuerint, |tempore plusquamperfecto cum docuissem docuisses docuisset cum |docuissemus docuissetis docuissent, tempore futuro specie ulteriori cum |docuero docueris docuerit cum docuerimus docueritis docuerint:

[e, no plural] *utinam docuerimus, docueritis, docuerint.*

No pretérito mais que perfeito:

utinam docuissem, docuisses, docuisset,

[e, no plural] *utinam docuissemus, docuissetis, docuissent.*

No futuro:

utinam doceam, doceas, doceat,

[e, no plural] *utinam doceamus, doceatis, doceant.*

No modo subjuntivo, que também é chamado de conjuntivo, no presente:

cum doceam, doceas, doceat,

[e, no plural] *cum doceamus, doceatis, doceant.*

No pretérito imperfeito:

cum docerem, doceres, doceret,

[e, no plural] *cum doceremus, doceretis, docerent.*

No pretérito perfeito:

cum docuerim, docueris, docuerit,

[e, no plural] *cum docuerimus, docueritis, docuerint.*

No mais que perfeito:

cum docuissem, docuisses, docuisset,

[e, no plural] *cum docuissemus, docuissetis, docuissent.*

No futuro, de espécie anterior:

cum docuero, docueris, docuerit,

[e, no plural] *cum docuerimus, docueritis, docuerint.*

modo infinito numeris personis incertis tempore praesenti et praeterito imperfecto |docere, praeterito perfecto et plusquamperfecto docuisse, futuro doctum ire |uel docturum esse. participia tempore praesenti hic et haec et hoc |docens hi et hae docentes et haec doctentia, futuri hic docturus haec doctura |hoc docturum hi docturi hae docturae haec doctura. impersonalia siue |supina docendi docendo docendum. |

eiusdem passivum. doceor doceris docetur docemur docemini docentur, |praeterito imperfecto docebar docebaris docebatur docebamur docebamini |docebantur; praeterito perfecto doctus sum es est docti sumus estis sunt, |fui fuisti fuit fuimus fuistis fuerunt; praeterito plusquamperfecto doctus eram |eras erat docti eramus eratis erant, doctus fueram fueras fuerat docti |fueramus fueratis fuerant; tempore futuro specie promissiva

No modo infinitivo, de número e pessoa incertos, nos tempos presente e pretérito imperfeito: *docere*; no pretérito perfeito e mais que perfeito: *docuisse*; no futuro *doctum ire* ou *docturum esse*. Os participios no presente:

hic e haec e hoc docens,

[e, no plural] *hi e hae docentes e haec docentia.*

No futuro:

hic docturus, haec doctura, hoc docturum,

[e, no plural] *hi docturi, hae docturae, haec doctura.*

Os impessoais ou supinos: *docendi, docendo, docendum.*

A passiva deste mesmo verbo:

doceor, doceris, docetur,

[e, no plural] *docemur, docemini, docentur.*

No pretérito imperfeito:

docebar, docebaris, docebatur,

[e, no plural] *docebamur, docebamini, docebantur.*

No pretérito perfeito:

doctus sum, es, est, docti sumus, estis, sunt,

[ou *doctus*] *fui, fuisti, fuit, [docti] fuimus, fuistis, fuerunt.*

No pretérito mais que perfeito:

doctus eram, eras, erat, docti eramus, eratis, erant,

[ou] *doctus fueram, fueras, fuerat, docti fueramus, fueratis, fuerant.*

No futuro, de espécie promissiva:

*docebor doceberis |docebitur docebimur docebimini docebuntur: modo imperatiuo
docere |doceatur doceamur doceamini doceantur * modo optatiuo praesenti et
praeterito |inperfecto utinam docerer docereris doceretur utinam
doceremur |doceremini docerentur; praeterito perfecto utinam doctus sim sis sit docti
simus |sitis sint, fuerim fueris fuerit fuerimus fueritis fuerint;
praeterito |plusquamperfecto utinam doctus essem esses esset docti essemus essetis
essent, |fuissem fuisses fuisset fuissetis fuissent; tempore futuro
utinam |docear docearis doceatur utinam doceamur doceamini doceantur: modo {439}
subiunctiuo tempore praesenti cum docear docearis doceatur cum
doceamur |doceamini doceantur;*

docebor, doceberis, docebitur,

[e, no plural] *docebimur, docebimini, docebuntur.*

No modo imperativo:

docere, doceatur,

[e, no plural] *doceamur, doceamini, doceantur* **161 |

No modo optativo, no presente e no pretérito imperfeito:

utinam docerer, docereris, doceretur,

[e, no plural] *utinam doceremur, doceremini, docerentur.*

No pretérito perfeito:

utinam doctus sim, sis, sit,

[e, no plural *utinam*] *docti simus, sitis, sint,*

[ou *utinam doctus*] *fuierim, fuieris, fuierit,*

[e, no plural *utinam docti*] *fuierimus, fuieritis, fuierint.*

No pretérito mais que perfeito:

utinam doctus essem, esses, esset,

[e, no plural] *docti essemus, essetis, essent,*

[ou *utinam doctus*] *fuissem, fuisses, fuisset,*

[e, no plural *docti*] *fuissemus, fuissetis, fuissent.*

No tempo futuro:

utinam docear, docearis, doceatur,

[e, no plural] *utinam doceamur, doceamini, doceantur.*

{439} No modo subjuntivo, no presente:

cum docear, docearis, doceatur,

[e, no plural] *cum doceamur, doceamini, doceantur.*

praeterito imperfecto cum docerer docereris | doceretur doceremur doceremini docerentur; praeterito perfecto cum doctus sim | sis sit cum docti simus sitis sint, fuerim fueris fuerit fuerimus fueritis | fuerint; praeterito plusquamperfecto cum doctus essem esses esset cum docti | essemus essetis essent, fuisset fuisset fuisset fuisset fuisset; | futuro specie ulteriori cum doctus ero eris erit erimus eritis erint, fuero fueris | fuerit fuerimus fueritis fuerint. modo infinito numeris personis incertis | praesenti et praeterito imperfecto doceri, praeterito perfecto et | plusquamperfecto doctum esse fuisse, futuro doctum iri docendum esse. | participia temporis praeteriti hic doctus haec docta hoc doctum hi docti | doctae docta, futuri docendus docenda docendum docendi docendae docenda. |

No pretérito imperfeito:

cum docerer, docereris, doceretur,

[e, no plural] *doceremur, doceremini, docerentur.*

No pretérito perfeito:

cum doctus sim, sis, sit,

[e, no plural] *cum docti simus, sitis, sint,*

[ou *cum doctus*] *fuerim, fueris, fuerit,*

[e, no plural *cum docti*] *fuerimus, fueritis, fuerint.*

No pretérito mais que perfeito:

cum doctus esses, esses, esset,

[e, no plural] *cum docti essemus, essetis, essent,*

[ou *cum doctus*] *fuissem, fuisses, fuisset,*

[e, no plural *cum docti*] *fuissemus, fuissetis, fuissent.*

No futuro, de espécie anterior:

cum doctus ero, eris, erit, erimus, eritis, erint,

[ou *cum doctus*] *fuiro, fueris, fuerit, fuerimus, fueritis, fuerint.*

No modo infinitivo, de número e pessoa incertos, no presente e pretérito imperfeito: *doceri*; no pretérito perfeito e mais que perfeito: *doctum esse, fuisse*; no futuro: *doctum iri, docendum esse*.

Os participios do tempo pretérito:

hic doctus, haec docta, hoc doctum,

[e, no plural] *hi docti, doctae, docta.*

Os do futuro:

docendus, docenda, docendum,

[e, no plural] *docendi, docendae, docenda.*

inpersonalia siue supina doctu doctum. |

scribo coniugationis tertiae correptae. scribo scribis scribit |scribimus scribitis scribunt, praeterito imperfecto scribebam scribebas scribebat |scribebamus scribebatis scribebant, praeterito perfecto scripsi scripsisti |scripsit scripsimus scripsistis scribserunt uel scribsere, praeterito |plusquamperfecto scripseram scribseras scripserat scripseramus scripseratis |scripserant, futuro scribam scribes scribet scribemus scribetis scribent: |imperatiuo praesentis scribe scribat scribamus scribite scribant; futuro scribito |tu, scribito ille uel scribat,

Os impessoais ou supinos: *doctu, doctum*.

Scribo é da terceira conjugação breve:

scribo, scribis, scribit,

[e, no plural] *scribimus, scribitis, scribunt*.

No pretérito imperfeito:

scribebam, scribebas, scribebat,

[e, no plural] *scribebamus, scribebatis, scribebant*.

No pretérito perfeito:

scripsi, scripsisti, scripsit, scripsimus,

[e, no plural] *scripsistis, scripserunt ou scripsere*.

No pretérito mais que perfeito:

scripseram, scripseras¹⁶², scripserat,

[e, no plural] *scripseramus, scripseratis, scripserant*.

No futuro:

scribam, scribes, scribet,

[e, no plural] *scribemus, scribetis, scribent*.

No imperativo presente:

scribe, scribat,

[e, no plural] *scribamus, scribite, scribant*.

No futuro:

scribito tu, scribito ille ou scribat,

scribamus, scribitote <uel> scribimino, scribant |uel scribento: optatiuo praesenti et praeterito imperfecto utinam scriberem |scriberes scriberet utinam scriberemus scriberetis scriberent; praeterito |perfecto utinam scribserim scribseris scribserit scribserimus scribseritis |scribserint, praeterito plusquamperfecto utinam scripsissem scripsisses |scripsisset scripsissemus scripsissetis scripsissent, futuro utinam scribam |scribas scribat scribamus scribatis scribant: modo subiunctiuo praesenti cum |scribam scribas scribat cum scribamus scribatis scribant, praeterito imperfecto |cum scriberem scriberes scriberet cum scriberemus scriberetis scriberent, |praeterito perfecto cum scribserim scribseris scribserit cum scripserimus |scribseritis scripserint,

[e, no plural] *scribamus, scribitote* ou *scribimino, scribant* ou *scribento*.

No optativo, no presente e no pretérito imperfeito:

utinam scriberem, scriberes, scriberet,

[e, no plural] *utinam scriberemus, scriberetis, scriberent*.

No pretérito perfeito:

utinam scribserim, scribseris, scribserit,

[e, no plural] *scribserimus, scribseritis, scribserint*.

No pretérito mais que perfeito:

utinam scripsissem, scripsisses, scripsisset,

[e, no plural] *scripsissemus, scripsissetis, scripsissent*.

No futuro:

utinam scribam, scribas, scribat,

[e, no plural] *scribamus, scribatis, scribant*.

No modo subjuntivo, no presente:

cum scribam, scribas, scribat,

[e, no plural] *cum scribamus, scribatis, scribant*.

No pretérito imperfeito:

cum scriberem, scriberes, scriberet,

[e, no plural] *cum scriberemus, scriberetis, scriberent*.

No pretérito perfeito:

cum scribserim, scribseris, scribserit,

[e, no plural] *cum scripserimus, scribseritis, scripserint*.

praeterito plusquamperfecto cum scripsissem scripsisses |scripsisset cum scripsissemus scripsissetis scripsissent, futuro specie ulteriori |cum scribero scriberis scriberit scriberimus scriberitis scriberint: |infinito modo numeris personis incertis tempore praesenti et praeterito |inperfecto scribere, praeterito perfecto et plusquamperfecto scripsisse, |futuro scribitum ire scribiturum esse. participia praesentis hic et haec et |hoc scribens hi et hae scribentes et haec scribentia, futuri scripturus |scriptura scripturum scripturi scripturae scriptura. impersonalia siue |supina scribendi scribendo scribendum.

{440} eiusdem passivum. scribor scriberis scribitur scribimur scribimini |scribuntur, praeterito imperfecto scribebar scribebaris scribebatur |scribebamur scribebamini scribebantur;

No pretérito mais que perfeito:

cum scripsissem, scripsisses, scripsisset,

[e, no plural] *cum scripsissemus, scripsissetis, scripsissent.*

No futuro, de espécie anterior:

cum scribsero, scribseris, scribserit,

[e, no plural] *scribserimus, scribseritis, scribserint.*

No modo infinitivo, de números e pessoas incertos, nos tempos presente e pretérito imperfeito: *scribere*; no pretérito perfeito e mais que perfeito: *scripsisse*: no futuro: *scribturnum ire, scribturnum esse*.

Os participípios do presente:

hic e haec e hoc scribens,

[e, no plural] *hi e hae scribentes e haec scribentia.*

Os do futuro:

scripturus, scriptura, scripturum,

[e, no plural] *scripturi, scripturae, scriptura.*

Os impessoais ou supinos: *scribendi, scribendo, scribendum.*

{440} A passiva deste mesmo verbo:

scribor, scriberis, scribitur,

[e, no plural] *scribimur, scribimini, scribuntur.*

No pretérito imperfeito:

scribebar, scribebaris, scribebatur,

[e, no plural] *scribebamur, scribebamini, scribebantur.*

*praeterito perfecto scriptus sum es est |scribiti sumus estis sunt, fui fuisti fuit
fuimus fuistis fuere fuerunt; praeterito |plusquamperfecto scribitus eram eras erat scribiti
eramus eratis erant, |fueram fueras fuerat fueramus fueratis fuerant; futuro scribar
scriberis |scribetur scribemur scribimini scribentur: imperatiuo scribere
scribatur |scribamur scribamini scribantur; futuro scribitor tu, <scribitor> uel
scribatur ille, |scribamur, scribaminor, scribantur: optatiuo praesenti <et> praeterito
inperfecto |utinam scriberer scribereris scriberetur utinam scriberemur
scriberemini |scriberentur; praeterito perfecto utinam scriptus sim sis sit*

No pretérito perfeito:

scriptus sum, es, est,

[e, no plural] *scribiti sumus, estis, sunt,*

[ou *scriptus*] *fui, fuisti, fuit,*

[e, no plural *scibti*]¹⁶³ *fuimus, fuistis, fuere, fuerunt.*

No pretérito mais que perfeito:

scribtus eram, eras, erat,

[e, no plural] *scribiti eramus, eratis, erant,*

[ou *scibtus*] *fueram, fueras, fuerat,*

[e, no plural *scibti*] *fueramus, fueratis, fuerant.*

No futuro:

scribar, scriberis, scribetur,

[e, no plural] *scribemur, scribemini, scribentur.*

No imperativo presente:

scribere, scribatur,

[e, no plural] *scribamur, scribamini, scribantur.*

No futuro:

scribitor tu, scribitor ou scribatur ille,

[e, no plural] *scribamur, scribaminor, scribantur.*

No optativo, no presente e no pretérito imperfeito:

utinam scriberer, scribereris, scriberetur,

[e, no plural] *utinam scriberemur, scriberemini, scriberentur.*

No pretérito perfeito:

utinam scriptus sim, sis, sit,

*scribti |simus sitis sint, fuerim fueris fuerit fuerimus fueritis fuerint;
praeterito |plusquamperfecto utinam scriptus essem esses esset scribti essemus
essetis |essent, fuisset fuisset fuisset fuissetis fuissent; futuro utinam |scribar
scribaris scribatur scribamur scribamini scribantur: modo |subiunctiuo praesenti cum
scribar scribaris scribatur. cum scribamur scribamini |scribantur, praeterito imperfecto
cum scriberer scribereris scriberetur |scriberemur scriberemini scriberentur; praeterito
perfecto cum scriptus sim sis |sit scribti simus sitis sint, fuerim fueris fuerit fuerimus
fueritis fuerint; |praeterito plusquamperfecto cum scriptus essem esses esset*

[e, no plural] *scribti simus, sitis, sint*,
[ou *utinam scriptus*] *fuerim, fueris, fuerit*,
[e, no plural *scribti*] *fuerimus, fueritis, fuerint*.

No pretérito mais que perfeito:

utinam scriptus essem, esses, esset,
[e, no plural] *scribti essemus, essetis, essent*,
[ou *utinam scriptus*] *fuissem, fuisses, fuisset*,
[e, no plural *scribti*] *fuissemus, fuissetis, fuissent*.

No futuro:

utinam scribar, scribaris, scribatur,
[e, no plural] *scribamur, scribamini, scribantur*.

No modo subjuntivo, no presente:

cum scribar, scribaris, scribatur,
[e, no plural] *cum scribamur, scribamini, scribantur*.

No pretérito imperfeito:

cum scriberer, scribereris, scriberetur,
[e, no plural] *scriberemur, scriberemini, scriberentur*.

No pretérito perfeito:

cum scriptus sim, sis, sit,
[e, no plural] *scribti simus, sitis, sint*,
[ou *cum scriptus*] *fuerim, fueris, fuerit*,
[e, no plural *scribti*] *fuerimus, fueritis, fuerint*.

No pretérito mais que perfeito:

cum scriptus essem, esses, esset,

scribiti essemus | essetis essent, fuissem fuisses fuisset fuissemus fuissetis fuissent; futuro | ulteriori cum scriptus ero eris erit scripti erimus eritis erint, fuero | fueris fuerit fuerimus fueritis fuerint: infinito numeris personis incertis | praesenti <et> praeterito imperfecto scribi, praeterito perfecto et | plusquamperfecto scriptum esse fuisse, futuro scriptum iri uel scribendum esse. | participia praeteriti scriptus scripta scriptum, futuri scribendus scribenda | scribendum. impersonalia siue supina scribtu scribtum. |

munio uerbum tertiae coniugationis productae. munio munis munit | munimus munitis muniunt, praeterito imperfecto inchoatiua specie | munebam munebas munebat munebamus munebatis munebant; praeterito | perfecto munii uel muniui, munisti muniuisti, muniit uel muniuit, | muniimus muniuimus, munistis muniuistis, muniere muniere muniuerunt | muniuerunt; praeterito plusquamperfecto specie recordatiua

[e, no plural] *scribti essemus, essetis, essent*,
[ou *cum scriptus*] *fuissem, fuisses, fuisset*,
[e, no plural *scribti*] *fuissemus, fuissetis, fuissent*.

No futuro anterior:

cum scriptus ero, eris, erit,
[e, no plural] *scripti erimus, eritis, erint*,
[ou *cum scriptus*] *fuero, fueris, fuerit*,
[e, no plural *scripti*] *fuerimus, fueritis, fuerint*.

No infinitivo, de número e pessoas incertas, no presente e no pretérito imperfeito: *scribi*; no pretérito perfeito e mais que perfeito: *scriptum esse, fuisse*; no futuro: *scriptum iri* ou *scribendum esse*.

Os participios do pretérito são: *scriptus, scripta, scriptum*; do futuro: *scribendus, scribenda, scribendum*. Os impessoais ou supinos: *scribtu, scribtum*.

Munio é um verbo da terceira conjugação longa:

munio, munis, munit,
[e, no plural] *munimus, munitis, muniunt*

No pretérito imperfeito, de espécie incoativa:

muniebam, muniebas, muniebat,
[e, no plural] *muniebamus, muniebatis, muniebant*.

No pretérito perfeito:

munii ou *muniui, munisti* ou *muniuisti, muniit* ou *muniuit*,
[e, no plural] *muniimus* ou *muniuimus, munistis* ou *muniuistis, muniere, muniuere* ou *munierunt, muniuerunt*¹⁶⁴.

No pretérito mais que perfeito, de espécie recordativa:

munieram |muniueram, munieras muniueras, munierat muniuerat, munieramus, munieratis, |munierant; futuro specie promissiuā muniam munies muniet muniemus |munietis munient; imperatiuo praesenti muni muniat muniamus munitē |muniant; futuro munito tu, munito ille muniat, muniamus, munitote |munimino, muniant uel muniento: optatiuo praesenti <et> praeterito imperfecto {441} utinam munirem munires muniret utinam muniremus muniretis munirent, |praeterito perfecto utinam munierim munieris munierit munierimus |munieritis munierint, praeterito plusquamperfecto utinam munissem uel |muniuissem munisses munisset munissemus munissetis munissent, futuro utinam |muniam munias muniat muniamus muniatis muniant:

munieram ou *muniueram*, *munieras* ou *muniueras*, *munierat* ou *muniuerat*,
[e, no plural] *munieramus*, *munieratis*, *munierant*.

No futuro, de espécie promissiva:

muniam, *munies*, *muniet*,
[e, no plural] *muniemus*, *munietis*, *munient*.

No imperativo presente:

mun, *muniat*,
[e, no plural] *muniamus*, *munite*, *muniant*.

No futuro:

munito tu, *munito ille*, *muniat*,
[e, no plural] *muniamus*, *munitote*, *munimino*, *muniant* ou *muniento*.

No optativo, no presente e no pretérito imperfeito: {441}

utinam munirem, *munires*, *muniret*,
[e, no plural] *utinam muniremus*, *muniretis*, *munirent*.

No pretérito perfeito:

utinam munierim, *munieris*, *munierit*,
[e, no plural] *munierimus*, *munieritis*, *munierint*.

No pretérito mais que perfeito:

utinam munissem ou *muniuissem*, *munisses*, *munisset*,
[e, no plural] *munissemus*, *munissetis*, *munissent*.

No futuro:

utinam muniam, *munias*, *muniat*,
[e, no plural] *muniamus*, *muniat*, *muniant*.

*subiunctiuo praesenti |cum muniam munias uniat uniamus uniat
uniant, praeterito |inperfecto cum munirem unires uniret cum uniremus
uniretis unirent, |praeterito perfecto cum unierim unieris unierit unierimus
unieritis |unierint, praeterito plusquamperfecto unissem unisses
unisset |unissemus unissetis unissent, futuro ulteriori cum uniero
unieris |unierit unierimus unieritis unierint: infinito numeris personis |incertis
praesenti <et> praeterito imperfecto unire, praeterito perfecto
<et> |plusquamperfecto unisse uel uniuisse, futuro unium ire uel unium
esse. |participia praesentis hic et haec et hoc uniens hi et hae unientes et
haec |unientia, futuri unium unium unium. impersonalia siue
supina |unium unium unium. |*

No subjuntivo presente:

cum muniam, munias, muniat,

[e, no plural] *muniamus, muniatis, muniant.*

No pretérito imperfeito:

cum munirem, munires, muniret,

[e, no plural] *cum muniremus, muniretis, munirent.*

No pretérito perfeito:

cum munierim, munieris, munierit,

[e, no plural] *munierimus, munieritis, munierint.*

No pretérito mais que perfeito:

cum munissem, munisses, munisset,

[e, no plural] *munissemus, munissetis, munissent.*

No futuro anterior:

cum muniero, munieris, munierit,

[e, no plural] *munierimus, munieritis, munierint.*

No infinitivo, de número e pessoas incertas, no presente e no pretérito imperfeito: *munire*; no pretérito perfeito e mais que perfeito: *munisse* ou *muniuisse*; no futuro: *munitum ire* ou *muniturum esse*.

Os participios do presente:

hic e haec e hoc muniens,

[e, no plural] *hi e hae munientes e haec munientia.*

Os do futuro: *muniturus, munitura, muniturum.*

Os impessoais ou supinos: *muniendi, muniendo, muniendum.*

*eiusdem passivum. munitur munire munitur munimur munimini |muniuntur,
praeterito imperfecto munitur muniebatur |muniebatur muniebamur muniebamini
muniebantur; praeterito perfecto munitus sum es est |muniti sumus estis sunt, fui fuisti
fuit fuimus fuistis fuerunt; praeterito |plusquamperfecto munitus eram eras erat muniti
eramus eratis erant, |fueram fueras fuerat fueramus fueratis fuerant; tempore futuro
munitur |munitur munietur munietur munietur munietur: imperativum
praesentis |munitur munitur munitur munitur munitur * optativum praesentis
et |praeterito imperfecto utinam munitur munitur munitur*

A passiva deste mesmo verbo:

munior, muniris, munitur,

[e, no plural] *munimur, munimini, muniuntur.*

No pretérito imperfeito:

muniebar, muniebaris, muniebatur,

[e, no plural] *muniebamur, muniebamini, muniebantur.*

No pretérito perfeito:

munitus sum, es, est,

[e, no plural] *muniti sumus, estis, sunt,*

[ou *munitus*] *fui, fuisti, fuit,*

[e, no plural *muniti*] *fuiimus, fuistis, fuerunt.*

No pretérito mais que perfeito:

munitus eram, eras, erat,

muniti eramus, eratis, erant,

[ou *munitus*] *fueram, fueras, fuerat,*

[e, no plural *muniti*] *fueramus, fueratis, fuerant.*

No tempo futuro:

muniar, munieris, munietur,

[e, no plural] *muniemur, muniemini, muniuntur.*

No imperativo presente:

munire, muniatur,

[e, no plural] *muniamur, muniamini, muniantur* **165

No optativo, no presente e no pretérito imperfeito:

utinam munirer, munireris, muniretur,

utinam muniremur |muniremini munirentur; praeterito perfecto utinam munitus sim sis sit muniti |simus sitis sint, fuerim fueris fuerit fuerimus fueritis fuerint; praeterito |plusquamperfecto utinam munitus essem esses esset essemus essetis essent, |fuissem fuisses fuisset fuissetis fuissent; futuro utinam muniar |muniaris muniatur muniatur muniatur muniatur: subiunctiuo praesenti |cum muniar muniaris muniatur cum muniatur muniatur muniatur, |praeterito imperfecto cum munitur munitur munitur cum munitur munitur munitur; praeterito perfecto cum munitus sim sis sit cum |muniti simus sitis sint, fuerim fueris fuerit fuerimus fueritis fuerint;

[e, no plural] *utinam muniremur, muniremini, munirentur.*

No pretérito perfeito:

utinam munitus sim, sis, sit,

[e, no plural] *muniti simus, sitis, sint,*

[ou *utinam munitus*] *fuerim, fueris, fuerit,*

[e, no plural *muniti*] *fuerimus, fueritis, fuerint.*

No pretérito mais que perfeito:

utinam munitus essem, esses, esset,

[e, no plural *muniti*] *essemus, essetis, essent,*

[ou *utinam munitus*] *fuissem, fuisses, fuisset,*

[e, no plural *muniti*] *fuissemus, fuissetis, fuissent.*

No futuro:

utinam muniar, muniaris, muniatur,

[e, no plural] *muniamur, muniamini, muniantur.*

No subjuntivo, no presente:

cum muniar, muniaris, muniatur,

[e, no plural] *cum muniamur, muniamini, muniantur.*

No pretérito imperfeito:

cum munirer, munireris, muniretur,

[e, no plural] *cum muniremur, muniremini, munirentur.*

No pretérito perfeito:

cum munitus sim, sis, sit,

[e, no plural] *cum muniti simus, sitis, sint,*

[ou *cum munitus*] *fuerim, fueris, fuerit,*

[e, no plural *cum muniti*] *fuerimus, fueritis, fuerint.*

|*praeterito plusquamperfecto cum munitus essem esses esset cum muniti |essemus essetis essent, fuisset fuisset fuisset fuisset fuisset; futuro |ulteriori munitus ero eris erit erimus eritis erint, fuero fueris fuerit |fuerimus fueritis fuerint: infinito numeris personis incertis praesenti et |praeterito imperfecto muniri, praeterito perfecto et plusquamperfecto munitum {442} esse fuisse, futuro munitum iri uel muniendum esse. participia praeteriti |munitus munita munitum, futuri muniendus munienda muniendum. |impersonalia siue supina munitu munitum.*

*ergo species uerborum o littera terminatorum sunt hae, actiua, ut amo, |neutra, ut sedeo; r uero terminatorum passiuua amor, deponens luctor, |communis criminor. inchoatiua uero et o littera terminatur, ut calesco, |et r, ut miserescor. sic et quaedam defectiua, sed elocutione, et o, ut |fero tuli, et r, feror latus sum. nam quaedam eiusdem speciei, id est |declinationis defectiuae elocutione, <nec o> nec r, sed m terminantur * odi noui |memini. defectiua quaedam qualitate, id est genere, o quidem |terminantur, ut fio, sed tempus praeteritum perfectum sic habent, ac si ab r |ueniant, ut fio factus sum, soleo solitus sum. frequentatiua species et o |terminatur, ut dicto dictito, et r, ut dictor dictitor; impersonalis et r, ut |itur, et t, ut taedet.*

No pretérito mais que perfeito:

cum munitus essem, esses, esset,

[e, no plural] *cum muniti essemus, essetis, essent,*

[ou *cum munitus*] *fuissem, fuisses, fuisset,*

[e, no plural *cum muniti*] *fuissemus, fuissetis, fuissent.*

No futuro anterior:

munitus ero, eris, erit,

[e, no plural] *erimus, eritis, erint,*

[ou *munitus*] *fuero, fueris, fuerit,*

[e, no plural] *fuerimus, fueritis, fuerint.*

No infinitivo, de número e pessoas incertas, no presente e no pretérito imperfeito: *muniri*; no pretérito perfeito e no mais que perfeito: {442} *munitum esse, fuisse*; no futuro: *munitum iri* ou *muniendum esse*.

Os participios do pretérito: *munitus, munita, munitum*; do futuro: *muniendus, munienda, muniendum*. Os impessoais ou supina *munitu, munitum*.

Portanto, as espécie de verbos terminados com a letra *o* são estas: ativa, como *amo*; neutra, como *sedeo*; passiva, decerto, dos verbos terminados em *r*, *amor*; depoente, *luctor*; comum, *crimino*; porém, a incoativa, tanto é terminada com a letra *o*, como *calesco*, como com a letra *r*, como *miserescor*. Assim também alguns defectivos, mas através da elocução, tanto em *o*, como *fero, tuli*, como em *r*, *feror, latus sum*. Pois alguns verbos desta espécie, isto é, de declinação defectiva, através da elocução, não terminam em *o* nem em *r*, mas sim em *m*¹⁶⁶ **¹⁶⁷ *odi, noui, memini*. Alguns defectivos, quanto à qualidade, isto é, à categoria, certamente, são terminados em *o*, como *fio*, mas possuem o tempo pretérito perfeito assim: *fio, factus sum; soleo, solitus sum*, como se derivassem de *r*¹⁶⁸. A espécie frequentativa termina tanto em *o*, como *dicto, dictito*, quanto em *r*, como *dictor, dictitor*. A espécie impessoal termina tanto em *r*, como *itur*, quanto em *t*, como *taedet*.

DE ADVERBIO

aduerbium est pars orationis, quam uerbis adiciendo eorum |significationem complemus. aduerbio accidunt tria, significatio comparatio figura. |significatio in multa diuiditur: est enim loci, ut hic; temporis, ut heri |nuper; numeri, ut semel; negandi, ut non; confirmandi, <ut> etiam; |demonstrandi, ut ecce; optandi, ut utinam; hortandi, ut heia; ordinis, <ut> |deinde; interrogandi, <ut> cur; similitudinis, <ut> quasi; qualitatis, <ut> |sapienter; dubitantis, ut forsitan; euentus, ut forte; personalis, ut mecum; |uocandi, ut heus; respondendi, ut heu; quantitatis, ut saepius; separandi, |seorsum; eligendi, ut potius; congregandi, ut simul; prohibendi, ut |ne; comparandi, ut magis. ergo aduerbia uocalibus quidem quinque |terminantur, a e i o u, semiuocalibus quinque, l m n r s, muta <una>, c: a, |«heia age rumpe moras»; e correpto, «facile omnes cum ualemus»; |e producto, «nefarie molientem»; ae diphthongo, «militiae |contubernales»; i, «domi una eruditi»; o, «bellum subito exarsit» |et «falso queritur»; u, «nec uisu facilis» (hoc magis uerbum |supinum est); l, «quem semel risisse»; m, «tum me confectum»; n, {443} «en crimen en causa», «en qui nostra»; r, «cur non Mopse boni»; |s, «heus heus Syre»; c, «hic hic sunt nostro». comparatio duobus |<gradibus> fit: nam aut uni comparamus, ut iustius, aut multis, ut |iustissime. figura aut simplex est, ut iuste, aut composita, ut iniuste.

aduerbia aut ex se nascuntur, ut heri nuper, aut ab aliis, ut docte |sapienter. aduerbia a nominibus us terminatis uenientia e producto |terminabuntur, ut rectus recte, summus summe, exceptis tribus, bonus bene, |malus male, ritus rite; aut o terminantur producto, <ut> falsus falso.

Do advérbio

O advérbio é uma parte da oração adicionada aos verbos, com a qual completamos o significado destes. Os advérbios possuem três propriedades: significado, comparação, figura. O significado é dividido em muitos: é, por exemplo, de lugar, como *hic*; de tempo, como *heri, nuper*; de número, como *semel*; de negação, como *non*; de confirmação, como *etiam*; de demonstração, como *ecce*; de desejo, como *utinam*; de exortação, como *heia*; de ordenação, como *deinde*; de interrogação, como *cur*; de similitude, como *quasi*; de qualidade, como *sapienter*; de dúvida, como *forsitan*; de ocorrência, como *forte*; de pessoa, como *mecum*; de chamamento, como *heus*; de resposta, como *heu*; de quantidade, como *saepius*; de separação, como *seorsum*; de escolha, como *potius*; de associação, como *simul*; de proibição, como *ne*; de comparação, como *magis*. Assim, os advérbios, certamente, são terminados com as cinco vogais *a, e, i, o, u*; em cinco semivogais¹⁶⁹ *l, m, n, r, s*; e em uma letra muda, *c*: em *a*, *heia* *age rumpe moras* [*Aen.* 4, 569: “Eia, ânimo! Quebre os obstáculos!”]; em *e* breve, *facile omnes cum ualemus* [*Andr.* 2, 1, 9: “É fácil quando estamos todos bem”]; em *e* longo, *nefarie molientem* [*In Catil.* 2, 1, 1: “criminalmente planejando”]; no ditongo *ae*, *militiae*¹⁷⁰ *contubernales* [*Pro Lig.* 7, 21: “amigos de campanha militar”]; em *i*, *domi una eruditi* [*Pro Lig.* 7, 21: “educados em uma mesma escola”]; em *o*, *bellum subito exarsit* [*Pro Lig.* 1, 3: “a guerra, subitamente, irrompeu”] e *falso queritur* [*Bell. Iugur.* 1, 1: “busca-se em falso”]; em *u*, *nec uisu facilis* [*Aen.* 3, 621: “nem é fácil de se ver”] (este verbo é, de preferência, um supino¹⁷¹); em *l*, *quem semel risisse* [*De fin.* 5, 30, 92: “quem riu uma vez”]; em *m*, *tum me confectum* [*Aen.* 6, 520: “Então eu, enfraquecido”]; {443} em *n*, *en crimen en causa* [*Pro Deio.* 6, 17: “eis o crime, eis a causa”], *en qui nostra* [*Aen.* 9, 600: “eis aqueles que as nossas...”]; em *r*, *cur non, Mopse, boni* [*Eclog.* 5, 1: “por que não os bons, Mopso?”]; em *s*, *heus heus Syre* [*Heauton.* 2, 2, 107: “Ei, ouça, Siro”]; em *c*, *hic hic sunt nostro* [*In Catil.* 1, 4, 9: “aqui, aqui estão, no nosso”]. A comparação se faz em dois graus: pois ou comparamos a uma pessoa, como *iustus* ou a muitas, como *iustissime*. A figura ou é simples, como *iuste* ou composta, como *iniuste*.

Os advérbios são oriundos ou de si mesmos, como *heri, nuper*, ou de outras palavras, como *docte, sapienter*. Os advérbios que derivam de nomes terminados em *us*, terminarão em *e* longo, como: *rectus, recte; summus, summe*; com exceção de três: *bonus, bene; malus, male; ritus, rite*; ou são terminados em *o* longo, como *falsus, falso*.

is |uero terminata nomina facient aduerbia aut e correpto terminata aut ter, |ut facilis facile uel faciliter, suavis suaue uel suauiter. n et s uel x |terminata nomina in ter faciunt aduerbia, ut clemens clementer, felix |feliciter. r terminata nomina e producto terminant aduerbia, si non fuerint |comparatiua, ut miser misere; si fuerint nomina comparatiua, us |terminabuntur aduerbia, ut felicior felicius, quod etiam nomen erit |comparatiuum generis neutri.

DE PARTICIPIO

participium est pars orationis cum tempore et casu. participium |dictum est, quod partem recipiat a nomine, partem a uerbo. recipit a |nomine duo, genus et casum, ut hic doctus generis masculini casus |nominatiui: a uerbo duo, tempora et significationem, id est adfectum uel |genus uel speciem; tempus praesens, ut docens, futurum, ut docturus uel |docendus, praeteritum, ut doctus; significationem aut actiuam, ut docens |docturus, aut passiuam, ut doctus docendus: ab utroque duo, numerum et |figuram; numerum a uerbo et a nomine singularem, ut hic doctus, |pluralem, ut hi docti. figura in participiis aut simplex est, ut scribens, aut |composita, ut inscribens. genera in participiis quattuor sunt, masculinum |doctus, femininum docta, neutrum doctum, commune hic et haec et hoc |docens, quod temporis praesentis semper ut sit necesse est. casus in |participiis tot sunt, quot et in nominibus et in pronomibus. participia |a uerbo actiuo ueniunt temporis praesentis, ut docens, futuri, ut |docturus, de passiuo temporis praeteriti, ut doctus, futuri docendus; a neutro |praesens natans, praeteritum natatus, duo futura nataturus natandus; a |deponenti praesens obsonans, praeteritum obsonatus, duo futura obsonaturus |obsonandus: sic et de communi criminans criminatus criminaturus |criminandus.

sunt quaedam participia eadem etiam nomina, ut cultus sapiens. {444} quorum quidem species genetiua dinoscitur, ut cultus, si sit nomen, huius |cultus faciet, si participium temporis praeteriti, huius culti. nam sapiens |tempore participium. comparatione nomen declaratur: nam si fecerit |futuro tempore sapiturus, sapiens participium est; si fecerit sapiens |sapientior sapientissimus, nomen est. sunt nomina

De fato, os nomes terminados em *-is* fazem advérbios terminados ou em *e* breve ou em *-ter*, como: *facilis, facile* ou *faciliter; suavis, suaue* ou *suauiter*. Nomes terminados em *n, s* ou *x* fazem advérbios em *-ter*, como: *clemens, clementer; felix, feliciter*. Os nomes terminados em *r* determinam os advérbios que terminarão em *e* longo, se não forem comparativos, como: *miser, misere*. Se forem nomes comparativos, os advérbios terminarão em *-us*, como *felicior, felicius*, pois, na verdade, o nome será um comparativo do gênero neutro.

Do participio

O participio é uma parte da oração com tempo e caso. O participio é chamado assim, pois admite uma parte do nome e uma parte do verbo. Ele admite dos nomes duas propriedades: o gênero e o caso, como *hic doctus*, do gênero masculino, caso nominativo. Admite dos verbos duas propriedades: os tempos e sua significação, isto é, a disposição ou categoria ou espécie; o tempo presente, como *docens*; futuro, como *docturus* ou *docendus*; e pretérito, como *doctus*; sua significação ou é ativa, como *docens, docturus*, ou passiva, como *doctus, docendus*. Admite de ambos duas coisas: número e figura; o número singular do verbo e do nome, como *hic doctus*; plural, como *hi docti*. A figura nos participios ou é simples, como *scribens*, ou composta, como *inscribens*. Os gêneros, nos participios, são quatro: masculino, *doctus*; feminino, *docta*; neutro, *doctum*; comum, *hic* e *haec* e *hoc docens*, que sempre é necessário que esteja no tempo presente¹⁷². Os casos nos participios são tantos quanto são nos nomes e nos pronomes. Os participios derivam de um verbo ativo, do presente, como *docens*; do futuro, como *ducturus*; de um verbo passivo, do pretérito, como *doctus*; do futuro, *docendus*; de um verbo neutro presente, *natans*; pretérito, *natatus*; de dois futuros *nataturus, natandus*¹⁷³; de um verbo deponente presente *obsonans*; pretérito *obsonatus*; de dois futuros *obsonaturus, obsonandus*. É assim também do verbo comum: *criminans, criminatus, criminaturus, criminandus*.

Existem alguns participios que, eles mesmos, são também nomes, como *cultus, sapiens*. {444} Em alguns destes, a espécie é diferenciada pelo genitivo, como *cultus*: caso seja nome, fará o genitivo como *huius cultus*; se for participio passado, *huius culti*. Com efeito, *sapiens* é um participio quanto ao tempo; e é um nome ao ser expresso através de comparação. Decerto, se for feito no tempo futuro, *sapiturus*; *sapiens* é um participio; se for feito *sapiens, sapientior, sapientissimus* é um nome¹⁷⁴. Existem nomes

quae speciem habent |participiorum, non tamen sunt participia, ut decens pudens. <sunt participia> |sine uerbi alicuius substantia, ut tunicatus galeatus pudendus. omnia |igitur participia aut n et s terminantur temporis praesentis, ut amans, aut |rus temporis futuri actiuitatis, ut amaturus, aut dus temporis futuri |passiuitatis, ut amandus: temporis praeteriti aut tus, ut amatus, aut xus, ut |nexus, aut sus, ut uisus tersus mersus. hoc tamen scire debemus, quod |participium sus terminatum aut de secunda erit coniugatione aut de |tertia correpta. sed haec exempla de genere masculino sunt tantum modo. |excepto tempore praesenti cetera omnia genere feminino a terminantur, |neutro m. numeri in participiis duo sunt, singularis, ut hic doctus, |pluralis, ut hi docti. sunt non nulla participia quae adiecta praepositione |transeunt in nomen, ut innocens indoctus indomitus insciens. nec enim |possunt sic cum praepositione a uerbo uenire: nemo enim dicit <innoceo uel> |indoceor uel indomor uel inscio, sicut indicens et indicans indico, et |insipiens insipio.

DE CONIUNCTIONE

coniunctio est pars orationis adnectens ordinansque dictionem. |coniunctioni accidunt tria, potestas figura ordo.

potestas in quinque diuiditur. sunt enim copulatiuae disiunctiuae |expletiuae causales rationales. copulatiuae sunt sex, et que at atque ac ast: |ut «et te montosae misere», «teque isto corpore s(oluo)», «at tuba t(erribilem)», |«atque ea diuersa», «ac me cum ab reliquorum», «ast de me |diuum». disiunctiuae uero quinque, aut uel ue nec neque: ut «aut age |diuersos», «uel tu quod s(uperes)», «misceriue probet populos», «nec {445} |tibi diua parens», «neque ego hanc abscondere». expletiuae uero |decem, quidem equidem saltem uidelicet quamquam quamuis quoque |autem uero etsi: ut est quidem hoc coeptum atque temptatum, |«equidem merui nec d(eprecor)»,

que possuem a espécie dos participios, contudo não são participios, como: *decens*, *prudens*. Existem participios sem substância de qualquer verbo, como *tunicatus*, *galeatus*, *prudendus*. Portanto, todos os participios ou são terminados em *-ns*, no presente, como *amans*; ou em *-rus*, no futuro ativo, como *amaturus*; ou em *-dus*, no futuro passivo, como *amandus*; no pretérito ou em *-tus*, como *amatus*, ou em *-xus*, como *nexus*, ou em *-sus*, como *uisus*, *tersus*, *mersus*. Todavia, devemos saber que o participio terminado em *-sus* ou será da segunda conjugação ou da terceira breve. Mas, de todo modo, estes exemplos são do gênero masculino; com exceção do presente, todos os demais no gênero feminino terminam em *a* e no neutro terminam em *m*. Existem dois números nos participios: singular, como *hic doctus*; e plural, como *hi docti*¹⁷⁵. Existem alguns participios que, adicionada uma preposição, convertem-se em nome, como *innocens*, *indoctus*, *indomitus*, *insciens*¹⁷⁶. Com efeito, não são derivados de um verbo assim, com uma preposição: pois, ninguém diz *innoceo*, *indoceor*, *indomor* ou *inscio*¹⁷⁷, assim como *indicens* e *indicans* derivam de *indico*, e *insipiens* de *insipio*.

Da conjunção

A conjunção é a parte da oração que conecta e ordena o discurso. As conjunções têm três propriedades: valor, figura, ordenação.

Seu valor é dividido em cinco. Existem, de fato, as conjunções copulativas, as disjuntivas, as expletivas, as causais e as racionais. As copulativas são seis: *et*, *que*, *at*, *atque*, *ac*, *ast*, como *et te montosae misere* [*Aen.* 7, 744: “e tu, montanhosa, enviada”], *teque isto corpore soluo* [*Aen.* 4, 703: “e te liberto deste corpo”], *at tuba terribilem* [*Aen.* 9, 503: “mas o trompete um terrível...”], *atque ea diuersa* [*Aen.* 9, 1: “e estas diversas coisas”], *ac me cum ab reliquorum* [*Bell. Catil.* 3, 5: “e eu, quando dos outros (...)”], *ast de me diuum* [*Aen.* 10, 743: “porém, sobre mim o divino”]. As disjuntivas, certamente, são cinco: *aut*, *uel*, *ue*, *nec*, *neque* como *aut age diuersos* [*Aen.* I, 70: “ou atire os diversos”], *uel tu quod superest* [*Aen.* 5, 691: ou tu, quanto ao resto”], *misceriue probet populos* [*Aen.* 4, 112: “ou permita a mistura dos povos”], {445} *nec tibi diua parens* [*Aen.* 4, 365: “nem uma deusa é sua mãe”], *neque ego hanc abscondere* [*Aen.* 4, 337: “e nem eu, esconder tal...”]. As expletivas são, de fato, dez: *quidem*, *equidem*, *saltem*, *uidelicet*, *quamquam*, *quamuis*, *quoque*, *autem*, *uero*, *etsi* como *est quidem hoc coeptum atque temptatum* [*In Catil.* 4, 17, 239: “há, certamente, este começo e uma tentativa”], *equidem merui nec deprecor* [*Aen.* 12, 931: “com certeza

«saltem siqua mihi de te», «uidelicet / ille |seruus Cliniae», «quamquam haec inter nos nuper», «quamuis |increpitent socii», «hanc quoque deserimus»,

«ille autem neque te Phoebi cortina fefellit»,

«me uero primum dulces ante omnia Musae»,

«etsi scio ego Philumena». causales uiginti et sex, si tametsi tamen |siquidem quandoquidem quinetiam quatenus sin seu siue nam namque nisi |nisisi enim etenim ni sed intereaquando (<quando> potest et aduerbium esse |temporis, ut Terentius in eunucho «ueniet Chaerea / :: fraterne? quando? |:: hodie») quamobrem praesertim item itemque ceterum alioquin praeterea: |ut «si bene quid de te merui», «tametsi haudquaquam par |gloria sequitur» [«et si fata deum»], «tamen quia nati sunt ciues, |monitos esse etiam atque etiam uolo», «si tu quidem uera |praedicas», «quandoquidem tu solus regnas», «quinetiam patria |excussos», quatenus Lucretius libro secundo,

«quatenus in pullos animantium uertier oua /

|cernimus alituum»,

eu mereci e não imploro”], *saltem si qua mihi de te* [*Aen.* 4, 327: “ao menos, se algo de você para mim...”], *uidelicet ille seruus Cliniae* [*Heauton.* 3, 2, 3: “certamente, ele é um servo de Clinia”], *quamquam haec inter nos nuper* [*Heauton.* 1, 1, 1: “no entanto, há pouco esta entre nós”], *quamuis increpitent socii* [*Aen.* 3, 454: “embora os companheiros se injuriem”], *hanc quoque deserimus* [*Aen.* 3, 190: “nós também a desejamos”],

ille autem neque te Phoebi cortina fefellit

[*Aen.* 6, 347: “ele, no entanto, respondeu: Febo não te iludiu com sua tripeça”],

me uero primum dulces ante omnia Musae,

[*Georg.* 2, 475: “primeiramente, pra mim, em verdade, as doces musas antes de todas”]

etsi scio ego Philumena [*Hec.* 2, 2, 1: “posto que conheço Filumena”]. As causais são vinte e seis: *si, tametsi, tamen, siquidem, quandoquidem, quinetiam, quatenus, sin, seu, siue, nam, namque, nisi, nisisi, enim, etenim, ni, sed, intereaquando* (quando pode também ser advérbio de tempo, como Terêncio usa em *Eunucho*, *ueniet Charea. Fraterne? Quando? Hodie.*) [*Eun.* 4, 4, 29: “que vanha Cherea. O irmão? Quando? Hoje”], *quamobrem, praesertim, item, itemque, ceterum, alioquin, praterea*, como *si bene quid de te merui* [*Aen.* 4, 317: “se bem que eu o mereci de ti”], *tametsi haudquaquam par gloria sequitur* [*Bell. Catil.* 3, 2: “ainda que, de qualquer forma, não se siga igual fama”] (*et si fata deum*) [*Aen.* 2, 54: “e se os deuses permitirem”], *tamen quia nati sunt ciues, monitos esse etiam atque etiam uolo* [*In Catil.* 2, 12, 27: “embora, por conta de eles terem nascido cidadãos, prefiro que fossem advertidos muitíssimas vezes”], *si tu quidem uera praedicas* [*Eun.* 5, 1, 12: “se tu, de fato, predizes os fatos”]¹⁷⁸, *quandoquidem tu solus regnas* [*Phorm.* 2, 3, 58: “desde que tu reinas sozinho”], *quinetiam patria excussos* [*Aen.* 7, 299: “além disso, expulsos da pátria”], *quatenus* em Lucrecio, no segundo livro,

*quatenus in pullos animantium uertier*¹⁷⁹ *oua*

cernimus alituum, [*De rerum.* 2, 927: “visto que percebemos que os ovos das aves se tornam pássarinhos”]¹⁸⁰

«*sin has non possim naturae acquirere partes*»,

«seu pacem seu bella geram», «siue Erycis fines», «nam mihi |parta quies», «namque fatebor enim», «nisi me animus fallit |hic profecto», «nisi si id est quod suspicor», «quis enim |modus adsit amori», «etenim quod sit ingenium tantum», «ni me |quae Salium fortuna», «sed tibi ingentes pop(ulos)», «interea sacra {446} |haec, quando huc uen(istis)», «quamobrem nisi si id est quod |suspikor mali» (haec non tam coniunctio quam tres partes orationis |nuncupandae, quam ob rem), «his praesertim iam noctibus», «item |alii per dedecora patrimoniis amissis», «itemque senatus magna |pars», «ceterum mihi in dies magis auxiliorum», alioquin hoc |fieri non potest, «praeterea si n(ona) d(iem)». rationales duodecim, itaque |quoniam enimvero quia quapropter quoniamquidem quippe ergo ideo igitur |scilicet propterea: «itaque si mihi stomachum moueritis», |«quoniam de moribus ciuitatis», «enimvero Daue», «sed quia |prouenere», «quapropter te», «quoniamquidem circ(um)u(entus)», «quippe |secundae res», «ergo ausculta», «Graiumque ideo», «igitur colos», |

*sin, has non possim naturae acquirere partes*¹⁸¹, [Georg. 2, 483: “do contrário, eu não podia alcançar estas partes da natureza”]

seu pacem seu bella geram [Aen. 9, 279: “que eu ou comece uma guerra ou faça paz”], *siue Erycis fines* [Aen. 1, 570: “ou o fim de Érice”], *nam mihi parta quies* [Aen. 7, 598: “pois, pra mim, meu descanso foi adquirido”], *namque fatebor enim* [Eclog. 1, 32: “por outro lado, decerto, eu admitirei”], *nisi me animus fallit hic profecto* [Heauton. 4, 1, 1: “a não ser que os ânimos me enganem, isto certamente”], *nisi si id est quod suspicor* [Andr. 1, 5, 14: “a não ser que, caso, isto seja o que eu suspeito”], *quis enim modus adsit amori?* [Eclog. 2, 68: “com efeiro, qual maneira auxiliaria o amor?”], *etenim quod sit ingenium tantum* [In Verr. 1, 4, 10: “e, de fato, qual seja o tamanho talento”], *ni me quae Salium fortuna* [Aen. 5, 356: “se, em mim, a fortuna, a qual em Sálvio...”], *sed tibi ingentes populos* [Aen. 8, 475: “mas para ti, os ingentes povos”], {446} *interea sacra haec, quando huc uenistis* [Aen. 8, 172: “enquanto isso, estas coisas consagradas, quando viestes aqui”], *quamobrem nisi si id est quod suspicor mali* [Andr. 1, 5, 14: “por que motivo, caso, isto seja o que eu suspeito de ser mau”] (estas não devem denominadas nem como conjunção nem como três partes da oração, *quam, ob, rem*), *his praesertim iam noctibus* [In Catil. 2, 10, 23: “especialmente já nestas noites”], *item alii per dedecora patrimonii amissis* [Bell. Catil. 37, 5: “da mesma forma, os demais por vergonha às heranças perdidas”], *itemque senatus magna pars* [Bell. Catil. 53, 1: “e da mesma forma, uma grande parte do senado”], *ceterum mihi in dies magis auxiliorum*¹⁸² [Bell. Catil. 20, 6: “além do mais, para mim, nos dias de maior auxílio”], *alioquin hoc fieri non potest* [“de outra forma isto não pode ser feito”], *praeterea si nona diem* [Aen. 5, 64: “em seguida, se no dia sete”]. As racionais são doze: *itaque, quoniam, enimuero, quia, quapropter, quoniamquidem, quippe, ergo, ideo, igitur, scilicet, propterea*: *itaque si mihi stomachum moueritis* [Cíc. Pro Mur, 13, 28: “portanto, se comoveres meu estômago”], *quoniam de moribus ciuitatis* [Bell. Catil. 5, 9: “visto que acerca das mortes dos cidadãos”], *enimuero Daue* [Andr. 1, 3, 1: “certamente, ó Davo”], *sed quia prouenere* [Bell. Catil. 8, 3: “mas porque ele prosperou”], *quapropter te* [Hec. 5, 1, 7: “por que tu?”], *quoniamquidem circumuentus* [Bell. Catil. 31, 9: “desde que, decerto, fui surpreendido”], *quippe secundae res* [Bell. Catil. 11, 7: “naturalmente, as coisas favoráveis”], *ergo ausculta* [Phorm. 1, 2, 12: “Logo, ouça!”], *Graiumque ideo* [Aen. 4, 228: “e por esta razão um grego”], *igitur colos* [Bell. Catil. 15, 5: *color* “consequentemente, a cor”], *scilicet is*

«scilicet is superis», «proptereaque nunc misera in maerore |est». inter causam autem et rationem hoc est, quod in ratione semper |causa est, in causa uero non semper est ratio, et quod in ratione semper |consilium continetur, in causa uero non semper. causas habet Iuno ut |irascatur Aeneae, non rationem; habet rationem doctus ut sit litteratus, |habet et causam. nequidem ideo non est posita, quia sic iuncta Latina |non est. nam huic coniunctioni aliqua pars orationis interponi debet, ac |si dicamus ne ego quidem: nam ne quidem ego nusquam lectum est, |ideoque ueluti barbarismus deuitatur.

figurae coniunctionis aut simplices sunt, ut quoniam, aut |compositae, ut quandoquidem. ordo in tria diuiditur: aut tantum praeponitur, |ut <ast>, «ast illum ereptae magno»; aut semper subiungitur, ut que, |«arma uirumque»; aut et praeponitur et subiungitur, ut <et>, «et me |Foebus equis oriens», [ut] «memet super ipsa dedissem».

quidam coniunctiones disiunctiuas non putant oportere dici |coniunctiones, hac ratione: si ideo dictae sunt coniunctiones a coniungendo, quae |disiungunt non sunt coniunctiones. sed errant: nam coniunctio eo dicta, |quod uerba coniungat, non sensus. ergo [haec] coniunctio disiunctiua |sensus quidem separat, uerba uero coniungit, unde nomen accepit.

{447}| **DE INTERIECTIONE**

interiectio est pars orationis aduerbio persimilis, qua significantur |animi uariae passiones, quas quidam adfectus dicunt: laetitiae uel laudis, |ut ua, ut Terentius «ua consilium callidum»; irascentis uel dolentis, |«heu stirpem inuisam»; laetantis et irascentis, ut «pro di |immortales, facinus indignum», Cicero «pro di immortales, qui hic |inluxit dies»; laetantis et risus, ut hahaha;

superis [Aen. 4, 379: “com certeza, isto para os deuses”], *propterea*que *nunc misera in maerore est* [Andr. 4, 2, 10: “por este motivo, a pobre garota está em dor do luto agora”]. No entanto, entre a causa e a regularidade¹⁸³ está o fato de que, na a causa está sempre na regularidade, porém a regularidade nem sempre está presente na causa, bem como o fato de que na regularidade a autoridade sempre está inserida; na causa, porém, nem sempre está. Juno tem motivos para irritar-se com Eneias, não razão. Uma pessoa douta possui preceitos para que seja letrado, possuindo também uma causa. Por este motivo, *nequidem* não é aqui colocada, pois junta assim não é uma conjunção latina. Com efeito, alguma parte da oração deve ser interposta a esta conjunção, como se disséssemos *ne ego quidem* [“eu nem mesmo”]: pois *ne quidem ego* não foi lido em nenhum lugar¹⁸⁴ e, por isso, é evitado como um barbarismo.

As figuras da conjunção são simples, como *quoniam*, ou compostas, como *quandoquidem*. A ordenação é dividida em três: ou somente é preposta, como *ast: ast illum ereptae magno*¹⁸⁵ [Aen. 3, 330]; ou sempre é enclítica, como *que: arma uirumque* [Aen. 1, 1: “as armas e os homens”]; ou tanto preposta como enclítica, como *et: et me Foebus equis oriens*¹⁸⁶, *memet*¹⁸⁷ *super ipsa dedissem* [Aen. 4, 606: “e eu, sobre estas coisas, tivesse me pronunciado”].

Alguns pensam que as conjunções disjuntivas não devem ser chamadas de conjunções por esta razão: se foram chamadas de conjunções pelo fato de se ajuntarem¹⁸⁸, aquelas que disjuntam não são conjunções. Mas estão errados, pois uma conjunção é assim chamada porque conecta palavras, não sentidos. Portanto, uma conjunção disjuntiva, decerto, separa o sentido, porém conecta palavras, daí recebe seu nome.

{447} **Da interjeição**

A interjeição é uma parte da oração muito semelhante ao advérbio, na qual são expressas várias paixões da alma, as quais alguns chamam de ânimos: de alegria ou de elogio, como *ua*, como Terêncio: *ua consillium callidum* [Andr. 3, 4, 10: “ah, um debate engenhoso”]; daquilo que causa raiva ou aflige, *heu stirpem inuisam* [Aen. 7, 293: “oh, estirpe detestada”]; daquilo que alegra e irrita, como *pro di immortales, facinus indignum* [Adelph. III, 4, 1: “pelos deuses imortais, uma atrocidade indigna”], em Cícero: *pro di immortales, qui hic inluxit dies* [In Pison. 1, 1: “pelos deuses imortais, que este dia iluminou”]; daquilo que alegra e de risos, como *hahaha*¹⁸⁹;

admirantis, ut papae; |dolentis, «heu / ne lacrima»; admirantis et dolentis, ut

«o fortunati quorum iam moenia surgunt»

et «o miserae, quas non manus» uel «o dolor atque decus», |hortantis, ut «heia age, rumpe moras». item plurimae, quas adfectus |faciunt animorum.

DE SEPTIMO CASV

*septimus casus fit duobus ablatiuis pariter copulatis, qui locutionem |habet ablatiuorum casuum, intellectum genetiui: nihil enim significat |auferendum. hic fit modis octo: aut ex participio et nomine, ut |«ducente dea», «uolente deo»; aut ex nomine et participio, ut oratore |declamante, Sacerdote docente; aut ex duobus participiis, ut docto |exponente; aut ex duobus nominibus, ut bono homine; aut ex pronomine |et nomine, ut me duce, aut ex nomine et pronomine * ut laetante |me. nam ex duobus pronomibus septimus casus fieri non potest. |quidam putant his casibus iunctis intellectum fieri datiui casus et uocari |ipsum quoque septimum casum, ut est «et magno se corpore miscet». |sed errant: nam ibi antiquorum more ablatiuum pro datiuo posuit, quod |licet etiam, si non iunxerimus duos ablatiuos [ponere ablatiuum scilicet |pro datiuo], ut est «haeret pede pes» et «parce metu Cytherea», |pro pedi, pro metui; quod septimus casus fieri non potest sine duobus |ablatiuis et sine intellectu casus genetiui.*

{448} **de syncope.** *syncope est, cum una uel plures litterae eliduntur, ut*

daquilo que causa admiração, como *papae*; daquilo que aflige, *heu ne lacrimas* [*Heauton.* 1, 1, 31: “oh, não chores”]; daquilo que admira e aflige, como

O Fortunati quorum iam moenia surgunt, [*Aen.* 1, 437: “Ó, Afortunados, cujas muralhas já surgem]

e o *miseræ, quas non manus* [*Aen.* 5, 623: “ó desgraças, as quais as mãos não] ou o *dolor atque decus* [*Aen.* 10, 507: “ó dor e glória”]; daquilo que exorta, como *heia age, rumpe moras* [*Aen.* 4, 569: “Eia, ânimo! Quebre os obstáculos”]. Do mesmo modo com as demais, as quais os ânimos dos espíritos produzem.

Do sétimo caso

O sétimo caso constrói-se com dois ablativos colocados juntos, que possuem a forma do caso ablativo, mas o sentido do caso genitivo¹⁹⁰: não indicamos que há nada para se retirar¹⁹¹. Este se faz de oito modos: ou de um particípio e de um nome, como *ducente dea* [*Eneida* II, 632: *deo* “comandando a deusa”], *uolente deo* [*Aen.* 1, 303: “querendo o deus”]; ou de um nome e de um particípio, como *oratore declamante* [“declamando o orador”], *Sacerdote docente*¹⁹² [“Sacerdos ensinando”]; ou de dois particípios, como *docto exponente* [“propondo um sábio”]; ou de dois nomes, como *bono homine* [“sendo um bom homem”]; ou de um pronome e de um nome, como *me duce* [“eu, conduzindo”]; ou de um nome e de um pronome **¹⁹³ como *laetante me* [“eu, regozijando”]. Decerto, o sétimo caso não pode ser construído com dois pronomes. Alguns pensam que, estando estes dois casos juntos, se constrói o sentido do caso dativo e o chamam também de sétimo caso, como *et magno se corpore miscet* [*Aen.* 6, 727: “e se mescla ao extensivo material”]. Mas estão errados, porque, através do costume dos antigos, Virgílio empregou o ablativo no lugar do dativo, o que também é permitido, caso não juntássemos dois ablativos, (empregar o ablativo, pois, no lugar do dativo), como é *haeret pede pes* [*Aen.* 10, 361: “ele junta um pé ao outro pé”] e *parce metu Cytherea* [*Aen.* 1, 257: “não temas, Citereia”], em vez de *pedi* e *metui*; pois o sétimo caso não pode ser feito sem dois ablativos e sem o sentido do caso genitivo¹⁹⁴.

{448} **Da síncope.** A síncope acontece quando uma ou mais letras são elididas, como:

«apparent rari nantes in gurgite uasto»,

id est natantes.

de synalifa. synalifa est, quando finita pars orationis in uocalem |uel in m litteram uel in s altera parte orationis incipiente a uocali |eliditur, ut «mene efferre pedem» et «mene incepto». sic in uocali. |in m littera m non sola perit in metro, sed etiam uocalis quae eam |antecedit, ut «monstrum horrendum ingens». s uero littera eliditur sola, |si a consonanti incipiat altera pars orationis, ut Lucretius «mensibus |frigus» et alibi «ex infantibus paruis». cum uocali uero |praecedente et iuncta perit s, si in eam finiatur pars orationis et sequens pars |orationis incipiat a uocali, ut Vergilius

«rursus in secessu longo sub rupe cauata».

non tamen omnes syllabae quae sic cadunt, id est aut in uocalem aut in |m aut in s, necesse est ut synalifam patiantur; sed quae synalifam |patiuntur sic cadant necesse est. ceterum sunt quae sic eueniunt, non |tamen eliduntur: de uocali, ut «texunt umbracula uites» et «sucus |pecori et lac subducitur agnis» et «Aeaeque insula Circae», de |m, ut «hic uer purpureum uarios», <de s>, ut «ecce manus |iuuenem interea». hoc tamen scire debemus, quod uersus percutientes [id |est scandentes] interdum accentus alios pronuntiamus, quam per singula |uerba ponentes. toro et pater, acutum accentum in to ponimus et in pa; |scandendo uero «inde toro pater Aeneas» in ro et in ter. haec |igitur in metro ideo suam non continent rationem, quia in ipsis nulla |intellectus ratio continetur: nam ropater nihil significat. inter syncopen |ergo et synalifam hoc est, quod syncope ab ipsis ponitur poetis,

apparent rari nantes in gurgite uasto, [Aen. 1, 118: “que os raros nadadores se preparem no vasto mar”]

em vez de *natantes*.

Da sinalefa¹⁹⁵. Sinalefa é quando uma parte da oração que acaba em vogal ou com as letras *-m* ou *-s* é suprimida, tendo a outra parte da oração começado com vogal, como *mene effere pedem* [Aen. 2, 657: “eu recuar...”] e *mene incepto* [Aen. 1, 37: “eu, com o início...”]. É assim com a vogal. Terminada com a letra *-m*, esse *-m* não se perde sozinho no metro, mas também a vogal que o antecede, como *monstrum horrendum ingens* [Aen. 4, 181: “um monstro horrendo e ingente”]. A letra *-s*, porém, é elidida sozinha, caso a outra parte da oração comece com consoante, como Lucrécio *mensibus frigus*¹⁹⁶ [“nos meses frios”] e, em outra parte de sua obra: *ex infantibus paruis* [De rerum. 2, 186: “das crianças pequenas”]. Porém, perde-se o *-s* junto com a vogal precedente, caso a parte da oração termine em *s* e a parte da oração que se segue começasse por vogal, como Virgílio

*rursus*¹⁹⁷ *in secessu longo sub rupe cauata* [Aen. 3, 229: “outra vez, em um lugar profundo, cavada sob uma rocha”]

Todavia, não é necessário que todas as sílabas que terminam assim, isto é, em vogal, em *m* ou em *s*, admitam a sinalefa; mas é necessário que terminem assim as que admitem a sinalefa. Além do mais, existem as que assim sucedem e, contudo, não se elidem: quanto à vogal, como: *texunt umbracula uites* [Eclog. 9, 43: “as uvas tecem sombras”] e *sucus pecori et lac subducitur agnis* [Eclog. 3, 6: “o vigor do rebanho é extraído e, do cordeiro, o leite”] e *Aeaeque insula Circae* [Aen. 3, 229: “e a ilha Ea de Circe”]; quanto ao *m*, como *hic uer purpureum uarios* [Eclog. 9, 40: “este verão purpúreo vários...”]; quanto ao *s*, como *ecce manus iuuenem interea* [Aen. 2 57: “eis que, enquanto isso, um jovem com as mãos...”]. Contudo, devemos saber que ao medirmos versos (isto é, escandirmos), às vezes, pronunciamos outros acentos, como se colocássemos as palavras individualmente. Em *toro* e *pater*, colocamos o acento agudo¹⁹⁸ em *to* e *pa*; porém, ao escandir *inde toro pater Aeneas* [Aen. 2, 2: “assim, o pai Eneias, com o leite...”], colocamos o acento em *-ro* e em *-ter*. Consequentemente, por isso, estas palavras não mantêm sua regularidade no metro, pois, nestes casos, o sentido não é mantido por nenhuma regularidade: porque *ropater* nada significa¹⁹⁹. Assim, entre a síncope e a sinalefa está o fato de que a síncope é empregada pelos próprios poetas:

nantes |pro natantes; synalifa autem a nobis uel pronuntiantibus uel pedes |scandentibus fit, cum a poeta plenum uerbum ponatur. «mene incepto», nos |scandimus menincepto: monstrhor nos percutimus, cum poeta posuerit |«monstrum horrendum»: et infantibu paruis et rursin secessu longo |scandimus, cum <infantibus et> rursus posuerit poeta.

{449} **de diaeresi.** diaeresis est, cum duae uocales in syllabam ductae |singulare pronuntiatæ diuiduntur, ut «aulae in medio» et frugiferae, aulai et |frugiferai. huic contraria est synaeresis.

de synaeresi. synaeresis est, cum dictio duarum syllabarum in unam |cogitur, ut «fixerit aeripidem» pro aëripidem, et «hortator scelerum |Oelides» pro Aeolides. |

de tmesi. tmesis, hoc est intercisio, sic fit, cum in medio unius |uerbi alterum interponitur, ut est «septem compacta trioni»: positum |est uerbum compacta inter septemtriones.

de enallaxi uel enallage. enallaxis uel enallage est, cum contra |naturam suam uerbum positum hoc significat, ac si <proprium> uerbum |poneretur, ut est rursus, hoc significat quod rursus.

nunc de soloecismo ceterisque uitiiis tractabimus, quibus expositis |docebimus quid uitare uel dicere debemus.

DE SOLOECISMO

soloecismus est Latini sermonis inpropria ordinatio, oratio |inconsequens, uerborum inter se non suo loco positorum uitiosa structura, carens |ordine sermo, dictio non cohaerens. soloecismus dictus est duobus |modis, uel quod sit τοῦ σφῶος λόγου αἰκισμός, id est integrae laesio |dictionis, uel quod aliquando Σόλοικοι, Cilicienses ciues, Athenas profecti |non integre loquentes uitioso sermoni de uocabulo suo nomen |dederunt.

nantes em vez de *natantes*; no entanto, a sinalefa é empregada por nós seja através da pronúncia ou da escansão de pés, quando uma palavra plena é colocada por um poeta: *mene incepto*, nós escandimos *menincepto*; criamos *monstrhor* quando um poeta teria colocado *monstrum horrendum*; e escandimos *infantibu paruis* e *rursin secessu longo* quando o poeta tiver colocado *infantibus* e *rursus*.

{449} **Da diérese.** A diérese acontece quando duas vogais longas são divididas em uma sílaba e pronunciadas singularmente, como *aulae in medio* [*Aen.* 3, 354: “no meio do salão”] e *frugiferae* [“frutíferas”], *aulai* e *frugiferaï*. O contrário disto é a sinérese²⁰⁰.

Da sinérese. A sinérese acontece quando uma palavra de duas sílabas é reunida em uma, como *fixerit aēripidem* [*Aen.* 6, 803: “tivesse composto de pés de bronze”], em vez de *aēripidem*, e *hortator scelerum Oelides* [*Aen.* 6, 528: “encorajador dos crimes de Eolo”], em vez de *Aoelides*²⁰¹.

Da tmese. A tmese, isto é, uma interseção, faz-se assim: quando uma palavra é inserida no meio de outra, como *septem compacta trioni* [*Georg.* 3, 381: “unidos ao setentrião”]²⁰²: a palavra *compacta* [unidos] foi colocado entre *septemtriones* [setentriões].

Da enallaxis ou +enálage. A *enallaxis* ou *enálage* acontece quando, contra sua natureza, a palavra empregada quer dizer algo, como se aquela palavra particular tivesse sido empregada, como *rursum* [“retrocedendo”], que significa *quod rursus* [“aquilo que retrocede”].

Agora trataremos do solecismo e dos demais vícios. Tendo sido explicados, ensinaremos o que devemos dizer ou evitar.

Do solecismo.

O solecismo é uma ordenação imprópria de uma expressão latina; uma oração incoerente; uma estrutura viciosa de palavras colocadas entre si, não nos seus devidos lugares; um falar que carece de ordem; um discurso não coerente. O solecismo é chamado assim por dois motivos: ou porque seja τοῦ σόφου λόγου αἰκισμος, isto é, uma alteração em um discurso íntegro, ou porque, outrora, os Σόλοικοι, cidadãos cilicienses, foram para Atenas, falando de forma corrompida e os atenienses nomearam as

fit autem soloecismus modis XVI: per immutationem generum |pronominum, ut Terentius «habeas quicum cantites» pro cum qua |cantites, et Plautus «sed quis illaec mulier est» pro sed quae {450} illaec: per casus, ac si dicas, sequor homine pro sequor hominem, |Terentius «ita ut uobis decet» pro ita ut uos decet: per numeros, «uos, |o Calliope, precor» et «pars in frusta secant»: per personas, ac si |dicas, ego facit pro ego facio: per tempora, ut «et omnis humo |fumat» pro fumauit: per qualitates nominum, ut

«hauriat hunc oculis ignem crudelis ab alto /

Dardanus»

pro Dardanius, proprium pro appellatiuo: per genera uerborum, ac si |dicas sedeor pro sedeo, ut Terentius «eique anulum, dum luctat, |destraxit» pro luctatur, et Vergilius «pictis bellantur Amazones armis» |pro bellant: per genera nominum, ac si dicas hic caelus pro hoc caelum, |quamuis Lucretius caelos dicit: per formas uel qualitates uerborum, ac si |dicas taedeo pro taedet me, quasi personale pro impersonali,

«at uero Rutulis impar ea pugna uideri /

iam dudum»,

*pro uidebatur, infinitum pro finito: per modos, ut * per aduerbia, ac si |dicas, ite intus pro intro uel, estote intro pro intus: per praepositiones, |ac si dicas, apud illum uado*

expressões viciosas a partir de seu nome²⁰³. No entanto, o solecismo se faz de dezesseis modos: por mudança dos gêneros dos pronomes, como Terêncio *habeas quicum cantites* [*Adelph.* 4, 7, 32: “tenhas com quem cantes”], em vez de *cum qua cantites* [“com a qual cantes”] e Plauto *sed quis illaec mulier* [*Epid.* 4, 535: “mas quem é aquela mulher?”]²⁰⁴, em vez de *sed quae illaec*; {450} por caso, como se dissesse *sequor homine* em vez de *sequor hominem* [“eu sigo o homem”]. Terêncio empregou *ita ut uobis decet*, em vez de *ita ut uos decet* [*Adelph.* 3, 4, 45: “assim como lhes convêm”]; por números *uos*, *o Calliope, precor* [*Aen.* 9, 525: “vós, ó Caliope, eu imploro”] e *pars in frustra secant* [*Aen.* 1, 212: “a parte se dividem em migalhas”]; por pessoas, como se dissesse *ego facit* [“eu faz”] em vez de *ego facio* [“eu faço”]; por tempos, como *et omnis humo fumat* [*Aen.* 3, 3: “e toda (a Troia) fumeja do chão”], em vez de *fumavit* [“fumegava”]; por qualidades dos nomes, como:

hauriat hunc oculis ignem crudelis ab alto

Dardanus

[*Aen.* 4, 661-2: “que o Dardânio de olhos cruéis absorva este fogo do alto”]

em vez de *Darnanius*, o nome próprio no lugar do apelativo; pela classe dos verbos, como se dissesse *sedeor* em vez de *sedeo*, como Terêncio *eique anulum, duc luctat, detraxit*²⁰⁵ [*Hec.* 5, 3, 31: “e enquanto ela luta, ele retirou o anel dela”], em vez de *luctatur*, e Virgílio *pictis bellantur Amazones armis* [*Aen.* 11, 660: “com as armas decoradas as Amazonas lutam”], em vez de *bellant*; por gênero dos nomes, como se dissesse, *hic caelus* em vez de *hoc caelum* [“este céu”], dado que Lucrécio diz *caelos* [*Lucr.* II, 1097]; por formas ou qualidades dos verbos, como se dissesse, *taedeo* em vez de *taedet me*, como se fosse um verbo pessoal no lugar de um impessoal; por modos²⁰⁶, como

at uero Rutulis impar ea pugna uideri

iam dudum,

[*Aen.* 12, 216: “mas há bastante tempo, decerto, para os Rútulos parece uma disputa ímpar”]

em vez de *uidebatur*, o infinito no lugar do finito; por advérbios, como se dissesse *ite intus* [“vão dentro”] em vez de *intro* [para dentro] ou *estote intro* [“fiquem para dentro”], em vez de *intus* [“dentro”]²⁰⁷; por preposições, como se dissesse *apud illum*

<pro ad illum uado uel ad illum sum> |pro apud illum sum: per gradus conlationis, hoc est comparationis, ut |est «Saturnia pulchra dearum» pro pulcherrima, et Lucretius |«inferiora magis» pro inferiora: per geminationem abnuendi, «nulla neque |amnem / libauit quadrupes»: [per ordinis immutationem] * ut

«inplentur ueteris Bacchi pinguisque ferinae»:

per anastrophen, ut «Thestylis <et> pro et Thestylis». haec si a nobis {451} dicantur, uitia sunt; si a poetis uel oratoribus, schemata, id est figurae, |nuncupantur. |

DE BARBARISMO

barbarismus est uitiosa dictio unius uerbi, qui fit modis octo: per |productionem, ac si dicas p̄rnix <et> per producas, quae correpta est: per |correptionem, stet̄runt te correpta, quae longa est: per aspirationem, |ac si dicas hora uultus, cum ora debeant dici: per lenitatem, ac si dicas |oram tempus diei, cum horam debeas dicere: per immutationem |litterarum, ac si dicas ohminem pro hominem: per accentum, ac si dicas iste <et> |te acuas, cum is debeas: per immutationem loquellarum, ac si Graecum |nomen Latine dicas uel Latinum nomen Graece scribas uel dicas, ut puta |si philosophum per f scribas, cum per p et h scribere debeas, uel si |felix scribas per p et h, cum f ratio exigat: per immutationem accentuum, ac |si dicas Cērēs Ce longa, cum breuis sit, et res breui, cum sit longa. haec |uitia, cum dicuntur, barbarismi sunt; cum scribuntur, barbarolexis; et |cum dicuntur a nobis, uitia sunt, <cum> a poetis, metaplasmi. inter |barbarismum et soloecismum hoc est, quod soloecismus Latinus est sermo |peruersus, barbarismus uero nullam Latini sermonis continet rationem, et |quod soloecismus pluribus partibus orationis fit, barbarismus una; |quamuis et soloecismus potest interdum una parte orationis fieri, ac si dicas |uni habete. inter figuram et metaplasmm hoc est,

uado [“eu vou para com ele”] em vez de *ad illum uado* [“vou até ele”] ou *ad illum sum* [“estou até ele”] em vez de *apud illum sum* [“estou na casa dele”]; por grau de confronto²⁰⁸, isto é, de comparação, como *Saturnia pulchra dearum* [Ann. 1, 65: “Saturnia, a bela das deusas”]²⁰⁹ em vez de *pulcherrima*²¹⁰ [“a mais bela”] e, Lucrécio *inferiora magis* [Lucr. I, 1063: “mais mais inferior”]²¹¹, em vez de *inferiora*; pela duplicação da negação, *nulla neque amnem libauit quadrupes* [Eclog. 5, 25-6: “nenhum quadrúpede não bebeu do riacho”]; pela mudança na ordem **²¹² como

inplentur ueteris Bacchi pinguisque ferinae [Aen. 1, 215: “estão satisfeitos com o vinho envelhecido e com a gordura dos animais selvagens]

por anástrofe, como *Thestylis et* [Eclog. 2, 10: “Téstilis e”] em vez de *et Thestylis* [“e Téstilis”]. Estas coisas, se por nós {451} forem ditas, são consideradas vícios; se o forem por poetas ou oradores, são nomeadas de *schemata*, isto é, figuras.

Do barbarismo

O barbarismo é um discurso vicioso, de uma única palavra, que se faz de oito modos: por alongamento, como se dissesse *pērnix* e alongasse a sílaba *per-*, que é breve; por redução: *stetērunt*, com a sílaba *-te-* breve, que é longa; por aspiração, como se dissesse *hora uultus*, quando *ora* devesse ser dito; por suavidade, como se dissesse *oram tempus diei*, quando *horam* devesse dizer; por mudanças das letras, como se dissesse *ohminem* em vez de *hominem*; por acento, como se dissesse *iste* e acentuasses a sílaba *-te*, quando devesse acentuar a sílaba *is-*; por mudança dos termos, como se dissesse um nome grego de forma latina ou escrevesse ou dissesse um nome latino de forma grega, por exemplo: se escrevesse *philosophum* com *f*, quando devesse escrever com *ph*, ou se escrevesse *felix* com *ph*, quando a regra exige *f*; por mudança dos acentos, como se dissesse *Cērēs*, com a sílaba *Ce-* longa, já que é breve, e *-res* breve, já que é longa. Estes vícios, quando são ditos, são barbarismos. Quando são escritos, *barbarolexis*²¹³. E quando são falados por nós, são vícios; quando o são por poetas, metaplasmos. Entre o barbarismo e o solecismo está o fato de que o solecismo latino é um falar desordenado, o barbarismo, porém, não mantém nenhuma regularidade do falar latino²¹⁴; e que o solecismo se faz com várias partes da oração, o barbarismo só com uma²¹⁵. Ainda que, às vezes, o solecismo possa ser feito também com apenas uma parte da oração, como se dissesse à uma pessoa *habete*²¹⁶. Entre a figura e o metaplasmo está

quod figura uirtus |est ueniens ex soloecismo, metaplasmus uero ueniens de barbarismo, de |quibus mixte tractabimus.

DE METAPLASMIS VEL FIGVRIS

metaplasmus uel figura est dictio aliter composita quam debet metri |uel decoris causa. huius species sunt plurimae, sed maxime necessariae |hae, prothesis, epenthesis, paragoge, aphaeresis quae et encope uocatur, |syncope, apocope, antithesis, metathesis, systole, ectasis, diaeresis, |episynaliphe, ecthlipsis, protheseon parallage.

de prothesi. prothesis est, cum in prima parte dictionis aut littera |plus est aut syllaba, littera, ut «gnatique», syllaba, ut «tetulisset |pedem». {452}

de epenthesi. epenthesis est, cum in medio uerbo aut littera |additur, ut reliquias, aut syllaba, ut Mauors. |

de paragoge. paragoge est, cum in fine uerbi syllaba additur, ut |«admittier orant». |

de aphaeresi. aphaeresis fit [encope], cum a prima parte uerbi |syllaba tollitur, ut linquere. |

de syncope. syncope est, cum de medio uerbo littera tollitur, ut |oraclum, uel syllaba, ut uixet. |

de apocope. apocope est, cum in fine dictionis syllaba tollitur, ut |luxuriat pro luxuriatur et luctat pro luctatur. |

de antithesi. antithesis est litterae pro littera commutatio, ut olli |pro illi. |

de metathesi. metathesis est, cum isdem litteris in uerbo |manentibus fit transmutatio litterarum, ac si dicas leriuias pro reliquias. |

o fato de que a figura é um vício que deriva do solecismo, o metaplasmo, porém, deriva do barbarismo, sobre os quais trataremos misturados.

DOS METAPLASMOS OU FIGURAS

O metaplasmo ou figura é uma palavra composta diferentemente do que se deve, por causa do metro ou do decoro. Suas espécies são muitas, mas são muitíssimo necessárias: prótese, epêntese, paragoge, aférese, que também é chamada de encope, síncope, apócope, +antítese, metátese, +sístole, +éctase, diérese²¹⁷, epissinafe²¹⁸, +ectipse, parálage das próteses.

Da prótese. A prótese acontece quando, na primeira parte da palavra, há ou uma letra ou uma sílaba a mais; com uma letra, como *gnatique* [*Aen.* 6, 116: “e o filho”], com uma sílaba, como *tetulisset pedem* [*Andr.* 4, 5, 13: “ele se transportasse”]²¹⁹.

{452} **Da epêntese.** A epêntese acontece quando, no meio de uma palavra, uma letra é adicionada, como *relliquias*, ou uma sílaba, como *Mauors* [*Aen.* 8, 700].

Da paragoge. A paragoge acontece quando uma sílaba é adicionada no fim de uma palavra, como *admittier orant* [*Aen.* 9, 231: “eles pedem que se permitam”]²²⁰.

Da aférese. A aférese (ou encope) se faz quando uma sílaba é cortada da primeira parte de uma palavra, como *linquere*²²¹ [*Aen.* 3, 289].

Da síncope. A síncope é quando uma letra é cortada do meio de uma palavra, como *oraclum*, “oráculo” [*Aen.* 3, 143]; ou uma sílaba, como *uixet*, “tivesse vivido” [*Aen.* 11, 118]²²².

Da apócope. A apócope acontece quando uma sílaba é cortada no fim da palavra, como *luxuriat* [*Georg.* 3, 81], em vez de *luxuriatur* e *luctat*, em vez de *luctatur* [*Hec.* 5, 3, 31].

Da +antítese. A antítese é a troca de uma letra por outra, como *olli*, em vez de *illi* [*Aen.* 1, 254].

Da metátese. A *metátese* acontece quando se faz uma transposição das letras, mantendo as mesmas letras na palavra, como se dissesse *leriquias*, em vez de *reliquias* [“reliquias”].

de systole. systole est, cum producta syllaba contra rationem metri |causa corripitur, ut «stetēruntque comae» pro stetērunt. |

de ectasi. ectasis est, cum corripienda syllaba producitur metri causa, ut

«religione patrum multos seruata per annos»,

ut re producat, quae semper correpta pronuntiatur, et «reliquias |Danaum». sed hi uersus acephali dicuntur, ut Homerus «ἐπειδὴ νῆάς τε | καὶ Ἑλλήσποντον». sicut e contrario in metro proceleumatico, ubi |omnes breues esse debent, ponitur nouissimus pes anapaestus <pro> |proceleumatico, ut nouissima syllaba soluat, quae longa est, et pro duabus |breuibus accipitur, ut est illud Graecum ὄνος ὄνος ἀπέθανε τίνι τίνι | θανάτω; τῶ enim longa pro duabus breuibus soluta accipitur. nam |«genua labant *» sicut metricis placet, ut proceleumaticus pro dactylo |sit, duabus prioribus breuibus pro una longa positus * {453}

de episynaliphe. episynaliphe uel synaeresis est, cum plurimarum |syllabarum dictio in pauciores concluditur, ut «fixerit aeripidem» et |Oelides <pro> aëripedem et Aeolides. |

de synaliphe. synaliphe est, cum de conuenientibus inter se litteris |priorum fit elisio. haec fit modis tribus, sicut ante monstraui. |

<**de ecthlipsi**>. de hac superuacuum est dicere, quia synaliphae |similis est. quidam tamen inter synaliphen et ecthlipsin hoc interesse |uoluerunt, ut synaliphe sit uocalium, ecthlipsis uero consonantium. |

de protheseon parallage. protheseon parallage est, cum altera |praepositio pro altera ponitur, ut «cui tantum de te licuit» pro in te. |

Da +sístole. A sístole acontece quando uma sílaba longa é reduzida, contra a regularidade, por causa da métrica, como *stetēruntque comae* [*Aen.* 2, 774: “os cabelos se eriçam”], em vez de *stetērunt*.

Da +éctase. A éctase é quando uma sílaba, que deve ser breve, é alongada por causa da métrica, como

religione patrum multos seruata per annos [*Aen.* 2, 715: “conservada por muitos anos pela reverência dos nossos pais”],

de modo que *re-* seja alongada, a qual é sempre pronunciada breve, e *reliquias Danaum* [*Aen.* 1, 30: “os resquícios dos gregos”]. Mas estes versos são chamados de acéfalos²²³, como Homero ἐπειδὴ νῆάς τε καὶ Ἑλλήσποντον [*Ilias.* 23, 2: “Alcançando os navios e o Helesponto”]²²⁴. Assim, ao contrário, no metro proceleumático, em que todas devem ser breves, o último pé é colocado como um anapesto, no lugar do proceleumático, de modo que a última sílaba, que é longa, seja quebrada e que seja admitida no lugar de duas breves²²⁵, como é este metro grego: ὄνος ὄνος ἀπέθανε τίτι τίτι θανάτω²²⁶. Com efeito, a sílaba -τω, longa e aberta, é admitida no lugar de duas breves. Com efeito, *genua labant* [*Aen.* 12, 905: “os joelhos tremem”] ^{**227}, assim como agrada às métricas, de modo que um proceleumático esteja no lugar do dátilo, com duas sílabas breves precedentes colocadas no lugar de uma longa.

{453} **Da epissinalefa**²²⁸. A epissinalefa ou sinérese acontece quando um discurso de muitas sílabas conclui-se em números menores, como *fixerit aëripidem* e *Oelides*, no lugar de *aëripidem* e *Aeolides*.

Da sinalefa. A *sinalefa*²²⁹ acontece quando, a partir da harmonia das letras entre si, faz-se a elisão das letras anteriores. Esta é feita de três modos²³⁰, como mostrei antes.

Da ecllipse. Sobre esta é desnecessário dizer, porque é similar à sinalefa. Todavia, alguns quiseram diferenciá-las, a sinalefa e a ecllipse, desta forma, de modo que a sinalefa seja a elisão das vogais e a ecllipse, com efeito, seja das consoantes.

Da parálage das próteses. A parálage das próteses acontece quando uma preposição é colocada no lugar de outra, como *cui tantum de te licuit* [*Aen.* 6, 501: “quem ousou contra ti tamanhas violências?”], em vez de *in te*.

DE CETERIS VITIIS

de acyrologia. *acyrologia est dictio inconuenienter et inproprie |prolata, ut est*

«hunc ego si tantum potui sperare dolorem»

pro timere: proprie enim speramus bona, timemus mala.

de cacenphato. *cacenphaton est oratio turpem significationem habens |inturpibus uerbis, ut «lepus tute es et pulpamentum quaeris» et |Cicero: 'filiusque eius inpuer nudus stans sub fornice'.|*

de aeschrologia. *aeschrologia est uerborum turpitude, non |intellectus, «conprime sis iram» et «arrectique ora tenebant» et Cicero |«teneat nunc Metellus testes meos». inter cacenphaton ergo et |aeschrologian hoc est, quod cacenphaton honestis uerbis turpem continet |sensum, aeschrologia uero obscenis uerbis honestum exprimit intellectum. {454}*

de pleonasm. *pleonasmos est unius uerbi adiectio amplius, quam |exigit sensus, ut «sic ore locuta est». |*

de perissologia. *perissologia est multorum uerborum ad sensum |exprimendum superuacua adiectio, ut est «ibant qua poterant, et qua non |poterant non ibant». |*

de macrologia. *macrologia est oratio longa sine cultu, ut est |retro, unde uenerant, domum reuersi sunt. |*

de tautologia. *tautologia est eiusdem sensus uel uerbi iteratio, ut |est ego ipse feci et «qualem pateris libamus et auro»*

DOS DEMAIS VÍCIOS

Da aciologia. A aciologia é uma palavra apresentada inconveniente e impropriamente, como

hunc ego si tantum potui sperare dolorem [*Aen.* 4, 419: “se eu, somente, fui capaz de esperar esta dor”]

em vez de *timere* [“temer”]; com efeito, propriamente, esperamos as coisas boas, tememos as ruins.

Do cacófato²³¹. O cacófato é uma oração que possui um sentido torpe, com palavras não obscenas, como *lepus tute es et pulpamentum quaeris* [*Eun.* 3, 1, 36: “e tu és uma lebre e buscas por carne”]²³² e, em Cícero, *filiusque eius inpuber nudus stans sub fornice* [*In Verr.* 2, 2, 154, 13: “e o filho dele impúbre permanece nu sob o umbral”]²³³.

Da escrologia. A escrologia é uma obscenidade das palavras, não de seu sentido: *conprime sis iram* [*Truc.* 2, 2, 6: “peço-te que reprima a sua ira”]²³⁴ e *arrectique ora tenebant* [*Aen.* 2, 1: “os erguidos calavam-se”]²³⁵ e, em Cícero, *teneat nunc Metellus testes meos* [*In Verr.* 2, 2, 139, 4: “que Metelo tenha agora minhas testemunhas”]²³⁶. Conseqüentemente, entre o cacófato e a escrologia está o fato de que o cacófato contém um sentido torpe através de palavras decentes; a escrologia, porém, exprime um sentido decente através de palavras obscenas.

{454} **Do pleonasm**²³⁷. O pleonasm é adição de uma palavra a mais, a qual o sentido dispensa, como *sic ore locuta est* [*Aen.* 1, 614: “assim ela falou com a boca”].

Da perissologia. A perissologia é a adição redundante de muitas palavras para se expressar um sentido, como *ibant qua poterant, et qua non poterant non ibant* [“eles foram onde puderam e onde não puderam, não foram”]²³⁸.

De macrologia. A macrologia é uma oração longa, sem instrução, como é *retro, unde uenerant, domum reuersi sunt* [“retrocedendo, de onde vieram, voltaram para casa”]²³⁹.

De tautologia. A tautologia é a repetição de um mesmo sentido ou de uma palavra, como é *ego ipse feci* [“eu mesmo fiz”] e *qualem pateris libamus et Auro*

pro aureis |pateris: duo posuit pro uno, ut «media testudine templi / septa |armis». |

de eclipsi. *eclipsis est sensus minus habens uerborum, quam |necessitas postulat, <ut> «quem tibi iam Troia»: dedit aut aliquid tale |subauditur. |*

de tapinosi. *tapinosis est rei magnae humilis expositio, ut Horatius |«Pelidae stomachum cedere nescii» pro feruore uel iracundia. |*

de cacosyntheto. *cacosyntheton est indecens structura uerborum, ut |«uersaque iuuencum terga fatigamus hasta». |*

de hiulcatione. *hiulcatio est, si finiatur in uocalem oratio et |excipiatur a uocali, quod facit hiare dictionem, ut «insulae Ionio in |magno». |*

de myotacismo. *myotacismus fit, cum finita pars orationis in m et |excepta <a uocali> foedam faciat dictionem, ut*

«poeta cum primum animum ad scribendum appulit».

huic uitio similes sunt † nattacismi, rottacismi et omnino, cum in |consonantem finiatur pars orationis et excipiatur a uocali. hoc namque |uolunt technographi, ut pars orationis finiatur in uocalem et excipiatur a consonanti.

de aprepia. *aprepia est absurda et indecens uerborum structura, ut |«o Tite tute Tati tibi tanta». {455}*

de amphibolia. *amphibolia est dictio ambigua dubiam faciens |sensuum sententiam, ut «aut mixta rubent ubi lilia multa / alba rosa». |*

[*Georg.* 2, 192: “quais líquidos oferecemos em taças e em ouro”], em vez de *aureis pateris* [“taças de ouro”]: o autor empregou duas palavras no lugar de uma, como *media testudine templi septa armis* [*Aen.* 1, 505-6: “na abóbada central do templo, cercada pelos soldados”].

Da elipse²⁴⁰. A elipse é um sentido de palavras que possuem menos que a necessidade exige, como *quem tibi iam Troia* [*Aen.* 3, 340: “quem Troia já a ti”]: *dedit* [“deu”] ou alguma palavra como tal é subentendida.

Da tapinose. A tapinose é a descrição humilde de algo grande, como Horácio *Pelidae stomachum cedere nescii* [*Carm.* 1, 6, 6: “a cólera do Pélide, desconhecendo como ceder”], no lugar de *feruor* [“fervor”] ou *iracundia* [“irascibilidade”].

Do cacosínteto. O cacosínteto é uma estrutura inconveniente de palavras, como *uersaque iuencum terga fatigamus hasta* [*Aen.* 9, 609-610: “e abatemos o novilho com uma lança nas costas”]²⁴¹.

Da hiulcatio²⁴². A *hiulcatio* acontece se uma oração terminar em vogal e for seguida por uma vogal, porque se constrói hiatos no discurso, como *insulae Ionio in magno* [*Aen.* 3, 211: “as ilhas no extenso Jônio”].

Do mitacismo²⁴³. O mitacismo se faz, quando uma parte da oração termina em *m* e, quando ouvida, gera um discurso feio²⁴⁴, como

poeta cum primum animum ad scribendum appulit [*Andr.* prol. 1: “o poeta chegou para escrever com o mais excelente bom senso”]²⁴⁵.

A este vício são similares aos de † naticismo e rotacismo e, somente, quando a parte da oração terminar em consoante e for seguida por vogal. Decerto, os tecnógrafos²⁴⁶ desejam que uma parte da oração termine em vogal e seja seguida de uma consoante.

Da aprepiã. A aprepiã é uma estrutura dissonante e inconveniente de palavras, como *o Tite tute Tati tibi tanta* [*Ann.* 1, 151: “Ó, Tito Tácio, tu a ti tantas...”].

{455} **Da anfíbolia**. A anfíbolia é um discurso ambíguo que cria uma sentença dúbia de sentidos, como *aut mixta rubent ubi lilia multa alba rosa* [*Aen.* 12, 68-9: “ou os muitos lírios brancos se avermelhavam quando misturados com a rosa” ou “ou os muitos lírios se avermelhavam quando misturado com a rosa branca”]²⁴⁷.

DE SCHEMATIBVS

de homonymia. *homonymia est, cum duae res uel plures uno |nomine nuncupantur, ut «liceat superesse nepotem», filium filii, et |«quis ganeo, quis nepos», id est luxuriosus. hic enim nepos uno |nomine multa significauit. |*

de synonymia. *synonymia est, cum una res multis nominibus |nuncupatur, ut «et magno telluris amore», id est terrae, et «optata |potiuntur Troes harena», id est terra, «in litore ponunt», id est |terra. |*

de cacozelia. *cacozelia est quae fit duobus modis, aut magnarum |rerum humilis dictio, aut minimarum oratio tumens:*

«reliquias Troiae cineres atque ossa peremptae»,

pro exercitu et uiris fortibus; e contrario

«fores effregit atque in aedes inruit /

alienas, ipsum dominum atque omnem familiam /

mulcauit»,

pro lupanari et lenone et meretricibus. hanc quidam anasceuan dicunt |<uel catasceuan>: catasceuan cum mediocri oratione res maximae |deprimuntur, anasceuan, cum res humiles subleuantur tumore aliquo dictionis.

de polyptoto. *polyptoton est oratio per plures uariata casus, ut*

«litora litoribus contraria, fluctibus undas /

deprecor, arma armis, pugnent ipsique nepotesque».

DOS SCHEMATA

Da homonimia. A homonimia acontece quando duas coisas ou mais são expressas em um nome, como *liceat superesse nepotem* [*Aen.* 10, 47: “seja permitido a meu filho sobreviver”], isto é, *filius, filii e quis ganeo, quis nepos* [*In Cat.* II, 4, 7: “qual devasso? Qual pródigo?”], isto é, *luxuriosus* [“fastuoso; luxurioso; imoral”]. Aqui, com efeito, *nepos* significou muitas coisas em um único nome.

Da sinonimia. A sinonimia acontece quando uma coisa é expressa em muitos nomes, como *et magno telluris amore* [*Aen.* 1, 171: “e na grande afeição da terra”], isto é, *terrae*; e *optata potiuntur Troes harena* [*Aen.* 1, 172: “e os troianos apoderam-se da costa escolhida”], isto é, *terra*; e *in litore ponunt* [*Aen.* 1, 173: “estabelecem-se no litoral”], isto é, *terra*²⁴⁸.

Da cacozelia²⁴⁹. A cacozelia é feita de dois modos: ou um discurso humilde de coisas grandes, ou uma oração repleta de coisas menores:

reliquias Troiae: cineres atque ossa peremptae [*Aen.* 5, 787: “os vestígios de Troia: as cinzas e os ossos destruídos”],

no lugar de *exercitus* [“exército”] e *uires fortes* [“homens fortes”]; ao contrário:

*fores effregit atque in aedes inruit
alienas, ipsum dominum atque omnem familiam
mulcauit,*

[*Adelph.* 1, 2, 8: “arrombou as portas, invadiu outras casas e maltratou o próprio senhor e toda a sua família”]

no lugar de *lupanar* [“bordel”] e *leno* [“cafetão”] e *meretrices* [“meretrizes”]. Alguns dizem ser esta a *anasceuan* ou *catasceuan*: a *catasceuan* quando as coisas maiores são desapreciadas por uma oração medíocre; a *anasceuan* quando as coisas humildes são elevadas, por algum exagero de palavra.

Do poliptoto. O poliptoto é a oração variada em diversos casos, como

*litora litoribus contraria, fluctibus undas
deprecior, arma armis, pugnent ipsique nepotesque*

de hirmo. hirmos est oratio unius tenoris eosdem casus ad |clausulam usque conseruans et rationabilem continens ordinem, ut

«principio caelum ac terras camposque liquentes /
lucentemque globum lunae Titaniaque astra /
spiritus intus alit».

hic enim philosophice pro merito elementa ordinavit.

de polysyndeto. polysyndeton est oratio plurimis coniunctionibus |copulata, ut

«Acamasque Thoasque / {456}
Pelidesque Neoptolemus primusque Machaon /
et Menelaus et ipse doli fabricator Epeos».

de dialyto. dialyton uel asyndeton est dictio sine coniunctione |prolata, ut

«alii naualibus ite,
ferte citi flammis, date uela, impellite remos».

de prolepsi. prolepsis est, cum, antequam res uel personae |finiuntur, numerus terminatur, <ut>

«interea reges, ingenti mole Latinus /
quadriiugo uehitur curru, cui tempora circum»

[*Aen.* 4, 628: “eu rogo que eles próprios lutem, bem como seus descendentes; litorais contra litorais, as ondas contra as ondas, eu rogo, as armas contra as armas”].

Do hirmo²⁵⁰. O hirmo é uma oração contínua que conserva os mesmos casos até sua conclusão e que mantém uma ordenação racional, como

*“principio caelum ac terras camposque liquentes
lucentemque globum lunae Titaniaque astra
spiritus intus alit.”*

[*Aen.* 6, 724-726: “em princípio, o céu e as terras e as líquidas planícies e o globo luminoso da lua e as estrelas titânias²⁵¹, o espírito interior sustenta]

Aqui, de fato, o autor ordenou os elementos filosoficamente em virtude da qualidade.

Do polissíndeto. O polissíndeto é uma oração conectada por diversas conjunções, como:

*Acamasque Thoasque {456}
Pelidesque Neoptolemus primusque Machaon
et Menelaus et ipse doli fabricator Epeos.*

[*Aen.* 2, 262-264: “e Acamas e Thoas e Neoptolemus, filho de Peleu e o distinto Machoon e Menelau e o próprio Epeos, autor do dolo”]

Do dialito. O dialito ou assíndeto é um discurso sem uma conjunção apresentada, como:

*alii naualibus? ite,
ferte citi flammas, date uela, impellite remos*

[*Aen.* 4, 593: “os demais estaleiros? Ide. Trazei rápidos as chamas, içai as velas. Impeli os remos].

Da +prolepse. A prolepse é quando, antes de serem definidas as coisas ou as pessoas, demarca-se o número, como:

*interea reges, ingenti mole Latinus
quadriiugo uehitur curru, cui tempora circum*

[*Aen.* 12, 161-2: “enquanto isso, os reis, Latino vem em uma quadriga de grandeza considerável, a quem o rosto cercado...”]

et cetera; iterum

*«et iuxta Ascanius, magnae spes altera Romae, /
procedunt».*

de zeugmate. *zeugma est, cum rebus singulis uerba necessaria |applicantur, ut «regem adit et regi memorat».* |

de mesozeuxi. *mesozeuxis est, cum superiorem et inferiorem |orationem uerbum in medio positum ordinat, ut «multum ille et terris |iactatus et alto»: utrique respondet, et terris et alto, uerbum iactatus |in medio positum.* |

de hypozeuxi. *hypozeuxis est, quotiens unum uerbum in duplici |multipliciue sententia postea applicatur omnibus superioribus respondens, |ut est*

«qui numina Phoebi,

qui tripodas, Clari laurus, qui sidera sentis».

de prozeuxi. *prozeuxis, quae est contraria hypozeuxi, fit hoc modo, |cum antea uerbum ponitur, quod omnia posteriora coniungat, ut*

«dat tibi praeterea fortunae parua prioris /

munera reliquias Troia ex ardente receptas».

de promesezeuxi. *promesezeuxis [est], quae constat de prozeuxi et |mesozeuxi, fit hoc modo: uerba necessaria ante et in medio posita nectunt |secum orationem, ut*

e assim por diante; novamente

*et iuxta Ascanius, magnae spes altera Romae
procedunt.*

[*Aen.* 12, 168-9: “e igualmente Ascânio, outra esperança da Grande Roma, avançavam”]²⁵²

Do zeugma²⁵³. O zeugma acontece quando palavras indispensáveis são aplicadas por coisas particulares, como *regem adit et regi memorat* [*Aen.* 10, 149: “visita o rei e ao rei relata”].

Da mesozeuxe. A mesozeuxe é quando uma palavra colocada no meio da frase ordena as orações posterior e anterior, como *multum ille et terris iactatus et alto* [*Aen.* 1, 3: “ele, por muito tempo, açoitado tanto pelas terras como pelo mar”]: o termo *iactatus*, colocado no meio, responde a ambos, tanto *terris* como *alto*.

Da hipozeuxe²⁵⁴. A hipozeuxe mostra quantas vezes uma única palavra é aplicada em uma sentença dupla ou múltipla e, em seguida, responde a todos os referentes anteriores, como:

*qui numina Phoebi,
qui tripodas, Clari laurus, qui sidera sentis*

[*Aen.* 3, 359: “quais os desejos de Febo, quais oráculos, que louro de Claros, quais estrelas conheces?”].

Da prozeuxe. A prozeuxe, que é contrária a hipozeuxe²⁵⁵, faz-se deste jeito: quando uma palavra é empregada antes porque conecta todas as posteriores, como

*Dat tibi praeterea fortunae parva prioris
Munera reliquias Troia ex ardente receptas.*

[*Aen.* 7, 243-4: “em seguida, oferece tributos pequenos de sua fortuna ancestral, (oferece) as relíquias recuperadas da ardente Troia”]²⁵⁶

Da promeseuxe. A promeseuxe [é] aquela que se estabelece a partir da prozêuxe e da mesozêuxe, e se faz deste modo: as palavras indispensáveis colocadas no início e na posição do meio ligam a oração consigo, como

«da propriam, Thymbraee, domum, da moenia fessis».

hic enim ideo promesozeuxis est, quod et ante et in medio uerbum |necessarium da sermonibus copulatur. {457}

***de synlempsi prima.** synlempsis prima fit, cum dictio singularis |plurali alligatur, ut «pars <in> frustra secant». |*

***de secunda synlempsi.** secunda synlempsis contraria fit, cum dictio |pluralis singulari concluditur, ut «hic illius arma, hic currus fuit». |*

***de tertia synlempsi.** synlempsis tertia fit hoc modo: plurali uel |singulari dictioni casus necessarius primo adtribuitur * ad quam sit alter |casus necessario inducendus, et non adnectitur, ut est in plurali quidem |numero sic,*

*«aspice bis senos laetantes agmine cycnos, /
aetheria quos lapsa plaga Iouis ales aperto /
turbabat caelo».*

huc usque necessarius est casus cycnos: nam in hoc,

«ut reduces illi ludunt stridentibus alis»,

cycni necessarius casus non adicitur, sed sufficit et ad hunc intellectum |antepositum uerbum cycnos. tale est

«populo ut placerent quas fecisset fabulas»:

supra enim fabulae subauditur. de singulari uero sic,

«est mihi nata, uiro gentis quam iungere nostrae»,

id est natam; et

da propriam, Thymbraee, domum, da moenia fessis [Aen. 3, 85: “dê uma morada própria, ó Timbreu, dê as cidades aos cansados”].

aqui, com efeito, é uma promesozêuxe porque o verbo indispensável *da*, colocado tanto antes quanto no meio da oração, se liga com às expressões.

{457} **Da silepse I.** A silepse I faz-se quando uma palavra singular é ligada ao plural, como *pars in frusta secant*.

Da silepse II. A silepse II faz-se ao contrário, quando uma palavra no plural se compreende no singular, como *hic illius arma, hic currus fuit* [Aen. 1, 16-7: “estas eram suas armas, esta era sua carroça”]²⁵⁷.

Da silepse III. A silepse III faz-se deste modo: primeiro, o caso requerido é atribuído à palavra no plural ou no singular * à qual outro caso esteja para ser determinado, necessariamente, e não ser acrescido, como é, certamente, no plural, desta forma:

*aspice bis senos laetantes agmine cycnos
aetheria quos lapsa plaga Iouis ales aperto
turbabat caelo.*

[Aen. 1, 393-5: “Observe uma dúzia de cisnes alegres em movimento. Os quais a ave de Jove, insinuando na região celeste, agitava no céu aberto”]

Aqui, *cycnos* é o caso requerido. Com efeito, nesta circunstância *ut reduces illi ludunt stridentibus alis* [Aen. 1, 397: “de modo que eles, retornando, brinquem com as asas ruidosas”], o caso requerido *cycni* não é acrescentado, mas a palavra *cycnos* anteposta é o suficiente também para a compreensão²⁵⁸. Tal como:

populo ut placerent quas fecisset fabulas [Andr. prol. 3: “para que agradassem o povo, as fábulas que compusera”]:

acima, de fato, *fabulae* é subentendido. Sobre o singular, decerto, é assim

est mihi nata, uiro gentis quam iungere nostrae [Aen. 7, 268: “eu tenho uma filha, a qual juntar-se a um homem do nosso povo...”],

isto é, *natam*; e

«inuenies alium, si te hic fastidit Alexis»:

supra Alexim subauditur. ergo tertia synlepsis fit duobus modis de |numero utroque. |

de anacolutho. *anacoluthon est dictio non habens uerba sibi |necessario iungenda, ac si ponamus quamquam nec subiungamus tamen, |quod uerbum necessario subiungendum est. quod genus figurae |anacoluthon primum uocatur, ut*

«quamquam animus meminisse horret luctuque refugit, /

incipiam»:

non intulit tamen. secundum anacoluthon fit, cum tamen subiungimus, |cum non praeposuerimus quamquam, ut «tamen haec quoque siquis / captus amore leget». tertium anacoluthon est, cum oratio, in qua et |quamquam et tamen necessaria sint duo uerba, nullum habeat, ut {458} «Marco Lepido cum omnibus copiis Italia pulso segnior» et |cetera. hic enim, si integra esset oratio, sic posuisset, quamquam Marco |Lepido cum omnibus copiis Italia pulso tamen segnior. |

de anadiplosi. *anadiplosis est, cum ultimum uerbum dictionis |<praecedentis in> sequentis principio iteratur, ut «sequitur pulcherrimus |Astur, / Astur equo fidens». |*

de anaphora. *anaphora est, cum idem uerbum in principio tam |primae quam secundae ponitur dictionis, ut*

«nate, meae uires, mea magna potentia solus, /

nate, patris summi qui tela Typhoëa temnis».

inuenies alium, si te hic fastidit Alexis [Eclog. 2, 73: “encontrarás um ou Alexis, se este te desdenha”]:

acima, *Alexim* é subentendido. De fato, a silepse III se faz de dois modos, em ambos os números.

Do +anacoluto. O anacoluto é um discurso que não possui palavras que devem, necessariamente, ser unidas a si, como quando empregamos *quamquam* e não colocamos depois *tamen*, termo que, por necessidade, há de ser acrescentado. Pois este tipo de figura é chamado de anacoluton I, como em

quamquam animus meminisse horret luctuque refugit

incipiam [Aen. 2, 12-3: “embora trema meu coração de se lembrar e recuse com pesar, eu começarei...”]:

O autor não apresentou o *tamen*. O anacoluto II se faz quando acrescentamos *tamen* quando não colocamos antes o *quamquam*, como *tamen haec quoque siquis captus amore leget* [Eclog. 6, 9-10: “todavia, caso alguém leia também este (poema) tomado pelo amor...”]. O anacoluto III acontece quando uma oração, em que tanto *quamquam* como *tamen* são duas palavras indispensáveis, não possui nenhuma das duas {458}, como *Marco Lepido cum omnibus copiis Italia pulso segnior* [Histor. 1, 84, 2: “eu expulso M. Lépido com as suas tropas da Itália, me sinto enfraquecido”], e assim por diante. Aqui, com efeito, se a oração tivesse sido íntegra, assim teria sido colocado: *quamquam Marco Lepido cum omnibus copiis Italia pulso tamen segnior*²⁵⁹ [“embora eu expulse Marco Lépido com suas tropas da Itália, contudo me sinto enfraquecido”].

Da anadiplose. A anadiplose acontece quando a última palavra do discurso precedente é repetida no princípio do seguinte, como *sequitur pulcherrimus Astur, Astur equo fidens* [Aen. 10, 180: “e segue Astur, Astur que confia no seu cavalo”].

Da anáfora. A anáfora é quando a mesma palavra é colocada no princípio tanto do primeiro como do segundo verso do discurso, como:

nate, meae uires, mea magna potentia

nate, patris summi qui tela Typhoëa temnis.

[Aen. 1, 664-5: “ó filho, meu vigor, minha grande força

ó filho, que desprezas os dardos tifeus do altíssimo pai”.]

de epanalempsi. epanalempsis fit hoc modo: idem uerbum ponitur |in clausula, quod in principio dictionis, ut pater, inquam, hospitis |me lumine orbauit, pater. |

de epizeuxi. epizeuxis est eiusdem uerbi repetitio cum impetu |pronuntiationis, ut

«me me (adsum, qui feci), in me conuertite ferrum, /

o Rutuli».

de paronomasia. paronomasia est, cum iteratur dictio litteris uel |syllabis demutatis: litteris, ut

«nam inceptio est amentium, haud amantium»:

syllabis, ut Cicero «nam qui nunc est locus disertissimus, erit |locus desertissimus»; syllabis quidem sic, nam quod supra fuit est, |posuit postea erit, mutauit syllabas; litteris uero sic, nam quod supra |<disertissimus fuit, postea> desertissimus posuit, litteras commutauit. |

de schesi <onomaton>. schesis onomaton est, cum singulis nominibus |epitheta iunguntur, ut

«et malesuada fames et turpis egestas

pallentesque habitant morbi tristisque senectus».

de parhomoeo. parhomoeon est, cum multorum uerborum {459} diuersorum initia similibus litteris proferuntur, ut «casus Cassandra |canebat»

Da epanalepse. A epanalepse se faz deste modo: uma mesma palavra, que está no princípio da discurso, é colocada no remate, como *pater, inquam, hospitis me lumine orbavit, pater* [“pai, eu digo, me privai da hospitalidade da luz do dia, ó pai”]²⁶⁰.

Da epizeuxe. A epizeuxe é a repetição de uma mesma palavra com um impulso de declaração, como

*me me (adsum, qui feci) in me conuertite ferrum
o Rutuli.*

[*Aen.* 9, 427-8: “a mim, a mim (aqui está, quem fiz) voltem a arma para mim, Rótulos”]

Da paronomasia. A paronomasia acontece quando uma palavra é repetida com letras ou sílabas em outras posições. Quanto às letras, como

nam inceptio est amentium, haud amantium [*Andr.* 1, 3, 13: “pois é uma tentativa de loucos, não de amantes”]:

quanto às sílabas, como em Cícero *nam qui nunc est locus disertissimus, erit locus desertissimus* [“pois este que é agora um tópico eloquentíssimo será um tópico muito abandonado”]²⁶¹; em relação às sílabas é certamente assim, pois o que antes era *est*, foi colocado em seguida como *erit*, com as sílabas trocadas; em relação às letras também, pois o que foi escrito como *disertissimus*, depois ele alterou as letras e empregou *desertissimus*.

A qualidade dos nomes²⁶². A qualidade dos nomes é quando os epítetos são ligados aos nomes individuais, como

*et malesuada fames et turpis egestas
pallentesque habitant morbi tristisque senectus.*

[*Aen.* 6, 275-6: “e a fama, má conselheira, e a pobreza torpe e as enfermidades pálidas e a velhice triste habitam”]²⁶³

Do parômeo²⁶⁴. O paromeose acontece quando os inícios de muitas e diversas {459} palavras são proferidos com letras similares, como *casus Cassandra canebat*

et illud, «Clitipho consilia consequi consimilia». |

de homoeoteleuto. *homoeoteleuton, quod contrarium parhomoeo est, |fit hoc modo, cum diuersae orationis fines isdem litteris terminantur, ut |«caesa iungebant foedera porca». |*

de homoeoptoto. *homoeoptoton est oratio excurrens per eosdem |casus, ut*

*«hoc Ripheus, hoc ipse Dymas omnisque iuuentus /
laeta facit»*

et «Acamasque Thoasque» et

*«fores effregit atque in aedes inruit /
alienas».*

omnes enim casus similes sunt. homoeoptoton quidam hirmo simile esse |putant, errantes. nam hirmos ab homoeoptoto hoc distat, quod hirmos |cum similibus casibus struatur, tum etiam ordinem necessaria continet |ratione, homoeoptoton uero similes tantum exigit casus. |

de iso. *ison est res pares in diuersa qualitate eodem fine laudis uel |detractionis iungendae, ut latro et gladiator pares sunt detractone, |beneficus et integer pares sunt laude. sic Sallustius «magnitudo animi |par, item gloria, sed alia alii: Caesar beneficiis ac |munificentia magnus habebatur, integritate uitae Cate; ille |mansuetudine et misericordia clarus factus, huic seueritas |dignitatem addiderat». |*

[*Aen.* 3, 183: “Cassandra cantava os casos”] e aquele, *Clitipho consilia consequi consimilia* [*Heauton.* 1, 2, 35: “Clitipho, compreende-se os conselhos semelhantes”].

Do homeoteleuto. O homeoteleuto, que é o contrário da paromeose, se faz deste modo: quando os diversos finais das orações terminam com as mesmas letras, como *caesa iungebant foedera porca* [*Aen.* 8, 641: “fizeram aliança entre si com suínas sacrificadas”].

Do homeoptoto. O homeoptoto é uma oração que se desenvolve através dos mesmos casos, como

*hoc Ripheus, hoc ipse Dymas omnisque iuventus
laeta facit*

[*Aen.* 2, 394-5: “Rifeus, o próprio Dimas e toda a juventude alegre o fazem”]

e *Acamasque Thoasque* [*Aen.* 2, 262: “E Ácamas e Toas”], e

*fores effregit atque in aedes inruit
alienas.*

[*Adelph.* 1, 2, 8: “arrombou as portas e invadiu outras casas”²⁶⁵]

Todos os casos, no entanto, são similares. Alguns pensam ser o homeoptoto similar ao hirmo; estão errados. Com efeito, o hirmo se diferencia do homeoptoto no fato de que o hirmo é construído com casos similares, então, também mantém a ordenação através da regularidade requerida. O homeoptoto, porém, apenas exige casos similares.

Do iso²⁶⁶. O iso é quando coisas semelhantes, de qualidade diversa, devem ser ligadas com a mesma finalidade de elogio ou de difamação, como *latro* e *gladiator*²⁶⁷ são semelhantes para a detração; *beneficus* [“benéfico, bondosos, generoso”] e *integer* [“íntegro, vigoroso”] são semelhantes para o elogio. Assim, em Salústio *magnitudo animi par, item gloria, sed alia alii: Caesar beneficiis ac munificentia magnus habebatur, integritate uitae Cato; ille mansuetudine et misericordia clarus factus, huic seueritas dignitatem addiderat* [*Bell. Catil.* 54, 1-2: “semelhante em grandeza da alma e o mesmo em honra, mas cada qual com a sua: César foi tido como ilustre por seus

de homoeo. homoeon est res similes in eadem qualitate eandem | laudem uel
detractionem habentes, ut fur et fur similes sunt, et orator et | orator similes sunt, ut est

«illum indignanti similem similemque minanti /

aspiceres».

inter par ergo et simile hoc est, quod par de diuersis uenit, simile de | isdem. |

de diaeresi. diaeresis est, quam Latine diuisionem dicimus. haec | est unius rei
separatio, ut puta uinum uel unus taurus diuiditur. sic | Vergilius

«uina bonus quae deinde cadis onerarat Acestes / {460}

litore Trinacrio dederatque abeuntibus heros, /

diuidit»:

non partitur, quoniam unum corpus est uini. |

de merismo. merismos, quam nos partitionem uocamus, fit hoc | modo, cum multae res
separantur, ut puta pecora multa partiuntur,

«quam septem ingentia uictor

corpora fundat humo et numerum cum nauibus aequet,

et socios partitur in omnis»:

benefícios e generosidade; Catão, pela integridade de sua vida. Aquele se tornou famoso por sua benevolência e misericórdia, a este a severidade o dera dignidade”].

Do homeo. O homeo é quando coisas similares, de mesma qualidade, possuem o mesmo elogio ou detração, como *fur*²⁶⁸ e *fur* são similares, e *orator*²⁶⁹ e *orator* são similares, como em:

*illum indignanti similem similemque minanti
aspiceres.*

[*Aen.* 8, 649: “que tu o observe, similar a quem se indigna e similar a quem ameaça”]

Entre as coisas semelhantes e as similares, por certo, está o fato de que o semelhante deriva de coisas diversas; o similar, das mesmas coisas.²⁷⁰

Da diérese²⁷¹. A diérese é o que chamamos de divisão [*diuisio*] em latim. Esta é a separação de uma única coisa, como exemplo, divide-se o vinho ou um único touro²⁷². Assim, Virgílio

*uina bonus quae deinde cadis onerarat Aestes
{460} litore Trinacrio dederatque abeuntibus heros,
diuidit:*

[*Aen.* 1, 195: “e em seguida, ele encheu as vasilhas de vinho, o qual o bom Aestes o deu no litoral trinácrio²⁷³ e o herói dividiu com os que partiam”]

e não se distribuiu, pois é um único corpo de vinho.

Do merismo. O merismo, que nós chamamos de distribuição [*partitio*], faz-se deste modo: quando se separa muitas coisas, por exemplo, divide-se os muitos rebanhos:

*quam septem ingentia uictor
corpora fundat humo et numerum cum nauibus aequet,
(...) et socios partitur in omnis:*

[*Aen.* 1, 192-4: “até que o vitorioso firma sete corpos ingentes no solo e iguala o número com os navios (...) e distribuiu entre todos os companheiros”]

non diuidit, quia septem sunt, non unum corpus. hac dictione poetae |quidem indifferenter utuntur: nam Vergilius «mecum partire laborem» |pro diuide, et Lucanus «diuisere deos» pro partiti sunt. oratores uero |certe ponunt, ut Cicero in Verrinis «quid? cum accusationis tuae |diuidere membra coeperit (non partiri, quia una accusatio est) et |in digitis singulas partes constituerit»; non diuisiones, quoniam |multae res partiendae sunt post accusationem diuisam. sic ipse in |rheticis «partitur apud Terentium optime senex» (non diuidit, quia |intulit diuersas res, non unam),

«eo pacto et gnati uitam et consilium meum

cognosces et quid facere in hac re te uelim».

DE TROPIS

|tropi similes sunt metaplasms, non, ut quidam putant, dissimiles, |dicentes quia metaplasmi uitia habent, tropi uero uirtutes. nam in |ambobus utraque reperimus: ergo potestate pares, nomine separantur.

de antonomasia. antonomasia est [cum] uocabulum quod sine |nomine proprio positum loco fungitur proprietatis, ut Latona natum ponimus, |et Apollo intellegitur. haec fit modis quattuor, ab animo, a corpore, ab |his quae extrinsecus nuncupantur, a loco, <ut> «magnanimusque |Anchisiades» <et>

«ergo his aligerum dictis adfatur Amorem»

et

não se divide, pois são sete, não um único corpo²⁷⁴. Alguns poetas usam esta expressão indiferentemente; com efeito, Virgílio *mecum partire laborem* [*Aen.* 11, 510: “partilhar o trabalho comigo”], em vez de *diuide* [“dividir”], e Lucano *diuisere deos* [*Phars.* 2, 35: “eles dividiram os deuses”], em vez de *partiti sunt* [“distribuíram”]. Os oradores, porém, certamente, a utilizam, como em Cícero, *In Verrem*, como: *quid? Cum accusationis tuae diuidere membra coeperit* (e não *partiri*, porque é apenas uma acusação) *et digitis singulas partes constituerit* [*In Verr. Diuin.*, 45, 7: “O quê? Quando ele começar a dividir os membros da tua acusação e estabelecer as partes individuais nos dedos”]²⁷⁵; e não são divisões, uma vez que muitas coisas hão de ser distribuídas depois de se dividir a acusação. Assim, é o mesmo em *Rhetoricis*, em *partitur apud Terentium optime senex* [*De inuent.* 1, 33, 25: “o velho é bem distribuído entre as obras de Terêncio”]²⁷⁶ (e não *diuidit*, porque ele apresentou diversas coisas, não uma só),

*eo pacto et gnati uitam et consilium meum
cognosces et quid facere in hac re te uelim*

[*Andr.* 1, 1, 22: “deste modo, tanto a vida de meu filho e meu plano conhecerás e o que eu desejo que você faça neste caso”]

Dos tropos

Os tropos são similares aos metaplasmos e não dissimilares, como alguns pensam, dizendo que os metaplasmos possuem vícios e os tropos, porém, virtudes. Pois em ambos encontramos os dois: logo, são semelhantes quanto à natureza e são distintos em relação ao nome.

Da antonomásia. A antonomásia acontece (quando) um vocábulo que, empregado sem um nome próprio, assume sua propriedade: como quando colocamos *Latona natum* [o filho de Latona] e compreende-se *Apollo*. Esta se faz de quatro modos: por ânimo, por corpo, pelas coisas chamadas de extrínsecas e por lugar. Como *magnanimusque Anchisiades* [*Aen.* 5, 407: “e o magnânimo filho de Anquises”] e

ergo his aligerum dictis adfatur Amorem [*Aen.* 1, 663: “e então, com estas palavras, ela se dirigiu ao Amor alado”]

e

«o qui res hominumque deumque /
aeternis regis imperiis et fulmine terres»

{461} et «Delius inspirat uates»: ab animo Aeneas, a corpore Cupido, ab |his quae extrinsecus sunt Iuppiter, a loco Apollo. in uno loco omnia,

«<armipotens praesens belli Tritonia uirgo>»

[ab] extrinsecus armipotens, ab animi uoluntate praesens belli, a loco |Tritonia, a corpore uirgo, quamuis sit hoc nomen [uirgo] commune animi, |quod casta, et corporis, quod intacta. |

de allegoria. allegoria est dictio aliud significans quam continetur |in uerbis, <ut>

«et iam tempus equum fumantia soluere colla»,

quo significatur carmen esse finitum. huius species ex plurimis |necessariae sunt septem, ironia, <astismos>, sarcasmos, antiphrasis, <cacophemia>, |aenigma siue griphus, paroemia. |

de ironia. ironia est oratio cum inrisione, pronuntiatio dictionis in |contrarium redigens intellectum, ut est

«egregiam uero laudem et spolia ampla refertis

tuque p(uerque) m(agnum) m(emorabile) n(omen)».

haec enim dictio nisi aliter pronuntietur, quam qualitas sua postulat, non |erit uoluntati dicentis apte positus intellectus.

de astismo. astismos, quem quidam charientismon dicunt, dictio est |urbanitate et faceta gratia composita, ut Terentius

*o qui res hominumque deumque
aeternis regis imperiis et fulmine terres*

[*Aen.* 1, 229-230: “ó, aquele que governa as coisas humanas e divinas com seu poder eterno e aterroriza com raios”]

{461} e *Delius inspirat uates* [*Aen.* 6, 12: “inspira os poetas de Delos”]: por ânimo: *Aeneas* [“Enéias”]; por corpo *Cupido*; pelas coisas que são extrínsecas, *Iuppiter* [“Júpiter”]; por lugar, *Apollo*. Todas em um mesmo lugar:

armipotens praesens belli Tritonia uirgo [*Aen.* 11, 483: “a virgem Tritônia belicosa, deusa da guerra”]:

pelo que é extrínseco *armipotens* [belicosa]; pela vontade do espírito *praesens belli* [“deusa da guerra”]; pelo lugar *Tritonia*; por corpo *uirgo* [“virgem”], embora seja este nome comum do espírito, uma vez que é casta, bem como do corpo, uma vez que é não tocada.

Da alegoria. A alegoria é um discurso que significa outra coisa além do que é contido nas palavras, como

et iam tempus equum fumantia soluere colla [*Georg.* 2, 542: “agora é tempo de afrouxar os pescoços que fumegam dos cavalos”],

em que se indica que a canção acabou. Desta, são sete as espécies indispensáveis dentre as quais: ironia, astismo, sarcasmo, +antifrásis, cacofemia, enigma ou grifo, parêmia.

Da ironia. A ironia é uma oração que, através da irrisão, a enunciação do discurso reconduz o sentido ao contrário, como é

*egregiam uero laudem et spolia ampla refertis
tuque puerque magnum e memorabile numen*

[*Aen.* 4, 93: “carregas um louvor egrégio e amplos despojos tu e teu filho, poder grande e memorável”]

De fato, este discurso não será enunciado de outra forma, além do que sua qualidade postula; o sentido empregado não estará, convenientemente, na intenção de quem fala.

Do astismo. O astismo, que alguns chamam de carientismo²⁷⁷, é um discurso composto com agrado [*urbanitate*]²⁷⁸ e com uma graça engenhosa, como em Terêncio:

«tum quod dem ei, recte est: nam nihil esse mihi
religio est dicere».

astismos fit tribus modis: per euphemian, ac si dicimus fata Parcas, quod |non parcant, quale est exemplum quod posuimus Terentianum; per |cacemphaton, ut est illud Plautinum, «conprime sis iram»; nam rem |turpem sonat utpote a meretricis ancilla dicta oratio: per similitudinem, |quo modo dictum est de Carbone, qui mortuo Crasso, homine felice, |inimico suo, ante obscurus florere coepit, «postquam Crassus carbo |factus est», id est periiit, «Carbo crassus factus est», id est res ante |mortua reuixit, id est ad florem peruenit; et illud de Pompeio, qui {462} coloris erat rubei, sed animi inuerecundi, «quem / non pudet et rubet, |non est homo, sed ropio». ropio autem est aut minium aut piscis |robeus aut penis. |

de sarcasmo. sarcasmos est oratio cum insultatione, ut est

«en agros et quam bello, Troiane, petisti, /
Hesperiam metire iacens»,

et Cicero «en crimen, en causa, cur regem fugitiuus, dominum |seruus accuset». inter ironiam ergo et sarcasmon hoc est, quod |ironia contrarium dictioni continet sensum cum inrisione, sarcasmos uero |eodem modo quo dicitur intellegatur necesse est, quamuis cum inrisione.

de antiphrasi. antiphrasis est, cum ponitur uerbum bonum pro |malo, malum tamen significatur, ut Parcae ab eo quod non parcant, et |Eumenides ab eo quod nulli εὐμενεῖς sint, id est propitiae. antiphrasim |alii euphemian uocant. |

de cacophemia. cacophemia [est], quam quidam dysphemian uocant, |e contrario euphemiae fit: nam uerbum malum pro bono ponitur,

tum quod dem ei, recte est: nam nihil esse mihi religio est dicere [Heauton. 2, 1, 16: “então aquilo que eu falasse para ele seria o certo, pois não tenho receio algum de dizer”]

O astismo se faz de três modos: por +eufemia, como se disséssemos *fata Parcas*²⁷⁹, visto que não são parcas, que é o exemplo terenciano que possuímos; por cacófatos, como é aquele exemplo plautiano *conprime sis iram*²⁸⁰, porque soa como uma coisa torpe, visto que a oração é dita por uma meretriz anciã; por semelhança, do modo que foi dito sobre Carbão ter sido um homem feliz, que, estando Crasso, seu inimigo, morto, o qual antes desconhecido, começou a ser famoso: *postquam Crassus carbo factus est* [“depois que Crasso virou carvão”], isto é, morreu; *Carbo crassus factus est* [“Carbo se tornou considerável”]²⁸¹, isto é, a coisa que antes estava morta, reviveu, isto é, chegou à plenitude. E aquele exemplo sobre Pompeio, que {462} era da cor do rubi, mas de alma imprudente²⁸² *quem non pudet et rubet, non est homo, sed ropio* [“quem não se envergonha e enrubesce, não é homem, mas um ropio”]²⁸³. No entanto, *ropio* é ou vermelhão ou um peixe avermelhado ou pênis.

Do sarcasmo. O sarcasmo é uma oração com um insulto, como em:

en agros et quam bello, Troiane, petisti

Hesperiam metire iacens,

[Aen. 12, 359-360: “eis, troiano, o que pediste em guerra; deite-se para medir os campos e a tal Hesperia”]

e, em Cícero, *en crimen, en causa, cur regem fugitiuus, dominum seruus accuset* [Pro Deio. 17, 18: “eis o crime, eis a causa, porque o fugitivo acusa o rei e, o servo, o senhor”]. Assim, entre a ironia e o sarcasmo está o fato de que a ironia mantém o sentido do discurso ao contrário, através da irrisão; o sarcasmo, porém, deste modo, é necessário que seja compreendido pelo que é dito, embora com irrisão.

Da +antífrase. A antífrase acontece quando uma palavra boa é empregada no lugar de uma má, embora tenha o sentido ruim, como as *Parcas*²⁸⁴ dele²⁸⁵, que não são parcas, e as *Eumenides* dele²⁸⁶, que não são εὐμενεῖς²⁸⁷, isto é, favoráveis. Os outros chamam a antífrase de +eufemia.

Da cacofemia. A cacofemia (é) o que alguns chamam de +disfemia e, faz-se de modo contrário ao da +eufemia: pois uma palavra má é empregada no lugar de uma boa,

sed |tamen bonum intellegitur, ut est «pro supreme Iuppiter», id est summe, |non infime. |

de aenigmate. aenigma uel griphus est dictio obscura, quaestio |uulgaris, allegoria difficilis, antequam fuerit intellecta, postea ridicula, ut est

«mater me genuit, eadem mox gignitur ex me»,

de glacie, quae de aqua procreata aquam soluta parit; uel carbo de flamma |natus <flammam> gignit. Vergilius de ore putei

«tris pateat caeli spatium non amplius ulnas».

de paroemia. paroemia est uulgaris prouerbi usurpatio ad aliquam |rem significandam, cum aliud intellegitur, quam quod dictione |monstratur, ut «aduersum stimulum calces», quo significatur contra |pessimos uel potentiores audere stultum esse. |

de anastrophe. anastrophe est duorum uerborum transuersa dictio, {463} ut «Italiam contra», id est contra Italiam, et «ipsis ex uincula |sertis» pro ex ipsis sertis uincula. |

de catachresi. catachresis est dictio inpropria alterius dictionis sibi |uindicans proprietatem, ut «camposque liquentes» pro mari, cum |campi proprie sint terrae, et

«praecipitemque Daren ardens agit aequore toto»,

id est campo. hanc quidam metaphoran dicunt, de qua plenius docebo. |

de epitheto. epitheton est dictio propriis adiecta nominibus uel |demonstrandi uel ornandi uel uituperandi <causa>, ut «Larissaeus Achilles»,

mas, contudo, compreende-se o sentido bom, como é *pro supreme Iuppiter* [*Adelph.* 2, 1, 4, 2: “por Júpiter, finalmente”], isto é, *summe* [“intensamente”] e não *infime* [“da menor maneira”]²⁸⁸.

Do enigma. O enigma ou *griphus*²⁸⁹ é uma palavra obscura, uma questão comum, uma alegoria difícil, que antes tinha sido compreendida, depois se tornou ridícula, como:

mater me genuit, eadem mox gignitur ex me [“a mãe me gerou, e a mesma, em breve, foi gerada por mim”]²⁹⁰

fala a respeito do gelo, que é produzido a partir da água e gera água derretida; ou o carvão, originado da chama, gerou a chama. Virgílio, sobre a boca do poço

tris pateat caeli spatium non amplius ulnas [*Eclog.* 3, 105: “a extensão do céu que não se abre por mais do que três braços”]²⁹¹.

Da paroemia. A *paroemia* é o uso de um provérbio comum para significar uma coisa, quando se compreende outra coisa além do que é mostrado no discurso, como *aduersum stimulum calces* [*Phorm.* 1, 2, 28: “chutes contra as pontas”], pois significa que ousar contra pessoas muito ruins ou mais fortes é estultícia.

Da anástrofe. A anástrofe é um discurso contrário de duas palavras, {463} como *Italiam contra* [*Aen.* 1, 13], ou seja, *contra Italiam* [“contra a Itália”], e *ipsis ex uincola sertis* [*Eclog.* 6, 19], em vez de *ex ipsis sertis uincola* [“elos feitos das próprias coroas”].

Da catacrese. A catacrese é um discurso impróprio que atribui a propriedade de um outro discurso a si, como *camposque liquentes* [*Aen.* 6, 724: “e os campos líquidos”], em vez de *mare*, uma vez que os campos, propriamente, são de terra; e

praecipitemque Daren ardens agit aequore toto [*Aen.* 5, 456: “e leva ardente o precipitado Darete por toda a superfície”],

isto é, *campus*. Alguns dizem ser esta uma metáfora, sobre a qual ensinarei mais abundantemente.

Do epíteto. O epíteto é uma palavra de demonstração, de ornamentação ou por causa de um vitupério, adicionada a nomes próprios, como *Larissaeus Achilles* [*Aen.* 2,

|pius Aeneas, fallax Vlixes. sumitur epitheton modis quinque: ab animo, |<ut> «nec bonus Eurytion»; a corpore, <ut> «quantusque cauo |Polyphemus», [ab] extrinsecus, ut «rex Anius»; a loco, ut «Troianus |Acestes»; ab accidentibus, ut «pallida Tisiphone». sed ne quidam |putent nos superuacue posuisse epitheton, cum in antonomasia eadem |tractauerimus, neue dicat uni rei duo nomina posuisse, hoc sciat, quod |inter antonomasian et epitheton hoc est, quod antonomasia non accipit |nomina propria, sicut ante monstraui, epitheton uero accipiat necesse est |propriam appellationem; et quod antonomasia per accidentia fieri non |potest, cum epitheton possit, ut «pulcher Iulus», «pallentes morbi», «dira |fames», «candida lilia». |

de antapodosi. antapodosis est, quam nos appellamus reciprocam |dictionem, cum duae dictiones inuicem reddunt sibi uerba necessaria, ut |«olli dura quies oculos», urget scilicet, «et ferreus urget / |somnus», oculos utique subauditur; et «nocte leues stipulae melius», |tondentur subauditur, <«nocte arida prata / tondentur», melius |subauditur> [prata autem dicuntur et loca fenicularia, ut est «nocte arida |prata / tondentur», et loca florida, ut est

«ac uelut in pratis, ubi apes aestate serena

floribus insidunt uariis et candida circum

lilia funduntur»].

de homoeosi. homoeosis est ignotae rei descriptio per similitudinem |eius quae cognita est. haec diuiditur tribus modis, in parabolam,

197: “Aquiles larisseeu”²⁹²], *pious Aeneas* [*Aen.* 1, 220: “o pio Eneias”], *fallax Vlixes* [*Epig. Mart.* 3, 64, 4: “Ulisses falaz”]. O epíteto é estabelecido de cinco modos: por ânimo, como *nec bonus Eurytion* [*Aen.* 5, 541: “nem o bom Euricione”]; por corpo, como *quantusque cauo Polyphemus* [*Aen.* 3, 641: “e tamanho Polifemo na caverna”]; pelo que é extrínseco, como *rex Anius* [*Aen.* 3, 80: “o rei Ânio”]; por lugar, como *Troianus Acestes* [*Aen.* 5, 757: “o troiano Aceste”]; por propriedades, como *pallida Tisiphone* [*Aen.* 10, 761: “a pálida Tisífone”]. Porém, para que alguns não pensem que nós tenhamos empregado o epíteto inutilmente, quando tratamos do assunto na própria antonomásia, nem digam que demos dois nomes para uma única coisa, saibam que entre a antonomásia e o epíteto está o fato de que a antonomásia não admite nomes próprios, como mostrei antes, e o epíteto, porém, é necessário que aceite um substantivo próprio; e que a antonomásia não pode ser feita por propriedades²⁹³, embora o epíteto possa, como *pulcher Iulus* [*Aen.* 5, 570: “o belo Iulo”], *pallentes morbi* [*Aen.* 6, 275: “as doenças pálidas”], *dira fames* [*Aen.* 3, 256: “a fome cruel”], *candida lilia* [*Aen.* 6, 708-9: “os lírios brancos”].

Da antapódose. A antapódose, que nós chamamos de discurso recíproco [*reciproca dictio*], acontece quando cada um dos dois discursos respondem os verbos indispensáveis, mutualmente, como *olli dura quies oculos* [*Aen.* 10, 745: “os olhos o duro descanso”], *urget* [cerra-lhe], certamente; e *et ferreus urget somnus* [*Aen.* 10, 746: “o sono férreo cerra-lhe”], *oculos* [“os olhos”], decerto, está subentendido²⁹⁴; em *nocte leues stipulae melius* [*Georg.* 1, 289: “à noite, as palhas leves melhor”], *tondentur*²⁹⁵ [são ceifadas] está subentendido, e *nocte arida prata tondentur* [*Georg.* 1, 290: “à noite, os prados áridos são ceifados”], *melius* [“melhor”] está subentendido.

(No entanto, chamam de prados e de campos de feno, como é *nocte arida prata tondentur* e os campos floridos, como é

*ac uelut in pratis, ubi apes aestate serena
floribus insidunt uariis et candida circum
lilia funduntur*

[*Aen.* 6, 707-9: “mas assim, como nos prados, quando as abelhas no verão sereno pousam sobre várias flores e em volta dos lírios cândidos dispersam”]²⁹⁶)

Do homeose. O homeose é a descrição de algo desconhecido, por sua semelhança a algo que é conhecido. Este se divide em três modos: em +parábola, em

in {464} *paradigma, in icona. parabola est rerum dissimilium comparatio, ut «ac |ueluti magno in populo cum saepe coorta est / seditio», «sic |cunctus pelagi cecidit fragor».* quidam hanc inter homoeosin et |parabolen putant differentiam, quod homoeosis est, cum exposita re, quam ad |comparationem induximus, tunc rem exponimus, propter quam similitudo |uidetur inducta; parabola uero, cum primo res exponitur, cuius gratia |similitudo trahitur, et sic inducitur similitudo, ut est

*«namque ipsa decoram
caesariem nato genetrix lumenque iuuentae
purpureum, et laetos oculis adflarat honores,
quale manus addunt ebori decus, aut ubi flauo
argentum Pariusue lapis circumdatur auro.
tunc sic reginam adloquitur».*

hic enim <non> intulit: talis erat Aeneas, sicut antea «sic cunctus pelagi |cecidit fragor», sed rem posuit ante similitudinem. praeterea alia |differentia, quod homoeosis genus est in se habens tres species, parabolam |paradigma icona, parabola uero species nihil praeter se continens; sicut |exordium genus est et eius species principium et insinuatio, sicut Cicero |in rhetoricis dicit. fit autem parabola modis octo: per habitum corporis, |ut «os umerosque deo similis» et «uirginis os habitumque |gerens»; per colorem, ut

*«Indum sanguineo ueluti uiolauerit ostro
siquis ebur, aut mixta rubent ubi lilia multa
alba rosa, tales uirgo dabat ore colores»;*

{464} +paradigma e em *icona*. A parábola é uma comparação de coisas dissimilares, como *ac ueluti magno in populo cum saepe coorta est seditio // sic cunctus pelagi cecidit fragor* [*Aen.* 1, 148; 154: “mas como em grande nação quando, frequentemente, um tumulto originou-se / da mesma forma que se cessou todo o barulho do mar”]²⁹⁷. Alguns pensam haver esta diferença entre o homeose e a parábola: o homeose acontece quando induzimos algo apresentado à comparação e então apresentamos outra coisa e, por sua causa, a semelhança parece determinada; a parábola, porém, é quando primeiramente²⁹⁸ uma coisa é apresentada, em virtude da qual a semelhança é expressa, e assim, a semelhança é determinada, como:

*namque ipsa decoram
caesariem nato genetrix lumenque iuuentae
purpureum, et laetos oculis adflarat honores,
quale manus addunt ebori decus, aut ubi flauo
argentum Pariusue lapis circumdatur auro.
tunc sic reginam adloquitur.*

[*Aen.* 1, 589-594: “com efeito, a própria mãe dá ao seu filho lindos cabelos, a luz púrpura da juventude e um brilho próspero aos olhos, tal qual a graça que as mãos trazem ao marfim, ou quando ao ouro dourado a prata ou as jóias de Paros circundam. Assim, então, ele fala com a rainha.”]²⁹⁹

aqui, com efeito, o autor não inferiu *talis erat Aeneas* [“assim era Eneias”], como antes *sic cunctus pelagi cecidit fragor* [*Aen.* 1, 154: “da mesma forma que se cessou todo o barulho do mar”], mas empregou a coisa antes daquilo a que é semelhante. Além disso, há outras diferenças, pois o homeose é um gênero que tem em si três espécies: parábola, paradigma, *icona*. A parábola, porém, não contém nenhuma espécie além de si; assim, o exórdio é um gênero e suas espécies são o princípio e a insinuação, como Cícero disse em *rhetoricis*³⁰⁰. Contudo, a parábola se faz de oito modos: pela condição do corpo, como *os umerosque deo similis* [*Aen.* 1, 589: “a boca e os ombros semelhantes aos do deus”] e *uirginis os habitumque gerens* [*Aen.* 1, 315: “possuindo o rosto e disposição de virgem”]; pela cor, como

*Indum sanguineo ueluti uiolauerit ostro
siquis ebur, aut mixta rubent ubi lilia multa
alba rosa*³⁰¹, *tales uirgo dabat ore colores*

per altitudinem, ut

*«Aetnaeos fratres caelo capita alta ferentes,
qualis cum uertice celso»;*

per magnitudinem, ut

*«ingentemque Gyas ingenti mole Chimaeram,
urbis opus»*

et «instar montis equum» et

*«pelago credas innare reuulsas
Cycladas aut montes concurrere montibus altos,
tanta mole uiri turritis puppibus instant»;*

per effectum, ut

*«in segetem ueluti cum flamma furentibus austris
{465} incidit, aut rapidus montano flumine torrens
sternit agros, sternit sata laeta boumque labores,
praecipitesque trahit siluas; stupet inscius alto
accipiens sonitum saxi de uertice pastor»;*

[*Aen.* 12, 67-9: “como se alguém tivesse tingido o marfim indiano de cor de sangue, ou os muitos lírios brancos se avermelhavam quando misturados com a rosa, de tal modo a virgem mostrava as cores no rosto”];

pela altura, como

*Aetnaeos fratres caelo capita alta ferentes,
qualis cum uertice celso*

[*Aen.* 3, 678-9: “Os irmãos Aetnos, com as cabeças para cima, em direção ao céu tal qual quando em um alto monte”];

pelo tamanho, como

*ingentemque Gyas ingenti mole Chimaeram,
urbis opus*

[*Aen.* 5, 118-9: “E Gyas, a Quimera ingente que, pela enorme dimensão, é do tamanho de uma cidade”]

e *instar montis equum* [*Aen.* 2, 15: “um cavalo equivalente a um monte”] e

*pelago credas innare reuulsas
Cycladas aut montes concurrere montibus altos,
tanta mole uiri turritis puppibus instant*

[*Aen.* 8, 690-2: “Crês que, no mar, as Cicladas arrancadas flutuam ou os montes encontram montes altos e os homens se aproximam de navios em forma de torres de tamanha grandeza”];

por efeito, como

*in segetem ueluti cum flamma furentibus austris
{465} incidit, aut rapidus montano flumine torrens
sternit agros, sternit sata laeta boumque labores,
praecipitesque trahit siluas; stupet inscius alto
accipiens sonitum saxi de uertice pastor*

[*Aen.* 2, 304-8: “como quando uma chama, por causa dos ventos austros furiosos, cai na sementeira ou a torrente rápida de um rio montano devasta os campos, e

per numerum, <ut> «quam multa grandine nimbi / culminibus |crepitant» et

«quam multi Libyco uoluuntur marmore fluctus»,

«uel cum sole nouo densae torrentur aristae»;

per animi passionem, ut

«nigra uelut magnas domini cum diuitiis aedis

peruolat et pinnis alta atria lustrat hirundo»;

per pulchritudinem, ut

«ipse ante alios pulcherrimus omnis /

infert se socium Aeneas atque agmina iungit, /

qualis ubi hibernam Lyciam Xanthique fluenta /

deserit», |

«haud illo segnior ibat /

Aeneas; tantum egregio decus enitet ore». |

de paradi~~g~~mate. *paradigma est rei praeteritae relatio ad hortationem |uel dehortationem: <ad hortationem>, ut est*

«Antenor potuit mediis elapsus Achiuis»;

os trabalhos dos bois devastam a sementeira próspera e arrasta as florestas em aclave; o pastor se admira, sem ter ciência, ouvindo o som de uma pedra cair de um monte alto”];

por número, como *quam multa grandine nimbi culminibus crepitant* [*Aen.* 5, 458-9: “que tamanha quantidade de granizo crepita nos telhados”] e

*quam multi Libyco uoluuntur marmore fluctus,
uel cum sole nouo densae torrentur aristae*

[*Aen.* 7, 718; 720: “tão numerosas as ondas correm no mar africano, ou quando o sol as espigas de trigo densas torra”];

pela paixão da alma, como:

*nigra uelut magnas domini cum diuitiis aedis
peruolat et pinnis alta atria lustrat hirundo*

[*Aen.* 12, 473-4: “como uma andorinha negra voa pelos amplos templos de um senhor rico e percorre pelos altos átrios voando”];

por beleza, como:

*ipse ante alios pulcherrimus omnis
infert se socium Aeneas atque agmina iungit,
qualis ubi hibernam Lyciam Xanthique fluenta
deserit*

[*Aen.* 4, 141-4: “ele próprio, diante dos demais, o mais belo de todos, Eneias se apresenta aos aliados e se junta à multidão, tal qual quando ele (Apolo) abandona a invernal Lícia e os rios de Xanto”],

*haud illo segnior ibat
Aeneas; tantum egregio decus enitet ore*

[*Aen.* 4, 149-150: “e não mais lento do que ele, ia Eneias; tamanho esplendor brilha de seu rosto singular”].

Do +paradigma. O paradigma é relação de uma coisa que se passou com a exortação ou dissuasão: com a exortação, como é

Antenor potuit mediis elapsus Achiuis [*Aen.* 1, 242: “Antenor conseguiu, fugindo dos gregos”];

ad dehortationem, ut «quin occidit una Sarpedon, mea progenies». |

de icone. *icon est personarum similitum comparatio, ut*

«talis Amyclaei domitus Pollucis habenis /

Cyllarus»:

|equus enim equo comparatur. |

de hyperbole. *hyperbole est dictio ultra fidem prolata tam in maius |quam <in> minus, ut «candidior cycnis», «uilior alga». hanc poetae | quidem sine colasi dicunt, ut «geminique minantur in caelum |scopuli», non addidit paene aut tale aliquid; oratores uero cum colasi, id |est cum cautela uerisimilitudinis, ut Cicero «parietes medius fidius, |ut mihi uidentur, huius curiae tibi gratias agere gestiunt»: |hyperbole, sed addidit colasin «ut mihi uidentur».*

{466} **de colasi.** *colasis est dictio reprehendens et puniens orationem ultra |quam credi potest elatam, ac si dicas: uelocior euro paene, quoniam |uelocius uento nihil poterit reperiri. |*

de hyperbato. *hyperbaton est oratio non seruans ordinem mox, sed |postea. huius species sunt IIII, parenthesis hystero-logia synchysis <tmesis>. |*

de parenthesi. *parenthesis est, cum dictionis ordo interposita |sententia diducitur, ut est*

«at regina dolos (quis fallere possit amantem?) /

praesensit».

com a dissuasão, como *quin occidit una Sarpedon, mea progenies* [*Aen.* 10, 470-71: “além do mais, cai Serpedão, minha linhagem”].

Do ícone. O ícone é a comparação de pessoas similares, como

talis Amyclaei domitus Pollucis habenis

Cyllarus

[*Georg.* 3, 89-90: “tal era Cílaro, domado pelas rédeas de Pólux amicleu³⁰²”]:

O cavalo, com efeito, é comparado ao cavalo.

Da hipérbole. A hipérbole é um discurso construído para além da fidelidade, tanto para mais quanto para menos, como *candidior cygnis* [*Eclog.* 7, 38: “o mais branco dos cisnes”], *uilior alga* [*Eclog.* 7, 42: “mais vil que o sargaço”]. Alguns poetas dizem ser este um discurso sem colase, como *geminique minantur in caelum scopuli* [*Aen.* 1, 162-3: “levantam-se ao céu dois rochedos”], sem adicionar um *paene* [“quase”] ou algo como tal; os oradores, porém, dizem que este é um discurso com *colasis*, isto é, com o cuidado de verossimilhança, como em Cícero: *parietes medius fidius³⁰³ ut mihi uidentur, huius curiae tibi gratias agere gestiunt* [*Pro Marc.* 10, 6: “as paredes deste senado, certamente, como parece a mim, anseiam por agradecer-te”]: é uma hipérbole, mas ele adiciona *ut mihi uidetur* [“como parece a mim”], que é uma *colasis*.

{466} **Da colase.** A colase é um discurso que retem e corrige uma oração, para além da qual pode ser considerada soberba, como se dissesses *uelocior Euro paene* [“quase mais veloz do que o Euro”], visto que não se pode encontrar nada mais rápido do que o vento.

Do hipérbato. O hipérbato é uma oração que não conserva sua ordem imediatamente, mas depois. Suas espécies são quatro: parentêse, histerologia, sínquise e tmese.

Do parêntese. O parêntese acontece quando a ordem do discurso é dividida por uma sentença interposta, como é

at regina dolos (quis fallere possit amantem?)

praesensit

de hystero-logia. *hystero-logia uel hysteronproteron est, cum id quod |primum esse debet postea ponitur, ut «scuta latentia condunt», id |est condunt et latentia faciunt. inter anastrophen ergo et hystero-logian |hoc est, quod anastrophe duorum uerborum peruersus ordo ponitur, ut |«Thestylis et» <pro et> Thestylis; hystero-logia uero sensuum habet cum |uerbis praeposterum ordinem, ut est*

«postera Phoebea lustrabat lampade terras /

humentemque Aurora polo dimouerat umbram»:

primo enim noctis umbra discedit, et sic sol oritur. |

de synchysi. *synchysis est multis hyperbatis unius orationis ordo |factus peruersus, ut est*

«tris notus abreptas in saxa latentia torquet, /

saxa uocant Itali mediis quae in fluctibus aras»:

ordo est: tris notus abreptas in saxa <torquet> mediis latentia fluctibus, |quae saxa Itali aras uocant. |

de tmesi. *tmesis est, cum una pars orationis secatur alia interposita, |ut est «septem compacta triones», id est septemtriones. |*

de metaphora. *metaphora est oratio a propria significatione ad non |propriam translata. fit autem modis III: ab animali ad animale,*

«atque gubernator magna contorsit equos ui»,

[*Aen.* 4, 296-7: “mas a rainha os dolos (quem poderia enganar uma pessoa apaixonada?) presentiu”]

Da histerologia. A histerologia ou, em termos gregos *hysteronproteron*³⁰⁴, acontece quando algo, que deve ser colocado primeiro, é colocado depois, como *scuta latentia condunt* [*Aen.* 3, 237: “guardam os ocultos escudos”], ou seja, *condunt* [“guardam”] e *latentia faciunt* [fazem ficar ocultos]. Assim, entre a anástrofe e a histerologia esta o fato de que, na anástrofe é empregada uma ordem ruim de duas palavras, como *Thestylis et*, em vez de *et Thestylis*; a histerologia, porém, mantém, com palavras, a ordem contrária dos sentidos, como é

*postera Phoebea lustrabat lampade terras
humentemque Aurora polo dimouerat umbram*

[*Aen.* 4, 6: “em seguida, a Aurora iluminava as terras com a lâmpada de Febo e removia a sombra úmida do céu”]:

Primeiramente, com efeito, a sombra da noite vai-se embora, e assim o sol nasce.

Da sínquise. A sínquise é a ordenação de uma oração com muitos hipérbatos, tomada como má, como:

*tris notus abreptas in saxa latentia torquet
saxa uocant Itali mediis quae in fluctibus aras*

[*Aen.* 1, 108-9: “o Noto leva três (barcos) arrancados em direção às pedras escondidas; as pedras, os Ítalos chamam de altares, que estão no meio das ondas”]: a ordem³⁰⁵ é *tris notus abreptas in saxa torquet mediis latentia fluctibus, quae saxa Itali aras uocant* [“o Noto leva três (barcos) arrancados em direção às pedras escondidas no meio das ondas; pedras as quais os Ítalos chamam de altares”]

Da tmese³⁰⁶. A tmese acontece quando uma parte da oração é cortada por uma outra, interposta, como é *septem compacta triones*, isto é, *septemtriones*.

Da +metáfora. A metáfora é uma oração translata³⁰⁷ de um sentido particular a um não particular. Faz-se de quatro modos: de animado para animado:

atque gubernator magna contorsit equos ui

[*Ann.* 400: “e o boleiro vira os cavalos com muita força”]

pro auriga <animali> animale posuit gubernatorem: ab inanimali ad |inanimale, ut est «qua sequar fastigia rerum»; nam et tectorum fastigia {467} inanimalia sunt, et res inanimales: ab animali ad inanimale, <ut est> |«uertice montis». ab inanimali ad animale, <ut est> «pectore <robur |concipis>», pro animo. |

de metalempsi. *metalempsis est dictio per gradus interpretationis |descendens ad propriam significationem, ut est «speluncis abdidit atris», |nigris, tenebricosis. |*

de metonymia. *metonymia est oratio ab aliqua propria significatione |ad propriam proximitatis interpretatione descendens. haec fit modis sex: |per id quod continetur illud quod continet, ut est «et uina coronant», |pro crateris: per id quod continet illud quod continetur, ut est «caelo |gratissimus amnis», pro dis. qui continentur a caelo: per inuentorem |id quod inuentum est, <ut est> «sine Cerere et Libero friget Venus»; |inuentores enim posuit pro inuentis, pro tritico Cererem, pro uino |Liberum * per efficientem id quod efficitur, ut «melior remis», pro |uelocitate remigum remos posuit, qui efficiunt nauibus celeritatem: per id |quod efficitur illud quod efficit, <ut est> pallidus * effectus positum pro |effectore. |*

de onomatopoeia. *onomatopoeia est uerborum figuratio ad imitandas |uoces expressa, ut dicimus equum hinnire ab eo quod uox equi sic sonet. |*

de periphrasi. *periphrasis est res longiore oratione extenta, quam |necessitas postulat. ea fit modis tribus: aut ornandae rei gratia, ut est*

«postera Phoebea lustrabat lampade terras /

umentemque Aurora polo dimouerat umbram»,

em vez de *auriga* [“cocheiro”], que é animado, ele colocou *gubernator*, que também é animado; de inanimado para inanimado, como é *qua sequar fastigia rerum* [*Aen.* 1, 342: “tocarei só os fatos principais”], pois tanto o principal {467} é inanimado, quanto os fatos são inanimados; de animado para inanimado, como é *uertice montis* [*Aen.* 5, 35: “do topo do monte”]; de inanimado para animado, como é *pectore robur concipis* [*Aen.* 11, 368-9: “conténs no coração uma robustez”], no lugar de ânimo.

Da metalepse. A metalepse é um discurso que passa por graus de interpretação até um sentido particular, como: *speluncis abdidit atris* [*Aen.* 1 60: “ele escondeu em cavernas funestas”] por *nigris* [“sombrias”], *tenebricosis* [“sombroso”].

Da metonímia³⁰⁸. A metonímia é uma oração que passa de uma acepção particular para outra particular, através do seu sentido de proximidade. Esta é feita de seis modos: no lugar do conteúdo, emprega-se o recipiente, como é *et uina coronant* [*Aen.* 7, 147: “e encham os copos de vinho”], no lugar de *crateris* [“copos”]; no lugar do que contem, aquilo que é contido, como é *caelo gratissimus amnis* [*Aen.* 8, 64: “um rio gratíssimo ao céu”], em vez de *dis* [“deuses”]³⁰⁹, que se abrigam no céu; o inventor no lugar daquilo que foi inventado, como é *sine Cerere et Libero friget Venus* [*Eun.* 4, 5, 6: “sem Ceres e o Baco, Vênus se abate”]; os inventores, com efeito, ele empregou no lugar das invenções: no lugar de trigo, Ceres; no lugar de vinho, Libero³¹⁰ ** no lugar de quem executa, emprega-se o que é executado, como *melior remis* [*Aen.* 5, 153: “melhor com os remos”], ele colocou os remos dos remadores, que dão rapidez aos navios, no lugar da velocidade; no lugar do que é executado, emprega-se aquilo que executa, como é *pallidus* **³¹¹, o que é executado é colocado no lugar do que executa.

Da onomatopeia. A onomatopeia é a forma de as palavras serem expressas com o intuito de se imitar os sons, como dizemos que o cavalo relincha, a partir do que, decerto, a voz do cavalo soa.

Da perífrase. A perífrase é um assunto estendido em uma oração mais longa do que a necessidade postula. Esta é feita de três modos: ou por causa da ornamentação do assunto, como é

*postera Phoebea lustrabat lampade terras
umentemque Aurora polo dimouerat umbram*

pro lucebat uel dies incipiebat. fit et celandae turpitudinis causa, ut est

«placidumque petiuit /

coniugis infusus gremio per membra soporem».

uult enim coitum dicere. fit sine hac utraque significatione, cum pro ipsa |re ponenda quasi pertinens res ad eam rem quam nolumus ponere |dicatur, ut est «aut duri miles Vlixii», id est ipse Vlixes; quasi militem |ad Vlixem pertinentem pro ipso Vlixem posuit. {468}

***de synecdoche.** synecdoche est oratio plus minusue dicens, quam |necessaria postulat significatio [postulat intellectus]. haec fit modis |quattuor: aut ex parte totum, ut «stant litore puppes» pro nauibus: aut |per totum pars, <ut> «ingens a uertice pontus» pro fluctu, parte ponti: |per id quod dicitur illud quod sequitur, <ut>*

«rex ambas ultra fossam † retinere coepit»;

subauditur enim manus: per id quod sequitur illud quod debuisset dici, |ut est

«et iam summa procul uillarum culmina fumant»,

cum debuisset praeponere uesperam factam. ex hac figura, id est |synecdoche, nascuntur duae, aposiopesis et epidiorthosis. |

[*Aen.* 4, 6: “em seguida, a Aurora iluminava as terras com a lâmpada de Febo e removia a sombra úmida do céu”]³¹²

no lugar de *lucebat* [amanhecia] ou *dies incipiebat* [começava o dia]. É feita também para se esconder uma obscenidade, como é:

placidumque petiuit

*coniugis infusus gremio per membra soporem*³¹³

[*Aen.* 8, 405: “e desejou um sono calmo, derramado no colo de sua esposa, por todos os membros”],

O autor, com efeito, quis dizer “coito”. A perífrase se faz sem estes dois sentidos, quando, ao invés de se empregar determinado assunto, é como se algo relativo a ele – a coisa que não queremos falar – fosse dito no seu lugar, como é *aut duri miles Vlixi* [*Aen.* 2, 7: “ou o exército do vigoroso Ulisses”], isto é, o próprio Ulisses; como ele empregou o exército relativo a Ulisses no lugar do próprio Ulisses.

{468} **Da sinedoque.** A sinedoque é a oração que diz mais ou menos, que o sentido postula ser necessária (ou a significação postula). Esta é feita de quatro modos: ou de uma parte do todo, como *stant litore puppes* [*Aen.* 3, 277: “as embarcações descansam no litoral”], em vez de navios; ou uma parte pelo todo, como *ingens a uertice pontus* [*Aen.* 1, 114: “o mar ingente do alto”], em vez de onda, uma parte do mar; pelo que é dito, é colocado aquilo que se segue, como:

rex ambas ultra fossam retinere coepit

[*Ann.* 617: “o rei começou a manter ambas para além do fosso”];

Com efeito, *manus* [“as mãos”] está subentendido; pelo que se segue, aquilo que devesse ser dito, como:

et iam summa procul uillarum culmina fumant

[*Eclog.* 1, 84: “e já os mais altos topos das vilas fumegam ao longe”]

quando deveria prepôr *uesperam factam* [entardecer]. Desta figura, isto é, da sinedoque, nascem duas: aposiopese e epidiortose.

de aposiopesi. aposiopesis est dictio cuius finis reticetur, ut aut |terreatur auditor, aut ad desiderium intendatur auditus, ut

«quos ego... sed motos praestat componere fluctus»

et «quem quidem ego si sensero» et

«donec Calchante ministro... /

sed quid ego haec autem neququam ingrata reuoluo?».

de epidiorthosi. epidiorthosis est obliuionis correctio, ut

«filius huic fato diuum prolesque uirilis /

nulla fuit primaque oriens erepta iuuenta est»;

hic enim quod oblitus ante dixerat non fuisse, postea corrigens fuisse |quidem dixit, sed cito perisse: Terentius

«filium unicum adolescentem /

habeo. at quid dixi habere me? immo habui, Chreme; /

nunc habeam necne incertum est»:

et Cicero «cum huius mulieris uiro... fratrem uolui dicere; |semper hic erro».

quidam inter tropos ponunt etiam probationem, quae fit modis |tribus, exemplo argumento signo. |

Da aposiopese. A aposiopese é um discurso cujo fim é guardado em silêncio³¹⁴ ou para que o ouvinte fique espantado ou pelo desejo de se estender o que se ouve, como

quos ego... sed motos praestat componere fluctus

[*Aen.* 1, 135: “a quem eu... mas é melhor acalmar as ondas agitadas”]

e *quem quidem ego si sensero* [*Andr.* 1, 1, 164: “certamente, se eu perceber que ele...”]
e

donec Calchante ministro...

sed quid ego haec autem nequiquam ingrata reuoluo?

[*Aen.* 2, 100-101: “enquanto Calcas for o conselheiro... mas por que eu retorno, em vão, a estas coisas desagradáveis?”]

Da epidiotose. A epidiotose é a correção de um esquecimento, como:

filius huic fato diuum prolesque uirilis

nulla fuit primaque oriens erepta iuuenta est

[*Aen.* 7, 50,-1: “para ele, não houve filho e nenhum descendente viril por decreto dos deuses e a primeira prole que nasceu foi tomada ainda jovem”];

aqui, no entanto, o que se esqueceu, antes ele dissera que não existiu e depois, corrigindo-se, disse que certamente existiu, mas rapidamente morreu. Terencio:

filium unicum adolescentem

habeo. at quid dixi habere me? immo habui, Chreme;

nunc habeam necne incertum est

[*Heauton.* 1, 1 41: “eu tenho um único filho adolescente. Mas o que é que eu disse ter? Pois bem, tive o Cremes; agora, se tenho ou não é incerto”];

e em Cícero *cum huius mulieris uiro... fratrem uolui dicere; semper hic erro* [*Pro Cael.* 32, 12: “com o marido desta mulher... quero dizer, irmão; sempre cometo este engano”.]

Alguns colocam a prova entre os tropos também, a qual se faz de três modos: exemplo, argumento e +signo.

de probatione. uel est rei factae uel non factae ratio | confirmatione dictionis ad persuasionem deducta, ac si uoluerimus probare | nescio quem sacrilegium fecisse uel non fecisse. |

de exemplo. exemplum est rerum per res diuersas adprobatio, ut {469} si uoluerimus docere ratione domum regi <et> demus exemplum mundum regi | ratione. exemplum dicitur modis quattuor: a minore ad maius, ut est | «serui mehercule mei si me isto pacto metuerent»; a maiore | ad minus, ut est

«at non uiderunt moenia Troiae /

Neptuni fabricata manu considerare in igni»,

hoc commune est paradigmati; a simili, ut est «et si me meis ciuibus | iniuria suspectum atque offensum uiderem», e contrario, ut est | «quippe secundae res sapientium animos fatigant, ne illi | corruptis moribus uictoriae temperarent». |

de argumento. argumentum est rei confirmatio necessaria probatione | facta, ac si dicas: si dies est, lucet. |

de signo. signum est res quae tam credi quam non credi possit, | ac si dicamus eum qui iuxta cadauer occisi gladium tenens inuentus est | homicidium perpetrasse, cum possit signum esse hoc et ueritatis et falsi. | ergo inter paradigma et exemplum et argumentum et signum hoc est, | quod paradigma non inducitur nisi aut a petentibus aut ad petentes, ut | «Antenor potuit» et «quin occidit una Sarpedon»; exemplum uero | de definitione uenit et non petente aliquo, ac si dicas ratione omnes res | humanas regi, ubi etiam mundus regatur ratione; argumentum uero, quod | necessariam habet probationem,

Da prova. A prova é a racionalidade de algo criado ou não criado, levada à persuasão através da afirmação de uma palavra, como se quiséssemos provar que eu não sei quem cometeu ou não um sacrilégio.

Do exemplo. O exemplo é a aprovação de assuntos por coisas diversas, como {469} se quiséssemos ensinar que uma casa é governada pela razão e demos um exemplo de que o mundo que é governado pela razão. O exemplo é formado de quatro modos: do menor para o maior, como é *serui mehercule mei si me isto pacto metuerent* [*In Catil.* 1, 17, 1: “por Hércules! Se meus escravos me temessem desse modo”]; do maior para o menor, como

at non uiderunt moenia Troiae

Neptuni fabricata manu considerare in igni

[*Aen.* 9, 144-5: “e eles não viram as muralhas de Troia, fabricadas pela mão de Netuno, cair em chamas],

este é parecido com o paradigma; de algo similar, como: *et si me meis ciuibus iniuria suspectum atque offensum uiderem* [*In Catil.* 1, 17, 4: “e se eu me visse como suspeito e odiado por uma injustiça pelos meus cidadãos”]; de algo contrário, como *quippe secundae res sapientium animos fatigant, ne illi corruptis moribus uictoriae temperarent* [*Bell. Catil.* 11, 7: “certamente, a prosperidade fatiga os ânimos dos sábios, para que aqueles de costumes corrompidos não usem moderadamente da euforia”]

Do argumento. O argumento é a afirmação criada sobre algo através de uma confirmação indispensável, como se dissesse: *si dies est, lucet* [“se é dia, está claro”].

Do +signo. O signo é algo que tanto pode ser crido ou não, como se dissessemos que alguém, que foi descoberto e está próximo de um cadáver e tem a espada do morto, cometeu o homicídio, visto que poderia ser este um sinal tanto de verdade como de falsidade. Assim, entre o paradigma, o exemplo, o argumento e o signo está o fato de que o paradigma não determina senão por requerentes ou para os requerentes, como *Antenor potuit* [“Antenor conseguiu”] e *quin occidit una Sarpedon* [“além do mais, cai Serpadão”]; o exemplo, porém, deriva da definição e não de algum requerente, como se dissesse que todas as coisas humanas são governadas pela razão, quando também o mundo é governado pela razão; o argumento, porém, possui uma confirmação indispensável, a qual nem o exemplo nem o signo possuem, e que o

quam nec exemplum nec signum, et quod |exemplum et paradigma ex aliis conprobatur, argumentum uero ex ipsius |rei effectū; signum uero inter falsum et uerum positum est, sicut ante |monstrauit. hoc tamen scire debemus, quod argumentum, si praeposteram |interdum acceperit dictionem, falsum incipit esse et non firmum, ut puta: |si lucet, dies est, falsum est argumentum, quod oratores non necessarium |uocant: nam et noctu lucere potest. illud uero: si nox est, tenebrae sunt, |aut si dies est, lucet, firmum est, quod illi necessarium nuncupant |argumentum. sin dixerim: si tenebrae sunt, nox est, tale <est> ut: si lucet, |dies est, id est non necessarium. sic Cicero in rhetoricis. |

de hemiastato. hemiastaton est, cum dictio continet speciei |ignorantiam et scientiam generis, ut est «hunc, inquit, frondoso uertice |collem / (quis deus incertum est) habitat deus». hic enim certum |est de genere, quod sit in loco deus; sed de specie dubitatur, quis |deus sit.

{470} **de metanoea.** metanoea uel metagnosis est dictio continens |paenitudinem rei aut factae, quae fieri non debuit, ut «insontem infando |indicio, quia b(ella) u(etabat) / d(emisere) n(eci) n(unc) c(assum) l(umine) l(ugent)», aut non factae, quae fieri |debuisset, ut

«saepe fugam Danaï Troia cupiere relictā /

moliri et longo fessi discedere bello; /

fecissentque utinam!».

de exoche. exoche est oratio incipiens ab specie et gradatim ad |genus cum coniunctione decenter adscendens. huius species sunt tres. |

exemplo e o paradigma são comprovados a partir dos demais; o argumento, porém, é comprovado a partir do resultado do próprio assunto; o signo, porém, entre o falso e o verdadeiro foi colocado, assim como mostrei antes. Todavia, devemos saber que o argumento, se, talvez, tiver admitido uma palavra em ordem inversa, ele começa ser falso e não sólido, por exemplo *si lucet, dies est* [“se está claro, é dia”], é um argumento falso, pois os oradores não o chamam de relevante, pois também à noite pode estar claro. Aquele exemplo, porém, *si nox est, tenebrae sunt* [“se é noite, está escuro”] ou *si dies est, lucet* [“se é dia, está claro”] é sólido, pois os oradores o chamam de argumento relevante. Mas se eu tivesse dito: *si tenebrae sunt, nox est* [“se está escuro, é noite”] é tal qual *si lucet, dies est* [“se está claro, é dia”], ou seja, não é relevante. Da mesma forma, em Cícero, em [sua obra sobre os] rétores³¹⁵.

Do hemiastato. O hemiastato acontece quando uma expressão contém a falta de conhecimento de uma espécie e o conhecimento de um gênero, como é *hunc, inquit, frondoso uertice collem (quis deus incertum est) habitat deus* [*Aen.* 8, 351-2: “naquela encosta, disse, de cume frondoso (qual deus é incerto) habita um deus”]. Aqui, de fato, é certo sobre o gênero, uma vez que o deus está no seu lugar; mas é duvidoso sobre a espécie: qual deus.

{470} **Da metanea.** A metanea ou metagnose é um discurso que mantém o arrependimento de uma coisa inventada, que não devia ser feita, como *insontem infando indicio, quia bella uetabat demisere neci, nunc cassum lumine lugent* [*Aen.* 2, 84-5: “eles entregavam um inocente à morte sob indício infando porque obstava-se à guerra e agora lamentam-no, privado de luz”], ou não inventada, que devesse ser feita, como:

*saepe fugam Danai Troia cupiere relictam
moliri et longo fessi discedere bello;
fecissentque utinam!*³¹⁶

[*Aen.* 2, 108-110: “frequentemente, os gregos desejavam a fuga de Troia abandonada, erguerem-se e, cansados, partir por conta da longa guerra. Oxalá o tivessem feito!”]

Da gradação. A gradação é uma oração que começa pela espécie e que, gradativamente, ascende, apropriadamente, ao gênero com uma conjunção. Suas espécies são três:

de exoche prima. exoche prima fit hoc modo, quando una species |ponitur, et statim genus per coniunctionem crescit, ut est: leonem atque |alias feras: nam leo speciale est, fera generale est. |

de exoche secunda. exoche secunda est, cum duo nomina specialia |ponuntur, et sic eminens <oratio ad> generale nomen ascendit, ut est |«probitatem industriam ceterasque artes bonas». |

de exoche tertia. exoche tertia eodem modo quo et superiores |conponitur, uno tantum modo addito nomine speciali ante generalem |appellationem, ut est «Hipponem Adrumetum Leptim ceterasque |ciuitates». exoche autem dicta est, quod gradatim oratio emineat: nam |eminere Graece ἐξέρχειν dicunt. |

huc usque artium grammaticarum fecimus instituta. de catholicis uero |nominum atque uerborum latius exponemus.

Da gradação I. A gradação I se faz deste modo, quando uma espécie é empregada e, imediatamente, o gênero cresce através da conjunção, como é *leonem atque alias feras* [*Bell. Iugur.* 6, 1, 7: “o leão e as outras feras”], pois o “leão” é específico, “feras” é geral.

Da gradação II. A gradação II é quando dois nomes específicos são empregados e, assim, uma oração eminente ascende a um nome comum, como *probitatem industriam ceterasque artes bonas* [*Bell. Iugur.* 1, 3: “a probidade, a diligência e as demais artes boas”].

Da gradação III. A gradação III é composta do mesmo modo que as superiores, somente um nome específico é adicionado antes de um substantivo comum, como é *Hipponem Adrumetum Leptim ceterasque ciuitates*³¹⁷ [*Bell. Iugur.* 19, 1: “Hippos, Hadrumeto, Leptis e as demais cidades”]. A *exoché*, no entanto, é chamada assim, pois, gradativamente, a oração se eleva: com efeito, *eminere* se diz em grego ἐξέχειν.

Até este ponto compusemos os preceitos das artes gramaticais. Falaremos mais tarde, porém, sobre as regras gerais dos nomes e dos verbos.

¹⁰⁴ Sacerdote parece estar finalizando um tópico sobre a morfologia dos casos nominais, mais especificamente, fazendo uma relação entre a terminação do caso ablativo singular com o genitivo, o dativo e o ablativo plurais.

¹⁰⁵ Na edição de Keil há uma lacuna: *nisi... quid... sonuerit*. Na edição Vindobonense encontra-se: *nisi si quid absurde sonuerit* “exceto aquele que soar estranho”, fazendo referência à terminação *-bus* do ablativo na distinção entre os gêneros masculino e feminino.

¹⁰⁶ Donato (GL 4.378) só enumera o genitivo plural feito em *-rum*. Na gramática de Pompeio (GL, 5. 190), o autor declara: *si autem e produto terminatur ablatiuus, genitiuus pluralis in -rum mittit, datiuus et ablatiuus in -bus, ut ab hac die, dierum, diebus, noli sequi illud quod dixit Sacerdos* [Se, no entanto, o ablativo terminar em *-e* longo, o genitivo plural se faz em *-rum*, o dativo e o ablativo em *-bus*, como *ad hac die, dierum, diebus*. Não sigam aquilo que disse Sacerdote]. Este trecho indica uma discordância entre o que Sacerdote teria ensinado em seu tempo e o conteúdo escrito por Pompeio.

¹⁰⁷ O pronome em ablativo *quis* pode ser um resquício de uma língua usada antes/durante o tempo de Sacerdote, já que a forma que prevaleceu seria o ablativo em *-bus, quibus*.

¹⁰⁸ O termo gramatical *monoptota*, derivado do grego μονόπτωτος, ov faz referência à palavras que são invariáveis, possuindo somente um caso (daí o nome *monoptotos* – μόνος, “sozinho; único; um” + πῶσις, “caso”).

¹⁰⁹ O acusativo terminado em *-is* é elencado nas gramáticas como sendo referido à uma escrita arcaica.

¹¹⁰ Neste trecho, Sacerdote aponta um exemplo em que a posição da preposição pode alterar o significado da expressão, gerando a ambiguidade *gemina sidunt super arbore* [“os gêmeos se estabelecem sobre a árvore”] X *sidunt super gemina arbore* [“eles se estabelecem sobre as duas árvores”], em que na primeira sentença temos *gemina* como um substantivo, “os gêmeos”, enquanto na segunda sentença *gemina* funciona como um adjetivo, “gêmeas, as duas” concordando com *arbore*, formando um só sintagma.

¹¹¹ Keil sugere o verbo *scripsi* [escrevi] estaria omitido aqui.

¹¹² Donato (GL 4.390) contabiliza 15 preposições de ablativo, incluindo *clam* e *absque* na sua lista.

¹¹³ Donato inclui esta última preposição apontada por Sacerdote na sua lista de preposições do caso ablativo, apenas. Na *ars* de Sacerdote, além de ter sido colocada como preposição de ambos os casos, foi colocada na também última posição e fora da ordem quase alfabética que Sacerdote adotava. Tal fato poderia ser um indício de que ela teria sido acrescentada posteriormente, seja pelo próprio gramático ou por um copista durante o processo de transmissão do documento.

¹¹⁴ Donato (GL 4.381) elenca sete acidentes dos verbos, a saber: qualidade, conjugação, número, classe, figura, tempo e pessoa. Carísio (GL 1.164) elenca os mesmos acidentes que Sacerdote, com exceção da forma.

¹¹⁵ A etimologia do verbo, ilustrada por Sacerdote, é uma descrição do modo de articulação com o qual produzimos sons. Na *Ars grammatica* atribuída a *Iulianus Toletanus* (séc. VII EC) há um trecho (II. 26,35) em que ele trata do verbo, dizendo *uerbum quare dictum est? Eo quod aerem uerberet, et aere uerberato ictu linguae sonus exiliet* [“E por que se chama verbo? Chama-se assim porque reverbera o ar e, através do ar reverberado, produz um som com um golpe da língua”]. Quintiliano (*Inst. or.* 1, 6, 34) também nos apresenta esta mesma etimologia da palavra *uerbum*.

¹¹⁶ Donato (GL 4.381), por sua vez, define as formas verbais como uma subcategoria da *qualitas*, juntamente como o modo verbal. Em seguida, o autor cita haver quatro formas verbais, a saber: perfeita, meditativa, frequentativa e incoativa. Carísio, em sua gramática (GL 1.164) descreve a qualidade dos verbos como finita ou infinita, assim como Sacerdote.

¹¹⁷ Donato (GL 4.383) e Carísio (GL 1.164) desdobram as classes verbais em cinco: ativa, passiva, neutra, depoente e comum.

¹¹⁸ Neste exemplo, Sacerdote identifica estruturas que não se adequam ao falar latino considerado ideal, tornando a sentença, como consideraríamos hoje, agramatical.

¹¹⁹ Sacerdos estaria esclarecendo o uso de Terêncio que, à primeira vista, poderia parecer um erro por existirem os dois tipos de verbo, *lucto, as, are* e *luctor, luctaris, luctatur* – um neutro e outro depoente, respectivamente. Dessa forma, poder-se-ia confundir e pensar que Terêncio havia usado um verbo depoente com uma forma ativa quando, na verdade, ele estava usando um verbo neutro.

¹²⁰ Sacerdote acrescenta, nesse ponto, a etimologia do verbo depoente. Na primeira proposição, o verbo manteria a voz ativa mesmo tendo a forma passiva – depondo, assim, sua compreensão passiva e mantendo somente a ativa. Na segunda opção apresentada, o verbo depoente, mesmo com seu sentido ativo, ainda possuía a forma passiva, isto é, ele deporia a sua forma ativa, mantendo-se apenas na forma passiva, embora seu sentido seja ativo.

¹²¹ Demonstra um aspecto de correção da língua, indicando que estas construções não são encontradas na língua – embora algum autor possa tê-las escrito dessa forma.

¹²² O verbo comum tem ambos os sentidos ativo e passivo, embora sua forma seja somente passiva.

¹²³ *Pendeo* significa “estar pendurado, pender-se”, enquanto *uapulo*, “ser açoitado, ser derrotado, sofrer uma derrota”. Embora a forma ativa do verbo *uapulo*, ele tem um sentido passivo.

¹²⁴ Na edição Vindobonensi, um *sum* está omissa no documento, o que pode nos levar a uma possível leitura dupla da voz passiva do verbo *fero*, a saber *latus sum* ou *latus fui*, como veremos mais adiante que pode acontecer.

¹²⁵ Tal fenômeno parece estar ligado com a mudança de voz no radical, passando da ativa para a passiva.

¹²⁶ Sacerdote apresenta aqui uma divisão em quatro conjugações verbais, que mais tarde se tornaria comum para o ensino de latim. Ainda que na sua gramática ele não as divida dessa forma, apresentando-as ainda como primeira, segunda e terceira breve e longa, é importante ter ciência de que no final do século III, os latinos já estavam considerando a mudança nos aspectos linguísticos.

¹²⁷ Sacerdote cita aqui uma forma passiva equivocada de *eo*, *is*. Ele diz que há uma espécie de verbos terminada em *-tur*, que poderia ser aplicada a quaisquer verbos. Dessa forma, usa-se *itur* como impessoal no seu lugar, adicionando as pessoas através de sintagmas como *a me*, *a te*. Isto é *itur a me* equivaleria a dizer **eor*, porém está última forma não existe em latim.

¹²⁸ Sacerdote já usa o pronome demonstrativo *illum*, *illos* para marcar as terceiras pessoas, tanto singular, como plural. Tais pronomes, na evolução das línguas se tornariam os pronomes do caso reto “ele, eles” em português.

¹²⁹ O exemplo do autor reforça a diferença entre a regência dos verbos impessoais terminados em *-tur*, como *amatur a me* (cuja regência é feita com um ablativo) e em *-et*, como *taedet me* (cuja regência se faz através de um acusativo).

¹³⁰ As figuras compostas dos verbos são formadas, portanto, a partir de quatro etapas, consistindo da junção de uma preposição ao verbo. Na primeira delas, temos *ob + facio*; na segunda, *in + uoco*; na terceira, *ad + cedo*; e na última *de + fendo*.

¹³¹ O uso da forma terminada em *-ere* para a terceira pessoa é considerada por alguns como dual. Donato (GL 4.384) utiliza o exemplo de *legere* para este sentido dual do verbo. Quintiliano (*Inst. or.* 1, 5, 42) já o havia registrado em sua obra, a saber *quamquam fuerunt qui nobis quoque adicerent dualem “scripsere”, “legere”; quod euitandae asperitatis gratia mollitum est (...)* [Contudo, houve quem também nos acrescentasse o dual, por exemplo, em *scripsere* e *legere*, cujo uso foi moderado, tendo em vista evitar sua aspereza (...)].

¹³² Nesta passagem, em específico, é interessantíssimo o uso da construção de *habere + fieri* por Sacerdote. Nela, há a colocação do verbo *habere* como um auxiliar para o verbo principal *fieri*. Essa construção geralmente é composta por um gerundivo, como *faciendae* (que devem ser feitas), por exemplo. O futuro simples do português deriva dessa construção com o *habere* como verbo auxiliar mais um verbo principal. Este seria o primeiro registro de um autor que usa essa construção, estando ela presente na primeira gramática latina que chegou até nós.

¹³³ A comparação aqui parece ser referente à uma frase atribuída ao filósofo Heráclito, como Sócrates, personagem do diálogo *Crátilo* de Platão (402a) afirma em “Heráclito diz em algum lugar que “tudo passa e nada permanece” e, descrevendo os seres como a corrente de um rio, declara que “duas vezes no mesmo rio não poderia entrar”. Tradução de Souza (2010). Cf. o texto original: λέγει που Ἡράκλειτος ὅτι “πάντα χωρεῖ καὶ οὐδὲν μένει,” καὶ ποταμοῦ ῥοῆ ἀπεικάζων τὰ ὄντα λέγει ὡς “δις ἐς τὸν αὐτὸν ποταμὸν οὐκ ἂν ἐμβαίης.”

¹³⁴ Bem como nos lembra Cantó (1997, p. 748), Virgílio já era usado em sala de aula a ponto de não mais se observar se as expressões utilizadas por eles se atém às normas gramaticais, mas sim observar que estas estão tomando forma de acordo com a prática virgiliana. Neste caso, Sacerdote apoia que se haja um pretérito no modo optativo baseado, simplesmente, em uma sentença de Virgílio.

¹³⁵ Sacerdote divide o modo dos verbos em cinco, a saber: pronunciativo, imperativo, optativo, subjuntivo e infinitivo. Ambos Donato (GL 4.381) e Carísio (GL 1.168) acrescentam às suas listas o modo promissivo e o impessoal, somando assim sete modos verbais. Sacerdote trata tanto o promissivo como o impessoal como espécies de verbos.

¹³⁶ Os verbos citados são *cerno*, *is*, *ere*, *creui*, *cretus* e *cresco*, *is*, *ere*, *creui*, *cretus*. Em ambos, as formas do pretérito perfeito e do supino são iguais, embora o presente seja distinto.

¹³⁷ A edição Vindobonense acusa uma possível lacuna entre *tantummodo* e *habeant*, o que causa certa dúvida em relação ao fato de *haec* funcionar sintaticamente como sujeito ou complemento de *habeant*.

¹³⁸ Marcação de variação linguística diatópica, em que temos exemplificada a fala de uma pessoa rústica, considerada uma forma verbal não “correta”, isto é, que não estava de acordo com a lógica da *Latinitas*, havendo uma distinção entre elas. Esta passagem também é citada no livro II da *Ars Sacerdotis* (GL 6. 490)

¹³⁹ Novamente Sacerdote ilustra “termos cômicos” como aqueles que não seguem a regularidade da língua latina, bem como o exemplo extraído de Plauto, citado acima.

¹⁴⁰ Sacerdote trata aqui dos verbos que, embora sua forma seja do pretérito, sua força é do presente, como em *odi* [eu odeio] ou *memini* [eu me lembro].

¹⁴¹ Os verbos aqui tratados como *sine coniugatione*, “sem conjugação”, são aqueles que não se encaixam nas conjugações principais, cujos infinitivos terminam em *-are*, *-ere* e *-ire*.

¹⁴² O autor bifurca a terceira conjugação em duas, sendo uma de suas partes considerada como a quarta conjugação verbal (nomenclatura que será utilizada nas gramáticas modernas de latim).

¹⁴³ Sacerdote fala da primeira pessoa do futuro do verbo *eo*, *is*, *ire*, “ir”, que é formada diferentemente (em *ibo*) das outras dos verbos dessa mesma conjugação, cuja terminação é *-am* para o futuro. Ele trata, logo, dos verbos compostos do *eo*, dizendo que suas formas de futuro seguem às deste verbo.

¹⁴⁴ Neste exemplo, a forma utilizada por Terêncio para o futuro do verbo *eo* é *eam*, no lugar de *ibo*.

¹⁴⁵ Forma *redeam* no lugar de *redibo*.

¹⁴⁶ Nesse exemplo, é necessário lembrar que nos verbos impessoais (aqueles terminados em *-et* ou *-tur*), é o acréscimo das pessoas (*me*, *te*, *illum*, etc) que identifica quem faz a ação ou a recebe.

¹⁴⁷ O autor aqui traça um paradigma de se encontrar à qual conjugação um verbo pertence: ao invés de olhar pela segunda pessoa do presente de tais verbos (em que os verbos das terceiras conjugações, breve e longa, terminam da mesma forma, em *-is*), Sacerdote sugere que se encontre as conjugações também através do imperativo presente singular, cujas terminações são diferentes para todos os verbos.

¹⁴⁸ É notório que ao tratar da voz passiva dos verbos, Sacerdote apresenta como exemplo da segunda declinação o verbo *tueor*. Entretanto, ao apresentar o tempo verbal do futuro tanto do indicativo como do imperativo, o gramático utiliza os paradigmas do verbo *doceo*.

¹⁴⁹ A forma dos verbos, segundo Sacerdote é ou pessoal ou impessoal. Assim, assume-se que ele está dizendo que *amo* pertence à forma pessoal dos verbos.

¹⁵⁰ Sacerdos se refere aqui às segunda e terceira pessoas, mas ele acrescenta também *amemus*, que dá indicação de uma primeira pessoa do plural. As gramáticas latinas modernas não apresentam as formas *amemus* e *ament* para o imperativo presente; apenas *ama*, *amate*. Talvez seja uma indicação de que essas formas ou eram pouco usadas nos séculos seguintes ao de Sacerdote ou foram se resignificando com o passar do tempo na língua. Carísio (GL 1.169) apresenta apenas as formas *ama* e *amet* para o singular, enquanto Donato (GL 4.360) apresenta *lege* ou *legas*, *legat*, *legamos*, *legite* ou *legatis* e *legant* para o imperativo presente. É interessante notar como as formas do subjuntivo aparecem indicando um imperativo, como *amet* e *amemus*.

¹⁵¹ Percebe-se aqui a mesma forma verbal *amato* para indicar duas pessoas *tu* e *ille*, sendo que a terceira pessoa pode ser substituída por simplesmente *amet*.

¹⁵² As formas *amatote* e *amanto* (com *a*) constam nas gramáticas latinas modernas. As demais formas não se encontram, uma vez que, *ament* é a forma do subjuntivo, usada aqui com força imperativa. As formas *amento* (com *e*) e *amamino* não se encontram nas gramáticas modernas. Carísio (GL 1.169) elenca somente *amato tu* e *amato ille* como formas para o futuro. Donato, por sua vez (GL 4.360), enumera *legito* ou *legas*, *legito* ou *legat* para o singular e *legamos*, *legitote* ou *legatis*, *legant* ou *legunto* ou *leguntote* para o plural.

¹⁵³ Carísio (GL 1.169) aponta as mesmas formas para o modo optativo, porém sem *utinam*.

¹⁵⁴ O termo gramatical usado aqui é *ulterior*, isto é, “que está mais distante”. Dessa forma, seria a indicação de algo que acontece antes de algo que iria acontecer no futuro.

¹⁵⁵ Sacerdote, assim como Carísio e Donato enumeram um futuro do pretérito (antecedido de *cum*) no modo subjuntivo, enquanto as gramáticas latinas modernas não consideram esse tempo no subjuntivo.

¹⁵⁶ O termo *impersonalis*, segundo Schad (2007, p. 204), era usado por alguns gramáticos como um nome alternativo para o gerúndio ou supino, uma vez que estas formas verbais não são especificadas de acordo com pessoas. Sacerdote utiliza o termo juntamente com *supina* para se referir ao que hoje chamamos de gerúndio. Donato (GL 4.361) utiliza *gerendi uel participialia* para se referir a esse tipo de verbo. Em Carísio (GL 1.169) lê-se *supina uel aduerbia: amandi, amando, amandum*.

¹⁵⁷ Sacerdote marca a variação entre o *sum* e *fui* para formar o pretérito perfeito. Nas gramáticas modernas a forma com *fui* não é apresentada, mas tal forma ressalta o nosso pretérito perfeito passivo, em português, que é formado justamente com o fui (“fui amado”) em contraste com o *sum* latino (*amatus sum*). Talvez ambas as formas fossem utilizadas no dia a dia, mas somente a forma com *sum* fosse realmente utilizada em textos. Carísio (GL 1.169) apresenta as formas da mesma maneira que Sacerdote. Donato, por sua vez, (GL 4.361), apresenta o pretérito perfeito de duas formas, em que no seu *modo ulterior* o autor apresenta a forma com *fui*.

¹⁵⁸ Além da forma *amatum iri*, considerada pelas gramáticas modernas, Sacerdote apresenta também uma outra, formada do gerúndio *amandum* mais o infinitivo de *sum*, *esse*. Donato (GL 4.362) só apresenta *lectum iri* como forma de infinitivo futuro.

¹⁵⁹ As formas passivas apresentadas por Sacerdote são as que, comumente conhecemos como supino, com seu sentido passivo.

¹⁶⁰ Sacerdote acrescenta a forma dual da terceira pessoa do plural, terminada em *-ere*.

¹⁶¹ Seguindo o raciocínio apresentado na primeira conjugação passiva, de *amor*, esta lacuna representaria a parte em que o autor falaria do imperativo futuro passivo de *doceor*.

¹⁶² No texto fonte há a variação entre as letras p e b no radical do verbo. Esta variação volta a acontecer algumas vezes na conjugação de *scribo*. Talvez fosse comum escrever das duas formas como os exemplos do português “assobio/assovio”, talvez demonstre problemas oriundos da transmissão do texto e suas cópias pelos copistas. Quintiliano (*Inst. or.* 1, 4, 15) diz *sed b quoque in locum aliarum dedimus aliquando* [“também a letra b por vezes proferimos no lugar de outras”], para exemplificar a mudança gráfica das letras.

¹⁶³ Neste exemplo, seguimos o padrão do próprio documento de Sacerdote, que usa *scriptus* para o singular e *scribiti* para o plural – havendo uma mudança no radical do verbo.

¹⁶⁴ Neste paradigma, estão elencadas três formas contratas da forma verbal *munierunt*. Isto é, a terceira pessoa do plural, no pretérito perfeito poderia aparecer tanto como *munierunt*, que é sua forma plena, como *muniere*, *muniuere* ou ainda *munierunt*. Diomedes (Gl 1.370-374) traz em sua gramática o paradigma destes verbos de terceira conjugação (ou quarta, como alguns chamavam), cujo pretérito perfeito terminava em *-ui* e poderiam perder este *-u-*. Essas síncopes, por sua vez, poderiam vir a acontecer nos demais verbos que apresentavam este paradigma.

¹⁶⁵ Seguindo a ordem apresentada nos paradigmas anteriores, ele trataria sobre o imperativo futuro, assim como nas conjugações anteriores.

¹⁶⁶ Nesta lacuna, Sacerdote provavelmente daria exemplos de verbos que terminavam com *-m*, assim como *inquam*.

¹⁶⁷ Lacuna em que provavelmente, Sacerdote falaria dos defectivos que terminam em *-i*, como os exemplos sugerem, bem como *coepi*.

¹⁶⁸ O *r* em questão indica a voz passiva dos verbos, uma vez que o pretérito perfeito de *fiō* se forma como o de um verbo passivo. Sua forma de presente, *fiō*, graficamente se assemelha a um verbo ativo, mas sua forma de pretérito perfeito funciona como de um verbo passivo, *factus sum*.

¹⁶⁹ Como a *ars* de Sacerdote não contém a parte em que ele trataria das letras, nos recorremos a Donato (GL 4.367) que diz *semiucales sunt quae per se quidem preoferentur, sed per se syllabam non faciunt. Sunt autem numero septem, f, l, m, n, r, s, x*. [“as semivogais são aquelas que são pronunciadas por si mesmas, mas não formam sílabas por si próprias. Existem sete delas: f, l, m, n, r, s, x”].

¹⁷⁰ No exemplo de *militiae*, assim como em *domi*, Sacerdote faz um paralelo de formas que poderiam estar no caso locativo. Embora o caso locativo não seja comumente encontrado, sua função é indicar “lugar onde”, como em *domi* [“em casa”]. Assim, Sacerdote parece associar a ideia de localidade do locativo com o que chamaríamos de advérbio de lugar.

¹⁷¹ Sacerdote faz um paralelo de uma das formas do infinitivo do verbo, o supino, usado para indicar finalidade, com os advérbios que indicam finalidade. O gramático parece sugerir que além de ser uma forma do supino, *uisu* poderia funcionar também como um advérbio.

¹⁷² O particípio presente sempre tem a mesma forma terminada em *-ns* para os três gêneros, daí a necessidade de ser do tempo presente. *Amans*, por exemplo, serve tanto para o masculino como para o feminino e o neutro.

¹⁷³ As formas aqui apresentadas equivalem a um particípio futuro ativo (*nataturus*) e um passivo (*natandus*).

¹⁷⁴ O termo “nome” aqui enquadra também os adjetivos, que é o caso de *sapiens* (grau positivo), *sapientior* (grau comparativo) e *sapientissimus* (grau superlativo).

¹⁷⁵ A informação sobre o número nos participios é feita duas vezes, usando os mesmos exemplos *hic doctus* e *hi docti*.

¹⁷⁶ Nestes exemplos: *in + nocens* [“que faz mal, que é nocivo”]; *in + doctus* [“que é douto, que sabe”]; *in + domitus* [“domado”]; *in + sciens* [“que sabe, que está informado”].

¹⁷⁷ Embora o nome possa ser derivado da junção de uma preposição mais um particípio, não é necessário existir um verbo que designe este substantivo. Sacerdote mostra que apesar de não existir verbo *innocoe*, existe um nome com essa substância, *innocens*. Seria parecido com o substantivo “pesadelo”, que não possui um verbo em português (*ele pesadelou ontem), isto é, não é necessário que haja uma correlação entre eles. Um verbo pode existir sem que haja um substantivo derivado de si ou *vice versa*.

¹⁷⁸ No original *siquidem tu istaec uera praedicas*.

¹⁷⁹ Leonard & Smith (1942, p. 225, n.207) relatam que as terminações *-arier*, *-erier*, *-ier* e *-irier*, muito comuns na obra de Lucrécio, são de origem não conhecida, podendo ser consideradas como arcaísmos.

Lucrécio parece tê-las incorporado a seu texto por questões métricas e pelo tom antigo que elas davam a seu texto.

¹⁸⁰ Para nota sobre as terminações passivas, cf. Leonard and Smith, nota 207 (p. 225).

¹⁸¹ No original, *sin, has ne possim naturae accedere partis*.

¹⁸² No original, *ceterum mihi in dies magis animus accenditur*.

¹⁸³ Sacerdote aqui se refere à natureza das conjunções, a saber causais e racionais.

¹⁸⁴ O autor se baseia na falta de comprovação escrita por meio da *auctoritas* dos poetas e prosadores antigos em cujas obras não constava o uso de *nequidem* e, dessa forma, tal construção não poderia ser listada como uma conjunção latina – devendo ser evitada, como o próprio autor diz.

¹⁸⁵ No original, a sentença é bem mais extensa do que a usada no exemplo de Sacerdote, a saber *ast illum, ereptae magno inflammatus amore coniugis* [“mas ele, exaltado por um grande amor pela noiva tomada”].

¹⁸⁶ Sacerdote teria unido dois trechos de dois textos diferentes de Virgílio. Das Bucólicas (3, 63) *et me Phoebus amat* [“e Febo me ama”]; e da Eneida (5, 739) *et me saeuus equis oriens adflavit anhelis* [“e o oriente cruel me assopra como cavalos esbaforidos”].

¹⁸⁷ Sacerdote parece não considerar *memet* como um reforço pronominal, usado para dar ênfase ao sujeito. De acordo com o trecho, *memet* seria uma forma enclítica da conjunção aditiva *et*. Entretanto, a união dos trechos virgilianos distintos apresentada antes deste exemplo (ver nota 186) poderia indicar que o excerto estava corrompido.

¹⁸⁸ O autor aqui se vale da etimologia do termo conjunção para confrontar autores que diziam que as conjunções disjuntivas não poderiam ser encaixadas sob esta nomenclatura.

¹⁸⁹ Interessante que um termo semelhante ao utilizado na nossa sociedade moderna para indicar que se acha algo engraçado já constava em uma gramática datada do século III, como a interjeição *hahaha*, citada pelo autor.

¹⁹⁰ Temos aqui um exemplo de comparação entre a língua latina e a grega. Diomedes (GL 1.302) diz que os gregos não possuem o ablativo, mas que este é explicado entre os gregos pelo caso genitivo. Isto é, o sentido expresso pelo caso latino era semelhante ao que os gregos expressavam pelo genitivo.

¹⁹¹ No texto fonte: *nihil enim significat auferendum*. Sacerdote se vale da etimologia de *ablatiuus*, que deriva do verbo *aufero* > *ablatus* > ablativo. O autor das *Explanationum in artem Donati, Liber II* (GL 4.535) diz: *ablatiuus quod per eum auferre nos ab aliquo aliquid significemus, ut ab hoc magistro* [“ablativo porque, através dele, indicamos que nós retiramos alguma coisa de algo, como em *ab hoc magistro*, ‘deste professor’”]

¹⁹² O gramático Dositeu (GL 7.393; 407) apresenta os seguintes exemplos: sobre o sétimo caso, ele diz *studente Sacerdote, differentia inuenta est* [“com Sacerdote pesquisando, a diferença foi encontrada”]; e sobre os verbos, ele diz *bene apud Sacerdotem studetur* [“estudando-se bem com Sacerdote”]. As traduções são de Gonçalves (2018). Tais exemplos, extraídos de outro gramático corroboram para a provável veracidade de Sacerdote ter sido um professor em Roma.

¹⁹³ Lacuna no texto que, de acordo com a ordem dos exemplos citados, teria um exemplo de nome + pronome; Sacerdote, depois, falaria da estrutura pronome + participio e, por último, participio + pronome, cujo exemplo seria *laetante me*.

¹⁹⁴ Diomedes (GL 1.302), ao explicar o caso diz *ablatiuum Graeci non habent. Hunc tamen Varro sextum, interdum Latinum appellat, quia Latinae linguae proprius est, cuius uis apud Graecos per genituum explicabitur* [“os gregos não possuem o ablativo. Varrão, entretanto, o chama de latino e, às vezes, de sexto caso, porque ele é próprio da língua latina, cujo valor é explicado entre os gregos pelo genitivo”]. Percebe-se, portanto, que, entre os antigos, o sentido expresso pelo ablativo latino equivale ao sentido do genitivo grego. E uma vez que a gramática latina segue os modelos gregos, uma maneira fácil de assimilação do seu conteúdo seria traçando comparações entre as duas línguas.

¹⁹⁵ Na edição de Keil, o termo aparece como *synalifa*. Na edição vindobonense, aparece como *synaloephe*, como transliterado diretamente do grego.

¹⁹⁶ Butterfield (2013, p. 121) discute sobre a autoria do verso *mensibus frigus*, dizendo que, embora Lucrécio seja bastante citado pelos gramáticos antigos como fonte de *ecthlipsis* (como em *ex infantibus paruís*), o exemplo dado por Sacerdote, a saber, *mensibus frigus* não é encontrado em nenhum outro lugar da literatura latina – levando à dúvida da autoria de Lucrécio.

¹⁹⁷ No original, *rursum*. Este exemplo é demonstrado por Sacerdote para falar da perda da vogal precedente junto com o -s final quando a palavra seguinte se inicia por vogal. Escandindo o verso, Sacerdote explica que devido à elisão da sílaba -us, teríamos *rursin secessu longo*. Contudo, o verso virgiliano apresenta *rursum* e não *rursus*, como afirma Sacerdote. Uma possível explicação para esta condição seria que o gramático assimilou a perda do -s final quando precedido por vogal breve, como nos lembra Ceccarelli (1999, p. 40) ser uma particularidade prosódica do período arcaico, caída em desuso,

porém ainda utilizada por alguns poetas – sendo mais frequente no quinto pé do hexâmetro. Sturtevant & Kent (1915, p. 145-147) exploram uma passagem de Quintiliano (*Inst. or.* 9, 4, 40) em que o autor descreve que quando uma palavra terminada em *-m* precede uma palavra que começa em vogal, este *-m* final pode ser subtraído da fala, embora ainda esteja escrito. Quintiliano traz os exemplos *multum ille* e *quantum erat* para ilustrar essa situação. Sturtevant & Kent (1915, p. 147) concluem que é provável, então, que esse *-m* final fosse regularmente perdido quando em encontro com uma vogal inicial e a vogal que antecede o *-m* fosse também perdida – como é o caso do exemplo apresentado por Sacerdote, no qual a sílaba *-um* é elidida diante de palavra iniciada por vogal.

¹⁹⁸ Acento agudo não como o sinal diacrítico (´), mas sim como uma mudança na entonação, marcando a sílaba tônica.

¹⁹⁹ Como não existe a palavra latina *ropater*, não há problema a mudança de acento nos versos, uma vez que isso não distrairá ou confundirá o leitor, causando confusão com outras palavras.

²⁰⁰ Quintiliano (*Inst. or.* 1, 5, 17-18) trata desta figura de linguagem e utiliza a terminologia latina *diuisio* para se referir a ela, como em *ut diuisio “Europai”, “Asiai”, et ei contraruim uitium, quod συναίρεσιν επισυναλοιφέν Graeci uocant, nos complexionem dicimus, qualis est apud P. Varronem* [“como a diérese *Europai, Asiai*, e o vício contrário a este, que os gregos chamam de *συναίρεσις* e *επισυναλοιφέ*, mas nós dizemos “contração”, o qual se encontra em P. Varrão”]. A sinérese é chamada por Quintiliano de *complexio*.

²⁰¹ Na edição vindobonense *eolides*.

²⁰² O trecho no texto original seria *septem subjecta trioni*. A escolha de tradução “ao seten exposta trião” poderia ilustrar a tmese, como mostrada por Sacerdote.

²⁰³ Sacerdote se vale novamente da etimologia de um termo que ele está utilizando. Neste caso, é a gramática de Sacerdote que traz à luz a etimologia de *soloecismo*.

²⁰⁴ No original: *quis illaec est mulier...*

²⁰⁵ Quando Sacerdote usa este mesmo exemplo em *de uerbo*, ele utiliza a forma *detraxisse*, a mesma que consta no original. Neste exemplo, a forma utilizada foi *detraxit*. O autor também havia explicado o uso de *luctat* por Terêncio, dizendo que tal verbo era um verbo neutro e, por isso, não seria considerado impróprio seu uso no lugar de *luctatur*.

²⁰⁶ Na edição proposta por Keil, há a indicação de uma lacuna após *per modos*, que se encontra depois do exemplo virgiliano *at uero... dudum* (que entra de forma a exemplificar o solecismo por formas ou qualidade dos verbos). Contudo, na edição Vindobonense, *per modos* antecede o exemplo de Virgílio, o que, no nosso entender, faz mais sentido, uma vez que o exemplo se trata de modos verbais, a saber *uideri* sendo usado no lugar de *uidebatur* – isto é, o uso de um verbo no modo infinitivo no lugar de um no modo indicativo. Seguindo o texto da edição Vindobonense, evita-se a lacuna deixada por Keil, sem perder o sentido do texto.

²⁰⁷ O advérbio *intus* dá a ideia de localidade, como se fosse um ablativo de local: “dentro, na parte de dentro”; e *intro* dá a ideia de local para onde, como se fosse um acusativo “para dentro, para a parte de dentro.

²⁰⁸ O substantivo *collatio, -onis* é um termo gramatical para expressar comparação, mas neste contexto foi escolhido o termo “confronto” para fazer distinção entre os dois, já que logo em seguida Sacerdote usa *comparatio*, o termo mais comum para essa finalidade.

²⁰⁹ No original, *respondit Juno Saturnia sancta dearum*.

²¹⁰ Quando o autor trata dos graus dos advérbios, Sacerdote diz que o superlativo serve para comparar uma coisa às demais, no plural. O comparativo serviria para comparar duas coisas. Por isso aqui o correto seria *pulcherrima*, pois está comparando Saturnia com todas as demais deusas.

²¹¹ Aqui *inferiora* já indica o grau de comparação, o que torna o uso de *magis* desnecessário.

²¹² Lacuna em que Sacerdote explicaria, segundo referência de Carísio, como o solecismo por *detractio* se constrói, uma vez que o exemplo citado por este gramático é o mesmo que o usado por aquele. Carísio (GL 1.267) diz *detractio, cum minus quam debet sententia uerborum habet, ut “inplentur ueteris Bacchi pinguisque ferinae”; deest enim carnis* [“por redução: quando a sentença de palavras tem menos do que deve, como “estão satisfeitos com o vinho envelhecido e com a fordura dos animais selvagens”; com efeito, está faltando ‘carne’”].

²¹³ Leupin (1989, p. 14-5) retrata a *barbarolexis* como uma espécie de licença poética, manifestada através de diversas figuras, como metaplasmos, arcaísmos, neologismos, etc. A etimologia do termo nos leva a *barbaros*, grego para “bárbaro, estrangeiro” (usado para referenciar aqueles que não eram gregos) + *léxis*, termo grego para “fala, dicção”.

²¹⁴ Ainda que os critérios para a Latinitas já estivessem presentes em Varrão, como suporta Diomedes (GL 1.439), Fortes (2012b, p. 201) nos recorda que é a Quintiliano que se atribui um conceito de linguagem formado por quatro componentes, a saber *ratio, uetustas, auctoritas* e *consuetudo* (*Inst. or.* 1,

6, 1). Sacerdote aqui nos informa que o barbarismo não mantém essa regularidade que deveria estar presente na língua.

²¹⁵ Esta informação nos leva a crer que o solecismo seja um problema de concatenação entre as palavras da oração, sendo referente ao que chamaríamos hoje de “problemas de sintaxe”, enquanto o barbarismo seria um problema lexical morfológico dentro de alguma construção, sem necessariamente estar ligado a outros termos da oração.

²¹⁶ Quintiliano (*Inst. or.* 1, 5, 36) diz (...) *an in singulis quoque uerbis possit fieri soloecismus, ut si unum quis ad se uocans dicat ‘uenite’, aut si pluris a se dimittens ita loquitur: ‘abi’ aut ‘discede’*. [(...) se o solecismo pode ocorrer também nas palavras isoladas, como quando se chama alguém dizendo ‘Venite’, vinde!, ou se despede de várias pessoas, dizendo ‘Abi’, vai!, ou ‘Discede’, sai!”].

²¹⁷ Sacerdote lista a diérese aqui, mas, apesar de já a ter tratado antes, só voltará a tratar dela nos *schemata*. Em seu lugar, o gramático trata novamente da sinalefa.

²¹⁸ Edição Vindobonense: *episyndaloepe* que, de acordo com o Saraiva, é o mesmo que *synaloepe* (elisão). Este termo já foi tratado por Sacerdote, sob o nome de sinérese.

²¹⁹ *Tetulisset*: esta forma se assemelha ao redobro do pretérito mais que perfeito do grego. Aqui refere-se a *tulisset*.

²²⁰ A sílaba *-er* é adicionada ao final do infinitivo presente passivo *admitti*, porém não muda o modo ou o significado do verbo.

²²¹ Primeira sílaba do verbo *relinquere*.

²²² O fenômeno apresentado no exemplo de *oraclum* (e não *oraculum*) e do verbo *uixet* (originalmente *uixisset*) persiste até os dias de hoje, bem como em *óculos* > *óclus*.

²²³ O termo *acephalus*, *-i* se refere a um verso que não tem “cabeça”, uma vez que o hexâmetro começa por uma sílaba breve.

²²⁴ Tradução de Haroldo de Campos.

²²⁵ O metro proceleumático, assim como Sacerdote relata no seu terceiro livro, *de metris* (GL 6.500), consta de quatro sílabas breves (ĕĕĕĕ). Neste caso, o último pé é trocado por uma longa, que substitui duas breves (ĕĕĕ).

²²⁶ Este verso grego parece ter correspondência ao latino *moreris asine, moreris assine uapulans* [“ó burro morres, ó burro morres sendo abatido”] que Sacerdote utiliza (GL 6.532) quando trata do tetrâmetro proceleumático acataléctico.

²²⁷ Lacuna na edição de Keil. Na edição vindobonense está *nam genere ualebit, sicut metricis placet...* [“pois, valerá ao gênero, assim como agrada a métrica”]. Contudo, Sacerdote (GL 6.546), ao tratar dos metros asinartetos (*de asynartetis metris*), cita este trecho de Virgílio *genua labant, gelidus concreuit frigore sanguis* para ilustrar um caso em que um metro procléumático fica no lugar de um verso datílico, como é o caso aqui.

²²⁸ Na edição vindobonense encontramos *episyndaloepe est, uel synaeresis cum complurimarum syllabarum ratio in pauciores concluditur* [“A episyndaloepe ou sinérese acontece quando a regularidade das muitas sílabas conclui-se em números menores (de sílabas)”].

²²⁹ Antes sob a forma *synalifa*, aqui aparece com a forma *synaliphe*.

²³⁰ A saber, com palavras terminas em vogal, *-m* ou *-s*.

²³¹ A edição vindobonense traz esta palavra em caixa alta e em caracteres gregos: ΚΑΚΕΜΦΑΤΩΙ.

²³² Tradução do dicionário Saraiva: “tu mesmo é caça e anda atrás de caça. Isto é, sendo tu um prostituto, andas atrás de prostitutas”. Temos aqui exemplos de uso mais brandos para as palavras, com sentidos mais pejorativos.

²³³ O substantivo *fornix*, *-cis* pode significar tanto “arco; umbral” como “bordel, casa de prostituição”. O trecho conforme o citado por Sacerdote não corresponde literalmente ao original, a saber *huius fornix in foro Syracusis est, in quo nudus est filius* [“o umbral deste está no foro de Siracusa, no qual o filho está nu”].

²³⁴ O verbo *conprime*, neste exemplo, modo imperativo de *conprimo*, pode significar “copular, ter relações sexuais com...”, daí a obscenidade, embora esta esteja presente somente na forma verbal, não em seu sentido.

²³⁵ No original, *continuere omnes intentique ora tenebat*. A forma *arrecti*, participio de *arrigo* pode significar também “estar sexualmente excitado”.

²³⁶ O substantivo *testis*, *-is* além de “testemunha”, pode significar também “testículo”. No original *teneat iam sane meos testis Metellus* [“que já tenha Metelo, certamente, minhas testemunhas”].

²³⁷ Quintiliano (*Inst. or.* 1, 5, 40) diz *haec tria genera quidam diducunt a soloecismo, et adiectionis uitium πλεονασμόν, detractionis ἔλλειψιν, inuersionis ἀναστροφὴν uocant* [“alguns distinguem esses três gêneros de solecismo, e chamam πλεονασμός ao vício do acréscimo, ao da supressão ἔλλειψις, ao da inversão ἀναστροφή”].

²³⁸ Esse mesmo exemplo é usado em Carísio (GL 1.271) e em Donato (GL 4.395) quando os autores tratam da perissologia.

²³⁹ Este mesmo exemplo é também usado por Carísio (GL 1.271) e Donato (GL 4.395), quando os autores tratam da *macrologia*.

²⁴⁰ Na edição de Keil está escrito *eclipsis*. Na edição Vindobonense, *ellipsis*. Quintiliano (*Inst. or.* 1, 5, 40) como tratado na nota 237, também usa o termo grego *elleipsis* para se referir à essa figura de linguagem, também chamada em terminologia latina de *detractio*. Carísio (GL 1.271) utiliza o termo *ellipsis*. Donato (GL 4.395), por sua vez, se vale do termo *eclipsis*, assim como Sacerdote. Na nossa tradução optamos por “eclipse”.

²⁴¹ Nas palavras de Virgílio, *omne aeuum ferro territur uersaque iuuenicum terga fatigamus hasta*. O uso da partícula *-que* [“e”] poderia dar a entender que *uersa* e *iuuenicum* tenham alguma relação de adição, porém a conjunção coordena as duas orações que seriam independentes uma da outra. Por isso, talvez, Sacerdote a considere disforme.

²⁴² Na edição vindobonense consta como *hiulca oratione*. O adjetivo *hiulcus*, *a*, *um* se refere a algo que contem hiatos, duro, ou a um discurso áspero. O termo *hiulcatio*, como aparece na versão de Keil pode ser uma junção de *hiulca* + *oratione*, confundido durante a transmissão do documento.

²⁴³ Na edição vindobonense aparece como *mytacismo*. Donato (GL 4.392-3) diz *sunt etiam malae compositiones, id est cacosyntheta, quas non nulli barbarismos putant, in quibus sunt mytacismi, labdacismi, iotacismi, hiatos conlisiones et omnia, quae plus aequo minusue sonantia ab eruditis auribus respuuntur* [“há também as más composições, isto é as cacosíntetas, as quais alguns pensam ser barbarismo, na quais se incluem o mitacismo, lambdacismo, iotacismo, os encontros de hiatos e todas as que em mais ou menos nível assim soam e que são rejeitadas pelos ouvidos dos eruditos”].

²⁴⁴ Na edição de Keil, temos *mytacismus fit, cum finita pars orationis in m et excepta a uocali foedam faciat dictionem* [“o mitacismo se faz quando uma parte da oração termina em *-m* e, seguida de uma vogal, geral um discurso feio”]. Na edição vindobonense não aparece o trecho *a uocali*. De acordo com o exemplo dado por Sacerdote, a edição vindobonense faz mais sentido, uma vez que o discurso feio se encontra em *cum primum*, em que uma palavra terminada em *-m* se junta à seguinte, trazendo a ela um sentido obscuro, podendo este sintagma significar “ter relações sexuais” (Sacerdote já havia tratado do assunto em da escrologia). O trecho causa confusão, principalmente pelo termo *excepta*, que pode ser participo derivado de dois verbos, a saber *excepto* e *excipio*. Optamos, portanto, seguir a versão vindobonense.

²⁴⁵ A junção de *cum* e *primum* soaria como *cumprimum*, remetendo a ideia do verbo *comprimo*, que pode significar “ter relações sexuais”, como já foi tratado por Sacerdos em da escrologia.

²⁴⁶ Dos termos *technicus*, “que ensina as regras de uma arte” + *grapho*, “escrever”. O termo utilizado por Sacerdote faz alusão aos autores das *artes*, isto é, aos artífices, os quais recomendariam a padronização modelo de consoante + vogal, no que diz respeito a linearidade de um texto.

²⁴⁷ A ambiguidade ocorre devido ao adjetivo *alba*, pois pode se referir tanto a *lilia* quanto a *rosa*. O primeiro sentido é que os lírios ficavam vermelhos por causa da cor da rosa; o segundo sentido é que os lírios se envergonhavam quando estavam perto de uma rosa branca, por sua beleza.

²⁴⁸ O substantivo *terra*, *-ae* a que Sacerdote se refere aparece, no primeiro exemplo, no genitivo singular, referenciando *telluris*; no segundo exemplo, aparece no nominativo singular, fazendo alusão a *harena*; e, por último, aparece no ablativo singular, registrando o uso de *litore*.

²⁴⁹ Este *schema* tem a ver com o sentido das palavras: no primeiro exemplo, os soldados que morreram por Troia são referenciados como algo grande; no segundo exemplo, termos como lupanar, café e meretriz seriam representadas como coisas pequenas.

²⁵⁰ Na edição Vindobonense, *heirmos*, transliterado do termo grego εἰρημός, que significa encadeamento.

²⁵¹ O sol, chamado de Titã na obra de Virgílio (*Aen.* 4, 119).

²⁵² Os reis aqui são Latino, Turno e Ascânio. Antes de descrever quem seriam os reis, Virgílio já demarca que são mais de um.

²⁵³ Em Carísio (GL 1.280) encontramos *zeugma est uerbum quod in duplici multipliciue sententia aptatur, sed quod omnibus communiter redditur (...) uerbum enim sentis singulis quibusque debetur* [“zeugma é uma palavra que é aplicada em duas ou mais sentenças, mas que retoma às demais, comumente (...) com efeito, o verbo *sentis* é singular e está se referindo aos demais”] e em Donato (GL 4.397) temos *zeugma est unius uerbi conclusio diuersis clausulis apte coniuncta* [“o zeugma é a conclusão de uma única palavra adicionada aptamente às diversas sentenças”]. Entretanto, esta definição equivale à que Sacerdote dá para a hipozeuxe. Além disso, o exemplo utilizado pelos dois gramáticos é o mesmo que Sacerdote dá quando ele trata desta última figura.

²⁵⁴ Em Carísio (GL 1.280) encontramos *hypozeuxis est cum singulae res aut personae uerbis suis cluduntur* [“a hipozeuxe é quando coisas ou pessoas individuais concluem-se com suas próprias

palavras”] e, em Donato (GL 4.397) temos que *hypozeuxis est figura superiori contraria, ubi diuersa uerba singulis [quibusque] clausulis [proprie] subiunguntur* [“a hipozeuxe é a figura contrária à anterior, quando diversas palavras se unem, propriamente, às demais sentenças individuais”]. Donato diferencia a hipozeuxe do zeugma, que é a figura anterior à qual ele se refere. Em ambas as gramáticas, o exemplo dado é o mesmo que Sacerdote deu quando explicou o zeugma.

²⁵⁵ Neste caso, seria contrária à hipozeuxe descrita por Sacerdote, mas ao zeugma, tratado por Carísio e Donato.

²⁵⁶ Por extenso, seria *Troia dat praetera fortuna, dat parua prioris, dat munera reliquias...*

²⁵⁷ Temos aqui *haec arma*, em que *arma* é substantivo no plural, mas está ligado a *hic*, que é um pronome no singular.

²⁵⁸ A ideia aqui é que, como *cycnos* já havia sido colocada alguns versos acima, Sacerdote diz que Virgílio não precisou colocar *illi cycni* para que seus leitores soubessem ao que ele estava se referindo, uma vez que *cycnos* estava registrado há alguns versos acima.

²⁵⁹ A falta da conjunção *quamquam* e do advérbio *tamen* pode ser explicada pelas marcas de fala, isto é, pela prosódia dos falantes que poderia já indicar o sentido da sentença.

²⁶⁰ Carísio (GL 1.281) utiliza o mesmo exemplo quando ele trata da epanalepse.

²⁶¹ Carísio (GL 1.282), enquanto cita a paronomásia, dá como exemplo um fragmento atribuído à Cícero (frag. 1, 2), a saber *qui fuit lucus religiosissimus, nunc erit locus disertissimus* [“o que foi um bosque sagrado, agora será um lugar muito abandonado”], em que a paronomásia quanto às letras está no par contrastante *lucus/locus*. Sacerdote parece citar o trecho de memória, atribuindo a ele características para ilustrar sua explicação. Donato (GL 4.398) cita o mesmo exemplo de Sacerdote.

²⁶² Na edição vindobonense aparece somente *schesi*. Carísio (GL 1.282) e Donato (GL 4.398) também o apresentam como *schesis onomaton*.

²⁶³ Neste exemplo, Sacerdote inverteu a ordem dos versos, isto é, o verso 276 aparece primeiro e o verso 275 aparece depois.

²⁶⁴ Na edição vindobonensis, *de paromoeosi*. Uma nota na edição Vindobonense (A.G. p. 35) diz *schema quod noster hic paromoeosin dicit, mox cum reliquis grammaticis paromoeon appellat* [“o *schema* que nós aqui dizemos *paromoeosi*, mais tarde, com os demais gramáticos foi chamada de *paromoeon*”].

²⁶⁵ Mesmo exemplo usado na cacozelia.

²⁶⁶ Edição vindobonense afirma que este *schema* não ocorre entre os demais gramáticos latinos.

²⁶⁷ O termo *latro, -onis* pode significar tanto “soldado; soldado mercenário” como “bandido, bandoleiro, ladrão, malvado”. O termo *gladiator, -oris* além de “gladiador”, pode significar também “feroz, assassino, rufião, malfeitor”. Desta forma, estes termos têm uma carga semântica negativa usada durante a detração, a desvalorização de uma outra pessoa.

²⁶⁸ O termo *fur, furis* pode significar, além de “ladrão”, também “escravo”, ou ainda “zangão” (inseto).

²⁶⁹ O termo *orator, -oris* pode significar “orador”, “embaixador”, “deputado” (do senado romano).

²⁷⁰ Como os exemplos de Sacerdote ilustram, *latro* e *gladiator* derivam de coisas diferentes; já *fur* e *fur* são a mesma palavra, mas com sentidos diferentes.

²⁷¹ Sacerdote já havia tratado da diérese anteriormente, mas as duas explicações sobre o que é esta figura estão completamente distintas. Antes ele havia explicado como a divisão entre as vogais longas em uma sílaba e pronunciadas separadamente. Neste exemplo, ele a chama de *diuisio*, mas em um contexto completamente diferente. Quintiliano (*Inst. or.* 8, 6, 66) diz *poetae quidem etiam uerborum diuisione faciunt transgressionem* [“alguns poetas, também produzem uma transgressão de palavras através da divisão”] e dá o mesmo exemplo que Sacerdote usa quando trata da *tmesis*. Esta tradução é nossa.

²⁷² O exemplo do touro parece ser em relação à carne do touro, podendo-se retirar um pedaço do resto, dividindo-os em porções menores de carne.

²⁷³ Adjetivo que designa a Sicília.

²⁷⁴ Tomando aqui o exemplo do touro, poderíamos dizer que este se refere à manada, seu coletivo, em que se pode distribuir várias porções menores de animais.

²⁷⁵ No original, *in digitis suis singulas partis causae constituere* [“estabelecer, na ponta dos dedos, as partes da causa”].

²⁷⁶ No original, *partitur apud Terentium breuiter et commode senex in Andria, quae cognoscere libertum uelit: eo pacto...* [“o velho é distribuído breve e convincentemente em *Andria* de Terêncio, o qual deseja conhecer o liberto: deste modo...”]

²⁷⁷ Donato (GL 4.401) considera o astismo e o carientismo como dois tropos diferentes.

²⁷⁸ Segundo Biagio Conte (1994, p. 803), o termo *urbanitas* indica elegância de maneiras e nas vestimentas, comportamento afável e cortês, bem como um espírito fino e inteligente e, não menos importante, uma maneira correta de se falar, a qual não permite sotaques e maneirismos regionais. Tais características teriam a ver com aquele que, preferencialmente nasceu e vive em Roma. Assim, a

urbanitas seria oposta ao conceito de *rusticitas*, expresso, principalmente, por uma sensibilidade crua, maneirismos brutos e uma frugalidade mesquinha. Sacerdote já havia mencionado um exemplo extraído de Plauto, em que um dos personagens diz *non salueo* [“não vô bem”], tendo o autor usado esta expressão para causar riso, uma vez que se tratava de uma pessoa rústica.

²⁷⁹ Leupin (1989, p. 45) usa na hagiografia (estudo sobre a biografia dos santos) o exemplo de Sacerdote sobre o tropo *euphemia* para tratar sobre a etimologia e origem do nome de Eufêmia, filha de um senador chamado Filofinos e sua esposa, Teodósia, considerada uma santa, cuja morte data do início do século IV.

²⁸⁰ Cf. da escrologia.

²⁸¹ Este trecho, intitulado *In Carbonem uersus popularis*, seria parte de um epigrama atribuído a Varrão, retirado de *Anonymi Epici et Lyrici*. Aqui há um jogo de palavras com os nomes de L. Crasso, triúviro famoso por suas riquezas, e C. Carbão, célebre orador romano: *crassus*, *-a*, *-um* é um adjetivo que pode significar, dentre outras coisas, “gordo, tosco, rude”; *carbo*, *-onis* é um substantivo que pode significar “carvão, brasa”, dentre outros. Esses dois termos são homônimos dos nomes dos personagens citados por Cícero no terceiro livro de sua obra *De Oratore*.

²⁸² Suetônio (*De gram.*, 15) diz que Salústio escreveu que Pompeio tinha um rosto honesto, porém um caráter imprudente.

²⁸³ Este trecho referido como *uersus aeui Catulliani* foi retirado de *Anonymi Epici et Lyrici*. Segundo Conway (1897, p. 227) esta frase seria uma brincadeira sobre a cor de Pompeio que foi preservada por Sacerdote. Lindsay (1894, p. 76) ao discutir sobre a variação da pronúncia latina usa para exemplificar a alteração entre o par consonantal p e b a palavra (dialeto) *ropio*, que estaria conectada diretamente a *robis* e *rufus* (ambas palavras para designar a cor vermelha). Lindsay explica sua hipótese se valendo do aposto feito por Sacerdote, que acrescenta *ropio autem est aut minium aut piscis robeus aut pēnis* [“no entanto, *ropio* é ou vermelhão ou um peixe avermelhado ou pênis”]. Em seguida, Lindsay apresenta os exemplos de *Palatium/Balatium* e *Publicola/Poplicola* para demonstrar essa variação. Ellis (1889, p. 134), ao analisar o poema XXXVII de Catulo, indica a sugestão de que a palavra *sopionibus*, no verso 10, seria, na verdade, *ropionibus*. Em seguida, cita-se a passagem de Sacerdote sobre Pompeio, mostrando que o símbolo a ser gravado na parede da casa em questão seria feito em vermelho (levando em consideração o trecho de Sacerdote). O autor prossegue dizendo que os visitantes de Pompeio viam tais sinais obscenos gravados na parede e sabiam que tais casas tinham sido usadas para “propósitos imorais”.

²⁸⁴ Retomando o exemplo, o verbo *parco* significa “salvar, ter piedade, perdoar”. Daí o contraste entre o nome e a ação das Parcas.

²⁸⁵ Referência a Terêncio, como citado acima em do astismo.

²⁸⁶ Referência ao dramaturgo grego Ésquilo (século I AEC), conhecido como o mais antigo dos três escritores gregos cujas obras possuímos. Ésquilo tem uma peça chamada *As Eumênides*.

²⁸⁷ *Εὐμενεις*, plural de *εὐμενής*, significa “bem disposto, favorável”. Daí vem o nome *Eumênides*, as Fúrias, que, embora recebessem este nome, não eram favoráveis ou benéficas.

²⁸⁸ Este exemplo poderia também se referir a oposição entre *superus Iuppiter* (Júpiter) e *inferus Iuppiter* (Plutão).

²⁸⁹ *Γρίφος* é o termo grego que designa enigma, charada.

²⁹⁰ Hardie (2019, p. 185) cita este exemplo de *aenigma*, típico da tradição gramatical, como sendo atribuído a Simpósio, ainda que falsamente. Leary (2014, p. 249), por sua vez, diz que somado ao *corpus* genuíno de *Aenigmata*, várias outras inscrições foram atribuídas a Simpósio – talvez por sua reputação como um mestre dos enigmas. Donato (GL 4.402) e Carísio (GL 1.276) citam este mesmo exemplo.

²⁹¹ Esse enigma parece se referir a alguém observando o céu do fundo de um poço, podendo observar somente certa extensão do céu (de acordo com a largura do poço).

²⁹² Proveniente da Tessália.

²⁹³ Lembre-se que, na antonomásia, a palavra empregada faz o papel da outra, assumindo suas propriedades. Esta pode ser feita por corpo, por aquilo que é extrínseco, por lugar e por espírito.

²⁹⁴ O verso virgiliano completo é *olli dura quies oculos et ferreus urget somnus*. Sacerdote mostra que o verbo *urget* serve para completar a ideia tanto da primeira parte (*olli dura quis oculos urget*) do verso quanto da segunda (*et oculos ferreus urget somnus*).

²⁹⁵ Na edição Vindobonense, *condentur*.

²⁹⁶ O trecho entre parênteses se encontra somente na edição Vindobonense, colocado após *condentur subauditur*.

²⁹⁷ Compara-se aqui um evento natural a um feito humano, em que o tumulto se difere do silêncio.

²⁹⁸ O texto latino é o que se segue: *parabola uero, cum primo res exponitur (...)*. Sacerdote já havia nos avisado, quando ele trata do mitacismo, que este tipo de construção linguística formava um discurso feio (*cumprimo* pode significar “ter relações sexuais”). Contudo, ele mesmo o utiliza.

²⁹⁹ Neste exemplo, assume-se que as qualidades descritas para o filho sejam as mesmas da mãe, isto é, apresenta-se as características do filho e então percebe-se que a mãe possui estas mesmas características, por terem sido passadas hereditariamente.

³⁰⁰ Cícero (*De inu.* 1, 20) diz sobre o exórdio: *igitur exordium in duas partes diuiditur, in principium et insinuationem. Principium est oratio perspicue et protinus perficiens auditorem beniuolum aut docilem aut attentum. Insinuatō est oratio quadam dissimulatione et circumitione obscure subiens auditoris animum.* [“Logo, o exórdio é dividido em duas partes: no princípio e na insinuação. O princípio é uma oração que, clara e imediatamente, faz com que o ouvinte fique benevolente, dócil e atento. A insinuação é uma oração que, através de certa dissimulação e circunlóquio, obscuramente se aproxima do ânimo dos ouvintes”]. Tradução nossa. Na *Retórica a Herênio* (1, 6), por sua vez, temos *exordiorum duo sunt genera: principium, quod Graece prooemium appellatur, et insinuatō, quae ephodos nominatur* [“Existem dois gêneros de exórdio: a introdução, que os gregos chamam *prooemium*, e a insinuação, a qual chamam *éphodos*”]. Tradução de Faria & Seabra.

³⁰¹ Este exemplo é o mesmo que Sacerdote utiliza em da anfíbolia.

³⁰² Cílaro era o nome do cavalo de Castor. Amicleu é o gentílico para quem advém da Lacônia.

³⁰³ A expressão *medius fidus* equivaleria a *me dius fidus*, isto é, “o deus Fidus me ajude” que, por extensão, equivale a “certamente, em verdade” (fórmula para afirmar).

³⁰⁴ Este termo é formado de duas palavras gregas: ὕστερος “depois, após, seguinte” e πρότερος “antes, na frente, diante”. Esta figura também se encontra associada à anástrofe.

³⁰⁵ A falta de ordenação deste tropo pode prejudicar a compreensão do texto, por isso Sacerdote sugere uma ordenação para as palavras. Donato (GL 4.401) e Carísio (GL 1.275) sugerem uma ordem um pouco diferente da de Sacerdote, a saber *tris abreptas notus in saxa torquet quae saxa in mediis fluctibus latentia Itali aras uocant.*

³⁰⁶ Sacerdote já havia tratado da tmese antes.

³⁰⁷ Cícero (*De. Or.* III, 156) usa o termo *translatio* para indicar a metáfora, isto é, uma transferência do sentido de um termo para um sentido mais figurado. O autor diz *ergo haec translationes quasi mutationes sunt, cum quod non habeas aliunde sumas, illae paulo audaciores, quae non inopiam indicant, sed orationi splendoris aliquid arcessunt* [“portanto, essas metáforas são como que empréstimos, quando se toma de outro lugar aquilo que não se tem. Um pouco mais ousadas são aquelas que não reparam uma carência, mas que conferem algum esplendor ao discurso.”]. Tradução de Scatolin (2009, 291-2).

³⁰⁸ Segundo o dicionário Saraiva, corresponde a palavra *denominatio* latina.

³⁰⁹ Coloca-se o local onde os deuses habitam no lugar dos próprios deuses, como se fosse “um rio gratíssimo aos deuses”.

³¹⁰ Um dos epítetos de Baco, deus do vinho.

³¹¹ Lacuna que a edição vindobonense indica a leitura de *Pallidus Orcus* [“o Orco pálido”], encontrado em Virgílio, nas *Georgicas* (1, 277).

³¹² Este mesmo exemplo foi usado quando tratou-se da histerologia.

³¹³ O substantivo *membrum*, *-i* era utilizado para indicar o órgão genital masculino, enquanto *gremio*, *-ii* indicava o órgão genital feminino.

³¹⁴ O verbo usado aqui é *reticeo*, isto é, “guardar em silêncio, calar-se, não dizer, omitir”. Daí a figura ser referida também como “reticências” em português.

³¹⁵ Cícero (*De inuent.* 1, 86) utiliza este mesmo exemplo *si dies est, lucet*, além de *si spiritum ducit, uiuit* [“se o espírito se prolonga, ela vive”]

³¹⁶ O último verso deste exemplo foi utilizado por Sacerdote ao tratar do modo optativo dos verbos, esclarecendo que alguns negavam haver o modo optativo no tempo passado. Dessa forma, o gramático adiciona este exemplo de Virgílio, *fecissentque utinam*, embasado na *auctoritas* do poeta para descrever um caso em que houve o tempo pretérito no modo optativo.

³¹⁷ No original, *Hipponem, Hadrumantum, Leptim aliasque urbis in ora maritima condidere* [“eles fundaram Hippos, Hadrumento, Leptis e outras cidades na cosra marítima”].

REFERÊNCIAS

Dicionários:

AQUINO, Renato. *Dicionário de gramática: português prático e acessível, noções de linguística e filologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

Oxford Latin Dictionary. Oxford: At The Clarendon Press, 1968.

SARAIVA, F. R dos S. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*, 9ª ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2006.

SCHAD, Samantha. *A lexicon of Latin grammatical terminology*. Studia Erudita. Roma: Fabrizio Serra, 2007.

Textos Antigos:

Anonymi Epici et Lyrici. Epigramma a Varrone Plauto attributum. In: MOREL, W. *Fragmenta poetarum latinorum epicorum et lyricorum praeter Ennium et Lucilium*. 1927.

Anonymi Epici et Lyrici. Versus aeui Catulliani. In: MOREL, W. *Fragmenta poetarum latinorum epicorum et lyricorum praeter Ennium et Lucilium*. 1927.

CARÍSIO. Charisi Ars. In: KEIL, Heinrich (ed.). *Grammatici Latini*, I, 1-296. Leipzig: Taubner, 1857.

CÍCERO. *De optimo genere oratorum*. Tradução por Brunno Vinicius Gonçalves Vieira & Pedro Colombaroli Zoppi. Revista Scientia Traductionis, n. 10, p. 5-15, 2011.

[CÍCERO]. *Retórica a Herênio*. Tradução e introdução Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

CÍCERO. De Finibus Bonorum et Malorum. In: SCHICHE, T (ed). *M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Manserunt Omnia*. Fasc. 43, 1915.

CÍCERO. In Verrem. In: PETERSON, W (ed). *M. Tulli Ciceronis Orationes*. Vol. 3. 1917.

CICERO. In Catilinam. In: CLARK, A. C. (ed). *M. Tulli Ciceronis Orationes*. Vol. 1. 1905.

CÍCERO. Orationum incertarum frr. In: SCHOELL, F. (ed). *Scripta quae manserunt omnia*. Vol. 8, 1918.

CÍCERO. De inuentione. In: STROEBEL, E. (ed). *Scripta quae manserunt omnia*. Fasc. 2. 1915.

- CÍCERO. De Officiis. In: ATZERT, C. (ed). *Scripta quae manserunt omnia*. Fasc. 48. 1932.
- CÍCERO. Pro rege Deiotaro. In: CLARK, A. C. (ed). *M. Tulli Ciceronis Orationes*. Vol. 2. 1918
- CÍCERO. Pro Marcello. In: CLARK, A. C. (ed). *M. Tulli Ciceronis Orationes*. Vol. 2. 1918
- CICERO. Pro Caelio. In: CLARK, A. C. (ed). *M. Tulli Ciceronis Orationes*. Vol. 1. 1905.
- CÍCERO. In Pisonem. In: CLARCK, A. C. (ed). *M. Tulli Ciceronis Orationes*. Vol. 4. 1909
- DIOMEDES. Diomedis artis grammaticae libri III. In.: KEIL, Heinrich (ed.). *Grammatici Latini*, I, 299-529. Leipzig: Taubner, 1857
- DIONÍSIO DA TRACIA. In: CHAPANSKI, Gissele. *Uma tradução da Tékhñē grammatikē, de Dionísio Trácio, para o português*. 214 f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.
- DONATO. Donati ars maior. In.: KEIL, Heinrich (ed.). *Grammatici Latini*, IV, 367-402. Leipzig: Taubner, 1864.
- ENNIUS. Volume I: Ennius, Testimonia. Edited and translated by Sander M. Goldberg, Gesine Manuwald. Loeb Classical Library 294. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2018.
- HOMERO. *Iliada*. Tradução de Haroldo de Campos. São Paulo, Arx, 2002.
- HORACE. *Satires. Epistles. The Art of Poetry*. Translated by H. Rushton Fairclough. Loeb Classical Library 194. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1926.
- IVLIANVS TOLETANIVS. Cf. VINEIS & MAIERÙ.
- LUCAN. *The Civil War (Pharsalia)*. Translated by J. D. Duff. Loeb Classical Library 220. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1928.
- LUCRÉCIO. *De Rerum natura libri sex*. Introduction and commentary by William Ellery Leonard & Stanle Barney Smith. Madison: Winsconsin Press, 1942.
- MARCIAL. Epigrammata. In: HERAEUS, W. BOROVSKI, J. (ed). *Epigrammaton Libri*.
- PLAUTUS. *Casina. The Casket Comedy. Curculio. Epidicus. The Two Menaechmuses*. Edited and translated by Wolfgang de Melo. Loeb Classical Library 61. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2011.

_____. *Stichus. Trinummus. Truculentus. Tale of a Travelling Bag. Fragments*. Edited and translated by Wolfgang de Melo. Loeb Classical Library 328. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2013.

PROBO. *Catholica*. In.: KEIL, Heinrich (ed.). *Grammatici Latini*, IV, 6-43 Leipzig: Taubner, 1964.

QUINTILIANO. Cf. FALCÓN.

SACERDOS. *Artes Grammaticae*. In.: KEIL, Heinrich (ed.). *Grammatici Latini*, VI, 427-546. Leipzig: Taubner, 1974.

_____. *Artium Grammaticarum libri II*. In.: EICHENFELD, Iosephus ab; ENDLICHER, Stephanus (ed.). *Analecta grammatical – maximam partem anecdota*. Vindobonae, 1837, p. 1-74.

SALLUST. *The War with Catiline. The War with Jugurtha*. Edited by John T. Ramsey. Translated by J. C. Rolfe. Loeb Classical Library 116. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2013.

SALLUSTIUS. *Historiae*. In: MAURENBRECHER, B. (ed.). *C. Sallusti Crispi Historiarum Reliquiae*. Vol. 2. 1893

SUETONIUS. *Lives of the Caesars, Volume II*. Translated by J. C. Rolfe. Loeb Classical Library 38. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1914.

TERENCE. *Phormio. The Mother-in-Law. The Brothers*. Edited and translated by John Barsby. Loeb Classical Library 23. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2001.

_____. *The Woman of Andros. The Self-Tormentor. The Eunuch*. Edited and translated by John Barsby. Loeb Classical Library 22. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2001.

VIRGIL. *Eclogues. Georgics. Aeneid: Books 1-6*. Translated by H. Rushton Fairclough. Revised by G. P. Goold. Loeb Classical Library 63. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1916.

_____. *Aeneid: Books 7-12. Appendix Vergiliana*. Translated by H. Rushton Fairclough. Revised by G. P. Goold. Loeb Classical Library 64. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1918.

Textos Modernos:

AMSLER, Mark. *Etymology and gramatical discourse in late antiquity and the early middle ages*. v. 44. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1989.

ARROJO, Rosemary. As questões teóricas da tradução e a desconstrução do logocentrismo: algumas reflexões. In.: ARROJO, Rosemary (org.). *O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas, SP: Pontes, 2003b, p.71-79

ARROJO, Rosemary. Compreender x interpretar e a questão da tradução. In.: ARROJO, Rosemary (org.). *O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas, SP: Pontes, 2003a, p. 67-70.

AX, Walfrom. Quintilian's grammar (*Inst.* 1. 4-8) and its importance for the history of Roman grammar. In.: MATTHAIOS, Stephanos. MONTANARI, Franco. RENGAKOS, Antonios (Ed.). *Ancient scholarship and grammar – archetypes, concepts and context*. 2011, p. 331-346.

BIAGIO CONTE, Gian. *Latin Literature: a history*. Translated by Joseph B. Solodow. Revised by Don Fowler and Glenn W. Most. Baltimore and London: Johns Hopkins University Press, 1994.

BURGHINI, Julia. MAYNET, Beatriz Carina. Casos equívocos entre barbarismos y solecismos. *Argos*, n. 35.2, pp. 40-59, 2012.

BURGHINI, Julia. *Tradición e innovación em el Ars de nomine et verbo y en el Ars de barbarismis et metaplasmis de Consencio*. Trabajo final de Doctorado em letras. Córdoba, 2015.

BUTTERFIELD, David. *The early textual history of Lucretius' De Rerum Natura*. Cambridge: University Press, 2013.

CAMPOS, Haroldo de. Cf. HOMERO.

CANTÓ, Josefa. Los grammatici: críticos literarios , eruditos y comentaristas. In.: CODOÑER, Carmen (Ed.). *Historia de la literatura latina*. Catedra, 1997. p. 741-753.

CECCARELLI, Lucio. *Prosodia y métrica del latín clásico – con una introducción a la métrica griega*. Traducción de Rocío Carande. Universidade de Sevilla, Sevilla, 1999.

CHAPANSKY, Gissele. *Uma tradução da Tekhnē grammatikē, de Dionísio Tracio, para o português*. 2003, 190f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Paraná. Paraná, 2003.

CONWAY, Robert Seymour. *The Italic dialects – edited with a grammar and glossary*. Cambridge: University Press, 1897.

DENIAUX, Elizabeth. Patronage. Translated by Robert Morstein-Marx and Robert Martz. IN.: ROSENSTEIN, Nathan; MORSTEIN-MARX, Robert. *A companion to the Roman Republic*. Blackwell Publishing, 2006.

DI BENEDETTO, Vincenzo. Dionysios Thrax and the Tékhne. In.: AUROUX, S. & KOERNER, E. F. K. *History of the language sciences*. Berlin: Walter de Gruyter, 2000, p. 394-400.

ELLIS, Robinson. *A commentary on Catulus*. 2nd edition. Oxford: Clarendon Press, 1889.

FALCÓN, Rafael Sento-Sé Guimarães. *A educação do orador: tradução e estudo do livro II da Institutio Oratoria*. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. SP, 125p. 2015.

FORTES, Fábio da Silva. Sermonis custos siue poetarum interprens: acerca do ofício do gramático em Roma. *Calíope* 24. Rio de Janeiro, 2012a, p. 51-66

FORTES, Fábio da Silva. Uso, variação e norma na tradição gramatical latina. *Signum*, n 15/2. Londrina, 2012b, p. 197-214.

GATTEI, Stefano. *Thomas Kuhn's "Linguistic turn" and the legacy of logical empiricism: incommensurability, rationality and the search for truth*. University of Pisa: Ashgate, 2008.

GONÇALVES, Lydsson Agostinho. *Ars Dosithei: introdução, tradução e notas*. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras, 104f. 2018.

GUERREIRA, Augustín Ramos. Los escritos grammaticales (y la erudición) en el siglo IV. In.: CODONER, Carmen (ed.). *Historia de la literatura latina*. Catedra, 1997, p. 783-794.

HARDIE, Phillip R. *Classicism and Christianity in late antique latin poetry*. Oakland, California: University of California Press, 2019.

HARRIS, Roy. TAYLOR, Talbot J. *Landmarks in linguistic thought I – the Western tradition from Socrates to Saussure*. 2nd ed. Routledge, 1997[1989].

HOLTZ, L. *Donat et la tradition de l'enseignement grammatical. Étude sur l'Ars Donati et sa diffusion (IVe – IXe siècle) et édition critique*. Paris, CNRS, 2010[1981].

HOVDHAUGEN, Even. Roman *Ars Grammatica*, including Priscian. In.: KOERNER, E. F. K; ASHER, R. E (ed.). *Concise history of the language sciences – from the Sumerians to the cognitivists*. Cambridge University Press, 1995. p. 115-118

JANSON, Tore. *Latin prose prefaces: studies in literary conventions*. Estocolmo, Acta Universitatis Stockolmensis, XIII, 1964.

KASTER, R. A. *Guardians of language: the Grammarian and Society of Late Antiquity*. University of California Press, 1997.

KISS, Sándor. La conception de la morphologie verbale chez les grammairiens latins. In: HERMAN, József. (ed.). *Latin vulgaire - latin tardif. (Actes du Ie Colloque*

international sur le latin vulgaire et tardif. Pécs, 2-5 septembre 1985). Tübingen, pp. 121-131.

KOERNER, E. F. K. Historiography of Linguistics. In.: KOERNER, E. F. K; ASHER, R. E (ed.). *Concise history of the language sciences – from the Sumerians to the cognitivists*. Cambridge University Press, 1995. p. 7-16

LAW, Vivien. From literacy to grammar: describing language structure in the ancient world. In.: _____. *The history of linguistics in Europe from Plato to 1600*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LAW, Vivien. *The insular latin grammarians*. The Boydell Press, 1987.

LAW, Vivien. The mnemonic structure of ancient grammatical doctrine. In.: SWIGGERS, Pierre; WOUTERS, Alfons (ed.). *Ancient Grammar: content and context*. Leuven: Paris, 1996 p. 37-52.

LEARY, T. J. *Symphosius The Aenigmata – an introduction, text and commentary*. London: Bloomsbury, 2014.

LEUPIN, Alexandre. *Barbarolexis – medieval writing and sexuality*. Translated by Kate M. Cooper. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

LINDSAY, W. M. *The Latin language – an historical account of Latin sounds, stems and flexions*. Oxford: Clarendon Press, 1894.

MARROU, Henri-irénee. *História da educação na antiguidade*. Tradução de Mário Leônidas Casanova. São Paulo, E.P.U., ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

MARTINHO, Marcos. Dionísio da Trácia, Arte. *Letras Clássicas*, n. 11. p. 153-179, 2007.

NEVEU, Franck. *Dicionário de ciências da linguagem*. Tradução de Albertina Cunha, José Antônio Nunes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

O’RORKE, Jason. *An Examination of Diathesis and its Didactic Practices in Latin Grammars from Late Antiquity to the Early Middle Ages*. A Thesis by Jason O’Rorke In Fulfilment of the Requirements for the Degree of Doctor Philosophiae Classics School of Languages, Literatures and Cultures College of Arts, Social Sciences and Celtic Studies National University of Ireland, Galway. 2016.

PEREIRA, Marcos Aurélio. *Quintiliano gramático: o papel do mestre de Gramática na Institutio oratoria*. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Organização por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2006 [1916].

SCATOLIN, Adriano. *A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23*. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 308p., 2009.

SOUZA, Luciano Ferreira de. *Crátilo – estudo e tradução*. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 200p. 2010

STURTEVANT, Edgar H. KENT, Roland G. Elision and hiatus in latin prose and verse. In: *Transactions and proceedings of the American Philological Association*. vol. 46. The Johns Hopkins University Press, 1915, pp. 129-155.

SWIGGERS, Pierre. *Linguistic Historiography: object, methodology, modelization*. Todas as letras, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 38-53, 2012.

SWIGGERS, Pierre. WOUTERS, Alfons. Content and context in (translating) Ancient Grammar. In: SWIGGERS, P. WOUTERS, A. (ed). *Ancient grammar: content and context*. Leuven: Paris, 1996, p. 123-161.

SWIGGERS, Pierre. WOUTERS, Alfons. Translating ancient grammatical texts. In: CRAM, David. LINN, Andrew. NOWAR, Elke (ed). *History of Linguistics 1996. Volume II: from classical to contemporary linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin, 1999. p. 3-11

TAYLOR, Daniel J. Classical linguistics: an overview. In.: KOERNER, E. F. K. ASHER, R. E. (Ed.) *Conscience history of the language sciences from the Sumerians to the cognitivists*. Pergamon, 1995a, p. 83-90.

TAYLOR, Daniel J. Latin declensions and conjugations: from Varro to Priscian. In: *Histoire Épistémologie Langage*, tome 13, fascicule 12, 1991. Théories et données. pp. 85-109

TAYLOR, Daniel J. Roman language science in the early Empire. In.: KOERNER, E. F. K. ASHER, R. E. (Ed.) *Conscience history of the language sciences from the Sumerians to the cognitivists*. Pergamon, 1995c, p. 107-110.

TAYLOR, Daniel J. Varro and early latin language. In.: KOERNER, E. F. K. ASHER, R. E. (Ed.) *Conscience history of the language sciences from the Sumerians to the cognitivists*. Pergamon, 1995b, p. 103-107.

VARELA, Javier Uría. Consideraciones sobre el prefacio del arte gramática de Carisio. In: *STVDIVM. Revista de Humanidades*. n. 12, 2006, p. 113-125.

VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility – a history of translation*. London/New York: Routledge, 1995.

VINEIS, Edoardo. MAIERÙ, Alfonso. Medieval Linguists. In.: LEPSCHY, Giulio (ed.). *History of Linguistics*. v. II. Routledge. 2014 [1994].

ZETZEL, James E. G. *Critics Compilers, and Commentators. An Introduction to Roman Philology, 200 BCE-800 CE*. Oxford University Press: New York, 2018.